GISELDA APARECIDA MORO

O RETRATO DA MULHER HOJE: REALIDADE E DESEJOS

GISELDA APARECIDA MORO

O RETRATO DA MULHER HOJE: REALIDADE E DESEJOS

Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Assis, da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" como requisito para a obtenção do Título de Mestre em Psicologia (Área de Concentração: Psicologia e Sociedade).

Orientadora: Profª Dr.ª Maria Luisa Louro de Castro Valente

Assis/SP
2002

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca da F.C.L. – Assis – UNESP

M867r MORO, Giselda Aparecida

O Retrato da mulher hoje: realidade e desejos / Giselda Aparecida Moro. Assis, 2002. 278f.

Dissertação de Mestrado – Faculdade de Ciências e Letras de Assis – Universidade Estadual Paulista.

1. Mulheres e Psicanálise. 2. Feminilidade (Psicologia). 3. Mulheres – Trabalho. I. Título.
CDD150.195

155.633
301.412

GISELDA APARECIDA MORO

O RETRATO DA MULHER HOJE: REALIDADE E DESEJOS

COMISSÃO JULGADORA

DISSERTAÇÃO PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE

Presidente e Orientadora: .....

Examinador: .....

Examinador: .....

Examinador Suplente: .....

Examinador Suplente: .....

DADOS CURRICULARES
GISELDA APARECIDA MORO

Nascimento	▪ 14/06/1969 – POMPÉIA/SP
Filiação	▪ Moacir Moro ▪ Ivoneti Gualtieri Moro
1991	▪ Curso de Graduação – Licenciatura e Formação de Psicólogos – Universidade de Marília/UNIMAR
1992 até a presente data	▪ Inicia Consultório Particular
1995-1997	▪ Psicóloga do Hospital Espírita de Marília
1997 até a presente data	▪ Psicóloga na Fundação Municipal de Ensino Superior de Marília – Faculdade de Medicina de Marília, Núcleo de Assistência à Saúde – Saúde Mental.
2002	▪ Curso de Pós-Graduação, nível de Mestrado em Psicologia, Área de Concentração “Psicologia e Sociedade” - Faculdade De Ciências e Letras – UNESP Assis/SP.

DEDICATÓRIA

À minha Mãe,
pela mulher que sempre foi e
por me abrir espaços para tornar-me mulher.

À meu Pai,
pela confiança e
por acreditar na mulher que sou.

Às minhas Avós
Éster e Tereza
especiais pelo carinho e
pela força que delas emana.

AGRADECIMENTOS

A *Profª Drª Maria Luisa L. de Castro Valente* – O quanto pude me enriquecer e crescer ao seu lado... Desde o nosso primeiro contato, logo percebi o quanto é uma mulher forte e decidida. Foi por suas cobranças que pude lentamente mostrar minha cara, meu jeito, descobrindo em mim aspectos de mulher até então desconhecidos. Obrigada a você, mais que orientadora, minha companheira.

Ao Prof. Dr. Francisco Hashimoto e à Profª Drª Marlene Castro W. Martinez – Pelas importantes contribuições na Banca de Qualificação.

À UNESP – Em especial ao Departamento de Pós-graduação em Psicologia, seu corpo docente e funcionários.

Ao Prof. Dr. Adolpho Menezes de Mello – Pelo carinho e compreensão, ensinando-me a dar os primeiros passos nessa caminhada, pelo puro prazer de ensinar e aprender.

À Regina de Baptista Colucci – Que me auxiliou mais do que descobrir o sentido desse trabalho em minha vida - muito do sentido de minha própria vida.

À Sônia Maria Guirado – Disponibilidade em me acolher, oferecendo sugestões valiosas nos momentos importantes.

À amiga Gislaine – Que com sua paciência sempre esteve aberta para fazer com que esse trabalho pudesse ter forma e contorno.

À minha irmã Nilva – Que com dedicação e paciência sempre esteve disponível a colaborar na digitação deste trabalho.

Às mulheres – Que estiveram comigo e forneceram um pouco de sua história, com todas as emoções que surgiram e que elas deixaram transparecer, sem máscaras. Enfim, mulheres especiais.

À Maria Derci – Pelo carinho oferecido na correção do texto.

À Helena – (Biblioteca – FAMEMA) Pela dedicação e cuidado nas referências.

À Andréa – Sempre presente com dedicação, cuidando e organizando o meu dia-a-dia.

S U M Á R I O

1. INTRODUÇÃO 12

2. A MULHER CULTURALMENTE SITUADA 16

3. SER MÃE: IDEAL MAIOR DA MULHER OU DA SOCIEDADE? 31

4. DE GATA BORRALHEIRA À CINDERELA 41

5. AFINAL, O QUE É ESSA TAL FEMINILIDADE? 51

5.1. A Mulher na Psicanálise **55**

5.2. Castração **57**

5.3. Complexo de Édipo **61**

5.4. Fase Pré-edipiana e a Construção da Identidade Feminina **63**

6. TROCANDO SEIS POR MEIA DÚZIA 68

7. OBJETIVOS E ASPECTOS METODOLÓGICOS 76

8. SER MÃE: IDEAL DA MULHER? 80

9. A MULHER ENQUANTO MULHER 98

10. MULHER E RELACIONAMENTO AFETIVO 122

11. A MULHER E O TRABALHO 148

12. CONCLUSÕES 159

13. REFERÊNCIAS 166

14. ANEXOS 170

14.1. Anexo A – Roteiro de Entrevistas **170**

14.2. Anexo B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido **171**

14.3. Anexo C **172**

- Entrevista 1 ..... **172**
- Entrevista 2 ..... **208**
- Entrevista 3 ..... **244**
- Entrevista 4 ..... **257**

15. RESUMO 276

16. ABSTRACT 277

Quando era criança, costumava brincar de casinha à sombra de um bambu. Não tinha, porém, brinquedos fabricados e, por isso, costumava usar pequenos pedaços de louças que haviam se quebrado. Transformava-os através de minha imaginação, em tudo de que precisava: pratos, copos, xícaras, panelas, enfim, tudo o que necessitava para brincar e me sentir feliz.Espero que aqui também tenha conseguido transformar a leitura de cada livro, artigo ou tese em algo que possa ser útil, que possa dar satisfação a cada um que o ler. E que cada um, também, busque transformá-lo naquilo de que realmente necessite e o complete.

1. INTRODUÇÃO

Foi pensando na capacidade de transformação e na possibilidade de criação da mulher que este trabalho começou a ser gerado, já há alguns anos. Inicialmente este interesse foi despertado pelo constante estudo da obra de D. W. Winnicott, que enfatiza a importância das funções maternas no cuidado do bebê para que este possa obter um bom desenvolvimento emocional.

Isso me estimulou a buscar maiores conhecimentos sobre essa questão, e a verificar que muitos falavam sobre a relação mãe-bebê, com ênfase sobre a importância desse cuidado para o bebê, mas percebia que pouco se discutia sobre como era para a mulher a vivência desse papel de mãe.

Então, pensando na mulher atual, que se vê repleta de outras atividades fora de seu lar e longe do contato direto com seus filhos, um questionamento começou a se fazer presente: “Como a mulher, hoje, está dando conta e se sentindo, ao viver uma parte da sua vida com outras atividades fora do lar e longe do contato diário com seus filhos?”

Posteriormente, este questionamento começou a se expandir, pois na clínica, outras inquietações começaram a surgir através do contato com pacientes mulheres – mulheres que vinham com as mais variadas queixas referentes ao seu papel em casa, no trabalho, na

relação com os filhos, marido, com a sexualidade... Enfim, como a mulher está hoje se relacionando, maternando, trabalhando, vivendo o ser mulher. Através dessas mulheres, muito especiais para mim, essas questões tornaram-se material a ser pensado, refletido e amadurecido, criando a possibilidade de maiores investigações.

Acredito que o fato de também ser mulher, estudar, trabalhar e me posicionar de modo diferente dos moldes de vida das outras gerações de minha família, tenha influenciado a busca por este tema, decorrente, pois, de minhas próprias inquietações.

Acrescentem-se a isso as mensagens veiculadas a todo momento pelos meios de comunicação, informando o quanto as mulheres estão conquistando o mercado de trabalho, impondo-se diante das exigências dos homens, desdobrando-se para o cuidado dos filhos. Tudo isso me levou a pensar: “Mas, afinal, como está a situação da mulher hoje?”

Na seqüência, novos e mais profundos questionamentos começaram a se fazer presentes: “Que mulher é essa que se mostra em nossa sociedade atual?”; “Como as mulheres hoje estão se sentindo no seu papel de mulher?”; “Que anseios, desejos, frustrações, conquistas e conflitos elas têm vivido?”

É na busca de compreensão e de conhecimento desses aspectos, que esse trabalho se faz, procurando esclarecer o processo de

construção da mulher atual, esse constante avançar e retroceder de conquistas e perdas que permite uma nova feminilidade.

O termo *mulher* aqui referido é definido como aquela que mantém um relacionamento afetivo, dentro de um casamento ou de outra forma de relacionamento de casal, que tem filhos e que possui um trabalho fora do âmbito doméstico. Para chegar a esta mulher foi percorrido um caminho de muitas buscas e conhecimentos, como se verifica a seguir.

No segundo capítulo procura-se entender o processo de construção que situa a mulher na sociedade e na cultura moderna e ocidental.

Nos capítulos 3 e 4, mostra-se a mulher inserida no processo histórico e social. Apontam-se as modificações que vêm ocorrendo com o papel da mulher dentro dos aspectos da maternidade, relacionamento afetivo, sexualidade, realização pessoal e ideal de beleza, assim como as atitudes dela frente a tais mudanças.

Com o intuito de levantar conhecimentos sobre os aspectos psicológicos do desenvolvimento feminino, no capítulo 5, abordam-se as questões do feminino através de uma leitura psicanalítica.

Já no capítulo 6, buscam-se respostas a um questionamento: já que vive uma sociedade em que tantas mudanças vêm ocorrendo e tantas conquistas sendo possibilitadas, a mulher tem

conseguido evoluir, levar reais vantagens ou “tem trocado seis por meia dúzia”?

No capítulo 7, apresenta-se os objetivos e o método de trabalho com o qual se desenvolveu esta pesquisa.

Os capítulos seqüentes apresentam a leitura das entrevistas realizadas, em que foi discutido os aspectos da maternidade, o ser mulher, as questões do relacionamento afetivo e o trabalho, apresentados pelas mulheres entrevistadas.

No último capítulo, foram apresentadas as conclusões.

2. A MULHER CULTURALMENTE SITUADA

> *"Já não creio nisso. Creio que antes de mais nada sou um ser humano, tanto quanto você... ou pelo menos, devo tentar vir a sê-lo. Sei que a maioria lhe dará razão, Torvald, e que essas idéias estão impressas nos livros. Eu porém já não posso pensar pelo que diz a maioria nem pelo que se imprime nos livros. Preciso refletir sobre as coisas por mim mesma e tentar compreendê-las".*
>
> *Casa de Bonecas - Ibsen*

A mulher, sempre esteve associada ao que é misterioso, desconhecido, enigmático. Em canto, em prosa, poesias e músicas já foi proclamada, seja por sua docilidade, ternura ou sensualidade. Também muito já foi criticada, ameaçada e julgada, como feiticeira, bruxa, aquela em quem não se pode confiar e vista como frágil, inferior e incapaz.

Embora muitos adjetivos lhe possam ser atribuídos, observa-se que a figura feminina, suas qualidades ou defeitos sempre se mantiveram dentro da sociedade como forma de manutenção dos interesses e necessidades de cada época, de cada momento da história do ser humano.

Mas, e a mulher atual? Como ela está, depois da grande revolução que Freud iniciou, ao falar da sexualidade feminina e depois dos movimentos feministas, que marcaram o século XX, ao reivindicar seus direitos em praça pública? Como a mulher tem lidado com questões como sexualidade, maternidade, relacionamento afetivo, e trabalho?

Como se pode observar, este último século foi assinalado por muitos acontecimentos marcantes na vida das mulheres, contribuindo para que hoje elas deixem transparecer seus desejos e necessidades, busquem fazer suas próprias escolhas, já não se satisfazendo somente com o que é oferecido. Pelo contrário, reclamam quando não são atendidas, bem como procuram novos rumos quando não se sentem realizadas, saindo assim da posição de eternas desejadas, reivindicando o que, por direito, querem e sentem lhes pertencer.

Já não aceitam alguns papéis a ela atribuídos como fato sem o direito de escolha. Hoje buscam verificar o que podem e querem de melhor para suas vidas, dentro das possibilidades que têm, mostrando que:

> *(...) o trinômio passividade-infantil-maternidade já não dá conta de dizer à mulher, que começa a ampliar o leque de suas possibilidades identificatórias à medida que amplia o leque de suas atividades e, com isso, expande seus territórios pela sociedade da qual faz parte (KEHL, 1996, p. 49).*

Isso porque, por muito tempo, como se sabe, o papel da mulher esteve voltado principalmente ao lar, como esposa, mãe e dona-de-casa, e:

> *(...) por tradição histórica, a mulher teve a sua vida atrelada à família, o que lhe dava a obrigação de submeter-se ao domínio do homem, seja seu pai ou esposo. Sua identidade foi sendo construída em torno do casamento, da maternidade, da vida privado – doméstica e da natureza à qual foi ligada (NADER, 1997, p.59).*

Um outro divisor de águas, que não permitia à mulher uma ação maior dentro da sociedade, era a crença numa inferioridade intelectual e emocional, crença esta que possibilitava a manutenção da ordem e legitimava a superioridade do homem sobre a mulher, que ele mesmo havia estabelecido, conservando-a subjugada aos costumes e vontades masculino: (...) “o antigo preconceito da inferioridade da mulher desempenha muitas funções e está sustentado solidamente por causas sociais e psicológicas” (LANGER, 1981, p. 20).

Enfim, observa-se que a atuação da mulher sempre esteve atrelada a costumes, crenças e mitos que se estabeleciam dentro da sociedade e que se mantinham, quer pela necessidade das próprias mulheres, dos homens ou do sistema maior que controlava a sociedade em cada época, conservando cada sexo, em seu papel estritamente definido. Ao homem reservava-se a função de provedor, devendo fornecer o sustento material à família, e à mulher, a função de mantenedora, cabendo-lhe o cuidado da casa, dos filhos e do esposo.

Uma outra forma de manter a superioridade do homem sobre a mulher era considerá-la somente por suas funções biológicas, e não por suas capacidades e potencialidades.

A psicanalista Annie Anzieu, em seu trabalho de 1992, deixa claro o quanto o reconhecimento da mulher se estabelecia muito mais pela sua natureza biológica e seu papel de mãe, atributos pelos quais lhe era conferida a identidade, afirmando que: “do funcionamento

feminino o homem acabou só percebendo aquilo que é visível na mulher: a menstruação, a gravidez e a parturição" (prefácio de Stela G. Loureiro p. XVII op. Cit.).

É necessário lembrar, no entanto, que antes da função de mãe, a mulher tem sua peculiaridade – desejos e necessidades, que a constituem verdadeiramente como pessoa – sua essência, sua subjetividade. Estes aspectos, entretanto, foram sendo tradicionalmente escamoteados, escondidos, negados, pois eram sentidos como estranhos e perigosos à ordem já estabelecida.

No Brasil colonial muitos preceitos em relação à vida religiosa, higiênica e sexual deveriam ser seguidos pelos casais, sendo a procriação considerada a principal função de um casamento e não os prazeres obtidos em um relacionamento: (...) "moderação, freio dos sentidos, controle da carne, era o que se esperava de ambos, pois o ato sexual não se destinava ao prazer, mas à procriação de filhos" (ARAÚJO, 2001, p. 52).

Esse papel de esposa, de companheira do homem e de submissão à ele porém, tem sofrido muitas mudanças. A idéia de uma mulher doce e terna em casa, esperando o marido chegar de seu cansativo dia de trabalho, já não se faz mais presente como norma geral de um relacionamento. A mulher saiu da proteção do lar e foi buscar fora deste, algo que pudesse preencher sua vida e dar-lhe um outro sentido.

Este movimento tem ocorrido como forma de realização pessoal mas também tem sido determinado por fatores de ordem econômica. Apesar dessa necessidade, esse movimento acabou possibilitando à mulher mostrar suas capacidades e potencialidades, por muito tempo escondidas devido à separação dos setores da vida doméstica e do trabalho, pois:

> *(...) se antes o espaço doméstico era tido como naturalmente feminino e a mulher sustentada pelo homem, agora são as mulheres que detêm grande parte do controle sobre os recursos familiares e desempenham um papel fundamental na vida econômica da família (...) o tratamento dado ao trabalho fora de casa passou a ser para a mulher o sinal concreto de sua emancipação (NADER, 1997, p.132).*

Dessa forma, os papéis do masculino e feminino puderam se atenuar, deixar de apresentar contornos tão definidos e estratificados, deixando evidente que, quando toma

> *(...) posse do mundo exterior, as mulheres põem fim à divisão sexual dos papéis, e à oposição milenar entre a vida no lar, que outrora lhes era reservada, e a vida profissional, que pertencia obrigatoriamente aos homens. Enquanto que, na sociedade patriarcal, a mulher é mãe em primeiro lugar, responsável pelas tarefas de sobrevivência e pelo poder doméstico, a nova sociedade, ao embaralhar os papéis da mulher, atenta contra uma das mais antigas características masculinas (BADINTER, 1986, p.193/4).*

A mulher permite-se contestar a dominação e a superioridade que tradicionalmente o homem acreditava possuir sobre ela pelo fato de exercer um trabalho remunerado e desenvolvido fora de

casa e, enquanto homem e mulher tinham uma identidade definida a partir de tarefas bem estabelecidas, o mundo estava cindido entre o lar e o mundo do trabalho, cada um com suas funções dentro da parte que lhe cabia. Nesse caso:

> *(...) as certezas não faltavam. Ela dava a vida e Ele a protegia. Ela cuidava das crianças e do lar, Ele partia para a conquista do mundo e guerreava quando necessário. Essa divisão das tarefas tinha o mérito de desenvolver em cada um características diferentes, que contribuíram, com muita força, para formar o sentimento de identidade (BADINTER, 1986, p.13).*

Tal sentimento de identidade, no caso da mulher, sempre a manteve subordinada ao homem dentro da sociedade, pois:

> *(...) seja numa visão biológica, que define a mulher como inferior ao homem do ponto de vista da força física; seja numa visão religiosa que identifica a mulher como subproduto do homem, já que foi construída da costela de Adão; seja do ponto de vista cultural, que define um campo específico para a atividade feminina e outro, privilegiado, para a atividade masculina, todos esses argumentos pseudocientíficos, prestam-se a construir uma identidade negativa para a mulher e, assim, justificar os diversos níveis de subordinação e opressão a que as mulheres estão submetidas e a promover, nelas, a aceitação de um papel subordinado socialmente (CARNEIRO, 1994, p.187/8).*

Homem e mulher, hoje, começam a viver uma nova forma de relação e de valores, suscitando os seguintes questionamentos: Como vivem esta redistribuição de papéis no momento atual? O que tem mudado, efetivamente, em seu modo de pensar, de agir e de se relacionar?

No que se refere à forma de relação homem/mulher dentro do casamento, os laços, que os unem e os mantêm (ou não), mostram-se muito diferentes. A mulher já não necessita mais do casamento, do nome do marido, para existir e ser respeitada pelos outros. Hoje, busca por si mesma o seu lugar, definindo e delimitando seu espaço, quer seja dentro da família, do trabalho ou da sociedade como um todo.

Anteriormente, a mulher necessitava da união conjugal como forma de se estabelecer, de sentir-se realizada e de se auto-afirmar, pois: (...) o casamento era inteiramente sinônimo de segurança, de respeitabilidade e de fecundidade (BADINTER, 1986, p.201).

Como era o casamento que lhe conferia identidade, se não arrumasse um marido, seria relegada à posição de solteirona, afastada da vida social, cabendo-lhe cuidar dos velhos pais, dos sobrinhos, ou colocar-se na casa dos outros em posição subalterna, como empregada ou como professora.

As formas de relacionamento foram, portanto, se modificando ao longo do tempo e um marco importante foi a introdução do amor romântico nas relações, possibilitando que o casamento não ocorresse mais apenas por arranjos estranhos à vontade e ao desejo do casal, mas por escolha própria. A valorização dos vínculos, o interesse e o querer de cada um passaram a ser considerados.

Ao se falar de mudanças de valores e de novos olhares e posicionamentos em relação a questões importantes para a sociedade ocidental, papéis, família, masculinidade e feminilidade, convém observar que valores e perspectivas não se alteram de um dia para o outro – são processos, construções que, gradativamente, se estruturam, cimentando o resultado de avanços e retrocessos sociais.

Sérvulo Figueira, em sua publicação de 1986, quando discute a "nova" família de classe média brasileira, mostra que:

> *(...) os carros se modernizam todo o ano e os modelos de família, comportamento e identidade pessoal também. Mas, se é possível trocar de carro sem sentir saudade, adaptando-se ao novo modelo sem ter conflitos, o mesmo não é possível quando são modelos e ideais de família que se sucedem rapidamente (p.12).*

Este processo não é simples nem isento de angústias. Embora haja setores da população que apresentam grandes saltos e mudanças, outros há em que tudo parece ter permanecido na mesma, seja pela preocupação com a sobrevivência, ou pelo fato de que, apesar de "modernos e globalizados", nem tudo do nosso passado pode ser completamente deixado para trás. É o passado que cimenta o presente e deve vir a alicerçar o futuro.

A própria reprodução, com valorização da criança e o imprescindível cuidado para com esta, reafirma o valor dado à mulher enquanto mãe. A maternidade, portanto, adquire importância, sendo vista como uma das funções mais nobres da mulher, já que:

> *(...) o elemento distintamente novo aqui, era a associação da maternidade com a feminilidade, como sendo qualidades da personalidade – qualidades estas que certamente estavam impregnadas de concepções bastante firmes da sexualidade feminina (GIDDENS, 1993, p. 54).*

A maternidade e a feminilidade passaram a ser, então, qualidades que se equivaliam e não atributos distintos da mulher, considerando-se a procriação e seus atributos a principal função da mesma.

O surgimento do amor romântico, ao restringir a mulher à casa e ao cuidado dos filhos, cria imagem da "esposa e mãe", uma vez que: (...) as idéias sobre o amor romântico estavam claramente associadas à subordinação da mulher ao lar e ao seu relativo isolamento do mundo exterior (GIDDENS, 1993, p. 54).

Ao homem coube o mundo externo do trabalho, juntamente com todas suas delícias e possibilidades, em que buscava a satisfação de seus desejos, anseios e fantasias sexuais com outras mulheres – as prostitutas:

> *(...) enquanto representação máxima e eloqüente da sensualidade e do feminino, ela seria o oposto da figura da mãe e da devoção ao outro, marcada que seria para sempre pelos traços do egoísmo, da infidelidade e da ausência de castidade (BIRMAN, 1999, p.87).*

O modo de relação entre homem e mulher, contudo, vem se modificando, e, nas últimas décadas do século XX, o casamento já não

se apresenta mais como única possibilidade de segurança e respeito à mulher:

> *(...) a segurança material não é mais, portanto, a finalidade do casamento para as mulheres, que conseguem cada vez mais prover suas necessidades econômicas. O casamento não é mais considerado como a condição da respeitabilidade feminina (BADINTER, 1986, p.202).*

Um outro fator de grande importância a mexer com os alicerces do casamento convencional foi o domínio da fecundidade pela mulher, possibilitando-lhe a liberdade sexual e escolha, uma vez que: (...) a batalha para a separação da sexualidade e da procriação tinha começado no ocidente, desde o fim do século XIX (BADINTER, 1986, p.197).

Esta liberdade se acentuou ainda mais a partir da segunda metade do século XX, com a descoberta e o uso da pílula anticoncepcional, o que estimulou novos modos de relacionamento entre o homem e a mulher, uma vez que a sexualidade feminina não estava mais sob o controle masculino. Sem o risco da gravidez, com a pílula anticoncepcional, as mulheres descobriram o prazer do sexo. Dessa forma: (...) o respeito e o amor tornavam-se os únicos obstáculos à infidelidade. A confiança recíproca substituía o controle e a repressão (BADINTER, 1986, p.200).

A separação entre sexualidade e procriação possibilitou que a mulher quebrasse o mito da passividade e introduzisse na discussão a possibilidade e a necessidade do gozo sexual. As mulheres

passam a mostrar seus desejos e necessidades e reclamam quando não são atendidas, bem como buscam novos rumos para o relacionamento, quando não satisfeitas.

Todas essas mudanças continuam em curso e já se observam grandes conquistas neste campo: a mulher pode ser dona do seu corpo, pode escolher o que quer ou não para sua vida, inclusive, decidir se aceita a maternidade ou não, pois: (...) outrora os homens dominavam a fecundidade das mulheres. No presente, são elas que decidem sobre sua paternidade (BADINTER, 1986, p.201).

No entanto, como já se disse anteriormente este é um processo em construção e, apesar de tão desejadas, estas mudanças também trouxeram e continuam trazendo conflitos à dinâmica das mulheres, dos homens e do relacionamento afetivo estabelecido entre ambos, pois implicam mudanças em estruturas há muito tempo estabelecidas, trazendo em sua essência uma longa história de preconceitos e submissão:

> *(...) agora que se tinha comprovado que a inferioridade da mulher era nada mais que um preconceito, tanto o homem como a mulher começavam a sentir-se inseguros, a duvidar de seus direitos e deveres no status de nossa sociedade em mudança (LANGER, 1981, p.20).*

Observa-se, ainda, que as mulheres questionam os papéis que lhe vêm sido atribuídos, buscando tomar em mãos o seu destino e o de seus filhos. Elas ingressam no mercado de trabalho,

tentam realizar as funções a que se propuseram, bem como buscam dar conta de seus relacionamentos afetivos, embora, muitas vezes, se culpem e continuem se posicionando frente ao seu parceiro como doces virgens do passado.

Na verdade, estas atribuições duplas e triplas que as mulheres se impõem, e que ainda lhe são impostas pela sociedade, representam um fardo muito pesado, pois implicam modificações de toda uma dinâmica própria da mulher, de conceitos e preconceitos estabelecidos por séculos e que não se modificam simplesmente como num ligar e desligar de um botão, mas envolvem um processo lento e cheio de angústias e incertezas.

Segundo Gomes, observa-se que:

> *(...) conseguiram o sucesso e a realização profissional, porém, isso gerou, em algumas delas, muita angústia e culpa, porque atingiram o objetivo desejado, mas continuaram presas internamente ao modelo anterior de supremacia masculina. (GOMES, 1998).*

Atualmente muitas dessas questões se fazem presentes, trazendo inquietações para as mulheres. Hoje, apesar da liberdade de escolha, ainda se percebe a manutenção daquele ideal de mulher em nossa sociedade, gerando muitas vezes confusão e conflitos quando ela se vê pressionada a estar de acordo com este ideal.

Quando a mulher diz, *não quero ter filhos, não vou me casar, tenho que pensar em minha profissão,* é isto realmente que ela

quer? E o contrário, quando a mulher diz, *quero me casar, ter filhos e trabalhar de acordo com estas possibilidades,* como é vista dentro da sociedade? Que tipo de caminhos busca para si?

Muitas vezes observa-se que tanto a mulher que pensa em emancipação profissional e a que se considera de modo arcaico são vistas de forma pejorativa. Mais uma vez a forma de agir está sujeita a condições estabelecidas, caracterizando-se muito mais por isso do que por uma verdadeira livre escolha.

Percebe-se que, hoje, na concepção do que é ser moderno, é preciso considerar que a mulher realmente realizada é aquela que trabalha fora, que se destaca no que faz, tem um corpo perfeito e ainda consegue dar conta indiretamente de sua casa e filhos – considerações estas que fazem parte da realidade da classe média, pois na verdade, a maioria das mulheres que trabalham, atendem a uma necessidade econômica real, que realmente a levou a sair para o mercado de trabalho.

Esta necessidade, no entanto, contribuiu para que a mulher também pudesse encontrar um lugar de realização pessoal, que é o mundo do trabalho, fora do lar em que ela estava há muito confinada, conseguindo mostrar suas capacidades, por muito tempo negadas e desvalorizadas, e mesmo que:

> *(...) a monotonia e as fadigas de um trabalho externo não lhes parecem menos fastidiosas do que os encargos de uma casa, lá encontram compensações que não acham no lar: relação de amizade, uma vida social mais estimulada, de fato uma*

> *oportunidade de fugir de uma solidão insuportável. A confrontação com o mundo externo, faz a mulher sair do domínio natural (BADINTER, 1986, p.196).*

Em contrapartida, a mulher acabou trazendo para si mais um encargo. Além da casa e filhos que já lhe cabiam, também passa a arcar com ônus do trabalho fora do lar.

Avalia-se, então, a sobrecarga que a mulher trouxe para si, acrescentando, além de suas responsabilidades para com a família, numa divisão tradicional dos papéis que já lhe cabiam, também a responsabilidade pelas questões econômicas na divisão das despesas da família, bem como a responsabilidade pelo próprio sucesso profissional.

Eis aqui delineado então o modo pelo qual se processa a construção da identidade feminina, a qual não ocorre isoladamente em cada mulher, mas a partir de um processo que vai lenta e progressivamente se incorporando ao jeito, ao pensar e ao sentir, pois o novo sempre se choca com o velho, e este acaba sempre estando presente, gerando conflitos, dúvidas e incertezas à mulher.

A identidade da mulher, hoje, configura-se segundo Carneiro, como

> *(...) um projeto em construção que passa, (...) pela montagem destes modelos introjetados de rainha do lar, do destino inexorável da maternidade, da restrição ao espaço doméstico familiar e o resgate de potencialidade, abafado ao longo de séculos de domínio da ideologia machista e patriarcal (1994, p.188).*

Enfim, como está a realização feminina? A mulher está contente com o que tem obtido?

Observa-se que a mulher tem conseguido sair de seu anonimato, seja no mundo do trabalho ou como provedora ou cuidadora do lar, conseguindo mostrar seus desejos, sonhos e frustrações, conquistas que representam o esforço de um longo caminho percorrido por mulheres que têm acreditado em suas capacidades, na busca de um espaço onde possam se sentir realizadas por seus esforços e suas qualidades.

Para um entendimento melhor desse processo de auto-afirmação feminina, é importante, conhecer um pouco a respeito do ideal de maternidade atribuído à mulher, bem como verificar que ideais hoje são construídos e aos quais as mulheres ainda estão respondendo.

3. SER MÃE: IDEAL MAIOR DA MULHER OU DA SOCIEDADE?

> *"Casada ela deixa de se pertencer, é a rainha e a escrava do lar".*
>
> *A Mulher de Trinta Anos – Balzac*

Ditos populares foram criados e se estabeleceram dentro da sociedade como algo natural à pessoa da mulher, revelando concepções do ser feminino, tais como: "ser mãe é padecer no paraíso; mãe: a rainha do lar; mãe só tem uma". Esses conceitos se difundiram e se mantiveram naturalmente, tornando-se, com o tempo e o uso, "verdades" indiscutíveis, propiciando a manutenção da ideologia que caracteriza a maternidade como marca incontestável da identidade feminina.

A antropóloga americana Sheila Kitzinger (1978) ressalta que um dos papéis mais caros assumidos pela mulher é o de ser o agente socializador das novas gerações, sendo considerada a responsável direta pelo bom desenvolvimento de seus filhos e cobrada pela sociedade para que corresponda às expectativas esperadas, pois:

> *Tradicionalmente, o papel mais importante da mulher tem sido o de disseminadora de cultura através da maternidade. O fato de ela ter um útero e de amamentar significa que não só tem filhos mas é em grande medida responsável por eles enquanto bebês e, por vezes, durante muito mais tempo. Ela é o primeiro e mais importante canal através do qual a cultura é comunicada ao bebê (p.52).*

Nem sempre porém, a visão sobre a mulher foi essa em todo o tempo e em todos os lugares. Na história, há informações sobre momentos que reforçam nossa afirmação, pois:

> *(...) foi no século XVII que o uso de deixar a criança na casa da ama-de-leite se generalizou entre a burguesia (...) mas é no século XVIII que o envio das crianças para a casa de amas se estende por todas as camadas da sociedade urbana. Dos mais pobres aos mais ricos, nas pequenas ou grandes cidades, a entrega dos filhos aos exclusivos cuidados de uma ama é um fenômeno generalizado (BADINTER, 1985, p.67).*

Em realidade, isso significava que as crianças nasciam e não permaneciam junto de suas mães. Os cuidados físicos, o apego e o carinho, necessários ao desenvolvimento integral da criança, ficavam comprometidos, pois tal vivência não era realizada pela mãe. Quando era possível pagar, os filhos eram enviados às amas mercenárias para que fossem cuidados.

Este comportamento estava estritamente relacionado às questões sociais da maternidade, uma vez que não existia a valorização das crianças, nem da figura da mãe, já que a maternidade era entendida como algo natural e inerente à mulher. Como a importância social da época era atribuída à figura do homem, a mulher dava prioridade aos interesses sociais do marido em detrimento das reais necessidades do seu bebê, sendo que:

> *Para compreender o comportamento de rejeição da maternidade pelas mulheres, é preciso recordar-se de que nessa época as tarefas maternas não são objeto de nenhuma atenção, de nenhuma valorização pela sociedade (BADINTER, 1985, p.100).*

Quando novos interesses e ideais políticos e econômicos começam a se fazer presentes dentro da sociedade da época, altera-se o modo de pensar e agir das pessoas.

> *Se outrora insistia-se tanto no valor da autoridade paterna é que importava antes de tudo formar súditos dóceis para Sua Majestade. Neste fim de século XVIII, o essencial, para alguns, é menos educar súditos dóceis do que pessoas, simplesmente produzir seres humanos que serão a riqueza do Estado. Para isso é preciso impedir a qualquer preço a hemorragia humana que caracterizava o antigo regime. O novo imperativo é portanto a sobrevivência da criança (BADINTER, 1985, p.146).*

Se esta era a realidade da sociedade européia naquele momento, a percepção da realidade brasileira no século XIX também acompanhou tal pensamento, visto que: (...) “o compromisso essencial do casal era com os filhos. Não se tratava mais de amar o pai sobre todas as coisas, e sim a raça e o Estado como a si mesmo” (COSTA, 1989, 218).

Para que pudesse haver esse resgate das crianças, era necessário fazer com que as mães se dedicassem elas mesmas aos cuidados dos filhos, zelando para que as necessidades materiais e emocionais dos mesmos fossem atendidas.

A Revolução Francesa, com seus ideais de liberdade, igualdade e fraternidade, influenciou o pensamento ocidental da época. O conjunto dos discursos médico, filosófico e moral se fez muito forte,

influenciando a relação homem e mulher. O casamento já não se restringia mais a um arranjo de conveniências, e a busca da felicidade e a valorização do amor começaram a ser proclamadas como forma de relação, sendo a procriação considerada ponto fundamental dessa união: "fundado na liberdade, o novo casamento será o lugar privilegiado da felicidade, da alegria e da ternura. Seu ponto culminante: a procriação" (BADINTER, 1985, p.178).

No Brasil, o processo de higienização, que se iniciou a partir da terceira década do século XIX, buscou essa mudança nas relações, em que o objetivo maior do casamento passa a ser o cuidado para com os filhos. Dessa forma:

> *No casamento idealmente concebido pela higiene, o casal olhava o futuro e não o passado. Seu compromisso era com os filhos e não com os pais. A escolha do cônjuge estava manifestada a esta proposição. O cuidado com a prole converteu-se, por esta via, no grande paradigma da união conjugal (COSTA, 1989, p.219).*

Desta forma o papel da mãe passa cada vez mais a ser proclamado nas suas funções de amamentação, de cuidado e de carinho para com os filhos. A maternidade passa a ser considerada pela sociedade, como algo desejável e agradável a uma mulher. Como o ideal de mulher assume novo rumo dentro da família e da sociedade, a associação das palavras amor e materno é que prevalece:

> *(...) a feminilidade aparece aqui como o conjunto de atributos próprios a todas as mulheres, em função das particularidades de seus corpos e de sua capacidade procriadora; partindo daí, atribui-se às mulheres um pendor definido para ocupar um único lugar social – a família e o espaço doméstico – a partir do qual se traça um único destino para todas: a maternidade (KEHL, 1998, p.58).*

Esse ideal de maternidade é constatado por autoras como, Kitzinger (1978), Badinter (1986), Nader (1997), que afirmam o quanto a maternidade ficou sendo considerada atributo da natureza de toda mulher e, portanto, o seu objetivo maior. Pode-se observar a confirmação dessa realidade através das seguintes citações:

> *O mito da maternidade, que é geralmente aceito na nossa sociedade – um mito que afirma que as mães sentem amor pelos seus bebês e tem sentimentos ternos para com eles, que em conseqüência do ato biológico de terem dado a luz, as mulheres se tornam diferentes do seu anterior, abnegadas, generosas, experimentando a satisfação suprema de se sacrificarem deste modo – surge cristalizada na imagem da Virgem Maria serenamente sentada com o menino ao colo (KITZINGER, 1978, p.161).*

Assim como: (...) a boa mãe é semelhante à boa religiosa, ou se esforçará por sê-lo. Mais um passo e terá direito ao título de “santa” (Rousseau in BADINTER, 1985, p.245).

Em tal contexto, à mulher restou somente a maternidade, como característica essencial:

> *(...) criou-se o mito da feminilidade, sinônimo de maternidade, cuja atribuição teórica era genuinamente de caracteres femininos, na qual estava a afirmação de que a capacidade de ser mãe era característica essencial da mulher (NADER, 1997, p.99).*

Chega-se a admitir que:

> *A vocação prioritária para a maternidade e a vida doméstica seriam marcas de feminilidade, enquanto a iniciativa, a participação no mercado de trabalho, a força e o espírito de aventura definiriam a masculinidade (BASSANEZI, 2001, 609).*

Como as mudanças são uma constante em todo tempo e em todo lugar, a equação “mulher-mãe”, à qual a mulher estava submetida, também começa a sofrer modificações e questionamentos, embora ainda se reconhecesse que a sexualidade da mulher ocidental se definia pela reprodução:

> *(...) todos os demais atributos desde sempre reconhecidos como sexuais, tais como o gozo e o prazer, estariam subsumidos à exigência primordial da reprodução biológica. Com isso, a sexualidade se identificaria com a genitalidade, é óbvio (BIRMAN, 1999, p.20).*

O desenvolvimento do pensamento psicanalítico e a sua divulgação pela mídia, acrescidos à aceitação do movimento feminista, contribuem para que a sexualidade feminina passe a sair dessa relação direta com a procriação, pois:

> *(...) foi justamente essa equação diabólica que foi explodida pela psicanálise, na medida em que esta definiu a sexualidade pelos atributos do prazer e do gozo. A reprodução biológica pode até ser uma decorrência do sexual, sem dúvida, mas a sua existência não é nem imediata nem tampouco automática (BIRMAN, 1999, p.21).*

A existência da mulher, reconhecida principalmente pelo seu papel de mãe, começa, portanto, a ser questionada: (...) "culturalmente, a maternidade sempre esteve à frente da feminilidade, embora sabe-se muito bem, que antes da mãe, é necessário encontrar a identidade da mulher" (LOUREIRO, 1992).

A importância da mulher é novamente ressaltada, ao se reconhecer que:

> *(...) a mãe no sentido habitual da palavra (isto é, a mulher casada que tem filhos legítimos) é uma personagem relativa e tridimensional. Relativa porque ela só se concebe em relação ao pai e ao filho. Tridimensional porque, além dessa dupla relação, a mãe é também uma mulher, isto é, um ser específico, dotado de aspirações próprias que freqüentemente nada têm a ver com as do esposo ou com os desejos do filho (BADINTER, 1985, p.25).*

Faz-se necessária, portanto, a distinção entre ser mulher e ser mãe, não as considerando como sinônimos, ou anulando-as, como se a presença de uma fizesse a outra desaparecer, porque: (...) "a procriação não é a felicidade da mulher, e sim a da mãe; ela é também a prova de uma nova diferença" (ANZIEU, 1992, p.8).

Ser mulher constitui um conceito muito amplo, em que a possibilidade de ser mãe (ou não) aí se inscreve, e não o contrário, e:

> *Isso não quer dizer, contudo, que o desejo da mulher assim esboçado repudie a maternidade e a transforme num objeto de horror. Não se trata disso seguramente. Não é isso que podemos perceber no campo social da atualidade. O que está em pauta é a positividade do puro desejo da mulher, que pode se desdobrar ou não no ser da maternidade. Com isso, ser mãe não é a condição sine qua non para ser uma verdadeira mulher, o traço definidor de sua identidade sublime. Isso é indecidível, pois depende do desejo das diferentes singularidades femininas arroladas. Dessa maneira, o ser femininamente mulher não passa mais agora pelo ranço obsceno da obrigatoriedade e da impossibilidade de ser mulher, sem que esta sofra as penas, dores e delícias da maternidade (BIRMAN, 1999, p.93/4).*

Esse novo modo de ver a sexualidade feminina foi reforçado ainda mais com a introdução de métodos contraceptivos mais eficazes, possibilitando à mulher viver sua sexualidade com maior segurança, sem medo de uma gravidez indesejada.

Com isso, inicia-se um processo de mudanças no olhar da mulher para a maternidade. O sentir-se mulher já não implica mais somente ser mãe. Se a reprodução já não é o principal objeto da experiência sexual, conseqüentemente, o papel da mulher começa a tomar novos rumos,

> *(...) outrora, o interesse da mulher estava centrado em seus filhos; hoje, está centrado nela mesma: em sua vida afetiva e profissional. Ela não constrói mais sua existência em função de sua progenitura, mas força esta última a se adaptar ao seu projeto de vida pessoal (BADINTER, 1986, p.260).*

Percebe-se que a mudança no mundo da mulher ocorre não somente no aspecto da reprodução mas também no econômico, social e afetivo. A valorização de si torna-se mais importante do que a

preocupação e o importar-se com o outro somente, como ocorria anteriormente.

Os legados que os gurus da psicologia, da economia, da sociologia e de tantos outros ramos do conhecimento têm tecido e inculcado nas sociedades estão sendo contestados. A crença de que as mulheres devem ficar em casa, cuidar das crianças porque o bem-estar de seus filhos exige sua dedicação absoluta à tarefa de ser mãe, esta crença não é um acidente, um desvio na biologia ou no destino feminino. É o produto de um determinado tempo e localização histórica.

As mulheres começam a preferir a liberdade a uma ligação considerada insignificante, que lhe traga tensão em vez de crescimento. Têm conseguido se sustentar a si próprias e freqüentemente aos seus filhos, também têm buscado o acesso à instrução e à cultura, possibilitando um desenvolvimento maior em seu mundo interno. A questão econômica, a da sexualidade e a da procriação, que eram os pilares que atrelavam a mulher à sua casa, vão perdendo força.

Entretanto, assim como o ideal da maternidade foi colocado e mantido como única possibilidade para a mulher em determinado momento, não podemos, hoje, repetir a mesma história, acreditando que a única possibilidade da mulher atual seja uma vida de trabalho, de lazer, de estudo e não mais de filhos, relacionamento duradouro e até mesmo do lar. Isso possivelmente seria cair na mesma

cilada que o ideal de maternidade manteve por tanto tempo sobre a vida da mulher.

Para um melhor entendimento desse processo de mudanças na vida da mulher, devemos focalizar a forma de vida da mulher hoje, quanto ao que é esperado dela e o que realmente ela tem feito de sua vida.

4. DE GATA BORRALHEIRA À CINDERELA

"Por que o homem acha difícil
que uma bela mulher possa ser também inteligente?
Por que inteligência e feiúra tem de estar relacionada?"
Tango – Carlos Saura

Beleza e inteligência são dois atributos muito significativos que dificilmente se juntam para qualificar o sexo feminino.

A mulher ainda é vista de uma forma cindida, se é bonita, logo se imagina que não é inteligente; se é feia, então deve ser inteligente. O belo fica diretamente relacionado ao sexual e o feio, ao companheirismo, à fidelidade, à compreensão.

Por muito tempo, o relacionamento homem/mulher, enquanto casal, era baseado na percepção da mulher como figura maternal, companheira, dona-de-casa. Com esta mulher o homem deveria manter uma relação tranqüila, de respeito, pois afinal, seria ela a mãe de seus filhos, quem cuidaria destes, sendo sua figura relacionada a um ideal mais de santidade do que de pessoa concreta e real. Decorrente disso, então, o homem não poderia manter com essa mulher um relacionamento sexual mais estimulante, mais "picante", real. Havia experiências que não poderiam acontecer, pois era necessário preservar os bons costumes dentro do âmbito familiar, motivo pelo qual se permitia ao homem encontrar outras formas de relacionamento fora do âmbito

conjugal, por estar associado a uma necessidade peculiar masculina, instintual. Fora de casa tudo lhe era permitido; dentro de casa, havia regras do que podia ou não acontecer entre marido e mulher.

Já a mulher, para realizar-se plenamente, tinha a necessidade de viver o relacionamento fundado no amor, no respeito e ternura. Esta leitura dos papéis sexuais estimulava a virilidade masculina e permitia uma hipotética supremacia do macho, bem como da manutenção dos papéis de esposa dócil e mãe extremada.

Educada para o casamento, considerado o meio maior de realização dos seus ideais, a mulher sabia que essa união lhe possibilitava outros "prazeres" que lhe eram associados. Nessa lista de prazeres permitidos, além do sexual, estava uma casa para cuidar e, na seqüência, os filhos, possibilitando que o ideal de maternidade pudesse se realizar. Para completar todo este conjunto de felicidade, a fidelidade e a doação completa àquele que lhe possibilitava ter tudo aquilo: o marido.

O confinamento da sexualidade feminina ao casamento funcionava como importante símbolo da mulher respeitável, pois:

> *(...) um casamento eficaz, ainda que não particularmente compensador, podia ser sustentado por uma divisão de trabalho entre os sexos, com o marido dominando o trabalho remunerado e a mulher, o trabalho doméstico. Podemos ver neste aspecto como o confinamento da sexualidade feminina ao casamento era importante como um símbolo da mulher 'respeitável' (GIDDENS, 1992, p.58).*

Era, portanto, estabelecida uma oposição entre esposa legítima e amante, entre mãe de família e mulher liberada. A união dessas características não apareciam designando uma mesma mulher. Essa divisão servia como estabilizador das normas e costumes, atendendo aos interesses sociais, políticos e religiosos, uma vez que:

> *(...) as práticas educativas ao longo do século XIX visavam a extirpar o que havia de feminilidade na mulher, coarctando o excesso feminino para que a figura da mãe pudesse ser harmônica com a da esposa casta e fiel. Com isso, a mulher sensual que mantivesse ainda o atributo feminino da sedução e do erotismo passou a ser considerada como perigosa, matéria-prima por excelência da figura da prostituta. Enquanto representação máxima e eloqüente da sensualidade e do feminino, ela seria o oposto da figura da mãe e da devoção ao outro, marcada que seria para sempre pelos traços do egoísmo, da infidelidade e da ausência de castidade (BIRMAN, 1999, p.87).*

Esta separação esposa/prostituta, entretanto, leva a alguns questionamentos: Será que tanto a esposa, como a prostituta, não tinham desejos e vontades que ultrapassavam o papel que assumiam? Neste caso, será que a esposa pudica não tinha necessidades e desejos sexualizados? E, a prostituta, também não desejaria um lar, em que pudesse ser esposa e mãe?

Provavelmente sim, porém, isso não podia transparecer, uma vez que a figura da prostituta servia para assegurar o papel da "esposa-mãe", mantendo esses dois mundos separados e possibilitando que o homem não entrasse em contato com questões de intimidade e,

com isso, mantivesse seu papel de controle, tanto sobre a esposa, bem como sobre seus sentimentos.

Entretanto, a figura do homem controlador existente nos moldes patriarcais e da mulher submissa ou prostituta foi perdendo suas forças, possibilitando à mulher sair desta cisão. Assim é que a "esposa-mãe" inicia uma nova etapa em sua vida, revelando também seus desejos como atributos inerentes de seu ser:

> *(...) o desejo feminino pôde passar a existir, fazer-se verdade. Ultrapassando a sua condição de nada, ao atingir a existência e o reconhecimento pleno, de fato e de direito, o desejo da mulher pôde ser reconhecido na sua pureza, em identidade de condições com o desejo masculino (BIRMAN, 1999, p.93).*

A mulher começa a assumir um papel de atuação junto ao homem, não mais somente de receber e aceitar o que convém ao outro, mas de exigir e dar o que a ela convém.

Essa mulher começa a questionar mais, a externar suas angústias e desejos, já não se satisfaz somente com uma casa para limpar, filhos para cuidar e um marido para a agradar. Quer mais e vai em busca desse algo a mais.

Que as mulheres vêm adquirindo um espaço que sempre fora reservado exclusivamente ao homem, disso não resta dúvida, porém, diante de tantas mudanças e conquistas, algumas inquietações continuam a surgir. Observa-se que contraditoriamente a esse movimento de reivindicação de direitos e conquistas de emancipação, há mulheres

atualmente que aceitam expressões como “as cachorronas”, “as tchutchucas”, “as popozudas”, “o tapinha que não dói”, recebendo-as como forma de elogio e de orgulho pelas suas formas e extravagâncias.

Neste caso, que liberdade é essa, se ela vende sua imagem, seu corpo, deixa-se explorar pela mídia, movida pelo interesse econômico e sensualidade somente? Apesar de ter liberdade, a mulher não se deixou levar por uma ilusão, por uma fantasia de poder e de controle que na verdade não tem? Será que ela caiu em sua própria armadilha, achando que estava ganhando, quando, na verdade, somente substituiu uma forma de controle, de submissão por outra?

Isso pode ser comprovado, quando uma modelo ganha fama por ter um filho de um “rock star”, ou seja, não é ele que, na verdade, lhe dá a fama, muito mais do que ela mesma? Isso não é um engodo? E o que dizer quando outra apresentadora decide ter uma filha, desvinculando a paternidade dos padrões convencionais da sociedade (produção independente), mas escolhe para essa função um homem inserido numa família patriarcal e conservadora? Será que não se trata de uma ilusão de poder, de uma onipotência, para afirmar seu papel de mulher independente?

Tem-se percebido que as imagens destas mulheres que são apresentadas pelos meios de comunicação tornam-se, a cada dia, modelos de mulheres que, de certa forma, representam os ideais de beleza e passam a ser referência às mulheres em geral.

Tal constatação também leva a alguns questionamentos. Como a mulher se vê diante da questão da beleza? Existe um modelo a ser seguido? Tem que ser magra, gorda, malhada, branca, bronzeada? Enfim, qual o ideal? Mas, será que existe ideal? Será que a beleza se enquadra dentro de um padrão estético somente?

Atualmente existe na mídia uma série de modelos de mulheres que se apresentam com diferentes requisitos de imagem e consideradas ideais: Gisele Bundchen, Madona, Lara Croft, entre outras.

Mas, quando a mulher não se encaixa em nenhum modelo considerado ideal, como fica? A mulher que não se adequar dentro de um modelo pré-estabelecido fica conseqüentemente isenta da sensualidade, da beleza, do poder de seduzir, de conquistar, de amar?

Muitas têm vergonha de seu próprio corpo, sentindo-se inseguras a respeito do mesmo e, muitas vezes buscam todos os recursos possíveis para modificá-lo, na tentativa de se enquadrarem nesses padrões de beleza ditados pela moda. O que, na verdade, a mulher está buscando com isso? Será que é esta mudança que lhe proporcionará bem estar? Ferrari & Stella questionam isto, afinal:

> *(...) o que é esta necessidade de beleza? (...) talvez uma resposta induzida pela cultura de sinal masculino, que impõe à mulher a obrigação de ser sedutora, ou pelo menos agradável e lhe nega a liberdade de envelhecer. Uma agressão eco brutal da agressão masculina perpetuada pelos séculos, que a mulher faz a si própria, relegando sua Valência somente à fisicidade, o único espaço concedido por uma história pluri-milenar (2000, p.91).*

Vê-se, então, que a beleza se coloca para a mulher como uma obrigação, devendo sua imagem física estar de acordo com o estabelecido – atraente para a conquista do outro, nunca podendo envelhecer – soluções únicas da feminilidade... Mas, será que é somente através da beleza (e de uma beleza padronizada) que a mulher pode sentir-se realizada? E seus valores, os aspectos de sua subjetividade? Estes parecem que não se mostram ou não têm existência no mundo de muitas.

A renomada atriz Fernanda Montenegro, quando questionada a respeito da beleza feminina, reflete o quanto seu trabalho é realizado no imaginário, considerando aspectos subjetivos e inconscientes e não somente aspectos físicos. Com relação à sua primeira atuação no teatro, ela reconhece que:

> *(...) não queria fazer a feia, queria fazer a deslumbrante e fiz. Ninguém foi embora do teatro ou disse que eu não convencia. Essa foi a primeira vez que tive a idéia de que a imagem, de que a fantasia é muito mais criativa do que a realidade. Se eu fosse bonita e fizesse aquele papel, seria só uma mulher bonita fazendo aquele papel. Nunca me achei bonita a ponto de fazer aquele papel, mas quis correr o risco na minha afirmação de mulher, de possibilidade de beleza. Essa foi a primeira lição que tive sobre a fantasia ser o reino do artista (MARIE CLAIRE,2001, p.46).*

Não somente na mente do artista, mas na de todas nós, o uso da fantasia possibilita a criação e com isso a realização se concretiza – pelo poder de acreditar nas próprias potencialidades e conseguir se realizar.

Muitas mulheres, ao se acharem gordas, feias e sem atrativos, por se perceberem muito aquém dos padrões de beleza, acabam se sacrificando com regimes, exercícios, remédios, enfim, buscando todos os recursos possíveis para modificar a aparência do corpo. Fazem isso não para se sentirem bem, mais saudáveis e tranqüilas, mas para estarem o mais próximas possível da imagem cultuada no momento. Neste caso, pagam qualquer preço, mesmo que seja a anulação da própria identidade.

Observa-se que isto tem levado a mulher a uma outra forma de confinamento. Antes era da casa, marido e filhos; agora de si mesma, de seu desejo de corresponder a um ideal que não é seu, mas de outros. Em decorrência disso, ela nunca se sente realmente realizada, dona de si, de seus desejos. Busca o que é esperado pelo outro, dentro de uma sociedade de consumo em que o importante é ter e em que tudo se torna superficial e passageiro.

Emma Bovary e Ana Karenina exemplificam o fato. Na busca de seus ideais no outro, como forma de se sentirem vivas, se matam. Percebem que, na medida que este outro já não está ali e que não lhes pertence, elas também não conseguem mais se enxergar, se perceber, pois a existência delas estava ligada em função dos desejos do outro somente. Continuavam imaturas e frágeis, sem condições de encontrar um valor em si mesmas, sem conseguirem perceber que este

algo a mais, necessário para se sentirem realizadas, não estava fora, mas dentro de si. Pois:

> *Como mulher de seu tempo, Emma continuou sendo objeto de um discurso que ela não dominava, e fracassou na tentativa de tornar-se autora de seu próprio destino (...) somente ao decidir sobre sua própria morte Emma escapa à posição de objeto dos homens em geral (KEHL, 1998, p.219).*

Lembremo-nos também da letra da canção tão familiar: *Amélia que era mulher de verdade, Amélia não tinha a menor vaidade...*

Amélia – a representante daquela que se dedicava de corpo e alma ao marido, ao lar e aos filhos, sendo sua vida voltada, completamente, ao outro, a interesses e necessidades externas...

Tudo isso, porém, faz-nos pensar sobre a mulher de hoje, que tanto necessita estar bonita para o outro. Será que também não se trata de Amélia? Que faz tudo, sem reclamar, como forma de conquistar e manter um homem ao seu lado, ou mesmo como forma de se afirmar na sua condição de mulher? Será que isso é realmente afirmar-se como mulher?

O que se percebe, é que estar na posição da “Amélia” ou em conformidade com os ideais atualmente cultivados, são atitudes que levam a mulher a não viver de acordo com interesse e vontade própria, impossibilitando-lhe uma vida plena, de realização pessoal.

Em vista disso, pode-se inferir, que não existe o ideal a ser seguido, mas o ideal a ser encontrado por cada mulher ao longo de

sua vida. Somente dessa forma a mulher poderá realmente mostrar qual a sua cara, ou seja, seu jeito, sua potencialidade, enfim o que lhe é peculiar, reconhecendo-se verdadeiramente mulher.

5. AFINAL, O QUE É ESSA TAL FEMINILIDADE?

"A revolução da mulher, foi a mais importante revolução do século XX".

Norberto Bobbio

Através do que foi apresentado até o momento, observa-se que, dentro dos moldes da sociedade ocidental e patriarcal a qual à mulher por muito tempo esteve inserida, o aspecto de ser feminina, de feminilidade, restringia-se ao papel de ser mãe e dona-de-casa, ou seja, estava regida por um ideal social e cultural, imposto por homens e com isso presa a conceitos e valores masculinos.

Dentro do âmbito dos estudos sobre o desenvolvimento psicológico feminino, essa forma de pensar muito influenciou os pensadores e estudiosos do final do século XIX e início do século XX.

Inicialmente se pode citar Freud, que estuda primeiro o desenvolvimento da sexualidade do menino e posteriormente atribui o mesmo desenvolvimento à menina até a descoberta da diferença sexual, demonstrando assim uma pressuposta posição da supremacia masculina, compreensível de se entender, se nos ativermos à sociedade em que Freud estava inserido.

Também paga seu tributo a tal forma de olhar a mulher, Winnicott, que introduziu a expressão "preocupação materna primária"

(1958) referindo-se ao estado natural de uma mulher na gravidez e algumas semanas após o parto, designando-o como um:

> *(...) estado organizado (que não fosse pela gravidez, seria uma doença) poderia ser comparado a um estado retraído, ou a um estado dissociado ou uma fuga, ou mesmo a uma perturbação a um nível mais profundo, tal como um episódio esquizóide, no qual algum aspecto da personalidade assume temporariamente o controle (WINNICOTT, 1958, p.494).*

Este estado, apontado por Winnicott, reflete a condição considerada normal da mulher – a de se voltar totalmente ao filho, excluindo qualquer outro interesse. Tal condição é evidentemente, resultante da visão masculina preponderante no meio sócio-cultural em que vivia.

A mulher, como se percebe, reconhecia-se por sua representação como mãe e não como mulher, donde se conclui que a realização feminina ocorria através da maternidade, mantendo a mulher presa ao papel que deveria desempenhar dentro do mundo privado do lar.

Mas, afinal, o que tem mudado?

Na verdade, profundas modificações tem sido verificadas quando se fala da mulher na atualidade, de seu papel dentro da sociedade, quanto à sua atuação no trabalho, na vida social e afetiva. Tal constatação poderia sugerir então, que as teorias psicanalíticas tenham ficado ultrapassadas por causa dessas mudanças? Provavelmente o que se faz necessário são novas adaptações para se entender a mulher dentro do contexto atual em que está inserida, uma vez que:

> *(...) a psicanálise não é somente a escuta do recalcado no sentido do vivido/traumático, é também a escuta do emergente, do que ainda não foi dito e procura uma formulação, que cada sujeito tem a dizer a partir de sua experiência pessoal e intransponível (KEHL, 1998, p.329/30).*

Pode-se afirmar, então, que os conceitos psicanalíticos do desenvolvimento da mulher não estão ultrapassados, visto que prevêem reformulações que se baseiam em processos internos e que devem ser entendidos a partir do que se pode verificar e escutar a partir dos depoimentos das próprias mulheres ao falarem de si mesmas.

Isso pode ser comprovado pela observação de que a visão que os primeiros psicanalistas tinham da mulher, do que era ser feminina, da feminilidade, na verdade, estava relacionada às possibilidades e opções das mulheres da época em comparação às dos homens. Podemos verificar isso:

> *(...) um homem, nos seus trinta anos, parece-nos um adolescente, um indivíduo não formado (...) uma mulher na mesma idade, porém, muitas vezes nos atemoriza com sua rigidez psíquica e imutabilidade. Sua líbido assumiu posições definitivas e parece incapaz de troca-las por outras. Não há vias abertas para um novo desenvolvimento; é como se todo o processo já tivesse efetuado seu percurso e permanecesse, daí em diante, insuscetível de ser influenciado – como se, na verdade, o difícil desenvolvimento na direção da feminilidade tivesse exaurido as possibilidades da pessoa em questão (FREUD, 1933, v. 22, p.133).*

A mulher, sendo considerada a partir do olhar masculino e do que a ele convinha, ficava limitada a seu aspecto orgânico, pela realização da maternidade, permanecendo, a partir daí, num mundo sem

possibilidades de desenvolvimento. Hoje, no entanto, percebe-se que este campo se amplia na vida da mulher, o que se vislumbra por algumas definições atuais sobre o que é feminilidade.

Segundo o Novo Aurélio Século XXI, feminilidade significa *qualidade, caráter, modo de ser, pensar ou viver próprio da mulher.*

Para o psicanalista Joel Birman,

> *(...) a feminilidade é o correlato de uma postura heterogênea que marca a diferença de um sujeito em relação a qualquer outro" (1999, p.10) (...) a feminilidade não seria identificada nem com o ser da mulher, nem tampouco com a sexualidade feminina (...) isso porque a feminilidade remeteria a algo que transcenderia a diferença de sexos, ultrapassando em muito a oposição entre as figuras do homem e da mulher (...) a feminilidade como registro sexual teria como seu critério definidor a inexistência do falo como eixo de construção do sujeito, sendo, pois, uma forma de ultrapassagem da lógica fálica. Com isso, a feminilidade remeteria a algo presente igualmente no homem e na mulher, transcendendo então a regulação pelo falo (1999, p.51).*

Quando se refere à feminilidade, Kehl (1998) afirma que esta:

> *(...) não é o oposto complementar da masculinidade; a feminilidade é a masculinidade-menos-alguma-coisa (o pênis) acrescida de alguma outra coisa (a mascarada, o manejo sedutor da face sexual da castração) (p.325).*

Pelo que se pôde observar, a feminilidade não é mais considerada como uma simples oposição ao masculino, mas retrata uma existência que vai além de possibilidades tão concretas, transcendendo-as.

5.1. A Mulher na Psicanálise

Mulher. Muitos a acham enigmática, traiçoeira, ou ainda doce e terna. Muitos tentaram e ainda buscam entendê-la. Será que é tão difícil assim?

Freud, certa vez apresentou um questionamento a Marie Bonaparte, admitindo que: (...) “a grande questão que jamais foi respondida e que ainda não fui capaz de responder, apesar de meus trinta anos de pesquisa da alma feminina, é: “O que quer uma mulher?” (FREUD, 1925, v. 19 p.274).

Esse entendimento do desenvolvimento feminino e suas implicações quanto a sexualidade, feminilidade, desejo, maternidade, enfim, quanto ao que se entende por ser mulher já preocupava Freud. Conforme Gay, a contribuição de Freud no sentido de ouvir a mulher foi notável por fazer parte de uma cultura da classe média vitoriana, sendo, portanto, um, (...) “inflexível cavalheiro do século XIX (...) com algumas idéias sobre a superioridade masculina ocupando o primeiro plano” (1991, p.460).

Independente dessa circunstância, deve-se reconhecer que foi ele quem primeiro buscou ouvir o que suas pacientes mulheres lhe falavam, ousando pensar além do que se esperava de uma mulher naquela sociedade, ou seja, o ideal de dona de casa agradável e eficiente, dando-lhes importância e tentando entendê-las, pois: (...)“na

época predominantemente falocrática de Freud, essa receptividade era revolucionária em si mesma" (MCDOUGALL, 1997, p.3).

Apesar de todo seu trabalho de reflexão sobre o tema, assume suas dificuldades para entender o funcionamento da mulher, designado-a como "um continente negro":

> *(...) sabemos menos acerca da vida sexual de meninas que sobre de meninos. Mas não é preciso envergonharmo-nos dessa distinção; afinal de contas, a vida sexual das mulheres adultas é um 'continente negro' para a psicologia (FREUD, 1926, v. 20, p.205).*

Tal afirmação, entretanto, é contestada por Kehl, que acredita que:

> *A manutenção de um ponto enigmático sobre o querer feminino, a representação da mulher como um continente negro da psicanálise, seriam a meu ver, recursos a que Freud recorreu para manter-se ignorante a respeito do que ele mesmo não queria saber, embora já tivesse revelado ao resto do mundo: a diferença fundamental entre homens e mulheres é tão mínima, que não há mistério sobre o 'outro' sexo que um cavalheiro não pudesse responder indagando a si próprio. O que Freud fez, aliás – mas, como bom neurótico, não podia saber o que estava fazendo (1998, p.227).*

Freud procura mostrar, ao longo de seu trabalho, que a função da psicanálise está relacionada à busca do conhecimento sobre o desenvolvimento da mulher e não de sua descrição, pois:

> *(...) de acordo com sua natureza peculiar, a psicanálise não tenta descrever o que é a mulher – seria esta uma tarefa difícil de cumprir, mas se empenha em indagar como é que a mulher se forma, como a mulher se desenvolve desde a criança dotada de disposição bissexual (1933, v. 22, p.117).*

Constatando a incompletude da compreensão sobre a feminilidade, aconselha àqueles que querem saber mais sobre o assunto mulher, que: (...) “indaguem da própria experiência de vida dos senhores, ou consultem os poetas, ou aguardem até que a ciência possa dar-lhes informações mais profundas e coerentes” (1933, v. 22, p.134).

Mas, afinal como a questão da feminilidade era vista por Freud?

5.1.1. Castração

Freud considerava o desenvolvimento inicial da sexualidade da menina como masculina e supunha que a capacidade de diferenciação só se estabelecia a partir da puberdade, mostrando que:

> *(...) a atividade auto-erótica das zonas erógenas é idêntica em ambos os sexos, e essa conformidade suprime a possibilidade de uma diferenciação sexual como a que se estabelece depois da puberdade. Com respeito às manifestações auto-eróticas e masturbatórias da sexualidade, poder-se-ia formular a tese de que a sexualidade das meninas tem um caráter inteiramente masculino (...) nas meninas, a zona erógena dominante situa-se no clitóris e é, portanto, homóloga à zona genital masculina, a glande (1905, v. 7, p.207).*

As questões de masculinidade, implicação e valorização do falo constituem o interesse maior na infância. Considerado o clitóris um equivalente do pênis, e sendo a masturbação na primeira infância apenas clitoriana, a sexualidade da menina pode ser vista como masculina e não

com um valor próprio, visto que para ela o clitóris é o órgão de prazer máximo dessa fase. A diferenciação masculino/feminino só será possível:

> *(...) após o desenvolvimento haver atingido seu completamento, na puberdade, que a polaridade sexual coincide com masculino e feminino. A masculinidade combina os (fatores de) sujeito, atividade e posse do pênis; a feminilidade encampa (os de) objeto e passividade. A vagina é agora valorizada como lugar de abrigo para o pênis; ingressa na herança do útero (1923, v.19, p.161).*

Freud manteve-se firme em todos seus escritos, tanto a respeito da sexualidade feminina precoce como da masculina, supondo não haver sensações vaginais precoces: "...afirma-se freqüentemente a ocorrência de excitações vaginais precoces. Mas é provável que se trate de excitações do clitóris – isto é, um órgão análogo ao pênis" (1940, v. 23, p.167).

Segundo Freud, faz-se necessário, que a menina saia dessa condição masculina para poder adquirir seus aspectos femininos. Mas como isso ocorre?

Freud considera a observação da diferença anatômica entre meninos e meninas, que ocorre devido a curiosidade sexual infantil, como o momento em que se inicia a modificação do desenvolvimento sexual da menina, denominando-o de complexo de Castração.

Discorrendo sobre a castração feminina, o autor vai construindo esta conceituação tão polêmica em vários momentos:

> *(...) elas notam o pênis de um irmão ou companheiro, notavelmente visível e de grandes proporções, e imediatamente o identificam com o correspondente superior de seu próprio órgão pequeno e imperceptível; dessa ocasião em diante caem vítimas da inveja do pênis (1925, v. 19, p.280).*

> *Quando a menina descobre sua própria deficiência, por ver um órgão masculino, é apenas com hesitação e relutância que aceita esse desagradável conhecimento. Como já vimos, aferra-se obstinadamente à expectativa de um dia também ter um órgão genital do mesmo tipo, e seu desejo sobrevive até muito tempo após sua esperança ter-se expirado" (1931, v. 21, p.241).*

> *(…) o complexo de castração nas meninas também inicia ao verem elas os genitais do outro sexo. De imediato percebem a diferença e, deve-se admiti-lo, também a sua importância. Sentem-se injustiçadas, muitas vezes declaram que querem 'ter uma coisa assim, também', e se tornam vítimas da 'inveja do pênis' (...) (1933, v. 22, p.125).*

A partir, então, da descoberta das diferenças entre menino e menina, abre-se uma ferida narcísica na menina, a da não onipotência. Tem ela ainda que se haver com a falta e a inveja que isto suscita, o que pode acarretar várias conseqüências às meninas:

> *(...) a primeira leva a uma revulsão (sic) geral à sexualidade. A menina, assustada pela comparação com os meninos, cresce insatisfeita com seu clitóris, abandona sua atividade fálica e, com ela, sua sexualidade em geral, bem como parte de sua masculinidade em outros campos. A segunda linha a leva a se aferrar com desafiadora auto-afirmatividade à sua masculinidade ameaçada. Até uma idade inacreditavelmente tardia, aferra-se a esperança de conseguir um pênis em alguma ocasião (...) Só se seu desenvolvimento seguir o terceiro caminho, muito indireto, ela atingirá a atitude feminina normal final, em que toma o pai como objeto, encontrando assim o caminho para a forma feminina do complexo de Édipo. Assim, nas mulheres, o complexo de Édipo constitui o resultado final de um desenvolvimento bastante demorado. Ele não é destruído, mas criado pela influência da castração (1931, v. 21, p.237/8).*

Posteriormente o autor faz referência a isso novamente, colocando que:

> *A descoberta de que é castrada representa um marco decisivo no crescimento da menina. Daí partem três linhas de desenvolvimento possíveis: uma conduz à inibição sexual ou à neurose, outra, à modificação do caráter no sentido de um complexo de masculinidade, a terceira finalmente à feminilidade normal (1933, v. 22, p.126).*

O desfecho dessa descoberta, quando ocorre de forma saudável, possibilita o início do desenvolvimento da feminilidade, uma vez que o:

> *(...) reconhecimento da distinção anatômica entre os sexos força-a a afastar-se da masculinidade e da masturbação masculina, para novas linhas que conduzem ao desenvolvimento da feminilidade (1925, v. 19, p.284).*

Tudo isso levou o autor a constatar que, a partir da descoberta das diferenças entre masculino e feminino, e da inveja que isso suscita, torna-se possível à menina entrar no Complexo de Édipo, voltando-se ao pai como objeto de amor, com a possibilidade de lidar com a diferença e, portanto, com seus aspectos de feminilidade:

> *(...) o complexo de castração prepara para o Complexo de Édipo, em vez de destruí-lo; a menina é forçada a abandonar a ligação com sua mãe através da influência de sua inveja do pênis, e entra na situação edipiana como se fosse um refúgio (1933, v. 22, p.129).*

5.1.2. Complexo de Édipo

Inicialmente, Freud considerava que meninos e meninas entravam em seu complexo de maneira semelhante, porém no percurso de seu trabalho, descarta essa idéia, quando observa que na menina o complexo de Castração ocorre anteriormente ao de Édipo, marcando uma diferença fundamental entre os dois sexos: (...) ”enquanto, nos meninos, o complexo de Édipo é destruído pelo complexo de Castração, nas meninas ele se faz possível e é introduzido através do complexo de Castração” (1925, v. 19, p.285).

Mas, como se realiza o complexo de Édipo na menina?

A partir da descoberta da castração, a menina busca alguma alternativa como forma de suprir essa falta, pois se sente injustiçada, com a fantasia de que o pênis lhe foi roubado, precisando ser reconquistado. Dessa forma:

> *(...) a renúncia ao pênis não é tolerada pela menina sem alguma tentativa de compensação. Ela desliza – ao longo da linha de uma equação simbólica, poder-se-ia dizer – do pênis para um bebê. Seu complexo de Édipo culmina em um desejo,mantido por muito tempo, de receber do pai um bebê como presente – dar-lhe um filho (...) os dois desejos – possuir um pênis e um filho – permanecem fortemente catexizados no inconsciente e ajudam a preparar a criatura do sexo feminino para seu papel posterior (1924, v.19, p.198).*

Observa-se, portanto, que a menina responsabiliza sua mãe pela ausência de um pênis nela, e é isto que a leva a se vincular ao

pai, na expectativa de receber dele o pênis que lhe garantirá sua potência. É, portanto, a esperança da maternidade, que leva a menina a se aproximar do pai e que lhe possibilita descobrir a vagina e sua função sexual. Para tornar isso possível ela busca se identificar com um atributo da mãe, que é a feminilidade. Isso se dá da seguinte forma:

> *Paralelamente ao abandono da masturbação clitoridiana, renuncia-se a uma determinada soma de atividade. Predomina, agora, a passividade, e o voltar-se da menina para seu pai realiza-se com o auxílio de impulsos instintuais passivos (...) semelhante sinuosidade no desenvolvimento, o qual remove a atividade fálica, prepara o caminho para a feminilidade (...) o desejo que leva a menina a voltar-se para seu pai é, sem dúvida, originalmente o desejo de possuir o pênis que a mãe lhe recusou e que agora espera obter de seu pai. No entanto, a situação feminina só se estabelece se o desejo do pênis for substituído pelo desejo de um bebê, isto é, se um bebê assume o lugar do pênis, consoante uma primitiva equivalência simbólica (1933, p.127).*

A partir daí, a menina: (...) “abandona seu desejo de um pênis e coloca em seu lugar o desejo de um filho, e com esse fim em vista, toma o pai como objeto de amor” (1925, v. 19, p.284).

É isso que define a feminilidade para Freud, a capacidade de fazer essa substituição – pênis-filho – podendo, a partir daí, depositar confiança em sua própria capacidade de possuir algo seu, que lhe confira a potência. Caso isso não ocorra, a mulher poderá entrar numa busca incessante de agradar ao homem, o que reflete a repetição da busca do pênis a que a mulher tem que renunciar.

Do ponto de vista psicológico, portanto, é através da resolução do complexo de Édipo que se origina a diferenciação mais

visível entre os sexos. No caso da menina, prepara-a para ser mulher e mãe, que é a sua possibilidade de viver a feminilidade, sendo esta reforçada na puberdade, quando se torna possível a realização desse aspecto, com o estabelecimento do ciclo menstrual.

Para a menina chegar a essa resolução de maneira satisfatória, Freud se volta à fase anterior da menina, mais primitiva que a do complexo de Édipo, quando toma seu pai como objeto de amor – a fase em que necessariamente havia outra figura, a figura da mãe. Nesse caso: (...) “também o primeiro objeto de uma mulher tem de ser a mãe; as condições primárias para uma escolha de objeto são, naturalmente, as mesmas para todas as crianças” (1931, v. 21, p.236).

A figura da mãe, na vida psíquica da menina, passa a ser mostrada como possibilidade fundamental para a construção da identidade da menina.

5.1.3. Fase Pré-Edipiana e a Construção da Identidade Feminina

Freud voltou maior atenção à fase inicial de relação da menina com sua mãe, num momento posterior de seus escritos. Foi a partir de seu trabalho - A Sexualidade Feminina (1931) – que essa relação ganha importância dentro do processo de desenvolvimento da sexualidade da menina.

Esta fase inicial de relação exclusiva entre a menina e sua mãe foi denominada de fase pré-edipiana e:

> *(...) tem nas mulheres uma importância muito maior do que a que pode ter nos homens. Muitos fenômenos da vida sexual feminina, que não foram devidamente compreendidos antes, podem ser integralmente explicados por referência a essa fase (1931, v. 21, p.238).*

Por ser de grande importância no desenvolvimento da vida psíquica da menina e no desenvolvimento da identidade feminina esta fase está sendo abordada neste momento do trabalho, para estabelecimento de seu vínculo com aquilo que pretendemos apresentar.

Busca-se verificar, então, como ocorre a mudança de vínculo da mãe para o pai, ressaltando a importância da fase inicial de relação entre a mãe e a filha para o desenvolvimento posterior da menina, pois:

> *(...) sabíamos, naturalmente, que houvera um estádio preliminar de vinculação com a mãe, mas não sabíamos que pudesse ser tão rico e tão duradouro, e pudesse deixar atrás de si tantas oportunidades para fixações e disposições ... quase tudo o que posteriormente encontramos em relação com o pai, já estava presente em sua vinculação inicial e foi transferido, subseqüentemente, para seu pai. Em suma, fica-nos a impressão de que não conseguimos entender as mulheres, a menos que valorizemos essa fase de vinculação pré-edipiana à mãe (1933, v. 22, p.120).*

Constata-se que a figura da mãe apresenta-se como imagem central ao desenvolvimento da menina, com forte influência na evolução de sua feminilidade, uma vez que:

> *A identificação de uma mulher com sua mãe permite-nos distinguir duas camadas: a pré-edipiana, sobre a qual se apóia a vinculação afetuosa com a mãe e esta é tomada como modelo, e a camada subseqüente, advinda do complexo de Édipo, que procura eliminar a mãe e tomar-lhe o lugar junto ao pai (...) a fase da ligação afetuosa pré-edipiana, contudo é decisiva para o futuro de uma mulher: durante essa fase são feitos os preparativos para a aquisição das características com que mais tarde exercerá seu papel na função sexual e realizará suas inestimáveis tarefas sociais. É também nessa identificação que ela adquire aquilo que constitui motivo de atração para um homem (1933,v. 22, p.133).*

A figura da mãe apresenta-se, portanto, como uma figura de extrema importância no desenvolvimento da criança Trata-se da primeira relação de objeto estabelecida, relação esta de extrema dependência inicialmente, que possibilita à menina a retenção de conteúdos bons em seu interior e do processo de identificação que se inicia neste período para, posteriormente, proporcionar-lhe a independência e autonomia na fase adulta. Isto é assim demonstrado:

> *O primeiro objeto erótico de uma criança é o seio da mãe que a alimenta (...) este primeiro objeto é depois completado na pessoa da mãe da criança, que não apenas a alimenta, mas também cuida dela (...) através dos cuidados com o corpo da criança, ela se torna seu primeiro sedutor. Nessas duas relações reside a raiz da importância única, sem paralelo, de uma mãe, estabelecida inalteravelmente para toda a vida como o primeiro e mais forte objeto amoroso e como protótipo de todas as relações amorosas posteriores – para ambos os sexos (1940, v. 23, p.202).*

Autores recentes evidenciam o quanto a menina precisa obter de sua mãe a capacidade para desenvolver sua feminilidade, dessa forma:

> *(...) a menina precisa arrancar de sua mãe o direito de ser ela própria, identificando-se com sua mãe em seu mundo psíquico interno, mas também precisa de sua mãe, externamente, como guia, como consoladora e auxiliadora nos anos que se seguem (MCDOUGALL, 1997, p.13).*

Neste caso a figura da mãe se faz importante, tanto no que se refere aos aspectos psíquicos que são transmitidos à menina, quanto por sua efetiva presença.

Para Freud, para que a menina consiga atingir sua sexualidade adulta faz-se necessária a mudança de órgão que lhe proporciona prazer, do clitóris para a vagina, bem como a mudança de objeto, ou seja, da mãe para o pai, sendo estas as possibilidades que a levam à feminilidade. Dessa forma, o autor coloca que:

> *(...) com a mudança para a feminilidade, o clitóris deve, total ou parcialmente, transferir sua sensibilidade, e ao mesmo tempo sua importância, para a vagina. Esta seria uma das duas tarefas que uma mulher tem de realizar no decorrer do seu desenvolvimento, ao passo que o homem, mais afortunado, só precisa continuar, na época de sua maturidade, a atividade que executara anteriormente, no período inicial do surgimento de sua sexualidade. (...) Na situação edipiana, porém, a menina tem seu pai como objeto amoroso, e espera-se que no curso normal do desenvolvimento ela haverá de passar desse objeto paterno para sua escolha objetal definitiva. Com o passar do tempo, portanto, uma menina tem se mudar de zona erógena e de objeto – e um menino mantém ambos (1933, v. 22, p.119).*

Freud considerava, portanto, que a mulher para atingir sua feminilidade tem a necessidade da mudança tanto de zona erógena, como de objeto.

Isto, no entanto, não implica muito mais uma questão de sexualidade adulta orgástica, do que questões de feminilidade?

Afinal, o que é essa tal feminilidade? Que implicações e relações se mostram hoje, quando observamos que as mudanças sócio-culturais às quais a mulher está inserida muito se alteraram desde que Freud escreveu seus artigos?

Se a mulher se realizava na maternidade como forma de presentear o homem, hoje ainda a mulher tem essa necessidade? Ou se sente auto-suficiente nesse aspecto, podendo encontrar essa realização de forma mais sublimada, como numa carreira profissional, ou mesmo através de um filho que seja uma produção independente? O que há de verdade nisso? Essa atitude pode ser máscara da realidade em que a mulher vive?

6. TROCANDO SEIS POR MEIA DÚZIA

"Jovens amantes procuram a perfeição,
velhos amantes aprendem a arte de unir retalhos...
e descobrem a beleza na variedade das peças"

Colcha de retalhos

A mulher, dentro do modelo de família patriarcal, sempre teve como papel principal o cuidado da casa, do marido e dos filhos. Cabia a ela obedecer e cumprir com suas obrigações de esposa e mãe somente, uma vez que era economicamente dependente do marido e vista dentro da sociedade como menos capaz que o homem.

A própria educação dada às meninas era de submissão diante do homem e de um interesse voltado exclusivamente às questões da família, sendo ela docemente considerada a "rainha do lar".

Alguns fatores, entretanto, foram aparecendo dentro da história da relação do homem e da mulher, contribuindo para que esta relação não ficasse voltada somente às atividades da casa e do cuidado com a família.

A psicanalista Marie Langer (1978), considera a Revolução Francesa como marco da modificação na relação de subjugação da mulher pelo homem na sociedade ocidental e patriarcal, mostrando que: (...) "foi a Revolução Francesa, com seu lema de igualdade, que pôs pela primeira vez em dúvida que esta subordinação fosse natural e inalterável" (p.18).

O advento da industrialização tornou-se outro marco nesta modificação de relação, principalmente nas classes menos favorecidas, pois:

> *(...) com os descobrimentos técnicos e a transformação do trabalho, que inevitavelmente levava à concentração dos operários na fábrica, o homem abandonou a indústria caseira, e a mulher o seguiu de imediato, não impulsionada pela rivalidade, mas por pura necessidade (LANGER, 1978, p.19).*

Isto se fazia emergente nessas classes, como ainda se faz no momento atual, em que as mulheres menos favorecidas economicamente não têm outra opção a não ser o trabalho.

As mudanças econômicas que a sociedade ocidental vivenciou a partir do século XIX também foi responsável pela alteração:

> *(...) o campo econômico fez implodir no lar a necessidade de expansão profissional da mulher, permitindo à mesma romper com aqueles limites impostos pela atitude psicológica e cultural, que atribuíam a supremacia física, moral e intelectual e conferiam o poder político, social e econômico somente aos homens (NADER, 1997, p.106).*

As guerras, importantes fatos históricos contribuíram para muitas mudanças. Às mulheres premidas pela necessidade, uma vez que seus companheiros não estavam presentes, descobriram o mundo do trabalho:

> *(...) foram as Grandes Guerras, ocorridas no século XX, os eventos fundamentais na conclamação geral das mulheres, principalmente das ocidentais, para entrarem no mercado de trabalho, pois toda a economia ocidental precisou da mão-de-obra feminina. As mulheres substituíram os homens em todas*

> *funções produtivas, desde a indústria armamentista até o cuidado com a família, isto é, as mulheres ocuparam todos os espaços deixados livres pelos homens que guerreavam ou haviam se tornado prisioneiros ou mesmo aqueles que haviam morrido (...) essa experiência de luta produziu no intimo das mulheres um sentimento de capacidade e valor de se governarem por si mesmas, provocando no âmago feminino uma transformação total de comportamento, de caráter irreversível (NADER, 1997, p.119).*

Em nossa época, as mulheres de classe média e alta também sentem a necessidade de fazer algo, e o fazem, saem de seus lares e vão ao trabalho. Para essas mulheres, entretanto, isso ocorre principalmente por questões pessoais, como forma de buscar uma realização maior do que aquela que a vida do lar tem a lhes oferecer.

No século XX, os movimentos feministas tiveram forte influência sobre o modo de viver das mulheres, pois trouxeram à tona idéias que elas não ousavam pensar, ou seja, de busca a um campo de trabalho, até então dominado estritamente pelo homem, de realização individual e de independência. De acordo com Gomes (1998), o feminismo teve:

> *(...) seu apogeu nas décadas de 60 e 70, como um movimento social de reivindicação da mulher para além do mundo doméstico, do existir apenas na relação com o homem, e de questionar a condição da mulher dentro de uma sociedade regida por um modo de produção capitalista (p.53).*

A percepção de sua capacidade transforma as mulheres. Elas já não eram as mesmas. Haviam entrado num caminho sem volta, em que antigos preconceitos e mitos já não se justificavam, pois:

> *As conquistas concretas das mulheres terminaram com o preconceito, enraizado desde o início da nossa história, de sua inferioridade intelectual e emotiva. Tinha demonstrado, e continuava demonstrando ainda mais durante os anos seguintes, que podia competir com o homem (LANGER, 1978, p.20).*

Essa competição se dá quando homem e mulher passam a disputar o mesmo espaço e os muros, que separam a casa da vida pública, começam a ser rompido pelas mulheres. Cada vez mais elas dominam o conhecimento do trabalho em indústrias, comércio, escritórios, escolas e, por fim, começam também a buscar um saber mais elaborado através de estudos e profissões mais especializadas.

A força física já não se justifica como fator de manutenção da superioridade do homem. Outros parâmetros começam a ser levados em consideração quanto à relação de trabalho, visto que o processo de modernização anula as diferenças entre homens e mulheres, uma vez que:

> *Cada dia, a maioria das tarefas perde um pouco mais de sua especificidade sexual. O maquinismo do século XIX tinha começado a desvalorizar a força do homem. O do século XX acabou por torná-la inútil, assim como por aproveitar todo o interesse das destrezas, da minúcia e do jeito femininos. Na era do computador, ninguém mais se preocupa em distinguir as tarefas femininas e masculinas (BADINTER, 1986, p.194).*

Embora saiba que inúmeros fatores contribuíram para que a mulher realmente saísse de seu “lar-doce-lar” e buscasse outras formas de viver e atuar na vida, observa-se que isso aconteceu muito mais por necessidade, principalmente entre as de classes mais baixas, do que por

puro prazer ou forma de realização pessoal. Foi devido à deterioração dos níveis de renda e a conseqüente necessidade de complementar o orçamento doméstico que as mulheres foram impelidas a entrar no mercado de trabalho.

Ainda que isso seja fato, não pode ser generalizado, por se ver que um crescente número de mulheres com condições econômicas favoráveis trabalha fora de casa – donde se infere que não somente a necessidade econômica faz as mulheres assumirem uma posição no mercado de trabalho. Nessa decisão pesam questões muito mais pessoais, em que o trabalho representa um importante espaço de realização em suas vidas.

Essas diferenças podem ser mostradas, quando:

> *Hoje, o significado do trabalho feminino é muito diferente. Embora um grande número de mulheres só tenham motivações econômicas e estejam prontas a fazer qualquer trabalho sem nele encontrar a mínima satisfação – para trazerem um segundo salário para casa – sua condição não é diferente dos homens menos favorecidos. Entretanto, não podemos nos ater a esta única motivação. Na outra extremidade da escala social, o exercício de uma profissão é considerado pelas mulheres como necessário, por duas razões ignoradas ao início do século: o trabalho é a condição de sua autonomia; é também a oportunidade de um desabrochar pessoal que não conseguem mais encontrar no lar (...) para elas, o trabalho não é mais símbolo de fracasso, mas pelo contrário, o sinal mais evidente de sua vitória social, econômica e até mesmo pessoal (BADINTER, 1986, p.195/6).*

Em condições econômicas favoráveis ou não, com qualquer nível de estudo ou pós-graduada, trabalhando fora de seu lar para suprir e complementar a renda familiar ou para sentir-se realizada

pessoal e profissionalmente, é esta mulher que se vê hoje dentro do modo de sociedade capitalista do mundo ocidental.

No entanto, essa mulher, apesar de sair de casa para um trabalho, não deixou de responder a outros papéis que já lhe cabiam – os de dona-de-casa, mãe e esposa. Os filhos ainda a requisitam muito quando está em casa, o próprio marido, na maioria das vezes, ainda conserva um modo de pensar baseado num modelo arcaico, em que os afazeres domésticos são funções das mulheres.

Tal situação representa o cotidiano de muitas mulheres, que assumiram uma sobrecarga de trabalho e responsabilidades e contraditoriamente não se viram correspondidas nessa nova forma de atuação e relação com o homem.

Ao assumir mais uma responsabilidade, a de provedora, além da responsabilidade doméstica que tradicionalmente já lhe cabia, a mulher atual precisa ainda:

> *(...) enfrentar exigências do meio ambiente maiores do que as exigidas ao homem. Deve atender bem a sua casa e seu marido, com quem deve saber chegar ao orgasmo. Tem que dedicar-se a criação e educação de seus filhos. Mas, simultaneamente, deve cumprir fora de casa um horário de trabalho igual ao do homem (LANGER, 1981, p.28).*

O sociólogo Anthony Giddens (1992), mesmo dez anos após Langer, reconhece a posição incomoda e frustrante da mulher que ao assumir também a responsabilidade pelas questões econômicas, não pode comemorar ainda as conquistas, afirmando que:

> *(...) os homens ganharam a sua liberdade, enquanto as mulheres ainda esperam a delas. A independência econômica obtida pelos homens não se tornou disponível às mulheres, que tiveram de assumir as responsabilidades que os homens abandonaram (GIDDENS, 1992, p.168).*

Dessa forma, ficaram somente a encargo da mulher as mudanças necessárias. Ninguém mais se dispôs a se modificar para buscar um novo arranjo dentro da relação familiar. O homem sempre procurou deixar, de forma explícita ou subentendida, a exigência de que a mulher até podia fazer outras atividades fora de casa, desde que ela desse um jeito de concilia-las com suas atividades do lar: (...) “a esposa pode trabalhar, estudar, etc., desde que isso não afete a rotina da família” (Gomes, 1998, p.61).

Observa-se que tanto os homens como as mulheres encontram dificuldades neste novo modo de relacionamento e divisão de atividades, pois trata-se de questões muito arraigadas na forma de pensar de cada um. Muitas questões são discutidas, porém, ainda pouco incorporadas, gerando conflitos entre forma de pensar e as necessidades práticas que estão surgindo, pois: (...) “embora hoje se propague muito a igualdade de papéis e a divisão das tarefas domésticas, observam-se, entretanto, condutas distintas no homem e na mulher” (Gomes, 1998, p.36).

A partir dessas constatações, uma reflexão se impõe:

Isto leva-nos a uma interrogação: Será que a mulher não trocou Seis por Meia dúzia?

Afinal a mulher acabou assumindo mais um encargo para si, na maioria das vezes sem a colaboração de seu companheiro no serviço que tem quando chega em casa. Em muitos lares, até mesmo a presença masculina não se faz mais presente, cabendo-lhe assim a total responsabilidade, até a econômica.

Neste caso, a mulher ainda continua com a árdua tarefa da busca de meios para sua realização, agora num campo maior – o do espaço externo de seu lar – em que as possibilidades são muitas, mas as dificuldades e exigências são mais acirradas, exigindo dela muita competência e responsabilidade. Concomitantemente ao desempenho profissional, ainda existem muitas cobranças com relação ao seu papel de esposa e mãe, permanecendo assim o conflito e a dúvida quanto a essa realização.

São estes aspectos e necessidades que pretendemos pesquisar, pois encontrar algumas razões e respostas para este movimento do feminino é nosso objetivo.

7. OBJETIVOS E ASPECTOS METODOLÓGICOS

Objetivos

Busca-se entender alguns aspetos da construção da feminilidade e o conhecimento da condição psicológica da mulher na atualidade, tendo como população-alvo mulheres que mantenham um relacionamento fixo com um companheiro, que tenham filho ou filhos e que desenvolvam um trabalho fora de sua casa.

Interessa-nos investigar como essas mulheres lidam com os aspectos de sua vida diária, ou seja, o ser esposa, companheira, mãe, dona de casa, trabalhadora fora do lar, com especial atenção aos aspectos psíquicos envolvidos nessas funções da mulher hoje.

Trata-se, portanto, de uma busca ao universo feminino, de uma reflexão sobre os dinamismos psíquicos envolvidos no processo de integração das mulheres à sociedade a que pertencem, criando seus filhos, construindo relacionamentos afetivos com seus companheiros e desenvolvendo atividades laborais, reflexão esta baseada nas respostas elaboradas pelas mesmas em vista dos questionamentos propostos.

Uma verdade é clara: a mulher do início do século XX não é igual e nem se compara à mulher do início do século XXI, tendo-se em vista o aspecto social, suas funções, o modo de vida e os relacionamentos que desenvolve dentro da sociedade. Entretanto, como

se evidenciam os aspectos psíquicos? Como essa mulher tem se sentido? Houve mudanças, significativas ou a mulher simplesmente passou a responder ao que é esperado dela, assumindo prejuízos emocionais e psicológicos?

Método

Como método, Freud expandiu a psicanálise para além da relação terapêutica, possibilitando um aprofundamento do conhecimento do indivíduo, como se observa: (...) “a psicanálise nasceu para dar voz ao emergente e não para corroborar a tradição” (Kehl, 1998, 317).

Neste trabalho, pela utilização do referencial teórico psicanalítico, buscamos a possibilidade de caminhos de acesso a conteúdos do psiquismo feminino que se fazem emergir, a partir das comunicações verbais obtidas por meio da entrevista, nas quais, possivelmente, as mulheres podem deixar aparecer, de forma ampla e tranqüila, os aspectos que se referem ao conteúdo pesquisado.

Material

Para a consecução dos objetivos deste trabalho, foi utilizada a entrevista para a coleta dos dados, uma vez que se trata de: (...) “uma técnica de investigação científica em psicologia” (Bleger, 1991,9).

Foram realizadas entrevistas do tipo semi-estruturado em que um prévio roteiro (Anexo 1), abria possibilidade ao entrevistador para que considerasse todos os aspectos almejados da pesquisa. As questões elaboradas tinham como objetivo nortear o processo das entrevistas, que tiveram uma conotação aberta, no que diz respeito à entrevistada, visto que podia sentir-se à vontade para falar, ainda que num um campo delimitado pelo entrevistador, possibilitando, assim, que os objetivos fossem alcançados.

Após contato prévio com as entrevistadas e esclarecimento dos objetivos da pesquisa, ficou estabelecido o novo contato com dia e hora marcada. As entrevistas foram realizadas no próprio consultório da pesquisadora, uma vez que todas acharam ser um local mais tranqüilo, livre de qualquer interferência para a realização das mesmas.

Foi assinado um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, (Anexo 2) para que as entrevistadas pudessem sentir-se mais seguras quanto à seriedade do trabalho desenvolvido.

As entrevistas foram gravadas e transcritas posteriormente em sua íntegra. As fitas cassetes originais foram identificadas e guardadas pela pesquisadora, sendo utilizados nomes fictícios para as entrevistadas, como forma de preservar a identidade das mesmas.

Sujeitos

Foram entrevistadas quatro mulheres que são casadas, ou que mantêm um relacionamento estável com seu companheiro. São mulheres que já vivenciaram a maternidade e todas elas mantêm vínculo de trabalho fora do lar.

Essas características apresentadas foram determinadas como respondendo aos objetivos de nosso trabalho, procurando tratar-se de mulheres que vivenciam um modo de vida e de relações dentro e fora do lar, de acordo com os moldes atuais de muitas mulheres.

Não foram considerados o nível sócio econômico e nem o de escolaridade, uma vez que o mais importante foi pesquisar a mulher dentro de suas possibilidades psíquicas.

Procedimento de Análise

Privilegiamos a análise qualitativa do expresso por estas mulheres, utilizando o referencial teórico psicanalítico.

8. SER MÃE: IDEAL DA MULHER?

(...) "a gente sempre quer ter um filho
(...) porque é diferente
(...) depois que você tem, muda completamente a vida"
Isabel

Quando a mulher deixa de ser apenas a dona de casa e de corresponder às expectativas de um modelo patriarcal de mulher, ou seja, quando a mulher desenvolve um trabalho fora de seu lar, ausentando-se o dia todo, sem ver os filhos, e sem cuidar da casa, fica a questão: Como esta mulher resolve as questões ligadas à maternidade e maternagem frente a esse novo modelo de vida na qual está inserida?

Faz-se necessário buscar uma compreensão do que a maternidade representa para estas mulheres, quais as mudanças sentidas com a experiência de ter filhos, enfim, verificar como lida com o acréscimo do aspecto profissional. Antes: (...) "o lar era o mundo próprio da mulher, que deveria ter como principal característica o sentimento e a dependência econômica do marido" (NADER, 1997, p.83).

Assim como à: (...) "maternidade se ligava o sentimento de família, caracterizando-se como uma competência especializada totalmente oposta ao engajamento profissional feminino" (NADER,1997, p.98)

De acordo com o que observamos, Marlene valoriza a experiência da maternidade em sua vida. Trata-se de um aspecto positivo das mudanças que pôde viver, quando a maternidade serviu como meio e incentivo a querer caminhar e buscar cada vez mais na sua vida.

"*Aí, é bom, você começa a ver a vida assim, tão diferente. Sabe, porque às vezes, a mãe briga, você fala: ai, minha mãe é chata, mas sabe, assim, é muito bom, muito bom, muito, muito, muito, muito, muito bom, elas vão ficando assim. Sabe, às vezes quando eu tava meio decepcionada com a vida, eu falava, Deus, eu não posso reclamar, eu tenho elas, elas dependem de mim, elas vão ter que crescer e vão crescer bem, se eu souber educar. Então, você muda. Porque assim, mãe implica sempre assim, meu filho".*

Observamos que ela sai da posição de filha para poder se tornar mãe, pois só dessa forma consegue sentir a satisfação da maternidade, de acordo com que Langer (1978), nos mostra: (...) "porque transformar-se em mãe significa para ela deixar definitivamente de ser filha" (1978, 151).

Só quando consegue conciliar a vivência de ser filha, resolvendo atritos, desavenças, ciúmes e angústias na relação com a sua mãe, pode, por sua vez, tornar-se a mãe do filho que traz em si. Uma mãe sensível, capaz e continente, porque pôde deixar para trás o relacionamento infantil e, fundar uma relação de igualdade, carinho e confiança, de identificação enfim, com a sua figura materna.

Pois, de acordo com Freud, para a criança, a mãe é: (...) “estabelecida inalteravelmente para toda a vida como o primeiro e mais forte objeto amoroso e como protótipo de todas as relações amorosas posteriores” (1940 [1938], v. 23, 202).

Dessa forma podemos perceber que a relação que a mulher estabelece, quando ela mesma se torna mãe, já está sendo configurada anteriormente na relação desenvolvida com a sua própria mãe.

A questão da responsabilidade também se torna mais evidente, pois ao se perceber responsável pelo filho, desenvolve a necessidade de ser uma pessoa responsável por si mesma, possibilitando constituir-se aos moldes de sua própria mãe, num modelo identificatório positivo.

Esta responsabilidade, entretanto, às vezes vai mais além, revestindo-se de sentimento de culpa, o que se torna muito evidente na fala de Fátima, quando mostra se sentir responsável por seu filho ter nascido com anemia.

“*Ele nasceu com anemia, mas a gente não sabia, aí, até que no sexto mês a gente foi descobrir a anemia dele (...) a gente, eu não entendia se era porque o nervoso, (eu perdia a fome na gravidez), não sei se foi, ou se eu perdia mesmo. Eu fiquei muito magra, sabe, deve ter sido isso. Pode ter sido uma má alimentação devido ficar nervosa e não comer na hora certa*”.

A questão das responsabilidades e das culpas também é percebida quando não ocorre exatamente o que se espera, como na questão da amamentação, ou seja quando da não possibilidade de amamentar de Fátima.

"*Também culpada de ter dormido em cima do peito, né. Cheguei a me culpar, ai, se eu não tivesse, tivesse acordado, mas é que eu tava cansada, né, eu não conseguia (...) acabei ficando sem amamentar o primeiro filho. Aí o segundo eu não amamentei devido aos problemas ... do marido, eu fiquei muito nervosa (...) então, por isso que eu fiquei sem, que eu acho que foi esses problemas que eu passei tudinho, que me fez eu fica sem o leite (...) o terceiro filho eu consegui amamentar (...) foi uma experiência muito boa, ter conseguido amamentar, porque eu senti, sabe, um arrependimento, de não ter sido mais forte, não sei porque a gente era mais jovem (...) pelo terceiro eu vi que eu amamentei, aí eu vi, deu assim aquela dor de não ter amamentado o primeiro e o segundo".*

Observamos o quanto aparece a culpa por não ter conseguido dar conta desta questão como ela queria, culpando a si mesma, como no caso do primeiro filho, ou atribuindo a responsabilidade ao marido, devido às dificuldades de relacionamento que estavam passando na época do nascimento do segundo filho, numa tentativa de tornar mais suportável a dor que sentiu.

Esta culpa mostra o quanto ainda se faz presente a persistência de representações narcísicas muito antigas no inconsciente da mulher, - ela tem que dar conta de todos os aspectos relacionados ao bem estar de sua prole, muitas vezes recorrendo a um processo autopunitivo, de culpa. Pois, observa-se que:

> *(...) no discurso oficial e no imaginário social, ela evoluiu para uma liberação certa, avalizada e materializada por leis (até certo ponto), mas, no nível individual, a investigação do inconsciente revela a persistência de representações muito antigas, cuja herança se manifesta por ocasião de conflitos que compelem a mulher a recorrer à autopunição ou à expiação (CRAMER, 1997, p.136).*

Já para Marlene a questão da amamentação foi vivida com tranqüilidade num processo, em que também pôde encontrar satisfação.

(...) "eu fui uma mãe que eu amamentei todas as duas. Uma eu amamentei durante um ano, a mais velha e a mais nova eu amamentei durante três anos. Não me arrependo sabe, não tem esse negócio, ai o seio vai cair, deixa cair".

Revela também os aspectos de mudanças percebidas em si mesmas, ou seja, a percepção das mudanças que as tornaram diferentes a partir da experiência da maternidade. Privilegiaram o lugar que os filhos passaram a ocupar em suas vidas.

Marlene fala de suas mudanças pessoais, encontrando na maternidade tanto uma possibilidade de amadurecimento bem como uma

fuga, socialmente bem aceita, do quanto as filhas se tornam o objetivo maior de sua vida.

"*Ah, mudei muito, mudei bastante sabe. Eu passei a ser mais tolerante, que antes qualquer coisa eu explodia (...) tudo é assim, eu aprendi que tudo na vida depois que você tem filhos, você tem que cultivar pra eles*".

Isabel também é sensível sobre a forma sobre como percebe sua vida mudar a partir da chegada dos filhos.

"*É, a gente sempre tem que ter um filho, né, porque é diferente, né, porque depois que você tem, muda completamente a vida, né. É completamente diferente, você, filhos, pros filhos, você não vive pra você mais, tudo você pensa neles (...) depois que você tem filho, né, você tem filhos, você só pensa neles, você vai trabalhar pra eles, né. Tudo o que você faz, em primeiro lugar, é os filhos, depois você, né, sempre assim*".

Os filhos se tornam a razão principal de sua vida, a força de suas ações. Tudo passa a ser para os filhos, ou feito em função deles. Esta dedicação ao outro se complementa com o que ela coloca a seguir, ou seja, do quanto ela acha que ter filhos aparece como algo principal dentro de um casamento, como preenchimento do relacionamento do casal.

"É primeiro eles, bom, eles é a razão da minha vida, né. Então, sem eles eu acho que a gente não conseguiria viver, né, então,

tem que ter, porque senão fica muito monótona a vida do casal, teria que ter filhos mesmo, porque, bom, uma porque é a benção de Deus, e outra que sem filhos acho que fica, teria que adota se não tivesse, né, porque eu acho que fica muito monótona, né, a vida".

Ela traz uma idéia de incompletude, que só tem possibilidade de se realizar com a presença dos filhos. Essa necessidade torna-se a razão de sua vida, que talvez sirva para negar um contato maior com o próprio casamento.

Também se observa, na fala da Glória, o quanto o aceitar e o querer ter um filho está relacionado a uma crença religiosa.

"*Sempre falo que elas são um presente de Deus, né, não sei o que seria de mim sem elas hoje. Então, elas são tudo, dão trabalho tudo, mas, pra mim são minha vida*".

Colocar a responsabilidade pela própria vida no outro, sejam eles os filhos ou o marido/companheiro, é um processo que denota abandono quanto a responsabilidade sobre si mesma enquanto indivíduo, impondo ao outro uma pesada carga, que quase sempre ele não pediu e nem tem condições de carregar.

Já a aceitação da maternidade enquanto crença religiosa pertence ao domínio do discurso da dominação patriarcal.

Observa-se, no entanto, na fala de Glória o quanto ela se apega às filhas como motivo de sua própria existência, trazendo uma

conotação de falta de existência própria, o que se observa em seu relacionamento afetivo também.

A própria gravidez muitas vezes é sentida como algo bonito e gostoso. Parece que poder conter um bebê dentro de si, a possibilidade de gerar vida, essa capacidade que é vivida exclusivamente pela mulher a deixa orgulhosa, trazendo uma conotação de poder. É o que podemos observar na fala de Fátima.

(...) "eu adorava fica grávida, hoje eu tenho saudade. É, eu achava tão bonito, era uma coisa assim muito bonita (...)"

Estas mulheres com quem trabalhamos trazem uma idéia de incompletude, que só tem possibilidade de se realizar, com a presença dos filhos em suas vidas. Afinal, de que falta essas mulheres falam?

Seguindo o pensamento de Freud, podemos ver o sentido de um filho na vida de uma mulher, quando ele nos mostra que:

> *(...) o desejo que leva a menina a voltar-se para seu pai é, sem dúvida, originalmente o desejo de possuir o pênis que a mãe lhe recusou e que agora espera obter de seu pai. No entanto, a situação feminina só se estabelece se o desejo do pênis for substituído pelo desejo de um bebê, isto é, se um bebê assume o lugar do pênis, consoante uma primitiva equivalência simbólica (1933, v.22, 128).*

De acordo com Freud, a maternidade fica para a mulher como meio de realização e compensação pela falta do falo, que sente ter sido lhe negado.

Anzieu (1992), nos apresenta a esse respeito, a busca da mulher pela maternidade para preencher aspectos insatisfeitos de sua pessoa, dessa forma:

> *(...) a evidência da gestação toma por um certo tempo o lugar dos desejos insatisfeitos pelo homem (...) Na falta de se sentir amada, e às vezes de amar um homem, a futura mãe vai amar uma criança e se sentir amada por ela (p.8).*

Essas mulheres, entretanto, estão conciliando as obrigações da casa, do trabalho e dos filhos, porque mesmo nestes tempos de globalização estas atribuições ainda são tradicionalmente tarefas femininas, acabam se sentindo culpadas quando têm que deixá-los aos cuidados de outrem, mobilizando com esta questão sentimentos e angústias conscientes e inconscientes.

Lidar com essas questões de forma tranqüila, sem problemas, é possível? Ou será que isso lhes acarreta culpas, dúvidas e incertezas?

Marlene, a princípio, demonstra não sentir qualquer culpa por deixar suas filhas aos cuidados de outra pessoa e ficar fora de casa trabalhando.

"*Eu não tenho essa necessidade de tar repondo nada pra elas, porque, quando eu tô em casa, assim, eu me considero uma mãe, assim, sabe, mãezona mesmo".*

Porém, na seqüência ela mesma coloca:

"*Sabe, éé é, quero tal coisa, eu dou um jeito, e elas têm".*

Será que isso não é uma forma de tentar suprir sua falta? O possibilitar que sempre as filhas tenham o que desejam, e dessa forma preencher a falta que sente fazer para as filhas.

Fátima fala da sua angústia por ficar fora de casa e não poder estar mais com os filhos.

(...) "em relação ao serviço, casa e filho, né, acho que a gente deixa a deseja um pouco pros filhos, quando a gente trabalha muito, também, às vezes eu tô cansada, chego agora cansada (...) às vezes a gente vê que a gente, que, né, deixa alguma coisinha a deseja, inclusive porque tá um pouco cansada".

Ela ainda confessa o quanto acha que os filhos sentem falta dela, à medida que eles ligam pra ela no serviço todo dia. Deixa entrever em sua fala prazer por haver essa situação de estar sendo requisitada a todo momento pelos filhos e dessa forma, mantendo uma relação simbiótica com os mesmos.

"Eles ligam pro hospital todos os dias, já de manhã (...) eles me buscam sim, as crianças, elas sentem muita falta da gente, mesmo que eles estão com 15, com 16 e com 12. Eles sentem falta mesmo, pelo que eu percebo".

(...) "o pequeno está dormindo comigo quando o pai viaja, o de 12 anos deita na cama comigo".

(...) "teve um dia que eles cataram o colchão da beliche deles do quarto e trouxeram tudo em volta da minha cama e dormiram os três no quarto (...) Ah, eu amo".

Podemos observar por essas falas, que muitas vezes não é somente uma falta sentida pelos filhos, mas que essa falta e necessidade de um preenchimento de espaço também é sentida por ela mesma, que busca na presença dos filhos poder de alguma forma retribuir qualquer falta e dessa forma possivelmente diminuindo a culpa que sente.

Possivelmente isto também esteja relacionado a uma necessidade de sentir-se protegida com a presença dos filhos ao seu redor na tentativa de um preenchimento de um vazio que diz respeito a si mesma.

Isabel, também mostra, com sentimento de ambigüidade, o quanto sua ausência é sentida pelos filhos.

"*É, eu sinto que ele né, é, precisa de mim mesmo, quer que eu esteja ali, do lado dele, tanto é que tem vez que ele deixa de fazer a tarefa, né, é um motivo pra querer que eu esteja perto dele, (...) com o nenê mesmo, eu não tenho muito tempo pra ele, né, e ele sente falta minha, ele quer, ele me vê, ele chora, ele quer que eu pegue, n*é".

Observa-se o quanto ela vive o dilema entre dar conta dos seus dois trabalhos e ter tempo para os filhos, pois, ao mesmo tempo que procura se empenhar e se dedicar ao trabalho como uma forma de

oferecer aos filhos melhores condições de vida, percebe-se sem tempo disponível para lhes oferecer.

"Bom, mas sempre eu dou atenção pra eles, pros meus filhos eu dou, eu não deixo de dá, porque mesmo assim, ainda eu acho que falta, que precisa mais. Precisaria mais tempo pra eles, mas não tá tendo (...) agora eu chego a conclusão, que eu vou ter que largar um pouco, vou ter que deixar uma hora pra eles (...) se você não tira esse horarinho aí, porque eu vou perder no salão, mas eu ganho com eles, senão. A minha preocupação taí, né, com eles, mesmo (...) e assim vai, né, mas é duro pra conciliar, não é fácil não".

Quanto à Glória, vemos o quanto suas filhas sempre ficaram aos cuidados de empregadas, e como encara isso com tranqüilidade. Não há qualquer angústia a este respeito, parece que sempre conseguiu lidar de maneira tranqüila com essa questão, ou preferiu manter um certo distanciamento afetivo neste relacionamento

(...) "eu sempre tive empregada. Então eu não dependia de família, de mãe de sogra, de ninguém. Sabe, minhas empregadas sempre foram muito boas, muito atenciosas, então eu sempre deixei com elas, nunca tive problemas".

Muitas vezes esse alívio por ter alguém para cuidar dos filhos, serve para aplacar a culpa que sente e dessa forma não entrar em contato com o sofrimento de estar longe dos filhos, de não participar constantemente do processo de crescimento destes.

Também o que se observa nestas mulheres é que o seu cuidado vai além dos filhos, ou seja, chega também ao seu companheiro.Muitas vezes, no contexto das nossas entrevistadas, elas assumem uma posição maternal para com este, até mesmo mais do que de casal.

Isto aparece claramente na fala de Fátima, que ela expressa o quanto sua presença na vida de seu marido possibilitou as mudanças deste. Ela fala de um marido que sofreu muito abandono em sua vida.

(...) "eu acho que, hoje eu me sinto bem, parece que eu fiz bem pra ele. Parece que ele viro a pessoa que ele é também hoje, com uma ajuda minha, eu vejo por esse lado também. Ele erro, ele erro, só que ele também nunca teve ninguém pra ajuda ele, pra fala pra ele se era certo ou errado, eu tô achando que, que eu não fui só mulher dele, eu fui mãe dele. Mãe e pai".

Abandono que ela tenta suprir. Mas de que abandono realmente ela fala? Parece que fala muito mais de um sentimento de abandono próprio, que busca suprir ao cuidar do outro. Isto pode ser melhor esclarecido quando, coloca, a respeito de sua família de origem que moram juntos.

"Eu cuido do meu pai, da minha mãe e do meu irmão de 18 anos que mora na minha casa".

Observamos que o cuidar na vida de Fátima é uma presença constante e marcante. Nela há uma necessidade muito grande de estar sempre rodeada por todos e com isso, possivelmente, buscando sentir-se mais segura e necessária.

A vivência e a crença de cuidar do marido, devido às impossibilidades que este apresentou em sua vida também aparecem na fala de Marlene.

(...) "sabe quando você encontra uma pessoa que você acha assim, que é carente, que não é cuidada? Ele não era cuidado, a família não cuidava, a mãe não cuidava, tem muito problema assim de família, de pai, de mãe, de irmãos. Então, eu via ele assim. Pra mim ele se colocava, assim, como assim, a pessoa coitadinha, que era sempre ofendido, todo mundo judiava. Então, ali eu achei, assim, uma pessoa que ia ser, a melhor pessoa do mundo, o melhor companheiro do mundo, porque faltava nele o companheirismo, faltava nele assim, o cuidado, então eu falei, vai ser uma troca, e não foi".

Ela ainda coloca o quanto também se sente responsável pelo crescimento de seu marido, colocando-se como aquela que realmente o estimula a crescer.

"É bom no que faz, só que assim, pra ele tá crescendo eu tenho que tá empurrando. Você vai fazer, eu quero que você faça, você precisa sair daí, não pára, não é árvore, até árvore sai do lugar, cai.

Vamo embora pra frente, entendeu? Então eu tenho que tá empurrando pra ele tá crescendo (...)"

Fica delineada a crença de que podendo estar com alguém que não teve muitas possibilidades de carinho e compreensão na vida, esta pessoa iria retribuir isso à medida que lhe fosse oferecido. O cuidar do outro aparece muito mais como uma forma de sentir-se bem, muito mais uma necessidade própria do que do outro.

Afinal, que necessidade é essa que a mulher vive, de se doar, de cuidar, sendo a maternidade uma das melhores representantes? Possivelmente essa necessidade está relacionada a muito do que foi passado às mulheres sobre a questão de ser mãe, de todos os mitos e lemas tão falados e repetidos em nossa sociedade, pois: "Outrora, a maternidade se definia em termos de devotamento e sacrifícios (...) o símbolo da boa mãe era o pelicano que abre as suas entranhas para alimentar os filhotes" (Badinter, 1986, p. 270).

> *O mito da maternidade que é geralmente aceito na nossa sociedade – um mito que afirma que as mães sentem amor pelos seus bebês e tem sentimentos ternos para com eles, que, em conseqüência do ato biológico de terem dado a luz, as mulheres se tornam diferentes do seu anterior, abnegadas, generosas, experimentando a satisfação suprema de se sacrificarem deste modo – surge cristalizado na imagem da Virgem mãe serenamente sentada com o menino ao colo. Ela está isenta de ansiedade ou paixão e representa a pureza das mulheres ao serviço do filho (KITZINGER, 1978, p.161).*

À mulher fica, portanto, um ideal de santidade em que o sofrimento, a dedicação integral aos filhos representa algo valorizado e

assumido, mesmo que para algumas seja somente diante da sociedade. Apesar dos consideráveis progressos que vêm ocorrendo recentemente com relação aos costumes e relacionamentos, percebe-se que ainda permanecem mesmo que inconscientemente na mulher, representações da identidade da mulher-mãe, representações estas que ainda levam as mulheres a cuidar e cuidar, quer seja dos filhos, do marido ou de sua própria família.

O assumir a responsabilidade do outro também aparece em relação à família de origem, sentido-se responsável pelo que ocorre com todos e querendo dar conta de tudo. Vemos isso acontecer com Marlene.

(...) "o meu marido briga comigo, porque ele fala pra mim assim, que eu peguei toda a responsabilidade da família do meu pai pra mim, mas eu sou a filha mais velha, geralmente filho mais velho leva isso(...)"

Será? Na verdade podemos observar que ela está falando de suas próprias necessidades, em que o cuidar do outro lhe proporciona bem-estar. Além de falar dos ciúmes do marido por vê-la dar a outros a atenção que acredita, por direito, ser só sua, estamos falando de um destino que lhe foi outorgado por essa família a que pertencia, a de que era à filha mais velha que caberia o papel de cuidar de seus pais quando estes ficassem velhos, num resquício de velhos papéis de um

mundo rural e feudal-arcaico que coexiste com o mundo global e moderno em que vivemos.

Paralelamente à necessidade de cuidar da própria família e/ou do marido, vemos que a figura da sua mãe também aparece com grande importância na vida de Marlene, como uma figura em que ela se espelha para ser mãe também.

"Porque assim, é a companheira, é a pessoa que você corre, que você conversa, que você fala, olha não gostei disso sabe, e é a pessoa também que você fala, puxa meu marido fez isso e isso pra mim. Ela fala pra você assim: mas realmente ele tem razão. Entendeu? Eu sou filha, mas eu tando certa, eu tô certa, eu tando errada, eu tô errada. Então, isso é um referencial pra mim, e é assim que eu tenho educado minhas filhas, você ta certa, você tá certa, você tá errada, você tá errada e acabou".

Observamos o quanto a identificação com a figura da própria mãe implica a possibilidade de as mulheres poderem viver o seu papel de mulheres e de mães, pois:

> *(...) a menina precisa arrancar de sua mãe o direito de ser ela própria, identificando-se com sua própria mãe em seu mundo psíquico interno, mas também precisa de sua mãe, externamente, como guia, como consoladora e auxiliadora nos anos que se seguem. Após o tumulto da adolescência, período durante o qual a filha tipicamente rejeita a mãe de quase todos os modos, é freqüente que se volte para a mãe com apego renovado ao tornar-se mãe ela própria" (MCDOUGALL, 1997, 13/4).*

A possibilidade de ser mãe, pelo visto, traz à mulher a possibilidade de uma completude maior em sua vida. Mas será que isso faz da mulher um ser completo, que não necessita de mais nada? Observando o mundo da mulher hoje, com tantas atividades às quais está envolvida, parece-nos que fica sempre um querer, uma necessidade a mais, num processo de busca dessa completude. Pois, de acordo com Anzieu (1992), devemos nos lembrar que (...) “a procriação não é a felicidade da mulher, e sim da mãe” (p.8).

9. A MULHER ENQUANTO MULHER

"... a tendência da mulher hoje é crescer cada vez mais,
só que ela tem que buscar e ter coragem também ..."
Marlene

Observamos até agora que a mulher se vê voltada a aspectos que a absorve o tempo todo, seja no trabalho, em casa, com filhos e com o seu companheiro. E ela, enquanto mulher, quanto aos cuidados de si mesma, de seu próprio bem-estar, como a mulher está vivendo este aspecto de sua vida?

Perceber e entender a forma como ela se cuida e se vê pode explicar sua forma de lidar e se relacionar com as pessoas e seu modo de encarar as dificuldades com as quais se depara.

Quando observamos o que Marlene fala de si, percebemos que ela se mostra sempre como uma mulher muito decidida naquilo que quer, posicionando-se e questionando sempre seu jeito, o que acontece com ela, mostrando-se sempre muito disponível para agir, para colaborar com os outros.

(...) "sou uma pessoa muito boa. Tudo o que é meu é dos outros, mas não mete comigo não, que hora que eu desço das tamancas ninguém pode ficar (..)"

(...) "eu tenho uma personalidade muito forte, eu não me deixo levar pelas pessoas (...)"

(...) "eu sou uma pessoa muito franca nas coisas que eu quero, não tem enrolação comigo não".

"*Acho que isso é muito importante, acho que abraçar a vida sempre e ir embora, não importa de que jeito*".

Essa mulher tão decidida e resolvida, surpreendente e contraditoriamente, apresenta um outro aspecto de si mesma, denotando certo conformismo em sua fala.

"Mas eu não reclamo das coisas, é, tudo pra mim tá bom, entendeu?"

Observamos que ao mesmo tempo, que coloca que tem como filosofia de vida *abraçar a vida sempre e ir embora*, também mostra um outro lado com o uso dessa expressão de conformismo, *tudo pra mim tá bom*, demonstrando certa impossibilidade de se permitir querer mais e mais em sua vida.

Com relação à ambivalência, podemos lembrar Freud: "Nas primeiras fases da vida erótica, a ambivalência é evidentemente a regra. Não poucas pessoas retêm esse traço arcaico durante toda sua vida" (1931, v.21, p.243).

Uma expressão de conformismo também pode ser verificada na fala de Glória, que busca sempre na comparação com os outros, uma forma de aceitar e lidar com suas próprias dificuldades.

"Ah, tem muita gente sofrendo, passando fome, tendo, não tendo onde morar, onde dormir. Eu me conformo sabe, pensando nas pessoas que estão atrás, por trás, né, eu acho que eu tô muito bem. Em vista de outros, eu tô no céu, né".

Esse conformismo se revela também com relação a si mesma, a partir do momento que começou seu namoro. Ela passou a responder ao que o seu namorado, que posteriormente veio a ser marido, queria, deixando de fazer aquilo que sempre foi importante para si mesma. A sua forma de se vestir, as amizades, o modo de enfrentar a vida, sonhos e expectativas de construção de futuro; enfim, seu modo de vida foi deixado de lado para passar a "ser" e satisfazer o desejo do outro.

"*Olha, quando eu era solteira né, a minha vida era muito boa. Sabe, saía, passeava, viajava, ia pra todo lado, sabe, quando eu não tinha namorado. Aí, eu comecei a namorar o R. com18 anos. Aí acabou tudo aquilo pra mim. Então tudo o que eu vivi, acabou, eu não vivi mais, acabou, né. Mas eu falo, o que eu vivi até os meus 18 anos foi maravilhoso, sabe, aproveitei a minha vida, porque depois, era muita cobrança... Muita. É, muito assim, ah, não pode por roupa assim, não pode, sabe. Cobrança com roupa, com modos, sabe, então eu fui relaxando. Eu não passava uma sexta-feira sem fazer uma unha, arrumar o cabelo, hoje acabou, entendeu, eu fui me deixando um pouco de lado, a partir do namoro. Com o casamento foi assim, diminuindo, agora eu não sei falar o motivo disso, porque não sei*".

(...) "aos poucos, eu já não podia fazer mais, tipo, sempre gostei de roupa aberta, decotada, curta, tinha um corpo muito bonito. Acabou. Acabou, sabe, como aquele namoro que fica firme, que, cheio de cobrança, não pode fazer isso, não pode fazer aquilo, pára com isso, pára com aquilo, eu fui me deixando. Acabou".

Num processo de anulação dos próprios valores e desejos, ela foi permitindo que a ideologia passada pela sociedade fizesse o seu estrago. Dentro do casamento em que acreditava encontrar a segurança e o companheirismo de um marido provedor, Glória, a jovem sonhadora e "moderna" acaba se revelando arcaica já que foi...

(...) "aceitando, aceitando e, o pior de tudo (...) até hoje mesmo, não uso roupa curta, né, isso foi acabando (...) não sei porque a gente deixa, né, as pessoas, ahhhh, como se diz, não mandar, né, mas, como se diz, não é manipular também, mas, éé, pra não ter briga a gente aceita, entendeu (...) isso, pra não ter briga, coisas assim piores, então eu aceitava. Tudo bem, não vou fazer mais isso, vou parar com isso, tá certo parei (...) aí eu fui me fechando, acho que aquela vida que eu levava, aquela felicidade, aquelas coisas foi acabando, as amigas, né, minha turminha, acabou, aos poucos foi se acabando. Tanto que mesmo hoje, né, depois de casada, assim, não tenho amigos, assim, pessoas, né, (...) pode ser que seja só um, é (...) ter vindo de antes, de antigamente, desde a época de namoro, né. Então pra não ter contato assim com

pessoas, que ele achava que não era bom, então aos poucos a gente, eu fui deixando as pessoas de lado, os amigos, né, sei lá, não sei por que".

Vemos o quanto passa a se submeter somente aos desejos/imposições do marido, deixando para trás sua própria identidade, amigos, hábitos, costumes, valores, não levando mais em consideração seus próprios desejos, sempre na tentativa de manter a harmonia em seu relacionamento.

Mas até que ponto isso ocorre somente para agradar ao outro? Nesta fala, existe muito de sua própria necessidade. Quando ela passa a responder somente ao desejo do marido, também deixa de se responsabilizar por aquilo que deseja, tornando-se mais cômodo e tranqüilo para abrir mão de tudo que era e queria, mantendo essa posição projetiva sobre o marido.

Percebe que foi aceitando a situação, e sentindo-se incapaz de mudá-la, pois aceitar e ficar nessa posição dependente e infantil dentro da relação parece ter seus ganhos. Tal relação para se manter, necessitou que a mulher se submetesse ao poder masculino, anulando-se como pessoa, num processo de diminuição progressiva da auto-estima até lhe restar quase nada, pois:

> *Quando o amor e o desejo da mulher se libertam de seu aprisionamento narcísico e repressivo para corresponder aos do homem, parece que alguma coisa se esvazia no próprio ser da mulher" (KEHL, 1996, 27).*

Sendo assim, será que ao chegar a este ponto o homem pode finalmente sentir que tem uma mulher à sua altura?

Segundo Freud, ao discorrer sobre o desenvolvimento sexual da mulher, mostra que a menina: (*..) "reconhece o fato de sua castração, e, com ele, também a superioridade do homem e sua própria inferioridade, mas se rebela contra esse estado de coisas indesejável*" (1931, v.21, 237).

O que se pode observar é que Glória não consegue se rebelar. Simplesmente coloca-se numa posição de aceitação desse estado, sentindo uma espécie de imposição de onde ela não consegue sair, em que fica impossibilitada de reconhecer suas próprias qualidades. Desta forma mantém-se numa posição de submissão diante da figura masculina, a qual certamente desempenhou em relação a seu próprio pai e, depois, apenas a transferiu para o marido. Passou do jugo de um senhor para o de outro, situação que nos remete a Nora em de Casa de Bonecas: "Quero dizer que das mãos de papai passei para as suas". (Ibsen, 2000, 94).

Ou seja, ela permaneceu, dentro de seu relacionamento afetivo, respondendo ao que era esperado pelo marido, não se colocando, não se firmando em suas vontades e quereres.

Enquanto observamos o quanto Glória foi deixando de lado o que sempre fez, vemos que Marlene e Fátima caminharam num sentido oposto a este, buscando, através dos recursos que têm, seja no

trabalho, seja nas dificuldades do relacionamento afetivo, meios para crescerem cada vez mais.

Marlene utiliza-se do trabalho como um fator de mudança positiva e nesse sentido, percebe-se ao tornar-se mais vaidosa e cuidar mais de si. Apesar de se considerar este um aspecto externo, o reflexo das mudanças em aspectos internos de sua personalidade, (ao se cuidar para poder se apresentar bem arrumada no seu trabalho) aumenta a sua auto-estima. Ao sentir-se ser bem e valorizada no ambiente de trabalho, essa satisfação de bem-estar torna-se suficiente para desejar estar igualmente bem noutras ocasiões.

"Quando eu era solteira não tinha muito, assim, eu gostava muito de ficar sempre vestida de camisa, não tinha esse negócio de blusinha. Depois, assim, eu mudei muito, sabe assim, principalmente depois que eu mudei também de profissão, então ele fica também meio, assim, sabe, bravo. Ele fala, você não era assim antes. Eu não tinha essa vaidade que eu tenho hoje, de estar assim, eu tô sempre bem arrumada. Eu não tinha vaidade, de usar perfume bom, hoje eu tenho perfume bom e não admito ficar sem ele (...) eu gosto muito de me arrumar, gosto muito de lingerie. Nossa! Sou apaixonada por lingerie (...) não ia em manicure, não ia em cabeleireira, agora eu vou toda semana".

Neste caso a vaidade não lhe aparece como pecado, mas pode ser vivido como algo bom, que lhe proporciona bem-estar.

É este cuidado externo que ressalta e acentua a elevação da auto-estima mostrada por Fátima. Ela relata como se sentia em seu casamento e sobre as mudanças que foram acontecendo e do quanto isso foi importante para ela poder sentir-se melhor na vida. Ela retoma a questão de sua dúvida - se era ou não traída pelo marido e como isso se refletia sobre sua pessoa, de como se sentia como mulher.

"*É uma dor muito forte que a gente sente aqui dentro, sabe? Em 1º lugar a gente se sente assim, que a gente não tem valor pra eles, assim, que não sei lá, não sei dizer como a gente se sente, que a gente deixa a desejar pra eles como mulher, né. Ou senão, a própria, eu me sinto assim, eu sempre me sentia assim, que ele não gostava de mim, que ele não gostava do meu jeito, da minha pessoa. Isso que eu sentia*".

"*Então, eu sentia assim, que eu deixava a desejar, mas eu não sabia aonde que eu deixava a desejar, porque se todo mundo elogiava, falava que eu tinha um corpo bonito, que eu era bonita, que eu não merecia o que que tava passando, e eu me olhava no espelho, não me achava tanto assim, porque talvez ele me deixava pra baixo, porque eu não me sentia assim*".

Observamos que ela enfatiza a presença do corpo bonito, da beleza e da frustração de não conseguir impressionar e seduzir o marido. Coloca o que os outros apontavam para ela e não o que ela realmente sentia, pois não era assim que se via. Construíra uma auto-

imagem negativa, portanto o que os outros falavam não tinha um sentido para ela.

Ela acabava, por isso, apresentando um movimento projetivo sobre o marido, quando na verdade não conseguia se sentir uma mulher com potencialidades, já que para ele poder ser o “dono” de tanta beleza parecia necessitar que ela não fosse tão bonita e interessante quanto outros lhe diziam ser.

Mesmo sendo através dos aspectos externos, vemos que ela inicia algumas mudanças. Percebe também que possivelmente essas mudanças tenham feito com que o marido também mudasse. Até mesmo estar ganhando melhor, além da ascensão social, passando de empregada doméstica a empregada de uma unidade hospitalar, aparece como item positivo para o seu fortalecimento, possibilitando-lhe segurança.

(...) “eu não sei também se foi o serviço no hospital, porque é assim, ele começou a melhorar também, depois que eu comecei a me arrumar mais. Aí eu já tinha o meu dinheiro, era muito mais do que trabalhar de doméstica, né”.

Inicialmente ela apresenta um movimento de mudança, entrando em confronto com o marido e depois passa a chamar sua atenção, mobilizando a auto-estima do marido que, ao se sentir melhor valoriza-a e possibilita-lhe um crescimento na realização pessoal.

"*Eu comecei a me arrumar, comecei a pintar as unhas, ele não gostava que eu pintava as unhas de escuro, nem cortasse muito o cabelo. Eu comecei a fazer tudo o que ele não gostava, tudo, pintar a unha de vermelho. Ele olhou pra mim e falou a 1ª vez: Por que você está pintando essa unha de vermelho? Que coisa feia! Pra que, que você tá reclamando? A biscate (ri), a mulherzinha que me falaram que você tava com ela, pinta o cabelo e pinta as unhas, não é desse tipo de mulher que você gosta? Eu falei isso pra ele, né, eu falei pra ele, não é esse tipo de mulher que você gosta? Por que você tá me enchendo o saco, por que você tá me perguntando? E isso ele já tava até melhorando, melhorando, mas ele não queria sabe, ele tinha assim umas restrições de usar saia curta, essas coisas, ele tinha isso comigo. E eu comecei a ficar moderninha mesmo. Nem brinco eu usava, só usava pequeno, sabe? Eu comecei a comprar brincos grandes, eu só usava assim aquele brinquinho na orelha, assim anéis, tudo, ele começou a notar essa diferença. Então sei lá, eu acho que, será que foi isso que ajudou? Não sei.*"

As restrições apontadas pelo marido ao seu aspecto externo apontam para a identificação de um estereótipo de "mulher fácil" e de mulher honesta. A mulher com quem esse marido era casado era honesta, própria para ficar em casa, cuidar das crianças e da casa. A mulher que pintava os cabelos, as unhas, usava brincos grandes e não era discreta apontava para a "biscate" de riso fácil com quem ele havia sido visto.

Isto nos remete a um modo de pensar muito difundido no século XIX, em que, para se manter a mulher em seu papel de mãe era necessário que o erotismo não estivesse ali presente. Para prazer, era sugerida a figura da prostituta, que correspondia às necessidades do gozo masculino. Pois era necessário:

> *(...) produzir a figura da mãe pela extração sistemática da feminilidade do corpo da mulher, de forma a torna-la compatível com a função terna da maternidade. Em contrapartida, como decorrência da existência de naturezas femininas rebeldes, que se contrapunham à extração de sua sensualidade e de seu erotismo, impõe-se a construção da personagem prostituta (...) aquela que poderia oferecer ao macho a centelha de paixão e de erotismo que inexistiam no universo doméstico do lar (BIRMAN, 1999, 88).*

Ao assumir que podia trabalhar e não ser apenas "doméstica", que podia se arrumar, pintar o cabelo, as unhas, ser dona do próprio corpo e continuar a ser a mulher dele, a mãe dos filhos dele reivindicar também o papel de amante do marido, ela pôde crescer, tornar-se independente e desvincular o gozo e o prazer da prostituta, sem no entanto se dizer e perceber santa.

Se o confronto com o marido foi o 1º passo de mudança, logo em seguida aparece sua relação com as colegas de trabalho, com as quais ela passa a se espelhar e depois a se identificar, conhecendo novas possibilidades para si mesma, já que pode se sentir mulher, tal como elas.

"Era uma coisa assim, que eu via também minhas colegas do serviço tudo arrumadinha, bonitinha, então eu senti vontade de me

arrumar, né. E eu comecei a me sentir mais bonita, eu comecei a andar mais com a cabeça erguida, nariz empinado, né. Quer dizer, ele pode tá fazendo isso comigo, mas eu sou feliz. Eu pensava assim, eu vou me arrumar, hoje eu vou cuidar de mim, pensava assim comigo e me sentia super bem, tanto é que hoje eu só não me arrumo mais porque eu não posso, porque senão eu me arrumava mais. Muitas vezes eu até me arrumo pra ele, sabe. Ele chega no sábado eu tô arrumada, tiro sombrancelhas, pinto as unhas, tudo. Me arrumo pra ele, pra sentir bem, e pelo jeito parece que homem gosta de ver a gente arrumadinha".

Ela pode se sentir e ser mulher, correlacionando a idéia da relação entre o se cuidar e sentir-se bem e a importância disso para o relacionamento, já que pode passar a desempenhar um papel mais ativo na relação sexual.

"*Ah, eu acho que as mulheres têm que se cuidar, né, pra pode se senti bem, não é? Si mesmo, pra gente se senti bem, olhar, a gente tem que se arrumar, porque a gente se sente bonita (...) eu procuro me arrumar, até procuro fazer um regiminho de vez em quando, porque de vez em quando a gente começa a ganha um pesinho, né, toma uma cervejinha, essas coisas, né. Eu acho que a gente se sente bem, a mulher tem mesmo que se cuidar, não só pra agradar o homem, mas pra se agradar a si mesma, eu acho*".

Depois de poder ser mulher para o seu homem, Fátima pôde vir a ser uma mulher de bem consigo mesma.

Essa questão do cuidado de si mesma, da preocupação em estar bem arrumada, de arranjar tempo para si, também aparece na fala de Isabel.

(...) "*eu tento me cuidar, eu não gosto de me ver mal arrumada, eu quero sempre ta com a unha feita, o cabelo arrumado. Eu não gosto de ficar mal arrumada, sempre um espaço eu arranjo. Gosto de roupa nova, gosto também, gosto de me arrumar também, não gosto também de andar de qualquer jeito, né, e uma que o meu marido fala, 1º é a mulher e os filhos, depois eu, então ele fala, compra roupa pra você, pros filhos e depois pra mim (...) eu sempre gostei de roupa nova, sapato novo, quem é que não gosta, né? Eu não consigo ficar sem fazer a minha unha, eu faço, eu acho um tempinho pra mim, entendeu? Pra eu me arrumar, porque isso faz bem pra gente, né, pro ego da gente, se você anda que nem uma maltrapilha aí, o que é que vão falar? Ó aquele homem lá, deixa a mulher trabalhar que nem uma condenada e anda mal arrumada, daquele jeito, né, mas não é isso, eu acho assim, é pra mim. Porque eu gosto de ficar bem arrumada, os meus filhos bem arrumados e o meu marido também, não deixo ele também de qualquer jeito não, senão vão falar que eu não cuido dele, né?*"

Isabel, apesar de buscar uma maior autonomia, ainda se atrela à autorização do marido, ainda é ele que detém o poder, que pode vetar o seu potencial de mulher, ainda é o seu dono. Isabel sente-se

valorizada e mostra a importância que ele lhe dá ao se cuidar, o que não observamos nas outras mulheres entrevistadas.

Observamos que, além da possibilidade de mudança no aspecto externo, a relação com o companheiro faz com que elas possam também desejar mudanças para si.

Este é o caso de Fátima, que reconhece que o contato com as colegas de trabalho lhe proporcionou melhores condições para lidar com as dificuldades no relacionamento com o marido, ou seja, buscou se fortalecer no exemplo que suas colegas falavam ou traziam como relato de suas próprias vidas.

(...) "mesmo com as discussões, eu já tinha outra cabeça, porque eu trabalhava no hospital, conversava muito com o pessoal. Eu já tinha outra cabeça, né. Aí eu não interessava mais, eu não brigava mais, eu já não sofria muito pelo que o marido tava fazendo ou deixava de fazer".

(...) "as amigas falavam assim, ai Fátima, a vida é assim mesmo. Meu marido também é. Às vezes falavam do marido, que o marido tinha problema assim também como o meu marido, e que homem, a maioria deixa mesmo a desejar pra gente, tem muito marido que não ajuda a cuida dos filhos, né, que era assim (...) eu acho o que contribuiu bastante também é que você desabafava tudo, *e nunca, e quando você encontrava nas pessoas também, que as pessoas falavam coisas pra te*

ajudar e não pra te colocar você mais pra baixo, então é onde isso ajudava".

As colegas de trabalho eram companheiras, com as quais ela podia contar, muitas vezes se espelhando no exemplo delas e estabelecendo uma solidariedade que se revelava através de seus desabafos e cumplicidade.

Quanto a Marlene, vemos que ela busca na história de vida de sua mãe um alicerce para o que vive hoje, na tentativa de verificar que ela, apesar de suas dificuldades, ainda consegue um modo de vida melhor do que o de sua própria mãe.

(...) "eu vejo as pessoas assim, minha mãe mesmo, minha mãe trabalhava, chegava o domingo, meu pai trabalhava fora, vinha com aquele monte de roupa, umas roupas vermelhas, imundas... Aí ela ficava o domingo, o dia inteirinho (...) o dia que ela tinha pra descansar ... eu não tenho nada disso, a não ser quando eu enlouqueço que vejo a roupa acumulada lá, que eu vou lá e lavo".

Assim como sua mãe, ela se percebe uma guerreira, em conseguir trabalhar e dar conta de suas filhas e tudo mais que precisa, e ainda não tendo que deixar suas filhas sozinhas como ficava quando a mãe ia trabalhar.

(...) "eu me vejo uma guerreira, porque eu não ganho nada quase e ainda tenho que pagar e ainda anda tudo em ordem, elas

vão pra escola, elas se alimentam direitinho. Então, assim, eu me sinto uma vencedora porque é difícil, é uma situação difícil".

Observamos que para Marlene a figura da mãe tem uma representação muito forte e ela busca se diferenciar da história difícil de vida que esta passou, pois: "... ser mulher é, ao mesmo tempo, ser como a mãe e tentar ser uma outra..." (KEHL, 1998, 303).

Apesar de sentir-se uma guerreira, de dar conta de tudo em sua casa, ela acaba percebendo o quanto se sente estressada com tudo que pegou para si.

"... eu achei cômodo não tá discutindo o orçamento da casa, pra não te que tá gritando no meu ouvido (...) então, pra não sabe, ter que tá discutindo por causa do orçamento de casa, então eu trouxe toda a responsabilidade pra mim. Eu acho que isso me deixa cansada, sabe assim, sempre estressada".

A Isabel também fala do quanto ela é que dá conta de tudo, e do quanto isso também a deixa sobrecarregada.

"... ele falou assim, que eu comandei, eu quero toma conta de tudo. Então eu abracei tudo, ai, depois você começa a sentir a canseira, né, aí, quer dizer, tem que dividi, né, mas a parte do banco é eu mesma que , porque ele não gosta ... eu não sei falar não pra nada, tudo eu acabo cedendo, e aí que você vai ver, né, tem que chegar uma hora e falar, não, vou dar um breque, né. Mas o meu problema é esse, acho que é muito detalhista, muito né, e vamos dizer, não sei falar não, organizar as

coisas, quero organizar tudo certinho, bonitinho, então o meu problema é esse, não sei falar não e sobrecarrega.

Vemos que elas se sentem sobrecarregadas e, no entanto, continuam mantendo sempre sob seu próprio domínio todas as tarefas da casa, além do trabalho fora desta, carregarem “a metade do céu” e ainda devem lutar para o conseguir.

Todas elas incorporaram o discurso machista da supremacia masculina e da submissão feminina; todas elas brigaram para conquistar o direito de trabalhar fora e dentro das suas casas, além de continuarem a ser mães. Passaram também a se responsabilizar por parte da manutenção econômica de seus lares, passaram a ser criticadas por deter o poder de pagar as contas e fazer o serviço bancário. Será que trocaram uma dúzia por seis?

Afinal, que necessidade é essa da mulher? Parece que a necessidade desse controle de tudo, é a forma de compensar o que sentem não ter, ou seja, a potência, o poder do falo. Dessa forma, o fazer e fazer cada vez mais, mostra-se como um meio de reparação deste sentimento de perda.

Quando questionamos Marlene a respeito de como se via como mulher, ela coloca:

“*Eu, como mulher. Bom assim, eu sou uma mulher meio frustrada, porque eu tô gordinha, cheinha*”.

No entanto na seqüência, ela diz:

(...) "eu já vivi assim, a frustração de estar gordinha sabe? Ai que horror. Vou ter que tirar a roupa, tá sobrando banha em tudo quanto é lugar. Agora eu não vivo mais isso, sabe".

Ainda apresenta outra fala a este respeito:

(...) "a questão do corpo que eu vivia antes, de eu achar que... não, não vivo mais isso, porque eu cheguei a conclusão que o Brasil tá no país dos obesos, né, assim, tirando algumas exceções, tá todo mundo com a gordurinha sobrando".

Vemos então que, ao longo do contato, ela vai apresentando na sua fala, as modificações com relação ao que sente sobre si mesma, sua imagem corporal, ou seja, parece-nos que a 1ª fala realmente tem a ver com o que ela realmente está sentindo, entretanto isso parece se tornar algo difícil de aceitar e ter que lidar, buscando minimiza-la, quando generaliza a questão da gordura.

Um outro aspecto revelado por Marlene é o quanto ela coloca que hoje se volta muito para suas filhas, em detrimento de seu casamento. Talvez isso acabe sendo uma forma de não lidar com as dificuldades que sente a respeito de seu relacionamento, apesar de dizer que isto a incomoda. Este aspecto. no entanto, será aprofundado no capítulo a respeito do relacionamento afetivo.

Quanto à Isabel, quando fala de si, percebemos que ela se coloca, desde quando solteira, como uma pessoa sempre muito obediente, com idéias de submissão frente à figura masculina.

"Eu nunca fui rebelde, nunca fui assim de enfrentar o meu pai, sempre foi numa boa, eu aceitava numa boa. Era pra sair às 8 e chegar às 10, eu chegava".

(...) "de repente se eu casasse, por exemplo, grávida, vamos se dizer assim, meu marido podia tacar na minha cara, tá vendo você casou grávida, você podia ter saído com qualquer um, que era isso o que o meu pai falava. Meu pai falava assim, se você chegar a engravidar e um dia você chegar a brigar com seu marido, ele pode tacar na sua cara assim, é, eu andei com você, você engravidou, agora é, você pode ter até saído com outras pessoas, você entendeu? Ele poderia achar que eu, já que eu saí com ele, assim, como, como eu saí com ele, eu podia ter saído com outras pessoas".

Observamos que a submissão aos homens da família é uma constante, primeiro ao pai, depois ao marido, revelando um pensamento masculino, falocêntrico, a respeito do relacionamento homem/mulher, e ela também compartilha esse pensamento. Não parece capaz de questionar a posse do corpo e a percepção da própria sensualidade e sexualidade, deixa transparecer que considera que deve explicações sobre a posse ou a perda da virgindade. O marido é o depositário de um bem e de uma garantia sobre o corpo dela.

Este entendimento ainda pode ser visto quando ela comenta de uma forma generalizada, a respeito das conquistas das

mulheres hoje, vendo somente aspectos negativos dessas mudanças, não conseguindo encontrar os aspectos positivos que ocorreram.

"... porque a mulher eu acho que ela é, ela confundiu a liberdade, é, liberdade, ah, como que se diz, pêra ai, ela tá confundindo o espaço dela, né, ela tá se expondo muito, e tá assim, porque eu já sou mais reservada, né, mas a mulher hoje ela começou a se expor muito, querer ser mais (...) e hoje, que nem a mulher, ela ta trabalhando fora, ela também, ela começa a acha que ela também, tudo ela pode, né. Ela tá confundindo os espaços, vamos se dizer assim, e aí também o que acontece. Se a mulher tá trabalhando, se saindo bem na sua vida profissional, né, às vezes o parceiro dela, ele perde o emprego. Vamos se dizer assim, né - ela sobrevive sozinha. Hoje a mulher sobrevive. Aí, o que acontece, ela começa a tacar na cara do parceiro dela, que ele tá sem emprego, ele tá, e aí começa a ter as desavenças. É onde que acaba terminado o relacionamento aí (...) eu acho que a moçada de hoje é assim, ela só pensa no sexo, né, num trabalha como essas pessoas mais antigas, vamos se dizer assim, só pensa no sexo, só pensa em bagunça, vive a vida aí, não consegue se casa, não tem estrutura pra ter um casamento, né, porque só pensa no sexo, não pensou no amor, não pensa em nada, e se expôs muito eu acho (...)"

Podemos com isso perceber o quanto ela mantém uma perspectiva reacionária, talvez até certo ponto categórica desse aspecto, não conseguindo visualizar aspectos positivos das mudanças que as

mulheres vêm conquistando. Isso ainda pode ser mais uma vez constatado pela seguinte fala:

(...) "eu acho que é isso aí: que a mulher tem que também saber o lugar dela, né, tentar, se você casou, tem que saber o seu lugar, não adianta você querer colocar a carroça na frente dos burros, né, que aí também não dá certo, né, tem que ver o seu lugar, tem que cada um respeitar um ao outro, né, ver sempre os seus limites, né. Mas eu acho, hoje a mulherada tá muito assim, além, né, eu acho que tá muito, é como se diz, perdeu a noção de liberdade. Eu esqueci é liberdade ou libertinagem. Não é liberdade. Perdeu aquele, ela se expõe, eu acho que a mulher ela ficou muito vulgar, eu acho".

Já por outro lado Marlene apresenta um entendimento a este respeito completamente diferente do expresso por Isabel, que busca valorizar as mudanças das mulheres, e suas capacidades.

(...) "a mulher é muito, mas muito, muito mais assim capaz porque, pelo fato dela ser assim muito detalhista, ela assim se coloca muito além do homem e eles não gostam muito".

(...) "na questão familiar eu acho que hoje todas nós somos vitoriosas, porque tá difícil (...) porque antes o marido ele tinha condição de ser realmente o chefe da família, hoje ele não tem. Hoje às vezes a mulher é a chefe da casa, então assim, eu acho que a dona de casa hoje assim, ela é campeã, porque, tem umas que ainda têm

condição ainda de ter alguém que ainda dê uma mão, mas outras são só elas e só elas mesmo".

"Então eu acho que a tendência da mulher hoje é crescer cada vez mais, só que ela tem que buscar e ter coragem também."

Glória apresenta sempre como um questionamento e não como uma afirmação o que pensa a respeito da mulher atual. Observamos o quanto sente dificuldade de falar a respeito por não conseguir fazer afirmativas, mas parece-nos que sempre espera uma resposta concordando com o que fala.

Este comportamento possivelmente reflete a sua própria postura diante das dificuldades que tem, de mantê-las sempre, sem conseguir modificá-las, por mais difíceis que sejam, do quanto ela não consegue confiar em si mesma e em sua capacidade de resolução.

"*A gente sempre ouve, passa assim em televisão, que a mulher hoje é quem, é como você falou, né, que sustenta a casa, que mantém a casa, né, e é assim mesmo, hoje a mulher está se tornando o homem da casa, não é?"*

(...) "*e a mulher hoje é isso, trabalha, cuida dos filhos, trabalha em casa, e muitas vezes não é só dona de casa, não é*?

Este posicionamento é o reflexo de sua própria postura diante das dificuldades que tem, em que ela não consegue confiar e acreditar em sua própria capacidade de se cuidar. Mostra isso quando

fala a respeito das suas dificuldades no relacionamento e que mesmo assim o mantém por achar que não consegue estar só.

"Ah, separada eu acho assim, que eu não, que eu não conseguiria é, a, eu não sei, eu não sei te explicar, não, não sei se é medo de recomeçar, por não ter ninguém comigo, sem amigos, sem, depois assim, sem condições pra sustentar minhas filhas".

Por outro lado vemos que Fátima apresenta um discurso diferente, colocando o quanto amadureceu e o quanto hoje pensa de uma forma diferente do que quando era mais jovem.

(...) "dum certo tempo pra cá, eu penso assim, não foi agora, acho que foi dos trinta anos em diante eu comecei a pensa de uma maneira diferente, eu to com 36 agora, né. Amadureci mais, agora eu sei muito bem o que eu quero pra mim, eu já falei pra ele, que ele se conserto numa época certa, porque eu falo pra ele, se você continuasse, hoje a gente não taria mais junto".

Podemos observar com isso quanto Fátima pôde, através de todos os conflitos que viveu, buscar um crescimento que lhe possibilitou tornar-se mais confiante em si, acreditando mais em suas possibilidades e potencialidades, pois: "No momento, o Outro tem um preço que não deve ser ultrapassado. Ele será desejado, se enriquecer nosso ser, e rejeitado se lhe pedir sacrifícios" (BADINTER, 1986, 267).

No entanto, como podemos perceber, isto não é regra geral partilhada por todas as mulheres, pois assumir uma posição

diferente da esperada pelos outros tem seu preço, e nem toda mulher ainda consegue se posicionar desta maneira. Pois, segundo Kehl:

> *(...) se a repressão da sexualidade foi responsável por manter a mulher durante tanto tempo condenada a um estado de natureza, de impossibilidade de civilizar, no contato com a realidade, seus impulsos; se a maternidade durante tanto tempo foi mantida como único lugar permitido ao exercício de alguma sexualidade, ainda que perversa, para a mulher; a intervenção tecnológica e em seguida ideológica, que nos permitiu separar sexualidade de maternidade e até mesmo – até onde isso é possível – de amor, nos atirou em poucas décadas ao lado dos homens na condição de desejantes (...) A brecha do desejo responsabiliza sexualmente a mulher, como um dia responsabilizou o homem. Ninguém diz 'eu quero/eu desejo' sem se expor aos rigores e riscos da lei; assim como ninguém diz 'eu desejo' sem se expor às determinações do campo social (1996, 67/8).*

Desta forma observamos que a mulher acabou por assumir muito mais responsabilidades para si. Hoje consegue buscar muito mais o que quer, o que lhe satisfaz, adquirindo a possibilidade de amar e trabalhar e, dessa forma, a conquistar sua realização pessoal.

10. MULHER E RELACIONAMENTO AFETIVO

"... a mulher tem mesmo que se cuidar, não só
pra agradar o homem,
mas pra se agradar a si mesma..."
Fátima

No capítulo posterior falaremos sobre algumas mudanças que as mulheres vêm adquirindo e suas conquistas no mundo do trabalho e, conseqüentemente, sobre sua independência financeira. Neste capítulo faz-se a abordagem do aspecto pessoal, o que se refere ao relacionamento homem/mulher, o tipo de mudanças ocorridas, se é que existem, e como hoje a mulher está vivenciando isso.

Buscamos verificar o que a mulher tem vivido em seus relacionamentos, como lida com seus conflitos e dificuldades, como se colocam dentro do relacionamento, o que esperam do companheiro e qual é a realidade em que vivem.

A concepção do casamento considerado e vivido, por muito tempo, como indissolúvel, representante da segurança e do respeito à mulher, atualmente é uma instituição social que passa por uma revisão significativa, conforme se constata pela literatura consultada: "Para muitos, o casamento não é mais um imperativo moral, social ou econômico (...)" (BADINTER, 1986, p.203).

Langer (1981), por sua vez coloca que: “O poder da mulher, em geral, reside em dois fatores: sua capacidade de dar satisfação sexual e de ser mãe” (p.25).

Giddens (1993), entretanto, nos mostra que hoje não só os homens, mas as mulheres esperam muito mais sexualmente de um relacionamento:

> *(...) “As mulheres esperam tanto receber quanto proporcionar prazer sexual, e muitas começaram a considerar uma vida sexual compensadora como um requisito chave para um casamento satisfatório(21/2).*

Apesar disso, o que realmente ainda se pode verificar na relação homem/mulher?

Observamos que a mulher ainda procura acreditar num homem ideal, um príncipe que possa aparecer e realizar seus sonhos. Como não é isso que sempre acontece, a mulher tem que lidar com essa realidade.

Marlene relata que para ela havia a questão do príncipe. Mesmo “todo mundo” querendo lhe mostrar o contrário, de nada adiantava, e foi preciso viver a decepção para perceber qual era a verdade.

(...) “você acha que (...) ele é seu príncipe, que ele vai te fazer feliz (...) Aí, de repente, você vai e encontra tudo aquilo que foram te falando e quando você chega lá, não era nada daquilo realmente. Então,

quer dizer, você vive a mesma coisa que cair da escada, né, e bater com a cabeça (...) só que hoje a gente vive melhor".

Glória também expressa o quanto esperou o melhor do casamento, mesmo com as dificuldades que já apareciam no namoro - as dificuldades para aceitar os ciúmes e a bebida dele.

"Aquele sonho de casamento, né. Vai ser mil maravilha! Eu não esperava o pior assim, só o melhor".

Para estas mulheres acreditar que o relacionamento seria algo bom era uma necessidade, capaz de negar as pressentidas dificuldades. Neste caso o homem aparece como alguém que pode lhes oferecer a completude, a realização plena.

No depoimento de Isabel, percebe-se que ela considera o seu relacionamento como algo bom, com vivências de compreensão de ambas as partes. Seu relato apresenta uma realidade que vem ao encontro de suas expectativas de mocinha sonhadora.

"Oh, eu acho que ele preencheu todos os meus requisitos. Porque é uma pessoa assim, né, que não bebe, que não fuma, que sempre ta com a família, não me deixa pra ir pra bar, pra nenhum lugar, então eu não tenho o que reclamar dele, tudo o que eu pensava eu tenho, né (...) ele sempre dá atenção, o que eu quiser ele faz, (...) então eu não tenho o que reclamar dele, né, não tenho. É o que eu esperava mesmo..."

Isabel reconhece, no entanto, que existem dificuldades inerentes a um relacionamento, e que sabe que isso vai depender muito de como o casal vai lidar com as dificuldades que surgem.

"*Porque nós já brigamos. Já. Isso no começo do casamento. Porque eu falo assim, que até você se adaptar à pessoa tem muito, é, tem assim, aquela fase, né, que quando você casa, cada um tem um costume, né, até você adapta, os dois, né. Mas o D. sempre foi calmo assim, tranqüilo, então, nunca teve aquele problema assim, mas eu falo a gente sempre teve algumas briguinhas, não vou fala que não, mas uma coisa muito séria não tive, né, por isso que eu acho que eu tô até hoje assim, nessa vidona."*

Podemos observar que até mesmo um relacionamento mais tranqüilo como o da Isabel não está livre de conflitos, e que muitas vezes estes vão além, gerando uma série de dificuldades. Muitos são os problemas que surgem, e há necessidade de buscar soluções para estes. Quando essa busca ocorre apenas de um lado, torna-se mais difícil para se chegar a uma solução tranqüila.

Marlene mostra as suas dificuldades e o meio que encontrou para enfrentar essas situações.

"*Eu sou uma pessoa assim, que eu fui agredida fisicamente pelo meu marido, em cinco anos. Meu marido (me) arrumou ´n` amantes, só que eles nunca apareceram, graças a Deus (...) já vivi maus momentos com ele, fui agredida tanto física, como verbalmente.*

Sabe, eu fui pulando por cima disso. Hoje, é assim: não é aquele amor que era antes, que você, assim, seu príncipe. Hoje você vai vivendo, hoje a gente conversa mais, porque, por eu ser uma pessoa muito geniosa, às vezes ele falava e eu não conseguia controlar. Agora não, ele fala eu dou risada, porque foi um meio de eu achar de tá consertando os problemas que a gente tinha. A gente hoje vive bem, a gente conversa, a gente se dá bem, brinca um com o outro, a gente discute, se desentende, mas aquilo não passa disso".

Uma das formas que Marlene arrumou para se defender foi a procura da negação desses problemas, tornando-se indiferente a eles e conseguindo se manter melhor. Reivindicar a convivência com tão "adequado" parceiro? Negar a violência física e psicológica a que foi submetida por tão belo príncipe é um mecanismo que se revelou adequado já que busca a forma de não sofrer tanto, procurando não se deixar influenciar pela pesada realidade como antes.

(...) "pra mim o que foi difícil foi o começo, mas hoje não, eu vejo com naturalidade, mesmo porque assim, se ele quer discutir e brigar eu faço de conta que eu não to ouvindo. Aliás, tudo pra mim agora é assim, (...) eu dô risada, eu vou chorar pra quê? "

(...) "às vezes eu fiquei muito triste, é, chorei muito, assim, levei problemas pra dentro da casa da minha família, mas hoje tudo isso assim, acabou, eu acho que a idade foi chegando e eu fui amadurecendo, serenando, e ele também".

(...) "então, pra não discutir com ele, ele fala, eu dou risada, faço de conta que não escuto, é a melhor coisa. Serenou".

Marlene nega que constituiu uma família com esse "príncipe" violento, já que diz ter levado problemas para dentro da casa da família dela, em que pode-se entender o subentendido de que ela se refere a seus pais, mostrando o quanto ainda é difícil para ela aceitar esse homem, embora o negue verbalmente, mostrando que aprendeu a aceitar a violência e a agressão menosprezando esses fatos, dando risada quando ele insiste na violência.

Quanto à Fátima, vemos que ela expressa até hoje sua dúvida quanto à fidelidade do marido, já que manter a dúvida talvez seja uma forma menos difícil para ela do que reconhecer a verdade, pois o que faria com essa verdade?

"*Ele começou assim sabe, eu não tenho certeza se o meu marido teve outra mulher, né. Ele deve ter tido um envolvimento fora de casa, porque ele começou a brigar muito comigo, ele não me batia, mas eu passava tanto nervoso com ele, que olha, a minha gravidez no sexto mês, sétimo mês em diante foi um tormento".*

(...) "porque ele só queria sabe da vida dele. Ele saía pra onde ele queria, ele largava eu em casa sozinha".

(...) "eu trabalhava a noite, chegava em casa, ficava sabendo que ele tinha saído, passado, ficado até de madrugada fora de casa, a noite que eu trabalhava".

(...) "porque era assim - ele podia ter tudo os problemas da vida - eu ia brigar com ele, tudo ele falava que não fazia, que era mentira. Ele sempre fazia pra eu acreditar que ele podia tá fazendo alguma coisa pra me magoar. Ele nunca queria que eu ficasse sabendo de nada. Eu botava as coisas na minha cabeça".

(...) "mesmo que ele tivesse chegado 2 horas, 3 horas da manhã em casa (...) ele deitava, ele fazia carinho, né, em mim, tudo. Eu ficava pensando assim, ai meu Deus do céu, o que é isso, né? O homem chegava uma hora dessas, às vezes tinha bebido um pouco também, mas não, eu botava na cabeça que era mulher".

A necessidade de acreditar no discurso do marido era tão forte, que lhe impossibilitava buscar a sua verdade, ou mesmo reconhecer aquilo que ela realmente acreditava. Quando ela diz, "*eu botava as coisas na minha cabeça*", ela mostra o quanto não se dava a possibilidade de ao menos poder pensar. Simplesmente acreditava no que ele dizia, sem ao menos questionar, mesmo com todas as evidências que tinha.

"Nunca soube nada, só que era assim, eu era muito, eu não sei se eu era esperta ou eu queria ser esperta demais, porque eu investigava tudo, camisa, cheiro (...) Uma vez eu vi marca de batom, uma outra vez, ele estava dormindo, eu vi uma marca vermelha aqui nele, dava a impressão que alguém tinha chupado ele (...) Então, eram coisas que faziam eu acreditar que era. Imagina, ele negava de pé junto, de joelho,

que não tinha. Mas gente, passava a noite até de madrugada fora (...) Era só bar? Era só farra? Era só forró?"

Essas reflexões mostram que Fátima realmente sabia dos envolvimentos do marido com outras mulheres mas o quanto não queria admitir isso, pois, no seu repertório de atitudes aprendidas e passadas pela sua família de origem, a possibilidade de uma separação, ou mesmo a possibilidade de encarar de frente esta questão não lhe foi transmitida.

Chegou ao ponto de não querer mais a ele, no entanto, o querer mudá-lo sempre foi mais forte. Fica muito evidente na fala dela essa questão, o querer mudar o marido, como ela mesma coloca, de "conserta-lo".

"Cheguei a pôr a mala, fazer a mala e falar, não te quero mais, sai daqui. Imagina, ele não consentia separação, ele não me ameaçava de nada. "Mas pelo amor de Deus, você é a mulher da minha vida, eu não quero separar de você nunca". Como eu podia ser a mulher da vida dele, se ele fazia aquilo comigo? Ele sim era o marido que eu queria, não era? Se eu tava tentando consertar ele, porque o tempo todo, mesmo quando as crianças eram pequenas, eu queria consertar o meu marido".

Busca nesta idéia de querer consertá-lo, remontar o modelo de acordo com a idealização de homem que um dia fez, idéia novamente comprovada, quando ela coloca que na realidade nunca pensou em separação.

"Nunca passou a idéia de separação. Por mais que ele aprontasse, eu sempre queria tá consertando ele".

A busca de entendê-lo a partir da aceitação do modo de vida que ele tinha enquanto solteiro, reforça ainda mais este pensamento. Ela se coloca numa posição muito mais de cuidar do que de manter-se dentro do relacionamento, em seu papel de mulher, exigindo também consideração e respeito.

"Quando eu comecei a ter problema no casamento, que eu comecei a ver que ele queria ser livre demais, eu comecei a lembrar das coisas que ele me falava quando eu era solteira (...) O meu marido, não foi ensinado limites pra ele (...) Então eu comecei a ver que o nosso casamento começo a dar errado também porque ele, ele queria se senti muito livre também. Ele nunca teve ninguém pra fala, "você não vai em tal lugar"..."

Essa necessidade de cuidar do próprio marido também é observado na forma de ser da Marlene. Ela acredita que oferecendo ao marido o que ele não recebeu de sua própria família, torná-lo-ia o homem com quem ela sonhava.

(...) "sabe quando você encontra uma pessoa que você acha assim, que é carente, que não é cuidada? Ele não era cuidado, a família não cuidava, a mãe não cuidava, tem muito problemas assim de família, de pai, de mãe, de irmãos. Então, eu via ele assim, pra mim ele se colocava, assim, como assim, a pessoa coitadinha, que era sempre

ofendido, todo mundo judiava. Então, ali eu achei, assim, uma pessoa que, sabe, ia ser a melhor pessoa do mundo, o melhor companheiro do mundo, porque faltava nele o companheirismo, faltava nele assim, o cuidado, então eu falei, vai ser uma troca, e não foi uma troca".

Procura ainda dentro de sua relação estar sempre motivando-o para ir em busca de mais, de crescimento profissional.

"Você vai fazer, eu quero que você faça. Você precisa sair daí. Não pára, não é árvore, até árvore sai do lugar, cai. Vamo embora pra frente (...) Então eu tenho que tá empurrando pra ele tá crescendo".

Observamos que essas mulheres acabam muito mais se identificando como mães diante de seus maridos do que com o papel de esposa, mulher, amante. Podemos pensar na capacidade de conter, muito presente nessas mulheres, que as leva a uma busca cada vez maior de cuidar.

Assim como a Glória que, mesmo antes do casamento, já percebendo e vendo algumas coisas acontecerem, não lhes dava atenção. Os fatos negativos só começaram a ser percebidos como relevantes quando começaram aparecer as dificuldades no relacionamento.

"Eu sempre via a bebida assim, uma parte, uma coisa muito triste, porque minha mãe, minha mãe sofreu demais com o meu pai, ele também bebia. Então, eu falava pra ele que eu não queria passar o que a minha mãe passou, entendeu? Falo ainda hoje, que tudo o que a

minha mãe passou e , era muito triste, né. Vê briga, né, por causa de pinga, né. Eu falo pra ele que eu não mereço, sabe. Hoje eu já não mereço mais, porque já foi muito sofrimento pra mim, desde pequena."

(...) "mas, não sei assim, eu achava que seria diferente, né, que tudo o que eu vi com a minha mãe, eu achava que não ia acontecer comigo. E algumas vezes já aconteceu, né, brigas, brigas assim, perto das meninas mesmo já aconteceu, né. Que tinha passado com a minha mãe, mas eu achava que não, que nunca ia acontece."

O que leva uma mulher, mesmo quando percebe este tipo de dificuldades, a prosseguir com o relacionamento? Que necessidades são essas que as impedem de ter essa clareza, e as obrigam a permanecer nesse relacionamento? No caso de Glória, percebemos que mesmo com a convivência que teve com seu pai que bebia e com sofrimento de sua mãe com essa bebida, ela acabou buscando para si uma pessoa semelhante a seu pai.

Parece que se diferenciar de sua mãe era algo que não lhe era possível ou permitido, por isso pode ter tido a necessidade de repetir a história, possivelmente mobilizada por um sentir estar traindo sua própria mãe, se buscasse um marido que lhe oferecesse algo bom. Kehl corrobora essa idéia, pois admite que (...) "o que uma mulher teme em represália por suas conquistas é o ódio de outra mulher, aquela a quem se tentou suplantar (...)" (1996, 28).

Aparece de forma inconsciente para Glória sua impossibilidade de buscar algo melhor para si em um relacionamento, pois esse poderia ser um confronto insuportável com sua própria mãe.

Esta situação também pode estar relacionada ao ideal de homem que lhe foi passado e com que cresceu, restando-lhe como única possibilidade a busca de um companheiro aos moldes de seu próprio pai.

> *Todas as mães sopram segredos no ouvido de suas filhas; eles constituem uma base de saber referente ao que é ser mulher e – sobretudo – como estabelecer as relações com os homens. Espera-se para a menina, que seus pais tenham conseguido se entender bastante bem sobre a definição dos papéis ligados ao sexo. Que o pai tenha fornecido uma imagem de mulher que possa concordar com a imagem de homem transmitida pela mãe. Somente então a filha percorrerá serenamente seu destino de futura mulher: afirmará suas prerrogativas de mulher sem denegrir simultaneamente o sexo oposto; poderá assumir seu desejo pelo homem sem vivenciá-lo como uma submissão (CRAMER, 1997, 171).*

O reconhecimento dessa identificação explica-nos o quanto para Glória a realidade que vive hoje está relacionada a uma vivência anterior ainda junto a seus pais, concretizando sua única possibilidade: a submissão.

Deixa transparecer ainda sua queixa do quanto não recebe colaboração de seu marido para compartilhar os momentos necessários, as exigências que aparecem, ou seja, tudo ficava sempre sob a responsabilidade dela, e muitas vezes, mesmo ela fazendo todas as tarefas e tomando para si todas as decisões, acaba não sendo

reconhecida, e ainda, mesmo não o sendo, não consegue se impor diante disso, e simplesmente acaba aceitando.

(...) "tem os filhos, né, marido pra dar atenção, os filhos pra dar atenção, e ainda tem cobranças, né, assim: 'Ah, isso não tá bom, você não olha seus filhos'. Isso dói muito, quando falam isso pra mim, né. Dói muito ouvi isso, mas é assim (...) eu vejo como uma forma de me provocar (...) sabe que tá tudo certo, tá tudo bem, mas ainda fica criticando, mas sempre nessas horas, como eu te falei, nessas horas de bebida..."

Fátima também coloca a sua dificuldade quanto ausência do marido, que nunca se mostrava presente quando ela precisava.

(...) "eu não tenho você – eu falava pra ele – pra me ajudar, pra tá ali, nunca. Você só quer saber da sua vida".

Vemos o quanto elas se mostram insatisfeitas quanto a essa falta de compreensão e companheirismo de seus homens, não conseguindo encontrar neles parceria para vivenciar as dificuldades em seu dia-a-dia.

De acordo com Siloé Pereira Neves, as mulheres: (...) "Esperam do companheiro disponibilidade para conversar, cultivo e valorização da ligação afetiva, troca de confidência, ludicidade, dinamismo interpessoal..." ([198?] p.105)

Já Isabel explicita o quanto de colaboração do marido tem no dia-a-dia da casa e filhos, bem como no relacionamento entre eles.

(...) "quando eu preciso, ele me ajuda. Ele me ajuda sim, na parte de dar atenção na tarefa, coloca os moleques pra estudar, - tem que estudar, tem que fazer tarefa".

(...) "ele é bem compreensivo, (...) meu marido, graças a Deus, eu tenho 18 anos de casada, né, e nunca tivemos assim, atrito nenhum. Ele sempre me ajudou, né, toda a vida ele sempre me ajudou, né. Então eu nunca tive assim problema de relacionamento com ele, nenhum, graças a Deus. Nós vivemos numa santa paz. Não brigamos, a gente não é de brigar, a gente se dá bem, um compreende o outro..."

"Nós sempre estamos juntos, né, se vai participar de alguma coisa da igreja a gente tá junto, em qualquer lugar nós estamos junto, né. Meu marido não tá no bar, não tá em lugar nenhum, sempre comigo..."

Ela fala de um relacionamento, em que os dois buscam realmente construir algo em comum, tanto na vida pessoal como na questão material, que aparece de forma relevante em seu relacionamento.

"Os dois lutando e nós conseguimos, né. Não consegui tudo ainda, mas a gente sempre tem objetivos".

(...) "se a mulher trabalha e o marido também, os dois têm tudo a crescer, né. E nem um, nem outro pode ficar tacando na cara,

'porque eu ganho mais que você, você ganha menos'. Acho que aí o dinheiro é pra um só, um fim só, (...) acho que o dinheiro tem que ser um conjunto pros dois, se é os dois trabalhando pra aquela finalidade, né, que aí, eu acho que o casamento vai pra frente (...)"

(...) "aqui em casa é assim, - é tudo, o dinheiro é um só, é uma conta só pros dois. Nós nunca tivemos problemas, né, não sei se também, se, porque ele não fica em bar, fica em lugar nenhum, não gasta dinheiro à toa".

Isabel fala sobre um bom relacionamento com seu marido, fazendo menção o tempo todo do quanto os dois conseguem se organizar e se dar bem na questão financeira, mostrando isso como ponto marcante para que o relacionamento conjugal se realize de maneira tranqüila.

Mas, nem sempre as coisas acontecem dessa maneira. Neste caso, o que fazer?

Vemos que Fátima fala do quanto sempre procurou conversar a respeito do que estava acontecendo e o quanto isso gerava muitas brigas. Acredita, no entanto, que as mudanças de seu marido se devem a isso, ao seu esforço constante em querer mudá-lo, em querer consertá-lo.

"Conversava. Quando conversava, tinha discussão, quando eu queria falar alguma coisa, vinha a discussão. Aí ele falava alto, mas não batia em mim, quem avançava nele era eu (...) eu sentava na

cama e não deixava ele dormir até as 3 da manhã às vezes, e falava (...) Porque eu não conseguia entender por que uma mulher que fazia tudo pra ele, pros filhos, ele ainda fazia, ficava na rua (...) porque aí eu cobrava mesmo, o meu negócio era cobrar, eu cobrava, eu cobrava, eu cobrava atitude dele (...) uma mudança (...) mulher nenhuma aceita homem que fica no bar, fica na rua, não é? Que deixa a deseja, não é?"

Quanto a Glória, apesar de todas as dificuldades que a bebida gera em sua vida, referindo-se às brigas entre eles, ela acaba sempre procurando considerar a questão financeira difícil pela qual estão passando como a responsável pelos problemas, acreditando que se essa situação se alterar haverá uma melhora no seu casamento. Inicialmente coloca que a questão financeira é o que realmente está atrapalhando seu casamento.

(...) "agora é por causa da situação mesmo, sabe, muito, muito problema, muita dívida, muita conta, é isso que tá atrapalhando".

No decorrer do contato, porém, a questão bebida acaba emergindo de sua fala pois na verdade é o que realmente interfere em seu relacionamento, apesar de ela sentir muita dificuldade em admiti-lo.

(...) "entre nós dois é mais por causa de bebida... a minha parte é por causa de bebida".

(...) "ele não é uma pessoa ruim, ele é muito bom, né, mas o que atrapalha muito mesmo, é jogo, é muito estourado. Quando bebe então, fica tudo pior, né. Quer acaba com tudo, quer briga com todo

mundo, mas ele é uma pessoa boa, e ele também tem essa fé. Ele também tem essa esperança de dentro de 1 ano, 2 anos a gente já muda nossa situação, nessa parte financeira, trabalhando bastante, com roça, como ele tá".

Podemos observar o quanto se mostra ambivalente diante dessa situação, a bebida e a questão financeira. Mesmo reconhecendo a questão da bebida, como prejudicial a seu relacionamento muitas vezes ainda tenta amenizar isto. Atribuir o problema à questão financeira torna-se algo mais tranqüilo, na medida em que se trata de algo temporário, enquanto que a questão bebida tem a ver com uma longa história.

(...) "o que atrapalhou também, atrapalha, às vezes, é a bebida ... Porque o homem, quando bebe vira animal, mas só por causa disso (...)"

"Que atrapalha mesmo, muito, né, é essa parte da bebida, a bebida assim, acaba com qualquer um, né, pode até acabar com o casamento também, né. Mas também não é todo dia, não é direto, não é assim continuo, né, dá pra levar."

Vemos que ela até reconhece que a bebida pode acabar com um casamento, porém, minimiza quando coloca que não é todo dia e traz sempre uma fala muito conformista, como o *"dá pra levar".*

Um outro ponto de dificuldade que aparece no relacionamento de Glória diz respeito à sexualidade. Ela justifica isso pela

canseira que o trabalho fora de casa lhe causa. Ao projetar no trabalho sua dificuldade, não busca compreender o que acontece consigo mesma.

"Você sabe, mulher quando trabalha fora, né... Marido exige muito da gente. Parte sexual mesmo é muito complicado, né, eee, exige e você às vezes não tem vontade, você não quer. Então era o que me atrapalhava nessa parte no casamento".

Além do trabalho, observa-se também o quanto busca na fala de outras pessoas que têm dificuldades sexuais uma forma de se aliviar de suas próprias dificuldades. Aparece aí um certo conformismo e o que é um problema deixa de sê-lo, pois com a idéia de que todas passam por isso e portanto, que é normal, tudo passa a ser visto de uma forma generalizada.

"Eu achava que o problema era comigo mesmo. Eu pensava se as outras mulheres sentiam a mesma coisa, se tinha o mesmo problema. E hoje eu sei que têm, que são todas iguais. Conversando com algumas meninas na Santa Casa, a gente vê que todas têm esse mesmo problema, cobrança do marido nessa parte".

"Não é todo dia que você tem vontade de tá lá nos amores. Não, não é assim. A gente tem, não é, pelo menos comigo, com muitas colegas do meu serviço , não é assim. Tem cobrança do marido sim, mas não é toda hora que a gente tem vontade".

Em seus relatos de vida, não aparecem suas vontades. Ela se mantém numa posição de esposa sem erotismo, sem desejo, vendo-se sem condições para oferecer ao marido um sexo mais ardente.

(...) "problemas desse tipo, igual ao meu, tem muitas, como te falei, muitas colegas minha que trabalhavam no serviço têem esse mesmo problema que eu, de cobrança, do marido achar que não tá bom, (...) na parte sexual, e ainda a gente fala, né, não tá bom, vai procurar onde tá, (...) Mas é tudo assim, da boca pra fora, não tem nada..."

Enquanto muitas mulheres se propõem a reivindicar seus direitos, pois: (...) "a sedução é a revelação plena do desejo feminino, a assunção pela mulher de sua feminilidade, pela qual ela pode dizer: eu quero esse homem e pronto..." (BIRMAN, 1999, p. 92), observamos que Glória se coloca sem direito a esses atributos, revelando-se sem possibilidades de prazer.

Já Marlene expõe e discute suas dificuldades sexuais, porém, buscando entender o que é que pode estar acontecendo com ela, em seu relacionamento.

"Ah! Eu sou uma mulher, bom, assim, eu sou uma mulher meio frustrada, porque eu tô gordinha, cheinha. Às vezes eu me frustro, porque quando a gente era solteiro nosso sexo era muito bom e muito quente. Hoje, assim, sabe, eu tô mais assim, eu quero dormi, eu deitei eu quero dormi. Então nisso assim eu sinto uma falha, sabe. Eu não sei se

ele é exagerado ou se sou eu que tô devagar demais. Nisso eu sinto uma falha, uma falta de realização, porque eu gostaria de poder acompanhar ele, porque sexo é muito bom, muito bom, muito bom, principalmente quando você tá com a pessoa que você gosta, que você gosta, que assim, não te coloca defeito, entendeu?"

Ela também busca verificar o que acontece com as outras pessoas, se isso também ocorre, porém, observamos que não fica como algo a se apegar e se conformar. Seus questionamento permanecem, pois ela percebe que é algo que precisa resolver e não simplesmente aceitar.

"Eu não sei, é uma coisa assim tão difícil, e assim, quando a gente conversa com as outras pessoas, a gente vê que as pessoas também passam esse tipo de coisa, então você começa a enxergar que não é só você. Mas, é uma coisa que eu não consigo definir o motivo, eu já tentei procurar assim, sabe, por quê, por quê, por quê, por quê? Eu não sei se é porque antes era só eu e ele, a gente era solteiro, a gente não tinha compromisso, não tinha que pagar a conta um do outro, sabe, eu não sei se é isso, entendeu?"

"Eu não sei, eu não sei se é a rotina, sabe, eu fico me perguntando. Isso me incomoda, é a única coisa que me incomoda".

(...) "eu acho que o sexo é assim, ele é fundamental, ele não é tudo, mas é fundamental (...)"

"Assim, você não consegue relaxar e quer dizer assim, eu tenho criado nele toda, assim, uma frustração, porque ele tá sempre pronto, e eu só de vez em quando. Então isso me incomoda, é a única coisa que me incomoda. Eu gostaria muito de poder acompanhar ele, sabe de ter pique, mas eu também não sei se assim, se o que cria isso é que toda a responsabilidade vem pra mim e ele só tem a responsabilidade de trabalhar".

Responsabilidade que ela mesma reservou para si, e que coloca como causa de suas dificuldades. Talvez ela também acabe generalizando e atribuindo somente ao aspecto externo a causa de seu problema.

"Eu acho que deve ser realmente o cansaço sabe, assim, toda a responsabilidade que eu tenho hoje, que eu não tinha antes de casar".

Atribuir suas dificuldades somente ao cansaço torna-se uma forma de não buscar perceber os reais motivos de suas dificuldades. Ela nos aponta alguns aspectos relevantes que podemos considerar:

(...) "eu deixei de viver o meu casamento pra viver pros meus filhos (...)"

(...) "eu sinto que eu vivo muito pras minhas filhas e deixo a desejar bastante como esposa, como mulher, dentro das quatro paredes".

Busca uma realização através de suas filhas, mas percebe que isso já não está dando conta de suas necessidades, como possivelmente acontecia anteriormente.

Quanto à figura de homem, observa-se o quanto vê seu marido mais como um menino de quem ela busca cuidar do que como um homem, com quem ela pode estabelecer um relacionamento sexual.

(...) "existe homem bonito. Geralmente eu sou daquela que aflora mais pro lado dos coroas. Eu adoro homem mais velho e ele é um menino. Você olha no meu marido, ele é um menino. Magrinho, ele tem a minha idade, mas ele é magrinho, ele não tem nada assim que chame a atenção. Ele não é um homem bonito, ele é assim sexualmente maravilhoso, mas ele não tem nenhum atrativo (...)"

Apesar de considerá-lo *sexualmente maravilhoso*, não consegue se realizar como mulher nesta relação, pois se permite ser mãe, mas não, mulher.

Observamos que são muitas as dificuldades que acabam aparecendo no relacionamento a dois. Entretanto, quando se fala do aspecto separação, isso acaba ainda se tornando o último recurso para um casal, por vários motivos, que passamos a analisar agora.

A separação é algo que Glória admite aparecer em sua relação, porém, diz que nunca se efetivou e coloca o quanto sente ser algo difícil, mesmo com todas as dificuldades que encontra em seu relacionamento.

"A vida tá difícil, tá sim, né, já pensamos, muitas vezes em separação. Já falamos disso, mas quando a gente vai pôr em prática mesmo, nem um dos dois quer, né. Separar mesmo, é mais da boca pra fora".

(...) "já tive até apoio da minha mãe, né, e dos meus irmãos, mas, no fundo eu vejo que não é isso o que eu quero. Eu não quero deixar ele nessa situação agora, agora que tá tudo ruim, sabe, eu acho que eu mesma não me sentiria bem".

"Eu acho assim, é quando a gente discute, briga, mas depois no final de semana a gente vai à missa, a gente vai junto, sempre junto, né. Isso atrai a gente, não deixa a gente pensar assim numa separação, faz a gente se unir novamente".

"É nessas horas assim, que a gente pensa em separar ou fala assim, da boca pra fora, fala que vai, vai, vai, mas não vai, sabe, acho que Deus volta, põe a mão na gente de novo, né. Deus é amor, acho que pessoas, que não dá pra falar que não tem amor, porque tem amor, né, tem amor".

Observamos que há uma crença muito grande que impossibilita ver o que realmente acontece: a religião aparece como uma razão muito forte para manutenção do relacionamento, mesmo que este esteja seriamente comprometido e impede-as, dessa forma a lidar com as dificuldades que cada um tem.

Fátima também coloca o quanto a questão de preceitos religiosos foi responsável pela manutenção de seu casamento, mas também mostra o quanto isso mudou em sua vida.

(...) "eu nunca quis separa do meu marido, por mais que eu botasse ele pra fora de casa, eu arrumava as malas dele, eu nunca quis (...) desse jeito eu pensava quando eu tava mais nova, (...) porque a criação de casamento é um só, (...) mas hoje em dia, eu já falei pra ele, que se começa não dá certo, por exemplo, ele volta a ir pro baile, volta a ficar até de madrugada na rua, eu não sei se eu agüentaria, eu acho que agora eu não agüento mais".

Ela coloca o quanto hoje se sente mais fortalecida para conseguir lidar melhor com seus problemas, mesmo que fosse sem o marido ao lado. As próprias dificuldades por que passou lhe trouxeram a possibilidade de amadurecer e não ficar presa a ideais impostos, seja pela própria família, sociedade ou religião. Conseguindo hoje se voltar para seus próprios ideais, em que a valorização de si mesma tem uma marca definida, Fátima reconhece:

(...) "a gente quando é jovem, eu não sei, se a gente age pelo impulso, não é? Sei lá o que que é, é muito diferente do que, dum certo tempo pra cá, eu penso. Não foi agora, acho que foi dos trinta em diante, dos trinta anos em diante eu comecei a pensa de uma maneira diferente. Eu tô com 36 agora, né. Amadureci mais, agora eu sei muito bem o que eu quero pra mim, eu já falei pra ele, que ele se conserto

numa época certa, porque eu falo pra ele, se você continuasse hoje, a gente não taria mais junto".

Quanto a Glória, vemos o quanto ela coloca dificuldades a respeito da questão de separação, pois na verdade ela apresenta uma forte dependência desta relação. Não acreditando que possa buscar recursos próprios para se manter. Julga que estes estejam no outro, que o outro contém o bom. Sente que a separação a deixaria vazia, e neste caso, sem possibilidades de realizar-se em sua condição de mulher.

"Eu não me vejo mais sozinha (...) Ah!, tanto tempo juntos, casada, eu não me vejo mais separada, né, por pior que seja, eu acho que separada é pior".

Constata-se que, muitas vezes, as mulheres preferem manter um casamento, mesmo que ruim, a lidar com as angústias que uma separação provoca.

A Isabel acredita muito no amor como forma de manter um casamento, pois percebe-o como única forma possível para a manutenção deste vínculo: um ceder ao outro, possibilitando assim que haja um entendimento entre ambos. Falando do relacionamento ela diz:

"É a dois então, é onde que, se a pessoa não tiver estrutura, ela, eu acho que não consegue, na 1ª barreira ela já, 'ah, não é isso o que eu quero. Tchau, você vai pra lá, você pra cá, né'. Eu acho que é onde que eu também acho que também às vezes é porque falta amor, eu acho. Que se a pessoa não gostar mesmo da outra pessoa, não

adianta casar, né. Acho que ela tem que amar mesmo, se ela ama vai superar qualquer outra, né. E hoje não tem esse amor eu acho, falta também Deus, falta o amor mesmo, né, porque se você ama, você deixa, né, passar muitas coisas, você passa pra lá e aí vai né, mas eu acho que hoje o que falta é o amor mesmo ... então, eu acho que tem que ter o amor mesmo, porque aí você supera tudo".

"Os dois têm que ceder, porque se não cede, não vira, né, não vai dar certo, tem que ser, eu cedo e ele cede, na medida do possível, né.

Na visão de Isabel, um relacionamento para crescer e se fortalecer, precisa de que tanto um como o outro possam ceder, ou seja, relevar algumas diferenças para que os dois consigam se entender e fazer com que o relacionamento seja realmente algo bom, fator de crescimento para ambos.

11. A MULHER E O TRABALHO

"... parar de trabalhar nunca, porque eu acho que quando a pessoa para de trabalhar, ...a velhice chega numa velocidade tão terrível, e as doenças também".
Marlene

Muito já se ouviu dizer sobre as mulheres no mercado de trabalho, de terem saído de suas casas e ido para fábricas, escritórios, salas de aula, casas de família, enfim, para algum lugar de acordo com suas possibilidades de estudo e formação, que lhe possibilitasse algum ganho.

Cardoso (1980) mostra, historicamente, que as mulheres foram muito mais impulsionadas por uma necessidade econômica ao mercado de trabalho do que por um simples desejo de busca de realização pessoal ou de rivalidade em relação ao homem ou ao sistema patriarcal no qual estava inserida. Segundo ela, a:

> *(...) explicação para este fenômeno diz respeito à deterioração dos níveis de renda de grande parte da população trabalhadora brasileira nos últimos anos, necessitando assim da participação das mulheres em atividades remuneradas, visando à complementação do orçamento doméstico (p. 59).*

Nader (1997), também confirma isso, quando coloca que:

> *Apesar da produção ideológica exercida institucionalmente sobre as mulheres, as novas determinações sociais modificaram as relações familiares de dependência feminina. As transformações econômicas e sociais produziram novas*

> *necessidades de consumo e as mulheres viram-se inseridas no mercado de trabalho para complementar a renda da unidade doméstica, ajudando ao sustento familiar (p.165).*

Isto posto, alguns questionamentos têm surgido.

Será que as mulheres, através de seu trabalho, trouxeram para si somente o ganho econômico para ajudar no orçamento familiar, ou têm conseguido ganhos pessoais que não passam simplesmente pela questão financeira?

A resposta a esse questionamento é o que se buscou conhecer através da história das mulheres entrevistadas. Conhecer os motivos que as levaram a buscar um trabalho fora de casa, e o que realmente elas encontraram com o mesmo, pois de acordo com Dejours (1992), a situação do trabalho reflete questões da vida pessoal do indivíduo e dessa forma:

> *(...) oferece-lhe de alguma maneira uma ocasião suplementar de perseguir seu questionamento interior e de traçar sua história. Pela intermediação do trabalho, o sujeito engaja-se nas relações sociais, para onde ele transfere as questões herdadas de seu passado e de sua história afetiva (p.157).*

Freud também ressalta a importância do trabalho como possibilidade de sublimação de impulsos, afirmando que:

> *Nenhuma outra técnica para a conduta da vida prende o indivíduo tão firmemente à realidade quanto a ênfase concedida ao trabalho, pois, este, pelo menos, fornece-lhe um lugar seguro numa parte da realidade, na comunidade humana (...) A atividade profissional constitui fonte de satisfação especial, se for livremente escolhida, isto é, se, por meio de*

> *sublimação, tornar possível o uso de inclinações existentes, de impulsos instintivos persistentes ou constitucionalmente reforçados (1930 [1929], v.21, p. 87/8).*

Fátima enfatiza, num primeiro momento, que o trabalho em sua vida trouxe a possibilidade de ajudar no orçamento familiar:

"Para ajudar o marido eu fui trabalhar numa vizinha, (...) fui trabalhá numa vizinha, pra ajudá nessas coisinhas do neném, porque eu queria ver ele, nascesse tudo bem, né, tivesse essas coisinhas pelo menos pra ele vestir (...) Grávida, fui trabalhar de empregada, cuidava de uma nenezinha".

Ainda, num outro momento,ela enfatiza que:

"Fui trabalhar, né, e fiquei, porque ajudou na despesa da casa, no orçamento (...) foi muito bom trabalhá pra ajudá ele no orçamento dentro de casa, ajudou muito".

Observamos o quanto ela percebe seu trabalho como forma de ajudar o marido no orçamento da casa, mostrando num primeiro momento não sentir nele algo de valor próprio mas apenas de complementação àquilo que realmente é importante, ou seja, o trabalho do marido.

Isto também pode ser observado na vivência de Marlene, quando diz que:

"Além de ter que tá pagando alguém pra tá ficando com elas o dia que eu não tô em casa, ainda pra ajuda nas despesas da casa".

O fato de trabalhar fora pode representar para a mulher não somente uma forma de contribuir para o orçamento doméstico, mas algo importante para conseguir conquistar um modo de vida melhor, oferecendo uma condição melhor aos filhos. Isto pode ser verificado quando a Isabel diz:

"Que nem, no caso, eu ganho mais porque eu luto muito, eu quero mais, você entendeu, é, a gente quer ter, vamos se dizer assim, então, você não se acostuma só com aquele dinheirinho que você ganha, você quer mais, sempre mais (...) eu sou daquela pessoa assim, que quero sempre mais, então eu vou lutando até onde eu puder, com as minhas garrras (...) eu falo, se não fosse pra eles estudar numa escola boa, eu taria só dando aula, eu não precisaria tá me matando".

Essa idéia de Isabel, limita o horizonte dela na sua possibilidade de busca de prazer pessoal no trabalho. Tal reflexão não é recente. Já nos apresentada por Saffioti (1979), há mais de 20 anos. Segundo a autora,

> *Ter um emprego significa, para a mulher, encontrar um modo socialmente aceitável de enfrentar uma situação econômica difícil ou de ampliar os rendimentos da família, de maneira a permitir certa folga orçamentária a fim de proporcionar melhor e mais completa educação aos filhos, alcançar um padrão superior de vida e, até mesmo, certo grau de consumo conspícuo. Até certo ponto e de modo geral, o trabalho feminino pode ser visto como mecanismo de manutenção do status econômico do grupo familiar ou como mecanismo coadjutor no processo de ascensão social (p.300/1).*

Entretanto, observa-se que o trabalho, na vida das mulheres, pode representar outras conquistas importantes além do ganho financeiro, não ficando numa relação direta com a condição do ganho econômico somente: outras satisfações pessoais, pois, de acordo com Badinter (1986), o trabalho também pode ser: (...) “a oportunidade de um desabrochar pessoal que não conseguem mais encontrar no lar” (195/6).

É o que se pode constatar pelo que Marlene diz:

(...) “eu não tenho que reclamar de nada em relação a nada, em relação ao meu serviço, sabe, assim, do fato de eu trabalhar. Eu acho que nem se eu tivesse muito dinheiro sabe (...) parar de trabalhar nunca, porque eu acho que quando a pessoa pára de trabalha, assim, a velhice chega numa velocidade tão terrível e assim as doenças também (...) Acho que se eu puder trabalhar até sessenta, setenta anos, olha , vai ser uma ótima (...) eu acho que trabalhar é bom sempre, bom sempre, bom, bom, bom. Sabe, ocupa a tua cabeça, não fica pensando em besteira. Acho ótimo trabalhar, adoro, adoro o que eu faço, sabe”.

Vemos que o trabalho traz para Marlene a possibilidade de bem-estar físico e psíquico, fazendo com que se enriqueça seu mundo interno.

Com o trabalho a mulher tem a possibilidade de estar num meio de convívio diferente do que vive dentro do lar, com os filhos e marido. Há possibilidade de conhecer novas pessoas, de estar em contato

com novas formas de pensar e, com isso, de adquirir novas experiências e vivências.

(...) "eu acho que dentro do profissional, assim, de onde, da onde eu saí, aonde eu tô agora, foi assim uma coisa muito grande, porque, eu comecei, eu via as pessoas que trabalhavam comigo de uma forma, e hoje eu vejo elas de outra forma, descobri que elas são assim, sabe (...) dissimuladas. Elas são más, sabe, porque tinha pessoas que eu amava de paixão, achava super legal, apesar sabe, assim, do status social, tudo, mas hoje eu vejo de uma outra forma". (Marlene)

Vemos que a Marlene coloca o trabalho como uma possibilidade de conhecer realmente como as pessoas são, com seus defeitos e dificuldades, possivelmente saindo de uma idéia romântica, em que não se vê maldade nas pessoas. A partir disso, tem conseguido discernir melhor os seus relacionamentos.

O convívio com outras mulheres no trabalho, muitas vezes também possibilita a conquista de mudanças em seu jeito de se arrumar, se vestir, de pensar. Permite a descoberta de novas coisas que lhes agradam.

"Quando eu era solteira não tinha muito assim, eu gostava muito de ficar sempre vestida de camisa, não tinha esse negócio de blusinha. Depois assim, eu mudei muito, sabe assim, principalmente depois que eu mudei também de profissão ... eu não tinha essa vaidade que eu tenho hoje, de tá assim, eu tô sempre bem arrumada, eu nunca

assim, eu não tinha vaidade de usar perfume bom, hoje eu tenho perfume bom e não admito ficar sem ele (...) não ia em manicure, não ia em cabeleireira, agora eu vou toda semana (...) Tem essa não. Eu trabalho, eu me cuido mais hoje".

A questão de se arrumar como forma de sentir-se bem, reflete a influência do meio em que se convive, pois perceber isso no outro, acarreta mudanças diretamente sobre sua própria pessoa. Vemos isso também na fala de Fátima:

"Era uma coisa assim, que eu via também minhas colegas do serviço tudo arrumadinha, bonitinha, então, eu senti vontade de me arrumar, né. E eu comecei a me sentir mais bonita, eu comecei a andar mais com a cabeça erguida, nariz empinado".

Perceber-se bonita externamente pode possibilitar à mulher se sentir mais fortalecida, conseguindo dessa forma se impor mais diante dos outros e aumentar sua auto-estima.

No entanto, muitas vezes também o local de trabalho se apresenta como uma possibilidade de refúgio às dificuldades e angústias que vive em casa, como coloca Glória:

"Eu trabalho na Santa Casa e lá é a minha casa, minha casa, me sinto muito bem, né, me dou muito bem com todo mundo, eee, muitas vezes prefiro estar lá do que em casa (...) é, a gente chega em casa, assim, é muita reclamação, né, por parte de todo mundo. Sabe, problemas. Faça isso, faça aquilo. É dinheiro pra isso, é dinheiro pra

aquilo. Então é complicado. Então pra não ter que ouvir tanto problema é preferível ficar no serviço".

Neste caso, bem como em tantos outros, o local de trabalho acaba representando um lugar mais tranqüilo, sem as cobranças que ocorrem em casa, uma fuga, um óasis. Também, muitas vezes acaba sendo um lugar de desabafo e consolo para os problemas pessoais, conseguindo alívio às dores, frustrações e problemas que vivem, pois é nesse local que amizades são feitas e mantidas.

Glória expressa seu alívio quanto às cobranças e exigências do marido na questão sexual, quando vê que suas companheiras também vivenciam situações semelhantes, possivelmente se aliviando de qualquer culpa que possa sentir.

"Eu achava que o problema era comigo mesmo, eu pensava se outras mulheres sentiam a mesma coisa, se tinha o mesmo problema. E hoje eu sei que tem, que são todas iguais. Conversando com algumas meninas na Santa Casa, a gente vê que todas tem esse mesmo problema, cobrança do marido nessa parte".

Compartilhar com as colegas de trabalho vivências semelhantes, diminui as tensões e acaba sendo uma maneira de aceitar melhor o que vive.

"Ah, as amigas falavam assim, ai, Fátima a vida é assim mesmo, meu marido também é. Ás vezes, falavam do marido, que o marido tinha problema, assim também com o marido, e que homem, a

maioria deixa mesmo a desejar pra gente, tem muitos maridos que não ajudam a cuidar dos filhos, né, que era assim".

O valor dado ao trabalho, como possibilidade de falar, ser ouvida e compreendida é mostrado pela Fátima:

"Essas conversas, e também, não sei, parece que quando você arruma emprego e trabalha com bastante gente, assim, você se solta mais, você se abre, você assim, como fala, você não guarda pra si as coisas que você tá sentindo, porque em casa, você não quer falar pra pai e mãe, então, você conta pros amigos, né. Então, eu acho o que contribuiu bastante, também é que você desabafava tudo, e nunca, e quando você encontrava nas pessoas também, que as pessoas falavam coisas pra te ajudar e não pra te colocar você mais pra baixo, então é aonde isso ajudava, né".

O desabafo muitas vezes também contribui para que elas possam sentir-se mais tranqüilas e continuar a caminhada do dia a dia, como mostra Fátima:

"Só que pra minha colega eu contava. Então ajudava muito. Eu saía mais leve de lá. No outro dia tinha, mas ela nunca me deu conselho de separação, porque esse tipo de conselho eu nunca quis (...) Separar não, eu tinha as minhas idéias, só contava pra desabafa. Eu falava que o ouvido dela foi muito tempo pinico e ela falava, mas que nada, ela nem ligava, a lágrima caía também um pouco, mas se limpava, se segurava e boa".

Bem, mas essas mulheres trabalham fora e mesmo assim mantêm uma casa, com filhos e marido, e nem sempre contam com a possibilidade de alguém para ajudá-las, gerando assim uma dupla jornada de trabalho, uma vez que o serviço da casa, ou mesmo a preocupação da organização da mesma, acaba recaindo sobre elas quando chegam, mesmo depois de um dia cansativo de trabalho. Dessa forma, observamos que: “Sentem-se mulheres especiais por uma conjuntura histórica: não mais de submissão mas de sair fora da casa e atuar; mas o trabalho dobrado as sobrecarrega, sentem que fica pesado assumir tudo” (Neves, [198?] p.125).

Como é o caso de Fátima, que, mesmo tendo a sua mãe na sua casa, muito do serviço cabia a ela fazer: trabalhando fora, continua ainda sendo a dona da casa:

“Aí eu chegava em casa, eu lavava a roupa, depois que eu trabalhava a noite inteira, eu lavava a roupa deles, eu cuidava deles, minha mãe me ajudando. Quando eles estavam tudo bonitinho, com almoço e tudo, nós lavava a louça rapidinho, eu sempre queria fazer as coisas tudo muito rápido, né. Eu sempre gostava de ver as coisas sempre tudo limpinha pra mim dormir, senão eu não dormia sossegada. Aí que eu ia deitar e dormir”.

Já a Isabel, que mantém dois trabalhos paralelos, o de lecionar e um salão de beleza, mostra que mesmo tendo uma pessoa que

fique com as tarefas domésticas, sente que sua presença é necessária para as decisões das atividades da casa.

"... tem a minha secretária, que ela faz a parte da casa. Tem vez que eu não tenho tempo, então é ela que se vira, o que ela vai fazer de almoço, né, mas sempre ela pergunta, 'e aí, vai fazer o quê, tal', você tem que tá por trás, né? Não tem jeito".

Observamos assim, o quanto a presença da mulher acaba sendo requisitada dentro de uma casa, e ela tendo que dar conta dessas atividades, mesmo que tenha outras coisas a fazer, mesmo que esteja cansada por tudo o que já tenha feito fora desta.

Mesmo com essa dupla, ou até mesmo tripla, jornada de trabalho, observa-se que as mulheres acabam dando conta de todas essas atividades – possibilidade que vai além do ganho financeiro, gerando crescimento e desenvolvimento pessoal, de acordo com as vivências e experiências de vida de cada uma.

12. CONCLUSÕES

No atual momento, ouve-se muito a respeito das grandes mudanças que o mundo tem sofrido, na questão tecnológica, econômica e social. Pensando nesse processo de evolução, que se revela constante, este trabalho se faz, quando busca conhecer como a mulher está vivendo, quais as mudanças que ela também tem sofrido diante de todas essas transformações. Retomamos nesse momento esses questionamentos, com o intuito de discutir a respeito dos mesmos.

Penso que conclusões definitivas não cabem neste trabalho, por se tratar de um recorte, a respeito de um assunto tão extenso que é o *universo da mulher*. Mulher esta, que hoje já não está confinada ao mundo privado de uma casa para cuidar, em companhia de filhos e marido para oferecer atenção e dedicação integral.

Buscou-se, portanto, entrar neste universo feminino com o intuito de conhecer quais os dinamismos psíquicos que estão envolvidos nesse processo de mudanças e como a mulher tem lidado com os mesmos, quando modernas e arcaicas formas de pensar coexistem, muitas vezes confundindo, gerando conflitos e ansiedades.

O que se observa é que a mulher, por estar sua vida atrelada à procriação, levou esta marca também, quando buscou sair do confinamento do lar, somente sendo “permitido” a ela, num primeiro momento atividades consideradas femininas, como parteira, professora,

enfermeira, enfim, aquelas ligadas ao cuidado do outro, por ser vista como da “natureza da mulher” esta característica.

Mas, enfim, o que pôde ser encontrado quando caminhamos por histórias que foram contadas sob emoções, compartilhadas e vividas com sofrimento e prazer?

Observamos que a maternidade, o trabalho e o relacionamento afetivo são os três pilares que compõem e sustentam a mulher. Trata-se do universo feminino compartilhado por muitas mulheres até hoje, aquilo que as mantém de pé e que as estimula em suas caminhadas.

Quanto ao trabalho, observa-se que este, hoje, representa para algumas mulheres muito mais do que um complemento no orçamento familiar. É uma fonte de possibilidades para o crescimento pessoal, em que se valoriza o contato com outras pessoas e faz com que obtenham prazer, conhecimentos e amadurecimento, tornando-se uma fonte de equilíbrio. Ao encontrarem ressonância naquilo que fazem e do que vivem dentro do âmbito do trabalho, constroem um mundo interno produtivo.

Também pôde ser verificado o quanto a identificação com modelos diferentes de mulheres, no trabalho, faz com que elas possam aproveitar isso e mudarem também, no se cuidar e se perceber mais bonitas. Esse perceber-se mais bonita, entretanto, não se restringe a

questões estéticas somente, mas, à possibilidade de aumento de auto-estima e de valorização própria.

O trabalho, entretanto, também pode ser vivido mais como um meio de refúgio a angústias e dificuldades pessoais do que meio de crescimento. Pode ser entendido como uma forma de aumentar os rendimentos com o objetivo de obter uma melhora no nível social da família.

Em vista disso, podemos reconhecer o quanto o trabalho desempenha na vida da mulher funções importantes. As conquistas são muito maiores para sua vida pessoal e não se restringem a um salário apenas. Possivelmente, isso justifica em parte, a busca das mulheres por uma vida profissional, ou mesmo por um emprego em suas vidas.

Com relação à maternidade, mesmo após a conquista do controle da natalidade, quando a mulher já não se encontra mais sujeita aos acasos de seu sistema biológico, observamos que esta se mantém, para as mulheres com as quais trabalhamos, ainda como um ideal a ser buscado e fonte de realização pessoal. Em alguns casos, ainda se mantém a idéia da presença de um filho, como uma necessidade para um relacionamento, como forma de complementar a união de um casal, ou seja, a maternidade ainda sendo vista como fruto de um relacionamento que a princípio se baseia no amor. Com isso, a preocupação em não poder estar constantemente junto aos filhos, torna-se presente para a maioria delas, e às vezes, sentem-se culpadas por isso. Ao mesmo tempo

em que se verificou a importância quanto a estar com os filhos, observa-se nelas a necessidade de ser requisitada por esses, de tê-los sempre perto delas como forma de preencher uma necessidade própria.

Constatamos que a capacidade de conter, de cuidar também é fundamental nessas mulheres, embora hoje cada vez mais tragam para si mais e mais funções, ou seja, o cuidado da casa, dos filhos, do trabalho fora e do próprio marido, tornando-se muitas vezes sobrecarregadas pelas mesmas. Este acúmulo de atividades pode estar relacionado com uma necessidade de controle pertinente a elas, mas também se observa que, quando as mulheres fazem esse movimento, possivelmente estão fazendo aquilo que os homens tenham deixado de fazer, ou seja, diante das mudanças que ocorreram, percebe-se que os homens não vieram ao encontro de soluções na mesma proporção que as mulheres – dessa forma restando à elas essa parte.

Mesmo assumindo muito mais funções, pode-se observar certa falta de confiança constante em si mesma. Às vezes, a mulher acaba se mantendo numa posição de submissão diante da figura masculina, por não acreditar que também pode encontrar força e potencialidades dentro de si mesma.

O ser mãe de seus próprios maridos, característica muito presente nas falas dessas mulheres, parece apresentar uma função dentro do relacionamento – o modo de impedir que a sexualidade se efetive. A figura da “mãe” afasta, então, as possibilidades que poderiam

ser vividas, mantendo a ordem e a constância do relacionamento. O cuidar passa a ser visto como forma de manter um relacionamento, mesmo que este não traga satisfação e crescimento pessoal, mas por uma necessidade de acreditar que somente assim poderá encontrar segurança. Tal postura, muitas vezes, acaba então refletindo uma necessidade própria e não do outro. Há necessidade de se manter o relacionamento, uma vez que se observa que a separação aparece como última possibilidade apresentada por essas mulheres como resolução das dificuldades encontradas.

Dessa forma, verificamos que, ao valorizar o relacionamento afetivo, ponto importante na vida dessas mulheres, pelo investimento, manutenção e constância, elas também esperam receber compreensão, companheirismo, carinho, enfim, viver a possibilidade de uma troca, ainda que nem sempre aconteça, mas que lutam e buscam para que isso se torne uma realidade em suas vidas.

Muitas conquistas realmente estão acontecendo no mundo feminino, com a mulher saindo de sua casa para trabalhar, assumindo novos papéis dentro da sociedade, enfim, ocupando um lugar antes e sempre designado ao homem. Constata-se que, mesmo com todas essas conquistas, a maternidade ainda se mantém como um ideal para a mulher, assim como foi um dia o trabalho fora do lar e a questão da posse e controle de sua sexualidade – o que hoje já pode estar ao seu alcance.

Com isso podemos pensar o quanto a mulher traz em si um poder transformador, que lhe possibilita conquistar novos espaços em sua vida, trazendo para si e em si, a capacidade de um constante vir a ser, ainda que muitas vezes seja através do olhar dos outros que ela busca encontrar uma confirmação para que possa seguir em frente.

Não se pode tirar conclusões definitivas a respeito do universo feminino, mas podemos deixar espaço para uma ampliação de questionamentos, com a possibilidade de novos e importantes conhecimentos.

Esperamos que esta pesquisa possa estimular novos processos de reflexão a respeito de tema tão fascinante: *a mulher.*

13. REFERÊNCIAS

ANZIEU, A. *A mulher sem qualidade:* estudo psicanalítico da feminilidade. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992. 134p. (Psicanálise).

ARAÚJO, E. A arte da sedução: sexualidade feminina na colônia. In: DEL PRIORE, M. (Org.). *História das mulheres no Brasil*. 5.ed. São Paulo: Contexto, 2001. p.45-77.

BADINTER, E. *Um amor conquistado:* o mito do amor materno. 9.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. 370p.

BADINTER, E. *Um é o outro:* relações entre homens e mulheres. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986. 309p.

BASSANEZI, C. Mulheres dos anos dourados. In: DEL PRIORE, M. (Org.). *História das mulheres no Brasil*. 5.ed. São Paulo: Contexto, 2001. p.607-639.

BIRMAN, J. *Cartografias do feminino.* São Paulo: Editora 34, 1999. 219p.

BLEGER, J. *Temas de psicologia:* entrevista e grupos. 5.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991. 113p. (Coleção psicologia e pedagogia)

CARDOSO, I. *Mulher e trabalho*: discriminações e barreiras no mercado de trabalho. São Paulo: Cortez, 1980. 101p.

CARNEIRO, S. Identidade feminina. In: SAFFIOTI, H. I. B. ; MUÑOZ-VARGAS, M. (Orgs.). *Mulher brasileira é assim*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1994. p.187-193.

CIRENZA, F. Fernanda Montenegro: uma figura e tanto. *Marie Claire.* n. 120, p. 42-46, mar. 2001.

COSTA, J. F. *Ordem médica e norma familiar.* 3.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1983. 282p.

CRAMER, B. *Segredos femininos*: de mãe para filha. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997. 174p.

DEJOURS, C. Uma nova visão do sofrimento humano nas organizações. In: CHANLAT, J. F. (Coord.). *O indivíduo nas organizações*: dimensões esquecidas. São Paulo: Atlas, 1996. p.149-173.

FEMINILIDADE. In: FERREIRA, A. B. H. *Aurélio século XXI:* o dicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999. p. 892.

FERRARI, A.; STELLA, A. B. *Aurora do pensamento:* do teatro edipiano aos registros da linguagem. São Paulo: Editora 34, 2000. p. 368.

FIGUEIRA, S. A. *Uma nova família?* O moderno e o arcaico na família de classe média brasileira. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.

FREUD, S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. (1905). In: _____. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud.* Tradução Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v.7, p. 117-229.

FREUD, S. A organização genital infantil (uma interpolação na teoria da sexualidade). (1923). In: _____. O*bras psicológicas completas de Sigmund Freud.* Tradução Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v.19, p.153-161.

FREUD, S. A dissolução do complexo de Édipo. (1924). In: _____. O*bras psicológicas completas de Sigmund Freud.* Tradução Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 19, p.189-199.

FREUD, S. Algumas conseqüências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos. (1925). In: _____. O*bras psicológicas completas de Sigmund Freud.* Tradução Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 19, p. 271-286.

FREUD, S. A questão da análise leiga: conversações com uma pessoa imparcial. (1926). In: _____. O*bras psicológicas completas de Sigmund Freud.* Tradução Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 20, p.173-248.

FREUD, S. O mal-estar na civilização. (1930 [1929]). In: _____ *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud.* Tradução Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 21, p. 65-148.

FREUD, S. Sexualidade feminina. (1931). In: _____. O*bras psicológicas completas de Sigmund Freud.* Tradução Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 21, p. 229-251.

FREUD, S. Feminilidade. (1933). In: _____. O*bras psicológicas completas de Sigmund Freud.* Tradução Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 22, p. 113-134. (Conferência XXXIII).

FREUD, S. Esboço de Psicanálise (1940 [1938]) In: _____. O*bras psicológicas completas de Sigmund Freud.* Tradução Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 23, p. 151-221.

GAY, P. Luzes trêmulas em continentes negros. In: *Freud*: uma vida para nosso tempo. São Paulo: Schwarcz, 1991. p. 454-474.

GIDDENS, A. *A transformação da intimidade:* sexualidade, amor & erotismo nas sociedades modernas. São Paulo: Editora UNESP, 1993. 228p. (Biblioteca básica).

GOMES, I. C. *O sintoma da criança e a dinâmica do casal.* São Paulo: Escuta, 1998. 154p.

IBSEN, H. *Casa de bonecas.* Mairiporã: Veredas, 2000.102p.

KEHL, M. R. *A mínima diferença:* masculino e feminino na cultura. Rio de Janeiro: Imago, 1996. 269p.

KEHL, M. R. *Deslocamentos do feminino:* a mulher freudiana na passagem para a modernidade. Rio de Janeiro: Imago, 1998. 344p.

KITZINGER, S. *Mães*: um estudo antropológico da maternidade. Lisboa: Editorial Presença, 1978. 221p. (Coleção Clivagens).

LANGER, M. *Maternidade e sexo:* estudo psicanalítico e psicossomático. Porto Alegre: Artes Médicas, 1981. 266p.

McDOUGALL, J. *As múltiplas faces de Eros:* uma exploração psicoanalítica da sexualidade humana. São Paulo: Martins Fontes, 1997. 270p.

NADER, M. B. *Mulher:* do destino biológico ao destino social. Vitória: EDUFES, 1997. 177p.

NEVES, S. P. *Homem-mulher e medo* – metáforas da relação homem-mulher. Petrópolis: Vozes, [198?]. 199p.

WINNICOTT, D. W. Preocupação materna primária (1956). In: _____ *Textos selecionados:* da pediatria à psicanálise. 4.ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1993. p.491-498.

14. ANEXOS

ANEXO – A

ROTEIRO DE ENTREVISTAS

1. Verificar alguns aspectos da vida da entrevistada hoje, questões sobre: casamento, relacionamento afetivo, filhos e trabalho.
2. Verificar como ela concilia essas questões em sua vida.
3. Investigar as dificuldades com relação aos aspectos que estão sendo abordados.
4. Como é para ela trabalhar fora de casa?
5. Como é para ela conciliar trabalho, casa e filhos?
6. Como vive a experiência do casamento, da relação a dois?
7. Como é vivida a questão da sexualidade?
8. Com relação a beleza, aos ideais apresentados, como vive esses aspectos com relação a si mesma?
9. Como ela percebe, ou vê a condição da mulher hoje dentro da sociedade?

ANEXO - B

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Após ter sido devidamente informada pela pesquisadora Giselda Aparecida Moro, dos objetivos e métodos do estudo **"O RETRATO DA MULHER HOJE: Realidade e Desejos**", por ela sendo realizado, eu _____ abaixo assinada, voluntariamente concordo em participar do estudo referido.

Sou consciente, que todas as informações por mim reveladas para este estudo, não poderão ser utilizadas para qualquer outro fim, e que posso interromper a minha participação em qualquer momento, sem que esta decisão venha me prejudicar, salvo se o material já tenha sido publicado em trabalho cientifico.

Também estou esclarecida, que os dados fornecidos não serão colocados de forma que possa haver identificação com a minha pessoa.

Além disso, declaro que o meu consentimento é livre e esclarecido, livre de vícios, dependência, subordinação ou intimidação.

Nome: _____

Assinatura: _____

ANEXO – C

ENTREVISTA 1

DATA: 27/12/01

MARLENE: 30 anos, recepcionista, formação de magistério completo, casada há 10 anos, duas filhas.

ENTREVISTADOR:

Gostaria que você pudesse estar falando um pouco sobre você, sobre a sua vida, dentro do casamento, dentro do trabalho, a questão de filhos, maternidade, como você vive estas questões em sua vida. Fique a vontade para começar por onde você quiser, da forma que você quiser estar falando.

ENTREVISTADA:

Bom, eu sou uma escorpiana de 30 anos, sou uma pessoa muito boa, tudo o que é meu é dos outros, mas não mete comigo não, que hora que eu desço das “tamancas” ninguém pode ficar..... Assim, no meu trabalho, eu gosto muito do que eu faço, antes quando eu tava na limpeza, eu também amava, porque eu amo fazer limpeza. Assim, eu ouvi muita coisa, muita critica, porque o pessoal falava, você é professora, o que é que você tá fazendo limpando chão. Eu encontrei muita gente, assim, pra me ofender, a termos de falar pra mim assim, você não tá lecionando porque você não tem capacidade, sabe. Eu fui lidando com tudo isso numa boa, porque eu acho assim, minha mãe não é alfabetizada, mas ela ensinou pra gente que é assim, muito importante a gente ter o dinheiro da gente sem mexer em nada de ninguém. Então todo mundo, nós somos em três, nós começamos a trabalhar muito cedo,

independente do que tava fazendo, então nós começamos a trabalhar cedo demais, então, assim, eu gosto muito do que eu faço, e gosto da profissão que eu escolhi para mim também. Eu amava lecionar, de paixão, não deu certo, hoje eu não tenho condições financeiras no momento de fazer um curso de pedagogia pra poder tá saindo junto com as outras pessoas, pra, ... mas, eu acho que dentro do profissional, assim, de onde, da onde eu saí, aonde eu tô agora foi assim uma coisa muito grande, porque, eu comecei, eu via as pessoas que trabalhavam junto comigo de uma forma e hoje eu vejo elas de outra forma, descobri que elas são assim, sabe. (Como assim?) Dissimuladas, elas são más, sabe porque tinham pessoas que eu amava de paixão, achava super legal, apesar sabe, assim, do status social tudo, mas, hoje eu vejo de uma outra forma. (Você está dizendo que o trabalho fez você ir percebendo algumas coisas que antes você não percebia.) Não que eu não enxergava, assim, sabe, eu acho que o contato maior que a gente tem agora me fez ver as coisas assim, de uma outra forma e eu fui vivendo uma ansiedade, porque eu sou assim, quando eu começo a aprender, eu quero aprender, aprender, aprender, e eu não consigo assim, aprender devagar, entendeu? Porque tem pessoas que gostam de aprender devagar, eu não, eu tenho assim, quero aprender, vamo aprender, vamo aprender, vou saber o porque, vou fuçar, então às vezes as pessoas não me vêem com bons olhos, porque diz, assim, que eu quero ir muito longe sem necessidade. Eu acho que não é assim, é o meu jeito. Eu abraço a vida, eu acho que é... Igual esses dias falaram pra mim: Ah! queria morrer. Eu falei, ah, eu amo viver eu queria viver cada dia mais, porque eu olho, eu vejo, eu, eu tenho o dom que Deus me deu de ver. Hoje eu falei para minha filha, ela tava emburrada, falei pra ela, olha que dia lindo e você com essa cara. Acho que isso é muito importante, acho que abraçar a vida sempre e ir embora, não importa de que jeito.

Agora assim, como assim, a mulher casada. Eu sou uma pessoa assim, que eu fui agredida fisicamente pelo meu marido, em cinco

anos assim, meu marido arrumou “n” amantes, só que eles nunca apareceram, graças a Deus (Ri). Eu vivi um conflito muito grande antes de casar, porque, assim, a mãe dele falava que eu não ia ser uma boa esposa, que eu não ia ser uma boa mãe, hoje assim, eu provo pra ela completamente ao contrário, que dele sou eu que cuido de tudo, pagamento, roupa, sapato, então, essa parte da minha vida eu já passei, já vivi maus momentos com ele, fui agredida tanto física, como verbalmente, sabe, eu fui pulando por cima disso, hoje é assim, não é aquele amor que era antes, que você assim, seu príncipe. Hoje você vai vivendo, hoje a gente conversa mais, porque, por eu ser uma pessoa muito geniosa, às vezes ele falava e eu não conseguia controlar, agora não, ele fala eu dou risada, porque foi um meio de eu achar de tá consertando os problemas que a gente tinha. A gente hoje vive bem, a gente conversa, a gente se dá bem, brinca um com o outro, a gente discute, se desentende, mas aquilo não passa disso. (Como é essa questão do príncipe que você falou, teve esse momento?) Teve. Porque assim, todo mundo fala pra você: Não é a pessoa certa pra você. Não é a pessoa certa pra você. Mas você acha que ... (O que?) Que ele é seu príncipe, que ele vai te fazer feliz, que. Aí de repente você vai, e encontra tudo aquilo que foram te falando e quando você chega lá não era nada daquilo realmente. Então quer dizer, você, mesma coisa que você cair da escada né, e bater com a cabeça. Falei, meu Deus, realmente não era. Só que hoje a gente vive melhor, entendeu. (Como foi pra você constatar isso, essa questão desse príncipe que não era, e aí conciliar esse casamento.) Ah!, eu vejo as coisas assim. Eu fui uma pessoa que eu vivi demais antes de casar. Aproveitei demais minha vida, namorei demais, transei demais, assim, eu não tenho o que reclamar da minha vida, nesse ponto (fala rindo), mais, eu via ele assim, sabe quando você encontra uma pessoa que você acha assim, que é carente, que não é cuidada. Ele não era cuidado, a família não cuidava, a mãe não cuidava, tem muito problemas assim de família, de pai, de mãe, de irmãos. Então, eu via ele

assim pra mim, ele se colocava assim, como assim, a pessoa coitadinha, que era sempre ofendido, todo mundo judiava. Então, ali eu achei, assim, uma pessoa que, sabe ia ser, a melhor pessoa do mundo, o melhor companheiro do mundo porque faltava nele o companheirismo, faltava nele assim, o cuidado, então eu falei, vai ser uma troca, e não foi uma troca. Então eu fui, sabe, às vezes, eu fiquei muito triste, é, chorei muito, assim, levei problemas pra dentro da casa da minha família, mas, hoje tudo isso assim, acabou, sabe, eu acho que a idade foi chegando e eu fui amadurecendo, serenando, e ele também. Mesmo porque teve uma época que ele quebrava tudo o que eu tinha no soco, né. Agora eu falo pra ele, muito bem, vamo lá, vamo ver se você consegue colocar tudo outra vez no lugar. (E aí?) Ele fala, é, hoje o dinheiro não dá. E como eu não sou uma pessoa, assim, muito materialista, então, não tem discussão porque eu quero móvel, não tem discussão porque eu quero uma roupa, primeiro porque eu tenho meu dinheiro, hora que eu quero eu vou e compro, ele briga, mas eu compro, mesmo porque ele fala: a gente precisa reformar a casa, a gente precisa reformar a casa, mas o dinheiro nunca dá. Então, assim, pra mim que foi difícil o começo, mas hoje não, eu vejo com naturalidade, mesmo porque assim, se ele quer discutir e brigar eu faço de conta que eu não tô ouvindo, aliás, tudo pra mim agora é assim, as pessoas falam comigo, querem me (mas nada fala), eu dô risada, eu vou chorar pra que? (Essa é a forma que você por exemplo, você encontrou...) Éééé! (...prá) De serenar, assim, a geniosidade que eu tinha, porque assim, eu sou uma pessoa assim, eu tenho uma personalidade muito forte, eu não me deixo levar pelas pessoas, sabe. Eu sou o tipo de pessoa que, eu vejo o colega errar e vou lá e culpo pra ele cair, não, eu acho que cada um é um, você tem que respeitar, chegou ali você tem que respeitar, entendeu, então. Ele é assim, eu tenho que respeitar, desde que ele não comece a invadir o meu espaço, então pra não discutir com ele, ele fala, eu dou risada, faço de conta que não escuto, é a melhor coisa, serenou (sorriu).

(Você estava falando da questão até do dinheiro, dessa questão, como vocês lidam com isso?) A questão financeira é muito triste, né, porque hoje em dia, você, ninguém ganha bem, você sabe muito bem disso né. Não é, não tem escolaridade, não tem profissão. Ele é um profissional na área do que ele faz, ele faz muito bem, não tem ninguém que substitua ele, entendeu, na área que ele trabalha, ele, era pra ele ter perdido o emprego, não foi mandado embora porque não tinha ninguém com capacidade prá por no lugar. É bom no que faz, só que assim, pra ele tá crescendo eu tenho que tá empurrando. Você vai fazer, eu quero que você faça, você precisa sair daí, não pára, não é arvore, até árvore sai do lugar, cai, vamo embora pra frente, entendeu? Então eu tenho que tá empurrando pra ele tá crescendo, então, na questão do dinheiro a gente empata, assim, porque, nem ele nem eu, a gente ganha bem. A gente tem duas filhas, elas precisam calçar, vestir, comer, material escolar, então, fica difícil, é tudo muito apertado, porque eu não vou, eu falo pra ele, eu não vou no mercado e deixar as coisas delas pra trás, eu não admito isso. Porque teve assim, uma época, assim, na minha infância que eu só comia abóbora, tanto tempo, que eu não podia ver abóbora na minha frente (ri), então eu não quero isso pra elas, entendeu? Eu tenho preparado elas, porque assim, eu fui uma filha e todos os meus irmãos, que assim, meu pai não deu muita importância no estudar, não, vamo estudar, ele não construiu isso na gente. Eu estudei, eu fiz o que eu fiz porque eu gostava, agora meus irmãos ficaram pelo caminho, então eu tenho preparado elas, olha vamos estudar, vamos estudar, é importante, quanto mais vocês souberem é importante. Eu quero que vocês vão pra uma faculdade, mesmo que ela seja estadual, mas eu preciso que vocês se preparem bem, então vamos estudar, eu pego no pé, então, quer dizer pra você ter, tá tendo tudo isso, a questão financeira (...?) Vai, é vai fazer Spand, agora não dá, você faz as contas agora não dá, você tem duas filhas, você não pode colocar uma e deixar outra pra trás, mesmo porque a diferença de idade é pequena. Então a gente lida com tudo isso, assim, muito assim,

ás vezes a gente fica triste, ele fala: ah! Eu vou pedir a conta. Não, não é por aí. (E o seu dinheiro e o dele, como vocês fazem?) Se mistura. (Se misturam?) Se mistura, se mistura muito. Às vezes o meu se mistura mais do que o dele, porque quando cai a produção, que baixa a hora extra, aí a coisa aperta. Então eu tiro o meu dinheiro. Além de ter que tá pagando alguém pra tá ficando com elas o dia que eu não tô em casa, ainda prá ajudar nas despesas da casa. Então falta assim, falta muita coisa ainda em termos de questão financeira, conforto, é, reforma que começamo e não conseguimo terminar, mas eu acho que com o tempo. Minha mãe fala que ela demorou doze anos pra ter uma geladeira, eu já tive três. (ri) Mas, eu acho que assim, só que assim, eu não deixo de lutar nunca, assim, de falar não, eu vou ficar em casa, parar de trabalhar, é assim, eu acho que não falta nada pra elas porque, geralmente quando o pai sai pra trabalhar que é obrigação e a mãe sai pra trabalhar, ela quer repor essa falta dela com outras coisas, eu não sinto necessidade disso. Eu não tenho essa necessidade de tar repondo nada pra elas, porque quando eu tô em casa assim, eu me considero uma mãe, assim sabe, mãezona mesmo. (Certo) Sabe, éé, quero tal coisa, eu dou um jeito, e elas tem. Esse ano queria um patinete. Falei misericórdia, são dois. Aí, eu peguei, eu falei, nós vamos comprar o patinete, aí escondemos, falei pra elas pendura a meia na janela e escreve bilhete, elas fizeram, aí eu saí na frente, ele voltou e colocou cada um no seu lugar, sabe. Você vê assim, ela olhar pra mim, falar assim ah! Ele veio, sabe assim, esse encanto todo nelas, eu acho assim que como mãe, abraço, beijo, dou carinho, não minto, a gente conversa sobre tudo. Não tem mentiras sobre sexo, não tem aquele negócio de ai, isso aqui, lá, não, não tem. Da onde eu nasci? Você nasceu de dentro de mim, eu fiz parto normal, você passou pela minha vagina. Por onde? Mas como? Isso daqui esticou (aponta para as costas), e você passou, não tem mentira, eu não sei se é certo ou se é errado, eu não sei se eu tô indo por um caminho, entendeu? Eu tô construindo, assim, uma vida pra elas sem mentiras, sem meio termo, não existe meio

termo, é isso e isso. Ele fala pra mim, você é doida. Não eu não sou doida eu sou verdadeira. Então, assim, eu acho assim, que pra elas eu sou uma mãezona. Abraço, beijo, só que na hora que precisar bater, eu bato, às vezes apanha de mão, quando tá exagerado apanha de cinta na bunda, pra saber que, elas tem alguém que tem que corrigir elas, pra não se perder. São criadas assim, eu não gosto delas na rua, eu não gosto de criança dentro da minha casa. Ele fala prá mim, você não pode tá criando elas assim sempre junto com você. Ele fala, ele pega no meu pé. Deixa ir, deixa ir, solta um pouco, mas eu ainda não consegui, eu ainda não consigo imaginar elas saindo de lá da onde a gente mora, lá em cima prá vim pro centro da cidade fazer um curso na idade que elas tão sozinha, eu ainda não consigo ver isso. Não deixo, ele fica bravo, você não dá liberdade, mas é meu jeito, meu jeito de ser mãe. Eu acho que isso vai passando com o tempo, a medida que elas vão assim, tendo uma certa idade, eu espero.(Ri) Senão elas tão enrolada, eu vou ser pior pra elas do que ele, mas assim, sabe, foi muito bom, eu fui uma mãe que eu amamentei todas as duas. Uma eu amamentei durante um ano, a mais velha e a mais nova eu amamentei durante três anos. Não me arrependo, sabe, não tem esse negócio, ai o seio vai cair, deixa cair. Eu falo, eu já casei não tem mais nada que tá em pé, então, assim, eu vivo assim pra eles, pros três e pra minha mãe. Minha mãe é assim, ela é tudo, sabe, assim, o chão que você pisa, o ar que você respira, minha mãe é minha paixão. (Chora). Então, eu vivo pra eles, se eles falar pra mim ó, eu preciso ... pra, pra eles quatro, sabe porque mesmo assim, ele tendo me fazido, me feito sofrer muito, ele não é ruim, entendeu, ele não é ruim, ele não é assim, se eu falo quero, ele não me nega nada, tipo assim, eu vou no mercado vou comprar tal coisa. Você acha que dá, você trabalha, você sabe quanto eu ganho, você sabe quanto você ganha, então ele não é ruim, ele não é aquele homem que ele tira dinheiro dele pra ir num bar, que ele tira dinheiro dele pra comprar cigarro, ele não faz esse tipo de coisa, o pagamento cai no banco e sou eu que administro tudo. Então eu

vivo em função dele, eu vivo pra mim, eu não tenho assim, mais o que querer da vida além de ver assim, a evolução delas duas e dele como profissional também, porque afinal acho que ele tem condições de ir além porque ele é muito trabalhador, eu acho que quando a pessoa é assim ela tem como crescer, mas.

(Você está falando dele, e que a sua vida, o mais importante hoje é estar em função deles, das necessidades deles, e as suas, como que ficam, como que estão?) Bem, sabe, eu não sei, ás vezes eu fico me perguntando, porque que eu sou assim? Mas eu não reclamo das coisas, é, tudo pra mim tá bom, entendeu? Não sou o tipo de pessoa assim, que puxa vida, você está de folga, ah!, a colega ficou doente, tem como você vim? Pó, vamo embora, eu não sei do meu dia de amanhã. Sabe, não tem aquela reclamação. Todo mundo falha, eu acho que Deus é só ele, ele é o único, ele é o perfeito, sabe, foi Ele que criou todas as coisas. Ele não falha, se fala Ele falha, não Ele não falha, porque eu acho que tudo de ruim que a gente aqui, não é culpa Dele, eu acho que o homem ele é muito ambicioso, muito destruidor. Então, eu assim, pra mim tá tudo bom, não tem sabe de falar, ai a colega fez isso, sabe, assim, é, eu me sinto muito triste com o meu pai, meu pai me deixa muito triste, é a única coisa assim, que me deixa realmente triste. Porque assim, meu pai é uma pessoa muito boa, tudo o que é dele é dos outros, só que ele não escuta nunca, ele já chegou na idade que ele chegou e, assim, eu vejo ele como um adolescente que tá sempre querendo viver coisas novas, então, hoje ele tá endividado, porque eu pedi pra ele, não faz, porque trabalhar por conta, falei, não faz, por favor não faz, tá endividado. A minha mãe com 52 anos precisou voltar a trabalhar, e isso me deixa triste, sabe, e eu me desentendo com ele muito por causa disso, mas no demais, eu sou realizada. Eu tenho duas filhas perfeitas, lindas, são inteligentes. A minha filha mais velha é aluna nota dez, então, prá que, que eu vou reclamar. Não consegui estudar, não consegui, só que eu só tenho trinta anos ainda. Eu ainda tenho possibilidade de estudar, só que

antes disso eu ainda tenho a minha reforma para terminar, prá minha casa ficar mais confortável pra elas duas. Você entendeu? Então antes de tudo é elas.

(Você disse que você se formou no magistério...) (Chora) Não liga não tá, eu sou chorona assim mesmo. (Você disse que se formou no magistério, mas você não deu prosseguimento?) Não. Assim que eu me formei eu fiz um concurso, eram 20 vagas, eu passei em 24º lugar. Na época eu fiz mais pontos na prova escrita do que a candidata do 1º lugar, porque eles contavam pontos por anos de casa e ela já era funcionária. Como eu vejo isso. Eu vejo, antes já era, hoje é ainda mais, por assim, por proteção, tudo o que gera serviço público em cidade pequena é muita proteção, muita, muita, muita, muita, muita, demais. Então eu me desencantei, porque se fosse num lugar que as pessoas levassem as coisas mais a sério, hoje eu teria minha cadeira. Então, as pessoas falam pra mim, mas você não vai fazer? Não, eu não vou fazer concurso. Fui fazer os concursos de Marilia das provas da Fuvest. Pra que uma prova tão difícil daquele jeito? Assim, foi uma coisa assim, que, de quatro mil candidatos eu acho que, se passou, se eles classificaram 180 foi muito. Você vai ensinar, você tem, que saber, você tem que saber, só que você não vai chegar numa criança de 1ª série e perguntar pra ele o que é gonodotrofina coriônica, ele vai cair duro pra trás. Entendeu, então eu acho assim, que, o saber do professor ele constrói, hoje, ele constrói no dia a dia, ele aprende cada dia uma coisa diferente. Porque você tá ensinando os filhos de outras pessoas é muito complicado. Você vai colocar dentro de uma sala, 29 crianças que são educadas cada uma a sua maneira. Então, assim, frustração, não vivo frustração por causa disso, eu vivo uma revolta assim íntima, porque eu vejo cada, assim, sabe, dando aula, que eu não guento, eu não sei se eu bato nela ou se eu bato em quem contratou (Ri). Porque, assim, é uma coisa que você não consegue entender, você vê, não, assim, não olha só pra dentro da sua capacidade, mas por inúmeras, sabe, colegas de classe que você viu, que

você sabe que é nota 10, que gostava do que tava fazendo, em casa, ou fazendo outros tipos de coisas, porque eu falo pras meninas, hoje eu tenho o meu emprego, mas eu tenho hoje muitas colegas, assim, que eram excelentes alunas que estão em casa, e tem outras que estão aí sabe, tipo, o professor aposentou, principalmente no Estado, recebe 1500, 1600 reais. Uma mulher qui ganha 1600 reais hoje, ela tá tranqüila, ela tá tranqüila. Pode-se ganhar muito mais, 3, 4 mil reais, mas, eu acho assim, aposentou, vamos descansar, curtir os netos e abrir espaço pra quem tá vindo. Aí não, se sobrecarrega, já leciona, 25, 30 anos. Aí você vai cuidar de uma classe de 29 crianças pequenas, aí você grita mesmo, aí você quer beliscar. Você não guenta isso, então, assim, eu tenho essa revolta intima, não é uma frustração. Porque eu gosto do que eu faço, eu adoro trabalhar com gente, assim, sabe, eu acho que a troca é muito grande. Você conhece gente de tudo quanto é jeito, sabe, você começa a ver as coisas assim, principalmente na área que eu tô Já quando eu tava no outro lado, sabe, assim, eu via quê. Ás vezes você vê as pessoas, assim, porque tem alguma coisinha, assim, um bem material, já acha que, e não é assim. Eu acho que se você soubesse o que a gente é. Nada, a gente não é nada. (Você acha que você percebeu isso mais pelo seu serviço agora, aonde você trabalha?) Eu já via as coisas assim, mas depois que eu fui trabalhar aonde eu tô trabalhando, assim, as coisas se afloraram cada vez mais. Cada vez mais eu tenho consciência disso, nada, nada, nada, sabe. Tudo o que você planta aqui é aqui mesmo que te dá um retorno, e assim vai, entendeu?. Gosto assim, fiz o curso porque eu gostava, entendeu, contrariando meu pai, porque meu pai não queria que eu fizesse, mas eu gostava, fui porque eu gostava. Fui fazer, i não tô na área, mas, assim, também, não tenho o que reclamar, porque eu tô fazendo uma coisa que eu gosto, e tava fazendo uma coisa que eu gostava antes, e agora eu tô fazendo uma coisa que eu gosto que é lidar com gente. Mas, é, quando, assim, eu mudei, assim, de lugar eu falava ai meu Deus do céu, assim, ainda hoje eu penso isso. Se chegar uma

criança morrendo, porque, assim, tudo o que é com adulto pra mim, assim, eu vejo de uma forma natural, mas quando assim, se fala criança, mexe muito comigo, muito, muito, muito, muito, muito. Então ás vezes eu escuto a ambulância apitar, eu falo ai meu Deus do céu, o que será que tá acontecendo. Então mexe comigo. Eu tenho medo disso, entendeu, muito medo. Isso me dá medo, mas assim, se chegar alguma pessoa mais velha, assim, sabe, passando mal, que morre, pra mim normal, eu vejo com naturalidade. Mas eu tenho medo de assim, passar pela minha mão alguma criança assim, que eu, esteja correndo risco de vida. Assim, porque, quando eu comecei aprender o serviço que eu tô fazendo agora, num domingo de manhã tava chovendo e chegou uma criança de 2 meses. Morta, porque a mãe não tinha cuidado. Deu febre, a mãe não percebeu e a criança morreu. Aquilo, a hora que eu cheguei na sala do médico meu olho escorria, escorria água. Aí ele falou pra mim assim: O nosso dia não começou muito bem, né. Eu falei: É, não, não começo. Ele falou pra mim assim: Essa criança morreu por falta de cuidado. (pausa) (E aí) Eu quis bater nela (Ri). Quis bater nela. Eu falei, meu Deus não é possível. Sabe, eu sou o tipo de pessoa assim. Quando se fala em aborto. Eu não sou contra o aborto, não sou. Eu acho que se você não se vê preparada, é muito melhor você parar alí, desde que seja cedo, do que você deixar isso aflorar 9 meses, aí você vê nascer, porque não é uma dor fácil quando você opta pelo parto natural, e depois você maltratar? Uma assim, uma coisinha, que só quer carinho, só quer abraço, só quer cuidado, só que banho, então, sabe aquilo pra mim, a hora que ele falou aquilo pra mim, eu falei meu Deus do céu, infeliz. A vontade que eu tinha era de bater nela. Aí a enfermeira veio e falou pra mim assim: Você vai lá dentro, você toma uma água com açúcar, porque você não pode ficar assim. Seu estado não pode ser passado pra ela desse jeito. E eu tava, eu fiquei muito mal. Então tudo o que é criança mexe comigo, muito. Agora adulto assim, eu já acho, é triste, mas assim, eu já vejo com mais naturalidade, num mexe. (Você falou do parto normal, você teve, foram as

duas?) As duas (Como é essa questão de opção pelo parto normal, a maternidade?) Primeira, minha primeira filha, eu internei numa sexta feira, 8 horas da manhã, ela nasceu 4 e 10 no sábado. Foi uma dor assim, terrível. Agora minha 2ª filha, não nascia de jeito nenhum. Aí o médico marcou a cesária, e eu morta de medo. Eu falei, meu Deus, eu tenho pavor de centro cirúrgico, não gosto. Detesto, assim, esse negócio de cortar, de dormir, não é comigo. (Qual a idéia que fica pra você?) Ah!, sei lá eu. Olha é uma coisa que eu não consigo definir viu, mas eu tenho assim, muito medo. Tenho muito, muito medo mesmo, Ave Maria. Aí vim, internei, aí ele chegou, falei pra ele, olha eu posso fazer uma radiografia? Ele falô pra mim, sua data não tá certa? Eu falei, minha data tá. Por que você quer a radiografia? Eu falei, pra ter certeza. Aí ele pediu pra fazer, que eles falam feto, acho que é fetografia. Fiz, esperei ele lá dentro do quarto, os papéis de internação tudo feito já. Aí ele veio e falou: Vai embora pra sua casa, porque você pode esperar duas semanas ainda. Eu falei, ai, graças a Deus. Fui embora pra minha casa. Morava super longe da casa da minha mãe. Cheguei em casa, sabe, eu fiquei enorme nas minhas duas gravidez, parecia um bujão. (Mostra). Limpei minha casa, lavei minha louça, fui embora pra casa da minha mãe, é uma subida. Aí tava conversando com a minha mãe, ai me deu uma sede. Fui tomar água, no mesmo dia, minha bolsa rompeu na beirada da pia. Ela nasceu no mesmo dia. A minha bolsa rompeu 4 horas, 4 e meia ela já tinha nascido. (Rapidíssimo, então) Não me arrependo, sabe, assim, saúde prá elas, prá mim, foi uma coisa que passou, eu tinha muito medo ter que fazer uma cesária pra ter meu segundo filho, porque minha filha era nenê. Ela já ia perder o colo, e se depois, sabe assim, encrespasse, eu tivesse que andar agachadinha. Sabe, eu tenho medo dessas coisas, e eu peguei eu falei não, não quero e até hoje se eu tivesse que ter filhos, mais filhos, porque hoje a gente não vai mais ter filhos porque ele operou, e se um dia eu separar ou ficar viúva, não tenho intenção de ter filhos mais (ri), não seria nenhum de cesária, eu aconselho ninguém fazer cesária. Sabe,

porque é uma dor, assim, ela é terrível, mas passou, acabou. Você vai pro quarto numa boa, você come numa boa, não tem medicação pra você fazer a não ser o remédio assim pra ajudar você limpar as coisas que estavam paradas dentro de você e acabou. Agora o centro cirúrgico, me dá medo, me dá muito medo.

(Como que é essa questão de viver a questão da maternidade?) Ai, é bom, você começa a ver a vida assim, tão diferente. Sabe, porque ás vezes a mãe briga, você fala: ai minha mãe é chata (ri), mas sabe assim, é muito bom, muito bom, muito, muito, muito,muito, muito bom, elas vão ficando assim. Sabe ás vezes quando você, eu tava meio decepcionada com a vida, eu falava Deus, eu não posso reclamar, eu tenho elas, elas dependem de mim, elas vão ter que crescer e vão crescer bem, se eu souber educar. Então você muda. Porque assim, mãe implica sempre assim, meu filho. Só que assim, eu não vejo as coisas assim, eu sempre, eu procuro assim, sempre, sabe, cogitar elas, se realmente é o que elas estão falando, é, eu nunca, assim, tive assim problemas assim na escola, minha filha mais velha dois anos seguidos ela apanhou constantemente de um coleguinha de escola. Mas, assim, nunca dei confusão, mas quando não deu mais, eu fui atrás dos responsáveis, conversei, olha não tá dando certo. Tive problemas com professora, assim, que destratava, que judiava, que você sentia que a professora tava separando. Nunca discuti com professoras, sempre controlei ele, porque senão a professora tinha levado uns safanões. Mas assim, sempre cogitando elas.Sabe, é realmente isso que tá acontecendo? É realmente isso, sabe? Então, assim, reunião de escola eu vou em todas, eu olho caderno, isso tá bom, isso não tá, você pode melhorar. Sabe, tipo, assim, ás vezes eu chego, ele fala pra mim você é má, porque um dia, eu peguei um caderno, não tava do meu agrado, aí eu gritei, eu falei, olha não tô gostando, você tem condição de fazer melhor, é uma vergonha o teu caderno tá desse jeito, você é muito inteligente, eu acho que você pode caprichar mais. Ela chorou, eu sei que eu magoei ela, mas eu não voltei

atrás em momento nenhum, porque assim, foi importante porque, assim, melhorou, assim, as coisas começaram, a ... Tive problemas de chegar em casa e falar a professora me bateu, eu falar, eu vou pegar o telefone vou ligar pra ela, e falar prá mim, é melhor você não ligar. Se é melhor eu não ligar é porque o que você tá falando não é verdade. Sabe procurar saber se realmente é isso, sabe, e educo elas assim, não ofenda, não bata, por favor, só que não apanhe de graça, não escute ofenças de ninguém de graça. É, eu acho que tudo isso é uma troca. Não quero, filhos dos outros não nasceu pra apanhar de graça, mas vocês também não. Não tá fazendo nada, bateu, devolve. Sabe, então eu não sei se isso é bom, ás vezes eu falo ai meu Deus, será que eu tô agindo certo? Eu fico com dúvida, mas, assim, são assim, umas crianças, que elas são muito queridas, elas são muito amadas, muito amadas, todo mundo gosta, são umas meninas assim, que se dão bem com todo mundo, tudo o que é delas assim, é dos outros. Eu, agora final do ano, eu fiz faxina no guarda-roupa, tava separando as roupas pra mandar. Mãe separa prá mim, eu vô levar pra minha coleguinha, ela não tem nada. Mãe eu preciso de arroz e feijão pra levar pra minha coleguinha, ela não tem nada. Então quer dizer, eu acho que eu tô indo pelo caminho certo, por que assim, elas são generosas mas elas não são aquelas pessoas que só, por que tem gente que é saco de pancada a vida inteira, né. Eu não quero isso pra elas assim, de jeito nenhum, sabe, então, deu levou. Ás vezes eu erro eu sei que eu erro, sabe, ás vezes eu falho assim, no corrigir. Acho que tem coisa que eu deixo passa pra também não, mas é muito bom ter elas, muito bom principalmente com saúde, sabe, por que assim, eu falo prá você do centro cirúrgico quando a minha filha maior tava com quatro anos, ela precisou fazer uma cirurgia. Fiz, levei, fez, a cirurgia era de 45 minutos e tinha uma abençoada sala de recuperação, eu fiquei na porta do centro cirúrgico do hospital duas horas e meia, é pra nunca mais, nunca, nunca, nunca mais, só em caso de urgência mesmo que não tiver jeito, mas uma coisa igual ela foi fazer porque ela não tava bem, ela não

tava respirando bem e que hoje eu sei que dava pra passar não faria mais de jeito nenhum. É a coisa mais triste você colocar um filho teu dentro de um centro cirúrgico e fica alí sabe, sem saber o que tá acontecendo. Então eu acho assim, acho que filho tem que ser muito cuidado, muito amado e levar palmada na hora que tem que leva. (Você diz que você mudou muito depois da maternidade.) Ah, mudei muito, mudei bastante sabe, eu passei a ser até mais tolerante, que antes qualquer coisa eu explodia. Então, elas foram crescendo, eu fui vendo, assim depois que elas nasceram elas foram sabe crescendo, sei não, não é por aí. Tudo é assim, eu aprendi que tudo na vida depois que você tem filhos você tem que cultivar pra eles, entendeu, principalmente assim, eu vejo na cidade que a gente mora, se você tem um emprego e você quer que seus filhos estudem e sejam empregados, você tem que cultivar isso, você tem que ser um bom funcionário, uma excelente pessoa, pra quando seus filhos forem procurar um emprego, puxa, ele é filho daquela senhora. Tá então vale a pena, é de boa família, eu aprendi isso, por que eu sofri muito com isso, porque eu tentei anos e anos e anos emprego numa empresa aqui e não consegui, por que meu pai quando entrou saiu brigado com o patrão. Então, eu perdi muito porque a gente vive numa cidade pequena que tudo é ah! você é filho, então, e é verdade, porque assim é impossível que isso não seja verdade quando você, a pessoa fala pra você assim, olha você vai fazer o teste, não passou ninguém de dez, quando daí dois meses a menina que tava dentro da tua sala tá empregada. Então você começa realmente acreditar que você tem que fazer para o teu filho colher, e é através disso que eu vivo hoje, entendeu? Dando o melhor de mim, sendo uma boa funcionária pra elas, entendeu? Mesmo que assim, primeiro eu não quero que elas sigam a área que eu sigo, quero que elas estudem, elas sejam, assim, elas tenham uma profissão e que assim, elas não dependam de patrão, não quero isso pra elas. Mas não sei se vai dá entendeu, é um sonho meu, tô fazendo o possível pra que se realize. Mas assim, eu pra mim não tenho o que reclamar, não tenho, não tenho que

exigir mais. Sabe, você olha, você vê, sorri, andar, come. Sabe, de repente você liga a televisão você vê uma criança que não tem perna, que não tem braço, que não fala, puxa eu não tenho nada disso, eu vou reclamar do que. Elas, sabe, são arteiras, elas fazem arte, elas brigam uma com a outra, mas... Então pra mim tudo isso é muito bom. É assim, eu não sou uma pessoa, ás vezes eu falo ai meu Deus será que eu não quero pouco da vida. Eu acho que não. Eu acho que a vida já me deu assim o suficiente, muito. Tenho uma excelente mãe, tenho um pai assim, mais ou menos, tenho os meus irmãos que eu amo demais, e aí quando as coisas começam a acontecer ás vezes dão errado. Então eu acho que eu sou um ser humano assim normal, por que eu sofro com as coisas mas eu passo por cima. (Então, você fala das suas filhas, da sua mãe, da sua família, agora e você enquanto mulher, como que fica por que você está dizendo pra mim...) Ah! Eu como mulher, bom assim, eu sou uma mulher meio frustrada, porque eu tô gordinha, cheinha. Ás vezes eu me frustro, por que quando a gente era solteiro nosso sexo era muito bom e muito quente, hoje assim sabe, eu tô mais assim, eu quero dormi, eu deitei eu quero dormi, então nisso assim eu sinto uma falha, sabe. Eu não sei se ele é exagerado ou se sou eu que tô devagar demais. Nisso eu sinto uma falha, uma falta de realização, por que eu gostaria de poder acompanhar ele, por que sexo é muito bom, muito bom, muito bom, principalmente quando você tá com a pessoa que você gosta, que gosta de você, que assim, não te coloca defeito, entendeu? (E com essa questão que você está dizendo desse: estou um pouco gordinha, da pessoa não te colocar defeitos, como que então, você acha que isso influencia, esta influenciando de alguma forma?). Não, eu não sei se é isso, eu não sei se, ah eu não sei sabe eu acho, ás vezes eu vejo que assim, eu deixei de viver o meu casamento pra viver pros meus filhos, você entendeu? E como eu trabalho, então no outro dia eu tô em casa, então eu quero viver com elas, só que aí também quando é no outro dia eu já tenho que trabalhar, então sabe, eu quero dormir, descansar. Eu acho que nisso tá

me faltando alguma coisa. Tá falho, por que assim ele reclama muito, sabe, assim, eu acho que é só. (E prá você, ele reclama, e prá você, como você sente?) Ah! Sei lá ás vezes eu acho que, é uma coisa que eu não consigo definir, entendeu? Eu já me perguntei assim, ah!, será porque você não gosta mais, será que é por que você já sofreu bastante? Eu não sei, é uma coisa assim tão assim difícil, e assim, quando a gente conversa com as outras pessoas, a gente vê que as pessoas também passam esse tipo de coisa, então você começa a enxergar que não é só você. Mas, é uma coisa que eu não consigo definir o motivo, eu já tentei procurar assim, sabe, por que, por que, por que, por que? Eu não sei se é porque antes era só eu e ele, a gente era solteiro, a gente não tinha compromisso, não tinha que pagar a conta um do outro, sabe, eu não sei se é isso, entendeu? Ele ia prá casa dele, eu ia pra minha casa, não tinha roupa prá lavar prá ele, nem passá, nem faze comida, (ri) eu não sei se é isso, sabe? Eu falo pra ele, eu falo pra ele, gente de Deus o nosso sexo quando a gente era solteiro era muito bom. (Você acha que depois que casou mudou um pouco?) Eu acho que mudou bastante. (A partir do casamento?). É, eu falo prá ele, que eu acho que a gente tinha que ter ficado solteiro, você na sua casa e eu na minha, acho que seria muito melhor. Eu não sei, eu não sei se é a rotina, sabe, eu fico me perguntando, isso me incomoda, é a única coisa que me incomoda. Porque mesmo assim, eu acho assim, que ele trabalha em função da gente e assim, ás vezes não sobra dinheiro para o lazer, aí passa tensão, e assim, eu acho que o sexo é assim ele é fundamental, ele não é tudo, mas é fundamental, e ás vezes você não tá bem e então pó vamo dá uma transadinha, não sei o que lá, né. Puxa vida hoje não tô legal. Assim você não consegue relaxar e quer dizer assim, eu tenho criado nele toda assim, uma frustração, porque ele tá sempre pronto, e eu só de vez em quando, então isso me incomoda, é a única coisa que me incomoda. Eu gostaria muito de poder acompanhar ele, sabe de ter pique, mas eu também não sei se assim, se o que cria isso é que toda a responsabilidade vem pra

mim e ele só tem a responsabilidade de trabalhar. Trabalha, trabalha, trabalha, trabalha, faz cem hora extras entendeu, não tem preguiça, mas assim toda aquela responsabilidade de ó, chegou o dia cinco, tem que paga isso, isso, isso e isso vem pra mim. E porque vem pra mim? Ah! você acostumou. Por que você acostumou? Porque você achou, eu achei cômodo não tá discutindo o orçamento da casa pra não te que tá gritando no meu ouvido. Por que você olha, você vê que teu filho tá descalço você sabe que tem que comprar sapato, então você, é natural de mãe, é mãe você vai lá e compra, o pai não. O pai acha primeiro importante, outras coisas, então pra não sabe, ter que tá discutindo por causa do orçamento de casa, então eu trouxe toda a responsabilidade pra mim. Eu acho que isso me deixa cansada, sabe assim, sempre assim, estressada. Então geralmente eu tô assim, sempre, assim sabe, só quando eu tô muito ligth assim é que ... Então, isso é assim, tá me, incomoda muito, é a única coisa. (Por que você diz de ter uma vida sexual antes do casamento muito boa, parece que você conseguia aproveitar muito, e agora ...) Não aproveito, não aproveito, não aproveito, não aproveito. E isso trás problemas pra gente muito. (Como que vocês lidam com essa situação?) Antes ele brigava muito, até me arrumava amante, mas hoje eu já não tenho mais amante (Ri). Mas assim, você sabe que ele mudou muito depois que ele foi fazer um tratamento com psicóloga, sabe assim, e conversando também por que eu acho assim, a conversa é uma troca e as vezes você encontra uma pessoa que fala pô cara também não é assim, entendeu? Igual, ele tem um colega na firma que falou prá ele, não é assim, eu também já passei por isso, eu tô com vinte anos de casado, eu achei que a minha mulher tinha que ir comigo todo dia, e uma hora eu vi que não era por aí, ela tem o limite dela, e eu tenho que respeitar. Ele passou a respeitar, ele reclama mas respeita. Mas assim, eu acho que não é bom, eu não vejo isso como uma coisa boa, acho assim que é uma falha e minha. (Você se sente insatisfeita com isso?) Ah! Eu me sinto triste, eu acho que é tão bom assim, o casal viver intensamente, acho

muito bom. Não faz, eu tenho que trabalhar, eu acho que não é por aí, acho que tá faltando na vida de nos dois. Agora eu só não consigo descobrir o motivo ainda, eu me pergunto, viche, assim, me questiono bastante em relação a isso, mas. Espero achar um resposta antes que ele canse (Ri). Assim, eu já vivi assim, a frustração de tá gordinha sabe, ai que horror, vou ter que tirar a roupa, tá sobrando banha em tudo quanto é lugar. Agora eu não vivo mais isso, sabe. (Você diz com relação a essa questão da sexualidade?) Isso, isso, eu não vejo mais assim, é sabe eu sou uma pessoa assim, eu gosto de lingiere bonita, sou apaixonada por lingiere, são duas coisas lingiere e sapato, se eu tivesse dinheiro. Aí, assim, gosto dessas coisas, mas geralmente eu durmo de camisolinha de malha, mas assim, eu não sei o que acontece sabe. Só que eu sô assim, gosto das coisas diferentes e a gente faz só que quem busca sou eu, porque ele é sempre mais tímido, sempre quem busca diferente sou eu. Só que tem coisas que eu não aceito e ele respeita, não, não aceito e ele respeita, então isso é importante, por isso que assim ás vezes eu, me entristece eu não tá podendo acompanhar todo esse pique que ele tem. E assim, eu ás vezes eu falo será que é bom eu dividir com ele, pra gente assim, porque pelo menos vão estar os dois igualados sabe, da responsabilidade de que não é só trabalhar e trazer o dinheiro e quem sabe desempata e tira toda essa carga assim, das minhas costas pra eu conseguir assim, relaxar. Por que assim, é duro você entra pra dentro do quarto preocupada com o pagamento do dia cinco, coitado (Ri). Eu acho assim, eu acho que deve ser isso, porque eu já questionei será que se eu largasse dele eu ia conseguir viver sem ele? Eu acho que hoje não mais. Assim, eu não tenho essa fantasia, porque tem mulher que fantasia né, vê o Gianecchine na televisão já sonha, eu não tenho essas coisas, eu não tenho assim tesão. Ele fala pra mim você não sente tesão por outro homem? Não, eu não vejo essas coisas, sabe, eu já vivi isso, mas eu era adolescente, eu não vejo essas coisas hoje. Acha alguém bonito? Acho, existe homem bonito, geralmente eu sou daquelas que aflora mais pro

lado dos coroas, eu adoro homem mais velho e ele é um menino, você olha no meu marido ele é um menino. Magrinho, ele tem a minha idade, mas ele é magrinho ele não tem nada assim que chame a atenção, ele não é um homem bonito, ele é assim sexualmente maravilhoso, mas ele não tem nenhum atrativo assim, então assim, não procuro essas coisas, sabe eu não sei. Eu falo, gente se pelo menos eu tivesse sonhado com outra coisa tudo bem, mas eu nem esse tipo de sonho eu tenho, entendeu? De ver o outro e ahhh! Não, não é isso. Ás vezes a gente a brinca, pô não sei o que lá. Ah! esse ai deve ser, não sei o que lá, mas tudo normal brincadeira de colega. Mas assim, ansiedade, não me imagino vivendo com outro homem, tirando a roupa pra outro homem, eu não me imagino assim, entendeu? Eu olho, eu vejo algumas coisas, eu falo, meu Deus do céu. Cada um tem que viver com a vida do jeito que quer, mas como tem coragem, por que eu não tenho coragem, entendeu? É, assim eu acho uma situação difícil, então assim, nesse lado assim, eu sou frustrada, eu queria que fosse diferente e eu gostaria muito de buscar a solução pra isso. Por que eu acho assim, que a partir do momento que eu conseguir solucionar isso daí, meu casamento vai ser eterno. Tirando, pode a casa cair, as dívidas pendurar, sabe eu acho assim que vai ser assim, uma maravilha. Porque aí eu não vou viver estressada, não vou ver ninguém de cara feia quando levanta de manhã, então assim, eu acho que nessa parte falha pra mim, falta. Mas assim, a questão do corpo que eu vivia antes, de eu achar que, não, não vivo mais isso, por que eu cheguei a conclusão que o Brasil tá no país dos obesos né, assim, tirando algumas exceções, tá todo mundo com a gordurinha sobrando, então é só. No demais, mas eu procuro assim eu gostaria muito de encontrar a solução, sabe, bastante, eu acho que assim eu ia completar o que tá faltando que é só o que tá faltando. (Você gosta de lingirie, de sapato, como é essa questão de se arrumar, de se cuidar, como que era, como que você é hoje, você mudou, tem diferença, ou não, como que está?) Ah!, antes eu gostava de viver de mini saia, amava, (ri), até hoje eu gosto

ainda, mas assim, hoje eu já não uso muito, porque eu gosto tá mais a vontade. Porque depois que você tem filho, é abaixa, levanta, quer dizer você não pode sentar com uma saia e ficar numa boa. Adoro shorts curto, antes eu gostava mais, usava mais, hoje não assim, quando tá muito calor que eu coloco shorts um pouquinho mais, mais assim. Quando eu era solteira não tinha muito assim, eu gostava muito de ficar sempre vestida de camisa, não tinha esse negócio de blusinha. Depois assim, eu mudei muito, sabe assim, principalmente depois que eu mudei também de profissão, então ele fica também meio assim sabe, bravo (Ri). Ele fala, você não era assim antes, sabe. Eu não tinha essa vaidade que eu tenho hoje, de tá assim, eu tô sempre bem arrumada, eu nunca assim, eu não tinha vaidade de usar perfume bom, hoje eu tenho perfume bom e não admito ficar sem ele. Então ele fala, Marlene, tá acontecendo alguma coisa? Não, não tá acontecendo nada, simplesmente eu gosto de me arrumar. Teve um dia que deu uma briga. Você sai igual uma princesa e olha eu. Mas assim, não sai bem arrumado porque tudo o que eu compro não gosta, então fica difícil, mas eu gosto muito de me arrumar, gosto muito de lingirie, nossa sou apaixonada por lingiere, só que o dinheiro não dá pra chegar lá, porque. Tem sapato, gosto muito de sapato, assim, não ia em manicure, não ia em cabeleireira, agora eu vou toda semana. Tem uma cabeleireira que eu vou uma vez por semana arrumar meu cabelo, a manicure que eu faço meu pé e minha mão. Tem essa não, eu trabalho, eu me cuido mais hoje, assim, aí todo mundo fala pra mim, mas você já tem trinta anos? Eu já tenho trinta anos. Eu acho que assim, o que faz eu não parecer assim tão mais velha, que eu tenho realmente essa idade é que eu tô sempre sorrindo, eu tô sempre sorrindo. Todo mundo fala pra mim, você não sabe fazer outra coisa a não ser dá risada? (Ri) Ué, eu vou chorar? Ás vezes, vem alguém e olha em mim, eu dou risada. Ontem mesmo foi dia, me dedaram ontem. (Ri) Aí vieram me cobrar, puxa vida, você fez isso e isso, isso pra fulano. Eu dei risada. (Ri). Eu fiz: Há, há! Bonito! Entendeu, ah, eu vou chorar? Ah, meu Deus, foi a época. Eu já

chorei muito, chega. Então, assim, não tenho do que reclamar, assim, sabe, eu sou uma pessoa que gosta de cozinhar, mas assim, eu ando cansada de fogão. Gosto de limpar minha casa, mas, a minha casa, assim, é pequenininha, não tem muito o que fazer, assim, e prometi que agora em janeiro eu vou emagrecer, depois do ano novo. Porque eu havia perdido dez quilos, mas na troca, assim, de um serviço pro outro me causou muita ansiedade e eu não conseguia calar a boca um minuto, sempre mastigando, então, todos esses dez quilos que eu havia perdido eu ganhei outra vez. Então, assim, falei não, depois do ano novo, vou me cuidar, vou emagrecer, mesmo porque tem um monte de roupa que não ta servindo mais. É assim, hoje eu me cuido mais, teve uma época que eu não ligava não. Sabe, assim, só que hoje assim, eu sinto que eu vivo muito prás minhas filhas e deixo desejar bastante como esposa, como mulher, dentro das quatro paredes. Mas, é só isso que me incomoda, do resto tá tudo numa boa, sabe, assim, a minha chefe fala pra mim: Que bom que você é assim, sabe, porque você é assim, não envelhece, não tem afta. Eu falei, ah! minha filha, se depender de dar gastrite em mim por causa dos outros tá todo mundo enrolado. Bronca você leva mesmo, olha você pode fazer o possível e o impossível mas quando você trabalha num lugar que trabalham outras pessoas e que você é subordinada, isso acontece mesmo, independe. Ás vezes você fica revoltada porque você nem merece as rabanadas que você leva, mas faz parte.

(Você estava falando da casa, de cuidar da casa, é e você trabalha fora e pelo que você me disse você sempre trabalhou fora, assim praticamente, na sua vida de casada.) Oh! Minha casa não tem condição de ser aquela casa limpa, mesmo porque na minha casa tem três cachorros, então, os cachorros ficam no quintal e minhas filhas brincam dentro de casa. Aí, se pica papel, se esparrama brinquedo, só que assim, os brinquedos tem que catar, é obrigatório, espalhou cata, bagunçou cata. Só que assim, eu não fico naquela limpação, esfregação não. Cada uma vez no mês faz uma faxina boa. Aí, depois no normal varreu, passou

pano, tirou pó, tá limpo. Minha comida tando limpo, muito limpa, porque eu sou muito chata prá comida, assim em termos de limpeza. Minhas filhas estando cuidadas, cabelo penteada, arrumadinha, oh! tá numa boa, isso é fundamental. Agora, esse negócio de ficar..., você envelhece com isso, viu, e não vê a banda passa (Ri). Mas assim, eu gosto das coisas limpas e roupa, nossa prá roupa eu sou um saco, um saco mesmo, um saco, um saco, um saco, sou chata pra roupa. Roupa minha assim, eu gosto de muito bem lavada, passada assim dá prá passar porque eu não sou uma excelente passadeira, então eu deixo passa, mas assim em termos de limpeza e de roupa eu sou chata mesmo. (Você é que faz o serviço da casa?) A menina no dia que tá é ela que faz, no dia que eu tô quem faz sou eu. Só que assim, não gosto de ver roupa acumulada pra lavar, então tem dia que eu tô em casa, domingo mesmo foi um dia, liguei o tanquinho e separei o que não era de lavar no tanquinho, o que era de lavar na mão, lavei tudo. E ele falava pra mim, pára, hoje é domingo, eu sei, eu sei, que é domingo, sabe enquanto eu não vi tudo, e é assim se eu começo eu não consigo parar, deixar não aquela é pra amanhã, não. É uma coisa assim que eu tenho, não, não é pra amanhã é pra hoje, em termos de lavar roupa é. Agora, pra passar se depender de mim fica lá uns quinze dias. Mas assim, adoro cozinhar, assim, antes eu tinha mais paciência sabe, de ficar fazendo muita comida diferente, doce diferente. Agora é o básico, arroz, feijão, uma carne de panela, um frango cozido, um frango assado, é uma salada, só não tem mais tipo assim sabe, besteirada não isso daí é. Cansei, eu falo pra minha mãe tô enjoada, não aguento mais. Mais assim o básico, mas eu gosto muito assim, procuro fazer quando eu tô fazendo, eu procuro assim, sou eu que tô cuidando, eu procuro fazer o melhor de mim, sabe, sempre limpinho, sabe a salada sempre bem lavada. Mas ás vezes assim, você, porque assim, quando eu trabalhava numa loja não dava tempo, não tinha ninguém que cuidasse delas, eu trabalhava de segunda a sábado, saia três horas da tarde no sábado aí, eu ia chegar em casa ia fazer faxina, ia lavar roupa, depois,

pegava e passava. Então quer dizer eu vivia, então foi um época que eu abandonei elas, assim minha casa, ele, eu abandonei tudo. Hoje, ah!, você quer sair da onde você ta? Só se fosse prá uma coisa muito, muito melhor. Porque hoje, apesar de eu não ganhar muito, eu tenho um tempo gigantesco prá cuida deles.(Você trabalha um dia sim um dia não?) É um dia sim um dia não, entendeu? Então assim, pra mim é muito bom, dá tempo de eu conferir caderno, é um lugar assim, que o trabalho que eu tenho, tenho uma reunião. Olha tem a reunião e eu preciso ir, tem condição de alguém ficar no meu lugar até eu voltar? Nunca me falaram não entendeu, pra que, que no momento eu vou querer melhor que isso. Não, não tem um porque entendeu? Então, o dia que eu tô na minha casa, eu faço a minha comida, eu faço o meu café, sabe, quero bolo de chocolate, bato um bolo de chocolate, mas questão da dona de casa, não me mato não. Assim, a não ser, sabe assim, me preocupo quando a minha casa tiver terminada, que ela assim, vai ficar do jeito que eu quero. Aí isso me preocupa, porque.... (Como assim?) Assim, é vai ter muito revestimento, piso no chão, o meu banheiro no quarto, eu tenho uma suíte máster, enorme, então assim, eu falo meu Deus do céu quando colocar o revestimento nisso daí eu tenho até dó, porque assim, eu sou muito enjoada prá essas coisas. Assim, banheiro é assim, fundamental. Eu acho que banheiro tem que ser lavado todo dia, todo, todo dia. Então assim, eu fico, isso me preocupa. Azulejo, sabe mesmo porque eu trabalhei de empregada doméstica. Eu trabalhei numa casa que a minha patroa brigava comigo, porque ela tinha um tapete gigantesco que precisava prá lavar tinha que pegar em três pra por no muro, cada quinze dias eu lavava o tapete. Ela falava para por favor, você vai me matar. (Ri) Então, assim, isso me preocupa, mas hoje do jeito que ela é assim, ela tando varrida, passadinha pano, tirou o pó, limpou as cadeiras, sabe, a locinha bem lavada, pra mim ta excelente. Mas, depois com a reforma aí eu fico preocupada com o que assim, vai acontece comigo. Isso me preocupa também porque assim, eu tenho mania assim tudo pra mim é na

água não tem esse negócio de passar um pano não que isso daí não limpa. Água, inclusive quando eu tava na limpeza era um tal de ai, faleceu não sei quem, vai lá limpa o quarto, passa um paninho na parede. Encostava a porta prá ninguém vê, sabão e água. (Ri) É o que realmente limpa, que trás higiene, então assim, isso daí assim, me preocupa mas ainda vai demorar um tempo assim, prá quem tiver na minha casa fala: Não trabalho na casa dessa mulher. (Porque?) Hoje quem trabalha comigo tá no céu, porque assim, eu não sou uma pessoa de reclamar, o que faz pra mim tá bom. Sabe assim, a geladeira ta lá prá limpa, não limpou, eu desligo e no dia que eu tô em casa eu mesma limpo, não tem essas coisas.

(E ainda essa questão que a gente está dizendo, sobre a casa você estava falando a questão do trabalho, a questão dos filhos, então como é que você se vê hoje conciliando essas questões, casa, filhos trabalho, marido também?) Como eu me vejo, uma vencedora porque não é fácil, não é fácil, não é fácil, não é facil, não é fácil, não é fácil. Mesmo porque, no meu caso que tem uma pessoa pra cuidar delas assim, quando eu saí prá trabalhar, a menina que eu coloquei na minha casa, você olhava nela assim, ela era igual você magrinha assim. O meu marido falou, ela não vai dar conta porque é muita roupa assim. Como eu não admito elas assim estarem mal vestida e suja então é muita roupa, muita roupa, muita roupa. Ele falava ela não vai dá conta. Ela trabalhou comigo um ano e meio, não ganhava muito porque eu também não ganho muito, só que trabalhava no mesmo sistema que eu, um dia sim um dia não. Quando eu folgava eu falava fica na sua casa vai descansar, e pegava tirava mantimentos da minha cesta pra ajudar ela e ela ficou comigo. Depois dela, eu tô entrando pra quinta, deixa eu ver, prá quinta e assim não é por minha causa, entendeu? Ele fala prá mim, eu não sei por que pra você tudo que faz tá bom, por que não tá dando certo, entendeu? Eu vejo assim, as meninas de hoje, elas não tão assim a fim de abraçar as coisas sabe. Qué ter o dinheiro, porque qué vestir, qué passear, mas

falou em trabalhar e cuidar do filhos dos outros não vai muito não, sabe assim. Eu prefiro dos vinte sete prá trás. Porque assim eu tenho, a minha irmã caçula tá com uns 20 anos, assim ela é muito trabalhadeira, assim, sabe, mas eu não sei se foi questão de educação, eu não consigo entender porque as que passaram na minha casa sabe, não deu certo. Nossa, teve um sábado que a última que saiu agora num sábado eu vim trabalhar era dez horas da manhã minha filha ligou e falou olha mãe a gente tá sozinha. Eu falei, meu Deus o que, que eu vou fazer. Aí, liguei pra ele no serviço e falei: Ó, trabalha só meio período que as crianças estão sozinhas. Aí, ele deixou o serviço e foi embora entendeu? Então, assim, eu vejo elas assim sem responsabilidade, então é difícil, porque ás vezes é, ... você perde porque assim. Eu sou uma pessoa muito franca nas coisas que eu quero, não tem enrolacão comigo não. Eu não sei se é defeito, qualidade, eu não sei assim, como as pessoas vêem isso entendeu? Então, a partir do momento que a pessoa, ó, você me arruma um serviço, eu sei que você tá precisando. Ó, só que é assim, assim e assim. Meu horário de serviço é assim, assim, assim. Você vai ficar em casa um dia sim um dia não, só que as vezes acontece de eu tá na minha casa e eu precisar ir trabalhar no lugar de outra pessoa. Então, não tem mentira. Ó, eu vou entra seis horas da manhã, vou trabalhar cinco meses nesse horário. Você tem que sabe que dez prás seis da manhã você tem que tá entrando dentro da minha casa, porque minha filha pega o ônibus seis e quarenta pra ir pra escola, tudo bem? Tudo bem. Então que dizer, aceita aí, depois de tudo isso começa a me causar problemas. Tipo ó, não gosto de criança dentro de casa quando eu não tô, principalmente meninos porque elas são duas meninas, é, sabe então assim, isso me causa problemas eu sofro problemas por causa disso. Porque assim, não tem dado certo, não dá não tá dando certo mesmo. Essa que eu arrumei agora ela cuida muito bem, sabe dá uma atenção pra elas assim, chega tá até estragando, mas assim minha casa tá ficando um pouco assim, sabe a Deus dará pra elas. Mas, aí eu falei pra ele, eu vou conversar com

ela. Cabelo também não tá dando certo, assim, porque eu sou muito enjoada com o cabelo delas. Primeiro porque o cabelo delas não é aquele cabelo bom, mas são dois cabelos assim enormes, que você tem que tá penteando, desembaraçando, trançando, então não tá cuidando, não tá sendo cuidado essa parte, mas do resto a alimentação, escovação de dente, sabe, carinho, atenção, leitura, nossa eu tô satisfeitíssima, minha casa tá ficando meio a Deus dará, mas é coisa que eu tenho que tá acertando com ela. Porque é assim, eu vejo a maior importância no fato dela do cuidado que ela tá tendo com elas, que é muito importante. Mas assim, eu sofro com isso mas assim, vou trabalhar e cuidar delas eu me sinto assim uma guerreira. Porque minha mãe assim, saiu prá trabalhar, minha irmã caçula tava com oito anos e nessa época eu já cuidava da casa e ela já cuidava de esquentar a comida, entendeu? A gente tava se virando sempre sozinha e as minhas filhas não, elas tem uma pessoa adulta pra estar na companhia delas. Então assim, eu me vejo uma guerreira, porque eu não ganho nada quase e ainda tenho que pagar e ainda anda tudo em ordem, elas vão pra escola elas se alimentam direitinho, então assim, eu me sinto uma vencedora porque é difícil é uma situação difícil. Você sai, você deixa, sabe assim porque o povo você sabe né ah, ah, ah, vai cuidar da tua vida e deixa a deles de lado. Poxa, mas você colocou essa fulana pra trabalhar na tua casa. Um dia eu tava no mercado a mulher falou pra mim assim: Mas aquela menina ta trabalhando na tua casa, cuidado hein, ela rouba marido dos outros. Falei prá ela: Olha minha querida isso não me preocupa, sabe porque, ele sabe quem sou eu e sabe quem é ela, se ele quiser fazer a troca o problema é dele. Sabe, então assim a moça olhou pra mim assustada, sabe, então eu sou uma guerreira. Porque essas coisas não me esquentam a cabeça, a vida particular da pessoa, o que a pessoa faz. Porque tem mulher que não deixa o marido dela sozinha com um tipo assim, a pessoa teve um namoradinho ou é mãe solteira, não deixa de jeito nenhum. Eu não tenho essas coisas, primeiro que eu tenho que confiar nele depois em acreditar

no que ele, a troca, que se ele resolver fazer a troca, o que ele vai tá perdendo. Então tem tudo isso, eu saio tranqüila, mas assim eu sou um guerreira sabe, o povo fala eu não escuto, sabe, ta, eu tô sempre de bom humor. É difícil você me vê brava, mas também a hora que você me vê brava você conhece de longe que assim, eu tô brava. Porque assim, eu mudo, eu mudo mesmo, minha feição muda, eu conheço de longe porque assim, como eu tô sempre de bom humor então não é difícil você vê que: não, hoje ela não tá bem e raramente isso acontece também. Assim, sabe, de eu chegar um dia e fala eu não tô legal. Só que o dia que eu chego e falo olha eu não tôo legal o dia assim é um dia terrível. Então, caminha assim, é, e eu não tenho que reclamar sabe, eu falo gente eu sou vitoriosa porque olha já pensou. Olha, eu vejo pessoas assim minha mãe mesmo, minha mãe trabalhava, chegava o domingo meu pai trabalhava fora, vinha com aquele monte de roupa, umas roupas vermelhas imundas, aí, ela ficava o domingo o dia inteirinho. Eu limpava a casa e ajudava a fazer comida e ela ficava o dia inteirinho no tanque no domingo. O dia que ela tinha prá descansar. Aí ela saía do serviço quatro e meia, cinco horas da tarde e ela tava alí no tanque. E eu, não tenho nada disso, a não ser quando eu enlouqueço que eu vejo a roupa acumulada lá, que eu vou lá e lavo. Então, não tem muito assim. Só, que eu vejo as coisas assim ,existem pessoas com situações melhores que a minha e existem outras com situações assim muito piores. Então, eu procuro estar vendo estas coisas pra não ter que tá sabe, mas não a minha vida é uma droga, a minha vida é uma droga, não de jeito nenhum minha vida é ótima.

(Parece-me que você fala assim, sempre se comparando com a sua mãe...)Isso. (Um pouco do modo de vida dela.) É, porque a minha mãe assim, sabe, porque você fala assim, a sociedade quando vê assim, a família não dá muito certo, o rapaz vira ladrãozinho, ou a moça, sabe vira piruinha, a sociedade culpa a família, a falta da família. Só que assim, meu pai, teve tempo do meu pai voltar pra minha casa uma vez no

mês. Ficava no Mato Grosso, a gente não dormia direito, o serviço que ele fazia era perigoso, minha mãe assim sozinha com a gente saía prá trabalhar de manhã só voltava de tarde e assim eu ficava prá cuidar dos meus irmãos. A menina eu ainda conseguia mandar pra escola e o menino eu nunca consegui, não quis estudar mesmo, hoje ainda eu falo pra ele volta prá estudar, volta prá estudar, hoje você tem um filho você tenta arrumar alguma coisa assim, melhor pra você, volta a estuda, volta a estudar. Então, assim, o meu marido briga comigo, porque ele fala pra mim assim, que eu peguei toda a responsabilidade da família do meu pai pra mim, mas eu sou a filha mais velha, geralmente filho mais velho leva isso até. Então, assim, eu olho prá minha mãe assim, porque nós fomos criados sozinhos. Porque a minha mãe não tava dentro de casa, domingo ela ia assim trabalhar no tanque. Então, a gente não tinha assim o que as minhas filhas tem hoje, sabe, eu tive uma boneca, uma, sabe o que meu pai fez, foi jogar no berço da minha irmã quebrou o pescoço da minha boneca. Assim, sabe, só que minha mãe sempre foi camarada, sempre foi amiga, sabe, assim, só que como ela acho, não estudou ela também nunca teve esse negócio de, não é importante estudar, não, nunca teve isso. O que ela ensinou prá gente mesmo, nunca mexam em nada de ninguém, façam o serviço de vocês honestamente, não importa o que seja. Então, sabe, graças a Deus trabalhei muito na casa dos outros, cuidei muito de filhos dos outros, minha irmã também, assim, muito honestamente.Então isso é muito bom. E eu quero isso prá elas também, sabe, andar, assim, como profissional, mãe e esposa principalmente, muito honestamente, porque assim, ás vezes ele fala pra mim assim: Eu acho que você tá com rolo. Eu falo pra assim ele: Olha, os rolo que eu vivi, eu vivi antes de você, eu era livre, jovem e desempedida. Hoje eu vivo com você, e além de você eu tenho duas filhas, tudo delas, mulher, a mãe, a companheira que as minhas filhas possam vir a ser, depende de mim hoje, porque jamais uma filha mulher se espelha no pai, nunca, é sempre na mãe. Assim, tem coisas que a gente fica até admirada. Tem

uma filha que ela parece uma perua, ela adora batom, ela adora jóias, sabe assim. (Ri) Então, eu falo o que é esse negócio aí. Elas saíram mais pro lado da minha irmã, assim minha irmã mais assim chegada nessas coisas. Eu coloquei relógio, brinco e passei um batom tá excelente sabe. Minha irmã não, minha irmã já é mais. Mas assim, é uma coisa muito difícil você sai pra trabalhar deixar os outros assim dentro da tua casa, preocupação do cuidado dos teus filhos, se elas vão estar na rua ou não, sabe, o que vai ser falado. Tinha uma que falava pra elas assim, que como é que era, que Nossa Senhora Aparecida não era mãe de ninguém. Eu falava, ai meu Deus do céu. Quer dizer questão de religião é uma coisa complicada, eu tenho a minha, você tem a tua e eu acho que ninguém tem que tá opinando nisso daí, entendeu? Eu falava ai meu Deus, que eu vou fala. Tinha outra que conversava tudo errado. Ai meu Deus do céu, então você vive algumas coisas que você fica assim sabe, você vem trabalhar, e você fala: “Meu Deus tenha misericórdia”, mas você tem que tá trabalhando, você tem que, sabe assim, que depois tá colocando aquilo assim, no lugar, sabe. “Mãe, a Márcia falou que Nossa Senhora não é nossa mãe”. Eu falei: “filha religião a gente não discute, você tem a tua e tem que respeitar, e ela tem a dela e tem que respeita a dela e a sua e você respeita a dela, entendeu”? Então assim, você sai assim, são outras pessoas, pessoas estranhas sabe, então você fica meio, é a única coisa que me preocupa de tá deixando elas assim com outra pessoa. Mas o serviço que eu tenho me dispõe em tá com elas no outro dia pra tá ajustando as coisas que a outra pessoa começa a criar. Mas assim, sabe, o pai é muito bravo, muito bravo ele não perdoa nada, ele, olha, ele falou o nome, já sabe, eu não, eu posso lá ficar anos e anos sabe, que não. Mas assim, ele não tem assim, muito estudo, foi feito tudo assim, porque, eu fui, vamo estudar, vamo estudar, mas hoje eu vejo ele assim, como assim, um paizão, sabe? Porque quando eu não tô ele conversa muito, ele coloca na bicicleta leva pra passear, sabe, ele não é assim, porque, ele tem uma, uma história de família muito diferente da

minha, sabe, assim, porque, minha mãe trabalhou em função de assim, calçar, vestir, porque o dinheiro do meu pai não dava prá isso, então assim a gente tem muita amorosidade entre a gente, entre os irmãos sabe não tem aquela coisa assim de preocupação quando o pai e a mãe morrer o que é que vai ficar pra gente a gente não vive nada disso. Por nós, a gente faria o possível pros nossos pais serem eternos, principalmente a mãe. Minha mãe assim, ás vezes ela fala assim: Ah! eu vou morrer, eu não vou ficar prá semente. Eu, eu começo a chorar assim, que você até assusta, parece que tá acontecendo realmente. Porque assim, é a companheira é a pessoa que você corre, que você conversa, que você fala, olha eu não gostei disso sabe, e é a pessoa também que você fala, puxa meu marido fez isso e isso pra mim. Ela fala pra você assim: “Mas realmente ele tem razão”. Entendeu? Eu sou filha, mas eu tando certa, eu tô certa, eu tando errada, eu to errada. Então, isso é um referencial pra mim, e é assim que eu tenho educado minhas filhas, você tá certa, você tá certa, você tá errada, ta errada e acabou. Então, assim, eu falo prá ela, sabe. Eu falo mãe, eu não vejo a hora delas terem dez anos prá poderem tá ficando sozinha, pelo menos prá esquentarem a comida, no outro dia eu me viro, não tem problema de limpa, lavar, passa, não tem problema. Porque é assim, é muito difícil você sair da tua casa hoje, porque antigamente as pessoas tinham responsabilidade, você deixar. A minha irmã foi trabalhar com doze anos, cuidar de filhos dos outros com doze anos de idade, a patroa saia e deixava, entendeu? Hoje é difícil você fazer isso. Outro dia eu tava conversando com uma amiga minha ela falou: Olha, ah!, a menina mandou a empregada embora, porque ela descobriu que a empregada tava levando todas as blusinhas dela embora. Não tenho problema com isso, mas isso não foi nada, depois que ela mandou a menina embora, o menino disse que a empregada estava sentando a cabeça da menininha na parede. Você sabe assim, quer dizer tenho um filha que é feroz ela é feroz, ela é brava, ela é geniosa, sabe assim, o que ela tem que fala ela fala mesmo. Então, assim, eu falo ai

meu Deus do céu, já pensou se eu coloco uma pessoa dessa dentro da minha casa, mesmo porque ia ser terrível, porque elas assim, elas se defendem mesmo, elas falam mesmo, então isso me preocupa. É o único problema que eu vivo em tá trabalhando e tá deixando elas com os outros. É difícil, é preocupante e assim, minha mãe não tem paciência mais, não tem, minha mãe não tem paciência e também tá trabalhando fora e a mãe do meu marido é a mesma coisa que as minhas filhas não tivessem avó paterna. Porque assim, eu vejo assim, ela não foi boa mãe, porque assim, os filhos assim, foram assim, você olha, você vê que eles acham que eles podem tudo, e eu acho que isso é falha dos pais, muita falha dos pais, porque o seu filho tem que ter um limite, tem que saber que o outro tem que ser respeitado, e isso não foi passado prá eles, meu marido aprendeu depois de casado. Então assim, não era uma boa fica, entendeu porque ele fala assim: Vocês tem tudo, a gente quando era solteiro tubaina a gente roubava, danone a gente robava, então é difícil. Aí, eu falo pra ele, eu falo ó, você vem almoçar em casa, porque não tem como eu almoçar em casa, você vem almoçar em casa, então você sabe, vê o que tá se passando, conversa. Sabe assim, ele não vai a reunião de escola, é tudo eu. Só, que ele passa a mão no boletim no dia que o boletim chega, vê o boletim, aí quando ele tem tempo ele olha os cadernos, dá pra melhorar você pode fazer melhor, que eu não tando em casa na hora do almoço se tem problema com matemática ele explica. Então assim, ele mudou muito como pessoa, então o que assim me tranqüiliza é esse horário de almoço que ele tem que aí eu sei que se tiver acontecendo alguma coisa errada ele já conserta. Mas assim, eu não tenho que reclamar de nada em relação a nada, em relação ao meu serviço, sabe assim, do fato de eu trabalhar. Eu acho que nem se eu tivesse muito dinheiro sabe. Ás vezes porque assim, todo mundo escreve pro show do milhão e coloca no meu nome, aí fala pra mim assim e se você ganhasse muito dinheiro, você ia parar de trabalhar? Eu falo: Olha podia ser até que eu parasse de trabalha no que eu tô fazendo, porque aí

me traria condições de outras coisas, mas parar de trabalhar nunca, porque eu acho que quando a pessoa para de trabalha, assim, a velhice chega numa velocidade tão terrível e assim as doenças também. Sabe, porque meu pai, meu pai é novo, meu pai ele é um coroão bonitão. Aposentou com cinqüenta e dois anos, tudo nele dói. Eu não quero isso pra mim, acho que se eu puder trabalhar até sessenta, setenta anos, olha vai ser uma ótima. Acho que você trabalha você tá sempre, não dá tempo entendeu, de você, ou ás vezes você ta lá, ai tá doendo, tá doendo, mas você tá trabalhando, tem que trabalha. Aquilo ta, ás vezes não é bom porque talvez seja até uma coisa mais séria. Mas eu acho que trabalhar é bom sempre, bom sempre, bom, bom, bom, sabe ocupa a tua cabeça, não fica pensando em besteira. Acho ótimo trabalha, adoro, adoro o que eu faço, sabe. Procuro fazer bem feito sabe, assim principalmente, pra assim dá em troca pras pessoas que acreditaram em mim. Porque existiam pessoas dentro do local de serviço que achava que eu não devia ir, sabe não devia ir não devia não ia dar certo, porque assim, falava que eu era muito topetuda. Então sabe, não, bateram o pé, não ela tem que ir, ela tem condições, ela estudou, ela tem filhos, ela tem família e ela precisa ganhar mais, então em função disso também eu procuro tá sabe, sempre fazendo o melhor possível. Eu falho, ás vezes, porque se eu não falhasse, mas, não tem o que reclamar assim eu sou realizada, não só sexualmente, tá um probrema. (Ri) Mas eu vou ter, eu tenho que tenta resolver entendeu, porque pelo menos agora nós somos jovens ainda, temos trinta anos, temos uma vida intera pela frente, e acho que é uma coisa assim muito importante que tá falha na gente e eu sei assim que tem condição de anda melhor andar bem. Mas, eu ainda não consegui assim, acha a solução sabe. Nossa ele já falou prá mim: Vai no médico, vai no médico. Ai, meu Deus do céu. (Vocês conversam sobre isso?) A gente conversa bastante sabe, você tem sabe assim, você sente tesão, que é aquilo que eu te falei, por outro homem, não, não sinto tesão. Eu acho que deve ser realmente o cansaço sabe, assim, toda a

responsabilidade que eu tenho hoje que eu não tinha antes de casar. Então isso sabe, assim, desacelerou aquela coisa assim. É, mas ele fica bravo, muito bravo, muito, muito, muito, muito bravo, mas aí não é só comigo, entendeu? Então, eu vejo assim, todo mundo fala ai meu Deus do céu ele ficou bravo, então quer dizer não é só comigo. Então eu tô dentro do padrão da sociedade (ri) normal. (Mas a questão seria talvez você perceber se pra você ta bom ou não, parece que é isso que você está querendo ver?) Exatamente. Não tá bom, pra mim não tá bom, assim não tá bom, eu acho que não, não, não, e dá pra ser melhor, tem toda a condição de ser melhor, mas eu ainda não encontrei a resposta, não encontrei. Eu procuro bastante mas não encontrei, eu acho que eu já falei pra ele vamos fazer o seguinte a gente separa que depois entra tudo nos eixos. Você fica na sua casa e eu na minha.

(Talvez a gente pode estar finalizando, eu queria uma questão mais abrangente. Como você vê hoje a mulher dentro da sociedade, como um todo, como que você vê a condição da mulher?) As que são bem estruturadas assim, elas são vencedoras assim, e tem um potencial tão grande que tá causando até dor de cotovelo. Porque a mulher é muito, mas muito, muito mais assim capaz porque, pelo fato dela ser assim muito detalhista, ela assim se coloca muito além do homem e eles não gostam muito. Assim, as que são assim menos assim, elas são assim muito discriminadas, sofridas, porque você pode ver assim tem mulher que ela não tem escolaridade e ela faz o mesmo serviço que o homem faz, só que financeiramente falta o dobro do salário dele eu acho isso um desrespeito. Assim, na questão familiar eu acho que hoje todas nós somos vitoriosas, porque tá difícil. Você vê uma mulher que não trabalha, não existe mais isto, acabou. Porque antes o marido ele tinha condição de ser realmente o chefe da família, hoje ele não tem. Hoje, ás vezes a mulher é a chefe da casa, então assim, eu acho que a dona de casa hoje assim, ela é campeã, porque, tem umas que ainda tem condição ainda de ter alguém que ainda dê uma mão, mas outras são só

elas e só elas mesmo. Assim, hoje assim, a gente também tem aquela mulher que optou por ser sozinha com o filho, que é assim muito mais mãe, pai, do que se tivesse pai realmente, pessoas assim. Eu conheço muita gente assim que cuidou criou, educou os filhos sozinha e que os filhos são assim nota dez. Que a sociedade coloca a família como culpado da falta do pai. Esses dias mesmo eu tava conversando com uma vizinha. Eu falei, olha você tá de parabéns, porque você educou o teu filho sozinha e ele é um excelente rapaz, um excelente funcionário, muito educado o teu filho é. Então eu acho que a tendência da mulher hoje é crescer cada vez mais, só que ela tem que buscar e ter coragem também. Você não vê a Roseane Sarney, olha a aldácia dela. Acho que não vai dar pé entendeu, eu acho que não vai chega lá, porque ás vezes muitas de nós não acredita. Ah! mulher, vamos colocar uma mulher lá, um homem não deu certo uma mulher vai dá. Tem esse desrespeito também, as mulheres ás vezes não acham que é capaz de chegar e dar certo. É assim, eu acho que tem muito mais tato, eu acho que tem muito mais tato, eu acho que nós na organização é um milhão na frente. Mas eu acho assim, que anda tudo bem, tirando assim, as menos assim, assim, bem colocadas na sociedade, que aí passa por uma discriminação, que vai trabalhar dentro das empresas, que pega assim no pesado, aí elas são mais assim, mais judiadinhas. Eu acho que falta muito ainda, o pessoal tá percebendo que não é por ai, mas eu acho que... E problema todo mundo tem, todas nós temos, mas eu acho que o que vale a pena é você tá sorrindo sempre, senão você não guenta. Você vê hoje depressão, todo mundo sofre de depressão, principalmente as mulheres. Mas eu acho assim, não sei é falta de Deus sabe, porque ás vezes as pessoas explicam esses problemas, ah!, mas cada um é um, cada um é um, mas Deus ele é único, se você acredita nele e agradece ele todo dia pelo que você tem mesmo que seja pouco, vixe, nem (...?) pega. É assim que eu vivo a minha vida. Falo obrigado Deus por tudo, pela saúde das minhas filhas eu te agradeço. Eu te agradeço pelo pouco que eu tenho, que tem

gente que não tem o que eu tenho. Pronto. (Legal. Tem mais alguma coisa?) Não. Eu espero que assim, que você tenha conseguido alcançar aquilo que você esperava comigo, e obrigada pela confiança que você depositou. (Obrigada, você.)

ENTREVISTA 2

DATA: 13/03/02

FÁTIMA: 36 anos, escrituraria, formação de magistério completo, casada há 16 anos, três filhos.

ENTREVISTADORA:

Eu gostaria que você pudesse estar falando pra mim um pouquinho sobre a sua vida, é, sobre casamento, maternidade, filhos, trabalho e relações desse tipo, como que é essas coisas para você, como você concilia isso na sua vida, e você pode estar falando da forma que você quiser, começando por onde você quiser. Então, assim, você pode ficara a vontade pra poder estar falando sobre esses aspectos.

ENTREVISTADA:

Eu quando me casei, eu tinha 19 anos. (Certo.) Já casei grávida. (Certo.) Né, já casei grávida. Na época eu não trabalhava, minha vida inteira eu trabalhei, de empregada doméstica, né. (Certo.) Eu estudava e trabalhava, aí eu namorei um bom tempo, eu acabei engravidando, aí eu tive o primeiro filho, né. Pra ajudar o marido eu fui trabalhar numa vizinha, porque eu fui morar em Marilia, fui trabalha numa vizinha, pra ajudar nessas coisinhas do neném, porque eu queria ver ele, nascesse tudo bem,ne, tivesse essas coisinhas pelo menos pra ele vestir. (Grávida?) Grávida, fui trabalhar de empregada, cuidava de uma nenezinha. Fomos morar sozinhos eu e ele, numa casa de dois cômodos e banheiro né. Aí eu tive o bebe, vim pra cá, aí foi assim, eu tive o primeiro filho, ele não nasceu, ele nasceu bem de saúde, aí eu vim pra Pompéia, porque lá na casa ele tinha problema de alergia, a casa era assim cheia de mofo. O P. acabou pedindo a conta lá em Marília e viemos

morar em Pompéia. Aqui eu também fui trabalhar de empregada pra ajudar, né. Fiquei grávida do segundo neném. (Por que esse fiquei grávida do segundo neném, você não esperava?) Não, eu não esperava. (Certo.) Sabe, eu não esperava, eu não sei se pode entrar coisa íntima da gente no meio. (Pode falar o que você sentir vontade.) É, eu fiquei grávida do 2º filho, nisso o L. tava dando problema porque ele tinha alergia do leite e a gente não sabia. Ele acabou ficando internado em Marilia. Eu pra cima e pra baixo, acho que ele tomava o leite, ele tinha alergia e a gente não descobria o que era. Ficou internado em Marilia, no Pavilhão da Santa Casa na UTI, tomou até sangue. O leite fazia mal, como a gente não descobria, ele acabou tendo problema de intestino, tudo, acabou ficando uma criança fraca e a gente, sabe, marinheiro de 1ª viagem, tendo que trabalha, mãe precisava, mexia com o leite, dava outra coisa pra comer, você sabe como é que é deixa com a mãe. (Você deixava com quem?) Era assim, quando eu vim pra cá, a minha mãe cuidava dele pra mim trabalha. (Certo.) Né, pra ajuda. (Você morava aqui com a sua mãe ou não?) Eu, ai quando eu mudei de Marilia pra cá, ai eu fui morar com a minha mãe. (Certo.) Né, aí o L. ficou internado, tudo. Aí ele melhorou bem, mas ele apanhou uma pneumonia dentro da Santa Casa de Marilia, aí eu comecei a cuidar dele quando tava grávida do 2º, né. Aí eu passei mal no serviço, caí no serviço, acho que de tanto trabalha, acho que eu tive uma..... sei lá o que, eu nunca tive essas coisas. Aí, aí eu parei até ter o 2º filho, né de trabalha. Aí eu fui cuidar mais do L., né, barriguda, tudo. Aí o L. pegou 3 vezes pneumonia depois que eu sai do trabalho. Eu grávida, nesse período, intervalo. E eu vinha com ele nas costas até o hospital, as vezes a pé, fazer inalação cedo e de tarde, porque o meu marido não tinha carro na época, meus pais também não tinham. Meu tio tinha uma furrequinha veia que vira e mexe não pegava, porque isso foi dezesseis, quinze anos atrás. Ai foi passando, o L. ficou bonzinho, melhorou tudo. Aí nasceu o segundo bebê. Nasceu o 2º bebê, começou, filho e problema com o marido.

(Que tipo de problema?) Ahhh, o problema eu comecei a te antes do nenê nasce. Ele começou assim sabe, eu não tenho certeza se o meu marido teve outra mulher né, ele deve ter tido um envolvimento fora de casa, porque ele começou a briga muito comigo, ele não me batia, mas eu passava tanto nervoso com ele, que olha, a minha gravidez no sexto mês, sétimo mês em diante foi um tormento. (Ah.) Foi um tormento, quando nasceu o 2º filho eu não tive leite pra amamentar ele, sabe, de tanto nervoso que eu passava com ele. Até, eu lembrava me dava ânsia, acho até que era emocional. Mas, eu superei graças a Deus. Aí eu não tive leite pra amamentar, aí já começou, né. O nenê já nasceu uma criança assim, que a gravidez já foi um pouco turbulada, né. (Isso) Aí ele nasceu um bebê fraquinho, 2.600gramas, um bebê de 9 meses, já nasceu fraquinho. Aí eu fui cuidando, cuidando, cuidando. Ele nasceu anêmico, mas a gente não sabia. (Ah) Ele nasceu com anemia, mas a gente não sabia, aí até que no 6º mês a gente foi descobrir a anemia dele. Ele não ganhava peso, ele ganhava muito pouco peso a preocupação minha era essa. Aí a mulher me pediu um exame de sangue no 5º mês e descobriu uma anemia ferropriva, mas já, era tão forte que quase precisou de transfusão. Eu não tinha má alimentação porque eu trabalhava pra isso mesmo. Eu fiquei com medo pra ajudar o meu pai pra ajuda o meu marido né . A gente, eu não entendia se era porque o nervoso, eu perdia a fome na gravidez, não sei se foi, ou se eu perdia mesmo. Eu fiquei muito magra, sabe deve ter sido isso, pode ter sido uma má alimentação devido ficar nervosa e não comer na hora certa. Aí o neném, aí ele, aí nós descobrimos a doença, nós fomos cuidar. Aí ele cresceu um bebê forte, comecei dar ferro, todas comidas que tinha ferro e hoje ta lindo, né. (Certo.) Um meninão bonito. Aí foi aonde no tratamento dele, eu tive um problema de saúde, e fui no hospital fazer exame, aí foi aonde eu tava com infecção de urina. Arrumei emprego na Santa Casa, me ofereceram emprego lá, porque minhas colegas tudo trabalhava lá. (Ah.)

Aí comecei a trabalhar no hospital, eu tendo ainda problemas com o marido, porque ele só queria sabe da vida dele. Ele saia pra onde ele queria, ele largava eu em casa sozinha, né. Mas eu ali, firme, comecei a trabalha, já foi um serviço melhor. Eu entrei na recepção da Santa Casa, porque eu já tinha curso, eu tinha o magistério, tinha datilografia, tinha né, na época eles exigiam isso, que é há 14 anos atrás, né. Comecei a trabalhar, aí, nesse tempo as crianças já tavam bem, porque já tinha pegado uma resistência, a doença já tinha passado, né. (Certo) Tanto, que a única doença que os meus filhos teve foi isso, graças a Deus. Aí continuaram os problemas em casa, com ele. Mas eu trabalhava, chegava em casa, eu trabalhava a noite, chegava em casa, ficava sabendo que ele tinha saído, passado, ficado até de madrugada fora de casa, a noite que eu trabalhava. (Ah, certo). O meu M., devido acho que a gravidez dele ser do jeito que foi, não sei se foi isso, o que, que foi, ele não conversava direito, já tinha uma certa idade. Ele demorou muito pra fala, ele era agitado, jogava as coisas tanto que eu levei ele na psicóloga. Jogava as coisas pro chão, se ele tava nervoso, desde pequenininho. Eu tive que dá uns tapas nele com 1 ano e meio, ele jogava as coisas no chão, cadeira minha derrubava no chão, se ele acabava de mama e me chamasse , se eu não ia até ele jogava a mamadeira longe. Eu dava uns tapinhas nele sabe, pra... Até que aí depois, mais pra frente eu levei na psicóloga né, mas ele continuou com a agressividade. (Certo) E, mais tudo bem, ele chegava em casa. O que eu fazia quando eu trabalhava a noite e tinha os dois pequenos. Primeiro tinha a minha mãe, que cuidava, que me ajudava. A hora que eu chegava o marido já tinha ido trabalhar. Meu pai e minha mãe sempre me ajudou muito. Aí eu chegava em casa, eu lavava a roupa, depois que eu trabalhava a noite inteira, eu lavava a roupa deles, eu cuidava deles, minha mãe me ajudando. Quando eles estavam tudo bonitinho, com almoço e tudo, nós lavava a louça rapidinho,eu sempre queria fazer as coisas tudo muito rápido, né. Eu sempre gostava de ver as coisas sempre

tudo limpinha pra mim dormir, senão eu não dormia sossegada. Aí que eu ia deitar e dormi. Muitas vezes aí eu dormia a tarde, a mãe cuidava deles, sabe, pra mim dormi um pouco. (Depois de você ter feito tudo?) O serviço, aí que eu ia dormi. Eu fiz isso, acho que oito anos da minha vida. (Oito anos?) Oito anos, eu só dormia depois do meio dia. Ih, deixa eu vê, eu perdi um pouco, é foi isso, eu só dormia esse horário que eu te falei. Mas, mesmo tendo as discussões com o marido eu engravidei do 3º filho, depois de 2 anos que tava na Santa Casa, eu engravidei do 3º. Mas aí o P. arrumou outro emprego. Eu já, eu, mesmo com as discussões, eu já tinha outra cabeça, porque eu trabalhava no hospital, conversava muito com o pessoal, eu já tinha outra cabeça, né. Aí eu não interessava mais, eu não brigava mais, eu já não sofria muito pelo que o marido tava fazendo ou deixava de fazer. (O que é que você acha que contribuiu, essas conversas, esse ambiente de trabalho, como você percebe isso?) É, o que contribuiu pra isso? (É pra essa melhora.) Ah, as amigas falavam assim, ai F. a vida é assim mesmo, meu marido também é. Às vezes falavam do marido, que o marido tinha problema assim também com o marido, e que homem, a maioria deixa mesmo a desejar pra gente, tem muito maridos que não ajuda a cuida dos filhos, né, que era assim. Então essas conversas, e também, não sei, parece que quando você arruma emprego e trabalha com bastante gente assim, você se solta mais, você se abre, você assim, como fala, você não guarda pra si as coisas que você tá sentindo, porque em casa, você não quer falar pra pai e pra mãe, então você conta pros amigos, né. (Certo) Então, eu acho o que contribuiu bastante também é que você desabafava tudo, e nunca, e quando você encontrava nas pessoas também, que as pessoas falavam coisas pra te ajudar e não pra te colocar você mais pra baixo, então é aonde isso ajudava, né. (Certo) Aí, que eu falei pra você que ele, a partir desse serviço, a partir do 3º filho. Eu consegui amamentar o 3º filho. Eu continuei chegando em casa dando mama pra ele, eu ia dormi com ele no horário que ele ia dormi pra mim descansar, sabe. Porque eu ficava

cansada mesmo, né, mas eu preferia fazer assim do que deixa muito a deseja pra eles né. Porque eu já, eu não ficava fora durante o dia, mas eu ficava uma parte da noite que ele sentia falta, que era a noite inteira, que era das 7 as 7 da manhã do outro dia. Um dia sim um dia não. Quer dizer, eu tinha no outro dia, eu tinha tempo de dá atenção pra eles, né. E eu consegui amamentar o D. tudo, devido acho que a cabeça boa que eu tava. Ele nasceu uma criança forte, nunca me deu trabalho, é um menino inteligente, né, então.

Aí a vida também veio melhorar, porque o marido também melhorou. Porque era assim, ele podia ter tudo os problemas da vida, eu ia briga com ele, tudo ele falava que não fazia, que era mentira, ele sempre fazia pra eu não acreditar que ele podia tá fazendo alguma coisa pra me magoar. Ele nunca queria que eu ficasse sabendo de nada. Eu botava as coisas na minha cabeça. Ele chegava numa boa, sentava pra comer, oi tudo bem, como que vai, sentava pra come. Assim, só que eu sentia aquela distância dele, sabe. Ele sentava assim comigo, como se nada tivesse acontecido, mesmo que ele tivesse chegado 2 horas, 3 horas da manhã em casa, e se ele chegasse também, ele deitava, ele fazia carinho, né em mim tudo e eu ficava pensando assim, ai meu Deus, o que é isso né. O homem chegava uma hora dessas, às vezes tinha bebido um pouco também, mas não, eu botava na cabeça que era mulher. (E vocês chegavam a conversar a respeito disso?) Conversava, quando conversava tinha discussão, quando eu queria falar alguma coisa vinha a discussão. Aí ele falava alto, mas não batia em mim, quem avançava nele era eu. Eu tinha esse jeito explosivo, mas uma coisa eu falo pra você, nunca na frente dos meninos. Eu me trancava no quarto, eu empurrava ele, sabe, ou senão, eu tinha um banheiro pro lado de fora, era lá hora que eu ia brigar com ele, sabe. Aí eu ia, aí foi onde, acho que muita conversa, muita conversa, eu conversava muito, eu falava pra ele, ó meu Deus do céu, a gente tem três filhos, eu trabalho pra te ajuda, a gente precisa construir uma casa e você fica nessa vida. Você não, é fica

até tarde na rua, até hoje o P. freqüenta bar, até hoje. Só que já não é como antigamente, até hoje. Aí ele fala pra mim, eu falo pra ele, vamo vê, vamos, mas eu não tô fazendo nada demais, eu só saio pra me divertir um pouco, só e não precisa pensar em mim. Ás vezes eu brigo com os meus filhos, ás vezes eu tô nervosa, qualquer coisinha que eles faz você fala as coisas pra eles, você se arrepende, né, mas porque você não tem assim, eu não tenho você, eu falava pra ele, pra me ajuda, pra tá ali, nunca, você só quer sabe da tua vida. Eu falava, eu conversava com ele, mesmo na frente, as vezes ele saia e não tinha jeito, era só eu sai e ir pro hospital trabalha de noite e ele oh. (E vocês continuavam morando na casa da mãe?) Da mãe, até hoje eu moro com a minha mãe. (Ah, certo.) Só que a gente, aí o que que foi, ele começou a por umas coisas na cabeça, tinha, tudo o que eu falava pra ele, porque eu falava muita coisa, muito mesmo, e ás vezes eu jogava mesmo assim, eu falava tudo o que eu tinha vontade de noite. Eu sentava na cama e não deixava ele dormir até as 3 da manhã ás vezes, e falava, porque eu não conseguia entender porque uma mulher que fazia tudo pra ele, pros filhos, ele ainda fazia, ficava na rua. Mulher nenhuma aceita homem que fica no bar, fica na rua, não é? Que deixa a deseja não é? Dentro de casa, mulher nenhuma aceita. Eu falava, porque disso, e falava, e falava, e falava, e falava. Olha gente, acho que foi 3 anos da minha vida assim, que toda semana eu tinha, eu conversava com o P. a respeito disso. Quando ele respondia pra mim.... eu até dava umas patadas nele. Uma vez eu tava em casa, eu falei pra ele assim: Oh, hoje o pai e mãe ta viajando, você chega seis e meia, porque eu tenho que sai de casa seis e meia pra ir trabalha. Seis e meia, seis e quarenta, 15 pra sete foi chega, não, foi chegar 20 pra sete, eu perdi as estribeira, sabe. Peguei uma bolsa do moleque que tava lotada de coisas mandei nele, né, com tudo, lembro como se fosse hoje, de tanto nervoso que ele fez eu passar. Porque eu não gostava de perde o horário do meu serviço, porque aquilo me ajudava a cuidar dos meus filhos e ajuda ele, né, então sempre eu me dediquei ao meu serviço.

Acabava discutindo de tanta maneira com ele, que chegou uma vez que o filho viu eu discuti assim com ele, e da outra vez ele viu também eu jogando a roupa dele pra fora pela janela do quarto que ele tava dormindo, porque o meu quarto era repartido com uma cortina, né, e as crianças acordou e eu não vi. Eu joguei as coisas dele pro lado de fora. Ele falou , mamãe, porque você jogou as coisas do papai pela janela? Eu falei, porque ele é muito sem vergonha, desse jeito eu respondi, sabe. (Certo.)

Aí, aí, depois desse tempo, as coisas foi melhorando, aí ele conseguiu serviço na chácara do T. Ele trabalhou muitos anos com o T., aí nós começamos a construir nossa casa, né. Do lado, porque o meu pai tinha um terreno, que meu pai era assim, meu pai sempre foi uma pessoa que nunca, sempre trabalhou pra, mas nunca foi assim, teve dinheiro pra construir uma casa, então, ele conseguiu comprar uns terreninhos que ele tem lá, mas construir não. Ele morava numa casa de tábua antiga, velha, aí eu falei pro meu pai, eu vou construir uma casinha, o P. tá querendo construir uma casa. Agora ele tá ganhando mais ou menos, ele quer, o senhor quer que eu faça no terreno, o senhor vem morar comigo, eu faço um quarto pro senhor, se o senhor não quiser, quiser continua morando aí, eu vou comprar um terreninho fora, a gente vai sair daqui. Mas como o senhor ajudou a gente quando a gente precisava, que não deixou eu alugar casa, queria que eu ficasse aqui. É o senhor que sabe. Aí ele não quis que eu comprasse, aí nós fizemos no terreno dele, e ele veio morar comigo do lado, porque tinha três terrenos. E veio morar do lado e a casinha dele ficou lá. Aí nós fomos mora tudo junto. Aí depois, fomos começando a construir a casa, as coisas foi melhorando, o P. foi deixando, ele vai em barzinho, mas ele foi deixando de ir, assim de ficar até de madrugada na rua como ele fazia, sabe. Aí nós conseguimos construir a casa, não conseguimos cobrir, até hoje ta sem cobrir, mas nós fizemos laje de piso porque nós tinha uns planos pra fazer lá em cima, uns dois quartos, o pai ficava embaixo a gente ficava lá em

cima né, então tá lá sem cobrir, esse ano a gente vai ver se a gente cobre. Mas, aí foi melhorando né, foi melhorando, as crianças foi crescendo, né, hoje tenho um de 16, e o P. também mudou completamente. Hoje quando ele fala, ó eu vou demorar hoje, eu vou num churrasco lá da J., eu vou demorar um pouco, ai a gente não discute, não briga, né. E hoje é mais fácil, eu to trabalhando, mas eu chego em casa, eu tenho a minha mãe, eu chego lá a janta já ta pronta. A única coisa que eu não deixo a minha mãe faze é faxina, né, os meninos ajuda porque eles tão tudo grande, eles ajuda. Eu ensinei os meus filhos a arruma a cama deles, a guarda a roupa. O que passa, passou eles guardam, cada um guarda a sua né. Quando não que, larga lá, faz de conta que esqueceu, eu muito de boazinha vou lá e guardo. Sabe, ás vezes eles tão jogando bola eu vou lá e guardo. Aí eles, tem um que lava a louça, tem um outro que já sabe até fazer comida, arroz, feijão, eles fritam a própria mistura se eu não estiver em casa. Lava a salada, come, limpa, arruma até a minha cama quando dorme comigo, porque o pai, o pai viaja. Eu saio de manhã e deixo a minha cama arrumada, mas quando o pai, o meu marido tá fora, o pequeno dorme comigo, eu não preciso nem arrumar a cama, quando eu chego lá a cama ta arrumada, do jeito dele, mas ta. Eu tenho que bate de novo, estica de novo a tarde, mas pelo menos ta esticada, durante o dia não está desarrumada. Aí tudo eles ajudam, lava a varanda, fazem a faxina, eles ajudam. Então a vida depois que eles cresceu ficou muito mais fácil pra mim, porque eu ensinei eles a me ajuda. Eu tenho a minha mãe, eu chego em casa, eu deixei hoje o meu filho, ele limpou a geladeira pra mim, descongelou a geladeira e limpou. Agora a tarde ele ligou pra mim que tava limpando a geladeira, o mais velho de 16 anos. Então hoje em dia a vida ficou bem mais fácil do que antes, porque antes era muito difícil, porque tinha, não existia, eu não usava fralda descartável, eu usava fralda de pano, né. (Sei) Pra que que eu ia usar descartável, se eu podia lava as de pano, e era muito mais caro. Eu ia gastar o dinheiro pra que, a toa, porque eu achava que era a toa aquilo

naquela época, não comprava mesmo, lavava tudo. Então eu chegava do serviço e ia lava roupa, ia passa, só quando eu terminava tudo, então, do passado pra cá, hoje, olha, ta uma maravilha, né. (E o que é que, você disse que o seu marido foi mudando, você fala que ele ainda vai, sai, mas hoje parece que há um comprometimento maior na relação, porque você diz que existia um distanciamento muito grande, como que você percebe essa questão desse distanciamento.)

Deixa eu fala pra você como é que era no passado. No passado era assim, ele agia como marido exemplar, assim, nesse sentido. Ele nunca foi assim, de mais novo, ele nunca foi. Quando a gente casou de novo, deixa eu começar de novo. Quando a gente casou de novo, que eu tava grávida do meu primeiro filho, eu chegava em casa, eu vinha fazer o pré-natal em Pompéia, porque toda a vida eu morei aqui, eu não queria fazer o pré-natal em Marilia. Eu vinha faze aqui com o Dr. E. (E como foi ficar grávida namorando? Como foi pra você, como foi pra ele, o que é que vocês?) Olha, a gente já namorava há 3 anos e meio. (Certo) E, o meu marido, ele é de cor, ele é filho de japonês com negra, né. Ele é de cor, ele é mestiço. A minha família, o meu pai não aceitava muito o namoro, porque eles são italianos, meu pai é italiano e minha mãe é pernambucana. Meu pai não aceitava muito, mas não pelo fato dele ser de cor, pelo fato de o pai achar que ele não tinha muito juízo, porque ele foi criado sozinho, sem pai, né, com tio e sempre esse tipo de criança dá trabalho, não é? (Certo). Então, ele não aceitava muito, e a gente começou a namorar. Pro meu pai, não enfiava na cabeça dele que eu poderia casa com ele, eu acabei ficando. A gente namorando muito tempo, ele queria casa e o meu pai relutava, e a gente namorou muito tempos, a gente tinha começado a transar, tinha começado a transar fazia uns 4 meses quando eu engravidei. (Certo) Aí eu engravidei, ele, ele ficou todo contente, sabe com a gravidez, o meu marido, que chegou a me rodar na praça. Eu vinha vindo da escola, quando eu dei o resultado do exame pra ele, me rodo assim, na praça da cerejeira, na cerejeira não, na

Nossa Senhora, lá da igreja, rodo assim, que todo mundo ficou olhando né. Viche, adorou a idéia e foi atrás da papelada pra gente casa e o meu pai nada de querer que a gente casasse. (E pra você como foi?) Ficar grávida? (É.) Descobri que tava grávida? (Isso.) Olha, eu não queria, fica grávida, eu não queria nem sabe, realmente eu não queria, aconteceu, devido a gente ter começado a ter intimidade, o namoro ter sido muito, já tava muito tempo que a gente tava namorando, quase 4 anos, mas porque deu, sabe, deu a impressão mesmo que era aquela hora mesmo que tinha que acontecer. Porque eu, eu era assim, uma menina que não queria transar antes do casamento, acabou acontecendo, você vai deixando ter intimidade e outra, aí você mesma acaba aceitando, não é? Aí eu fiquei, eu aceitei a gravidez, eu não aceitei a gravidez de principio por causa do meu pai, não porque eu não queria o filho. Porque o meu pai, Deus me livre, não queria que eu ficasse grávida e ia me bota pra fora de casa, porque tinha uma cabeça. Eu casei e ele não sabia, ele não queria o casamento de jeito nenhum, e nós arrumamos a papelada, tudo, chamamos ele pra assinar, ficou com uma cara desse tamanho. Levou no altar meio tristonho, mas casamos. Nós aceitamos bem a gravidez do neném, e ele também, inclusive quando eu tive o 1º filho, lá ele levou flores pra mim, né, na Santa Casa. Ficou o tempo todo lá do lado, né, que a crise começou foi do 2º, da 2ª gravidez em diante. (Certo.) A crise do casamento começou, né. Ai a gente achava até que era má companhia que ele tinha arrumado, porque ele perdeu o emprego, perdeu não, ele pediu a conta na S., porque tinha até um emprego bom na S., e ele saiu, pediu a conta. Aí ele foi trabalhar de motorista de táxi na rodoviária de Marilia, pra uma empresa que tinha dois carros, pra um senhor, não era empresa não, ele tinha dois carros, e lá eu comecei a ver que a coisa começou a entortar, foi de lá. (Certo.) Que você vê, assim, ele, ele não ligava a mínima, ele ficava, assim por exemplo, ele chegou a ficar três dias fora de casa, pra ir trabalhar com táxi, falando que tava viajando, eu não acreditava não. Foi daí que começou a ter, também, assim, ele

deixava, ele, a distância dele era isso aí. Quando chegava em casa, ele chegava sabe, ele me dava carinho, beijo, abraço, tudo, ele queria que eu tivesse ali com uma cara bonita, mas como eu não aceitava aquela situação. Você entendeu? (Sei) Ele queria que eu fosse uma esposa linda e maravilhosa, como se ele tivesse passado a noite inteira na rua e eu trabalhando não tivesse ficado sabendo. Ele queria que me encontrasse sorrindo, e ele chegava e encontrava que olha, eu juro que se eu tivesse força, ele tinha apanhado tanto de mim, porque eu pegava até pau pra dá nele dentro do quarto. Eu tinha um pau de macarrão dentro do quarto. Eu falei, se ele levanta a mão, eu sento o pau de macarrão na cabeça dele. Porque aí eu cobrava mesmo, o meu negócio era cobrar, eu cobrava, eu cobrava, eu cobrava atitude dele. Sabe. (Uma mudança) Uma mudança, é isso aí. Aí agora, lógico, meu marido viaja, trabalha na J. viaja, só que assim, antes dele viajar, antes, quando ele entrou na J. ele não viajava, mas era diferente, ele saia do serviço e mesmo no T., ele me levava pra passear quando não tinha que trabalha no T., e a gente fazia churrasco no final de semana junto em casa, ele ia no bar sim, mas quando dava 9 e meia ele já tava em casa, não era como antes que dava 10, dava 11, dava 1 e nada dele chegar, e quando eu tava trabalhando era pior ainda, quer dizer, eu sentia falta do meu marido, né. E hoje não, eu tenho muito mais a presença dele viajando do que antes quando ele ficava em casa. Tinha domingo que ele saia cedo, só voltava de noite, nem almoçar ele almoçava, chegava bêbado, bêbado. Você notava que tinha bebido o dia inteiro, quer dizer, você acha que bebida, farra, não inclui mulher junto, com certeza, né. (Isso eram dúvidas suas, você nunca soube nada?) Nunca soube nada, só que era assim, eu era muito, eu não sei se eu era esperta ou eu queria ser esperta demais, porque eu investigava tudo, camisa, cheiro. Meu marido nunca usou perfume, ele não gosta de perfume, ele tem dor de cabeça, ele usa só perfume debaixo do braço, então eu sentia perfume estranho na camisa. Uma vez eu vi uma marca de batom, uma outra vez, ele estava dormindo, eu vi uma marca vermelha

aqui nele, dava a impressão que alguém tinha chupado ele, entendeu. Então eram coisas que faziam eu acreditar que era. Imagina, ele negava de pé junto de joelho, que não tinha, mas gente, passava a noite até de madrugada fora, era só bar?, era só farra?, era só forró?, porque até no forró eu fiquei sabendo que ele foi, eu chegava no hospital, tinha um que me contava, que ia no forró todo sábado. Eu cheguei num domingo de manhã e joguei ele no chão, eu joguei pelos cabelos. Isso aqui é porque eu sei que você foi no baile, eu não só te bato, porque eu não tenho força, eu falava pra ele. (Você percebe que era assim que você acabava voltando, pra uma forma muito agressiva.) É (Física) É (Era essa a forma e falando?) É, e falando, só que as vezes eu partia pra ignorância, porque ele não respondia nada. Ele não era uma pessoa que se defendia sabe, então você acusava que tava assim, que ele falava. (Certo.) Só se acusava, ficava acusando e ai ele perdia a paciência, ficava nervoso .. ele me respondia, aí se eu fosse falar, ele ficava calado. (E no outro dia , nunca tinha essa possibilidade de conversar, que ele se calava?) Até não se calava sem beber, conversava um pouco sim, mas era menos, acho que. Eu percebia que ele tinha culpa no cartório, porque quando eu fazia a pergunta assim, que eu achava que tava acontecendo, eu falava assim: Eu acho que você tem outra pessoa fora, ele se calava e ficava quieto. Eu acabei conversando justo com a pessoa que eu imaginava que fosse, que um dia viram no baile dançando com ela. Mas de pega assim, beijo e abraço, intimidade não, né, essas coisas não, eu nunca peguei. Uma vez no hospital ela ligou pra mim, falando, enquanto você trabalha ele fica comigo, você trabalha ele fica comigo. Daí eu fui falar com ele, nunca mais, nunca mais, depois dessa vez ela ligou, aí eu já não sei se foi isso aí. Depois o serviço que ele arrumou, que ela ligou, acho que ele ficou com raiva, não sei. Não sei também se era verdade, eu não tinha certeza se era verdade, só sei que daquela época pra cá. Ah! tá, eu cheguei a por mala, fazer a mala e falar não te quero mais, sai daqui. Imagina, ele não consentia separação, ele não me ameaçava de nada, mas pelo amor de

Deus, você é a mulher da minha vida, eu não quero separar de você nunca. Como que eu podia ser a mulher da vida dele se ele fazia aquilo comigo, ele sim era o marido que eu queria, não era? Se eu tava tentando consertar ele, porque o tempo todo, mesmo quando as crianças eram pequenas eu queria consertar o meu marido. Ele botava os pés dentro de casa, ás vezes as crianças já tava, as crianças já tinha dormido, aquele tempo as crianças dormia tão cedo, não sei se é porque eu trabalhava fora, eles não tinha eu pra brinca com eles, minha mãe já tava cansada, dava 9 horas da noite meus filhos já tava tudo dormindo. Às vezes ele chegava em casa, quantas vezes o P. botou o pé dentro de casa, quantas vezes ele ficou sem ver a cara dos filhos, quando ele saia cedo às vezes ele ia ver o filho as vezes no outro dia a noite, porque ele chegava um pouquinho mais cedo, senão as crianças já tava dormindo. Porque ele levava eles, eu me lembro quando ele trabalhava no T. eles almoçavam lá na fazenda, a mulher de lá fazia comida, então quer dizer ele ficava muito tempo sem ver os filhos dele. Então hoje ele não sai, hoje eu nunca vejo nada na bolsa dele. A desconfiança é tanta, que ele viaja, eu investigo, eu vou no carro pra dar uma olhada se tá tudo certinho, pra ver se não tem nada que compromete ele, porque ta longe de mim. Como que no passado ele deu motivo pra eu te imaginado que ele podia ter arrumado essa mulher, ou mesmo que hoje ele não dê motivo nenhum eu ainda procuro, pra vê se eu tô, se ele, se ali eu vou arruma coisa, sabe. Mas eu acho que eu fiquei um pouco psíquica, de fica pensando essas coisas. Mas fala a verdade, qual a mulher que quer se sentir traída, acho que nenhuma, né, não é. (Como é essa questão pra você?) Ah! É uma dor muito forte, que a gente sente aqui dentro sabe, em 1º lugar a gente se sente assim, que a gente não tem valor pra eles, assim, que não sei lá, não sei dizer como a gente se sente, que a gente deixa a desejar pra eles como mulher, né. Ou senão, a própria, eu me sinto assim, eu sempre me sentia assim, que ele não gostava de mim, que ele não gostava do meu jeito, da minha pessoa, isso que eu sentia. (E com relação você fala,

dessa idéia de talvez não ser uma pessoa que correspondesse aos desejos dele, assim, como mulher. Como você sentia o relacionamento entre vocês, ou hoje, como você sente, você acha que mudou?) Então, deixa, oh, é isso aí que tem uma coisa, eu me sentia assim, mas ele, quando era assim, na hora da gente ter nossas relações, ele não demonstrava aquilo que eu pensava. Ele nunca falou pra mim, oh, você tá gorda. Meu marido, nunca falou isso pra mim. Toda a vida ele me paquerava, porque hoje eu to nessa gordura, eu to um pouco gordinha, né, mas eu tinha um corpo, assim, que eu não tinha barriga. Tinha os três filhos, eu não tinha barriga, nem estria, nada, sabe, violão, que até a E. fala pra mim, que eu tinha um corpo muito bonito. Ela fala, até hoje você tem F., fala pra mim, mas era muito, que tinha hora que eu olhava pra você, tinha hora que eu tinha inveja, ela falava pra mim. Então, eu sentia assim, que eu deixava a desejar, mas eu não sabia aonde que eu deixava a desejar, porque se todo mundo elogiava, falava que eu tinha um corpo bonito, que eu era bonita, que eu não merecia o que tava passando, e eu me olhava no espelho, não me achava tanto assim, porque talvez ele me deixava eu pra baixo, porque eu não me sentia assim. (Você não se achava tudo isso que as pessoas falavam?) Não, eu nunca me achei, nunca fui assim convencida em me achar linda, maravilhosa, é o que as pessoas falavam, as pessoas falavam. (Certo) Então, eu pegava muitas vezes ele me paquerando, o meu marido, até hoje ele me paquera, sabe, quando eu vejo ele de longe, assim, ele olha assim, eu pego ele, ainda brinco com ele, olha, você ta olhando pra mulher casada, é feio, brinco com ele, tudo brincadeira. Mas, ele assim, mas porque eu me sentia, porque, só pelo fato dele me largar em casa sozinha, então eu achava que, e também por eu achar que ele tinha outra mulher, mas não de chegar assim, eu penso assim, se os outros falou que viu ele com fulana e ciclana, se essa noite disse que viram ele conversando com ela, se ele chegou tarde, se ele chegou tarde demais, como que ele pode , chega em casa de manhã, eu chegava em casa do serviço de manhã e ele ainda

quer meus carinhos, eu não entendia. (Como que ficava isso pra você?) Quer dizer, ele vinha, ás vezes me procurava, teve uma época que a desconfiança era tanta que eu queria ..... mas eu acabava cedendo pra ele, porque eu gostava dele demais, né, mas minha, muitas vezes eu ficava sem, dava desprezo pra ele.

Aí, eu não sei também se foi o serviço no hospital, porque é assim, ele começou a melhorar também depois que eu comecei a me arrumar mais. Aí eu já tinha o meu dinheiro, era muito mais do que trabalhar de doméstica, né. (Certo). Eu comecei a me arrumar, comecei a pintar as unhas, ele não gostava que eu pintava as unhas de escuro, nem cortasse o cabelo muito. Eu comecei a fazer tudo o que ele não gostava, tudo, pintar a unha de vermelho. Ele olhou pra mim e falou assim a 1ª vez: "Porque você tá pintando essa unha de vermelho, que coisa feia". Pra que, que você tá reclamando, a biscate (ri), a mulherzinha que me falaram que você tava com ela pinta o cabelo e pinta as unhas, não é desse tipo de mulher que você gosta? Eu falei isso pra ele, né, eu falei pra ele, não é esse tipo de mulher, porque você tá me enchendo o saco, porque você tá me perguntando, e isso ele já tava até melhorando, melhorando, mas ele não queria sabe, ele tinha assim umas restrições de usar saia curta, essas coisas, ele tinha isso comigo, e eu comecei a ficar moderninha mesmo, nem brinco eu usava, só usava pequeno. Sabe, eu comecei a comprar brincos grandes, eu só usava assim aquele brinquinho pequenininho na orelha assim anéis, tudo, ele começou a notar essa diferença. Então, sei lá, eu acho que, será que foi isso que ajudou? Não sei. (E pra você, como era essa mudança, como que foi pra você essa mudança, porque você falou pra ele que não é assim que a outras usam, mas e pra você, como foi querer mudar?) Era uma coisa assim, que eu via também minhas colegas do serviço tudo arrumadinha, bonitinha, então eu senti vontade de me arrumar, né. E, eu comecei a me sentir mais bonita, eu comecei a andar mais com a cabeça erguida, nariz empinado, né. Quer dizer, ele pode ta fazendo isso comigo, mas eu sou feliz. Eu

pensava assim, eu vou me arrumar, hoje eu vou cuidar de mim, pensava assim comigo e me sentia super bem, tanto é que hoje eu só não me arrumo mais porque eu não posso, porque senão eu me arrumava mais. Muitas vezes eu até me arrumo pra ele, sabe. Ele chega no sábado eu to arrumada, tiro sombrancelhas, pinto as unhas, tudo, me arrumo pra ele, pra sentir bem, e pelo jeito parece que homem gosta de ver a gente arrumadinha. (Ri) (O que você acha?) Eu acho que eles gostam né, que a gente se arruma. (E você, como que é essa questão de se arrumar, parece-me que você começou a observar outras pessoas pelo que você está dizendo, e você, parece que isso foi te fazendo bem.) Foi. (Inclusive você não se arruma mais porque ás vezes não dá. Mas como é essa questão de beleza, de poder se arrumar, como que você vê isso hoje pra você, ou para as mulheres também em geral, como você vê essa questão de beleza na mulher?) Ah, eu acho que as mulheres tem que se cuidar, né, pra pode se senti bem, não é? Si mesmo, pra gente se senti bem, olhar, a gente tem que se se arrumar, porque a gente se sente bonita. Tem mulher que fala assim: Ah, eu sou gorda, mas mesmo que eu engordo eu me acho, eu olho no espelho assim, eu acho que eu to bem, nunca eu to gorda. Eu procuro me arrumar, até procuro fazer um regiminho de vez em quando, porque de vez em quando a gente começa a ganha um pesinho, né, toma uma cervejinha, essas coisas, né. Eu acho que a gente se sente bem, a mulher tem mesmo que se cuidar, não só pra agradar o homem, mas pra se agradar a si mesma, eu acho. Pra agradar ele também, a gente também, né, porque ele também deve se vesti bem, porque é muito bonito ter um homem bem arrumado. A gente tem que vê como a gente se sente mais bonita.

(Você disse que não pensava em se casar grávida, até de não ter relação antes do casamento também, e como foi pra você casar grávida, e o seu casamento, qual era o seu ideal de casamento antes?) Ah, eu não queria casar, esse negócio de casar grávida, eu não queria casa grávida, porque eu tinha uma religião, né, católica, toda a vida eles

ensinam a gente que as coisas tem que ser tudo depois do casamento, era por causa disso que eu pensava assim de não casar grávida, mas como aconteceu, né. Mais era por causa disso, não que a gente não tinha, você namora, você começa a ter intimidade, você acaba, por mais que você não queira, sua cabeça não queira, você tem religião, tudo, eu não sei como dizem, a carne é fraca, não é questão disso, porque quando você gosta de uma pessoa e as coisas vai acontecendo, acaba acontecendo e eu aceitei, porque eu quis, na hora eu quis, ele não me obrigou a fazer nada, né. Quando a gente começou a ter intimidade eu falei pra ele que eu não queria, que eu achava que não era correto, que era pecado, eu tinha isso na cabeça. (Sei) Pai e mãe ensinou a gente que a gente tem que casa virgem, era tudo isso ai, os pais deu essa educação pra gente, né. Mas, como eu fui deixando, fica uma escapadinha aqui, uma reladinha ali, acabou acontecendo e eu aceitei porque eu gostava dele, então, eu aceitei numa boa. (Mesmo as relações antes pra você ficou tranqüilo?) Não, não, de jeito nenhum, escondido, eu não podia sair de casa, porque o pai não deixava, né. Eu ia na casa, um dia eu inventei de fazer um trabalho, quando nós fomos comprar os nossos móveis, que nós tava ficando noivos. Fui comprar o meu jogo de quarto com ele, em Marilia, e aconteceu, porque a gente foi junto, né. Ele tinha um carro, acho que ele emprestou um carro dum amigo. Então, a gente fazia as coisas era só assim escondidinho e morrendo de medo, medo de ficar grávida, eu tinha medo de tomar anticoncepcional. Eu não tomei, por isso que eu fiquei grávida. (Certo.) Porque eu tinha medo de tomar, e na época ele também andou usando camisinha, assim, na época, mas dá pra contar as vezes que aconteceu também, né. Teve que casa, teve, ninguém obrigou ninguém a casa, casou porque quis. (E a questão da maternidade, já que estamos falando de ficar grávida, desses valores, um pouquinho sobre como foi a gravidez de cada filho, essa questão de maternidade. Você falou da questão de não ter amamentado um filho, como que é para você, na sua vida a maternidade, filhos?) Olha, deixa eu

fala uma coisa pra você, eu adorava ficar grávida, hoje eu tenho saudade. (É?) É, eu achava tão bonito, era uma coisa assim muito bonita, eu acho, eu que nem, aconteceu os filhos, que nem eu falei pra você, os filho, os 3 não foi assim, planejado, mas foi bem aceito. (Certo.) E a maternidade, eu tinha muito medo de parto normal, muito medo, mas eu tive coragem, tive o 1º e o 2º filho, porque eu morria de medo de cesária. Eu fiz laqueadura no 3º e fiz cesária, mas é, eles falavam que nem a minha mãe falava que parto normal é antigo é uma dor danada, que não sei o que. Eu comecei, eu tinha não sei, eu acho que eu fui tão corajosa, de tanto medo que eu tinha, eu me tornei uma pessoa corajosa, porque, quando é, eu fiquei, eu tive contração do 1º filho eu morava em Marilia. Eu não quis ir no hospital em Marilia, meu marido quis pegar um táxi, eu não quis ir de táxi, eu peguei o Brambilla na São Miguel. Eu subi toda aquela subida a pé, tendo contrações de 10 em 10 minutos, e dentro do ônibus eu contei. O ônibus não é 40 minutos de Marilia aqui, eu tive 8 contrações, eu contei. Cheguei, não vim direto para o hospital, porque a minha tia era enfermeira, fui na casa dela, ela sabia vê. Aí, ela via, ela olhou, não F. vamos pro hospital. Aí o carro não pegava, um Aeroilis do tio e não pegava, precisou um monte de moleque pra empurrar e a F. grávida, sentindo dor e eles empurrando o carro. Aí o carro pegou, aí o meu marido me levou pro hospital. Chegou lá aí a F. só ta com dois dedos, volta pra casa, 6 horas você volta, era 2 horas da tarde. Fiquei lá, a tia levou um sonar, aqueles que parece um cone. E levou um sonar e ela ficava olhando o foco do bebê que ela sabia né, e as contrações aí começou a apertar muito, aí eu voltei pra Santa Casa era 7 horas da noite, aí 11 e meia da noite ele nasceu. Aquela dor horrorosa, porque é dolorido né. Aí nasceu bem o nenê, com 3 Kg e pouco que nasceu, acho que foi 3 e 100 o 1º filho foi um bebezão, grandão, sabe, né um peso normal. Então, a maternidade, eu gostava viu, fala pra você, tive o 1º. O meu parto do 2º filho foi uma maravilha, eu cheguei no hospital meio dia, meio dia e meio ele nasceu. Ele nasceu super pequenininho, acho que

ajudou bastante. (Certo) No parto, pequeno, né. No terceiro, agora deixa eu fala pra você, não gostei de cesária, preferia tudo parto normal. A cesária foi pra mim traumatizante. Eu já dei piripaque antes de desce, aqueles piriri de fica nervosa. Não quis ir de maca, quis desce, porque o 3º filho eu já trabalhava no hospital, então eu quis dá de enzibida. Não, eu vou desce, vou desce a pé. Aí eu já fui, sentei lá, mas quem diz, porque eu tinha medo mesmo da anestesia, então eu ficava assim, levantava. Aí o médico disse, anda logo F., você ta com 3 dedos de dilatação, você vai ter esse neném parto normal, você não quer fazer laqueadura. Aí, quando anestesiou, eu comecei a não sentir as pernas eu apavorei. Eu quero as minhas pernas, eu quero minhas pernas, eu quero sair daqui, eu quero ir embora. Dr. o senhor já acabou. Não tinha nem começado. O senhor já acabou de cortar, eu quero ir embora daqui. O tempo todo falava, a pressão subiu um pouquinho, sabe, eu fiquei nervosa. Eu não conseguia dormir, por mais que me deram remédio, assim, o olho ficava fechado, mole, mas por dentro eu estava escutando tudo, e falando, falando o tempo todo. Me deu uma crise, eu cheguei no quarto, eu só queria as minhas pernas, falei o tempo todo até voltar. Quando voltou da anestesia eu fiquei muito bem. Eu tive dor, aí eles aplicaram uma injeção, aí foi tudo bem. Mas, no centro cirúrgico, desde a hora que eu botei o pé no centro cirúrgico, até a hora de passa a anestesia foi traumático para mim, não gostei. (.Que idéias ficavam pra você?) Sei lá, eu não sei, eu tive um apavoramento lá dentro. Eu tinha medo de te, mais eu acho que era a anestesia sabe, e eu sou assim, se eu deita no divã, aí, eu não consigo fica muito tempo parada. Outro dia eu fui faze um eletroencefalograma, me deu quase um piripaque, não consigo fica dura num canto. (Certo) Eu acho que foi isso aí que eu fiquei assim, eu devo ter fobia de alguma coisa, sabe, de ficar assim parada demais, eu tenho que mexe. Se eu to numa palestra, eu to o tempo todo, se eu não to esticando a perna, eu to cruzando a perna, senão eu to passando a mão no cabelo, ou sabe, o tempo todo eu sou assim, eu não consigo fica assim parada, assim, uma

estátua, assim. Por isso, eu acho que foi isso, assim, que me deu aquela sensação assim, de fica amarrada. (Diferente do parto normal.) Diferente, de parto normal. (Tem que trabalhar o tempo todo.) Tem que trabalhar o tempo todo, então, parto normal, é dolorido? É, só que depois que o filho sai de lá também , é a mesma coisa de você ta no céu, você não sente nem dor nem cólica mais. Porque eu não sei, a dor é forte demais, porque a dor é forte demais, aquela pequena dor que você tem depois, você não sente, eu me senti assim. E deixa eu ver, você falou da... (Amamentação.) Amamentação do 1º filho eu consegui amamentar ele 2 meses só, 2 meses não, 1 mês e meio, porque nos primeiros dias ele chorou muito, então eu não dormia com ele. Uma criança chorona, chorona, chorona. .Teve uma noite que ele dormiu bem, e eu dormi em cima do peito e ele não mamou a noite inteira. Foi dando dor no outro dia, eu acordei com o peito duro, esse peito duro, duro, e não, olhe buscou a bombinha no hospital, fui no hospital, fiz compressa quente, tomei remédio, fiz de tudo, o nenê não queria esse peito de jeito nenhum, e o outro, tinha pouco leite. Porque com a dor, que eu já tava sentindo, no 2º dia nem ele tava tendo mais leite, porque você fica nervosa, ele dá uma sumida, né. O que aconteceu, o nenê berrava, berrava, berrava, eu tive que dá leite pra ele, porque esse peito aqui começou a não ter leite devido a dor, inflamou, deu mastite, ficou a coisa mais feia, por causa de uma noite que eu dormi, devido ao cansaço das outras noites. Também culpada de ter dormido em cima do peito, né, cheguei a me culpar, ai, se eu não tivesse, tivesse acordado, mas é que eu tava cansada, né, eu não conseguia. Aí foi dar mamadeira pra ele foi a pior coisa do mundo, ele não quis mais saber do peito, ainda depois que melhorou eu ainda tinha um pouquinho de leite, aí acabou. Acabei ficando sem amamentar o 1º filho. Aí o 2 filho eu não amamentei devido aos problemas que eu te contei, do marido, eu fiquei muito nervosa, eu tive um choque muito grande, né, assim, de você estar grávida e ele, ele foi no final da gravidez que ele passou 3 dias sem dar notícia. Quer dizer ele falou pra mim que tava viajando, mas eu não sabia,

ele falou depois, mas antes não. Ele saiu de casa pra trabalhar no táxi e eu ligava lá, ninguém me dava notícia dele, então foi um choque muito grande. Aí, logo depois eu entrei em trabalho de parto, um mês depois, eu não sei se foi aquilo, que olha. Eu saí, eu tinha aquilo na cabeça, aqueles três dias ficou marcado na minha cabeça. Sabe porque ficou marcado? Porque não me dá satisfação, né. Aí eu tive o bebe, mas não desceu leite de jeito nenhum, às vezes é porque a cabecinha não tava boa, porque , né, de imaginar traição, isso deixa a gente muito triste, de você imagina, você não precisa ver, é só de você imaginar que você pode tá sendo traída, você já fica triste. Porque oh, deixa, eu fiquei na época, quando eu tava grávida do M., do 2º, oh, uma prima minha viu ele, ele tava com uma moça numa praça com o táxi, tava com uma moça, quer dizer, será que eu já não tinha até uma certa certeza que ele tinha, que ele tinha, que ele era meio galinha quando era mais novo, acho que eu tinha uma certeza né, pra mim sofre do jeito que eu tava sofrendo. Então, por isso que eu fiquei sem, que eu acho que foi esses problemas que eu passei tudinho, que me fez eu fica sem o leite, mas hoje eu não jogo isso na cara dele, porque eu tenho, não tive coragem de fala assim oh, ta vendo eu fiquei sem leite, jogar assim na cara da pessoa, não consigo faze esse tipo de coisa, né. Mesmo, bem que eu tive vontade, depois, mas ele percebeu que eu não tive o leite né, qui. Será que ele não percebeu, porque que ele dá, que ele dá muito mais pro filho do meio, mesmo sem querer. Porque que o filho do meio sempre quer fazer tudo o que o pai faz. Ele ensina tudo o que ele faz pro filho, o outro nunca se interessa, o 1º e o 2º se interessou mais e sempre o P. deu mais atenção pro do meio do que pros outros, mesmo que ele nunca falo isso pra mim, mas que eu já percebi a maneira dele agi. Será que ele também percebeu que fez mal pra mim e pro filho. Será que não foi isso que fez ele ir mudando também? (.São déias que ficam.) São idéias que ficam na cabeça da gente, então, eu acho que eu não consegui amamentar por causa disso, devido a tanto nervoso, não que eu não tinha leite, é o que eu falei pra você, do 3º filho

eu consegui amamentar ele. (Isso) Mas, porque também, o marido tinha melhorado, a cabeça tinha melhorado. Se ele tivesse mulher, ou deixasse de ter alguma coisa, pra mim, já não importava mais, o que importava mais era os meus filhos, você entendeu? Eu comecei a dar muito mais valor em mim e nos meus filhos, do que no meu marido, porque, já que, né. Eu acho que tudo melhorou porque eu deixei ele um pouco de lado. (Certo, e você percebe que os seus interesses começaram também a mudar?) É, né, os meus interesses começou a mudar, e o que fez com que ele mudasse também, não sei se foi também depois do 2º filho, o que a gente passou, porque o menino ficou sem leite. Aí começou aqueles problemas da anemia e tudo que te contei. Então, será que ele não mudou também por causa dele pensar que ele tinha feito mal, foi aquilo que eu te falei, né. A mudança dele fez com que eu mudasse também, a cabeça, o serviço ajudou, eu a mudar e eu consegui amamentar o 3º filho. Assim, ele só deixou porque à noite ele chorava e eu consegui, porque eu tava, porque eu fiquei 5 meses em casa. Cinco meses eu amamentei ele sem mamadeira, e quando tava faltando, quatro meses e meio, eu comecei a dar alguma coisinha pra ele, porque ia deixa a deseja, o dia que eu não tava em casa a noite, e eu nunca tive muita facilidade em tira o leite do peito com bombinha não, eu nunca consegui, e nem fica apertando e tirando muito. Eu tinha muita sensibilidade, não conseguia, então a gente começo assim, dá um leitinho pra ele, e ele, eu conversei com a médica tudo e né deixou eu troca o leite. Fui dando leite de saquinho, ai a gente foi dando ne, o leitinho pra ele, fomos tirando, e ele, não foi assim muito traumático pra ele. A noite que ele ficava com fome e dava um leitinho pra ele, ele foi acostumando com a mamadeira logo. Aí acabou assim, mas foi uma experiência muito boa, ter conseguido amamentar, porque eu senti, sabe, um arrependimento, de não ter sido mais forte, não sei porque a gente era mais jovem. (Você fala do 3º filho, poder ter amamentado.) Os outros, pelo 3º filho eu vi que eu amamentei, aí eu vi, deu assim aquela dor de não ter amamentado o 1º e o 2º, talvez.

O 1º não foi tanto, porque eu tive problema , foi no peito, não foi tanto, o 2º que deu problema mais de saúde, né. Porque eu não ter conseguido amamentar, o 2º menino devido as coisas que eu te falei, tudo bem, fiquei nervosa, tudo, mas porque que eu não tive a mesma cabeça no 2º, sei lá, era mais jovem. (Era um momento diferente.) Era um momento diferente, né, então, a amamentação foi uma, eu gostei muito de ter amamentado. (Foi bom.) Eu gostei muito, eu falei nossa, eu e meu marido. Meu marido se arrependeu até de ter me deixado agora ter laqueado, porque senão nós tinha tido outro filho. Ele fala: F. se nós tivesse numa situação boa, talvez não, mas não dava vontade de ter outro nenê agora? Ele sentiu vontade. (E você?) Ele sentiu, eu também, eu era assim, eu gostava muito, eu gosto muito de criança, eu cuido dos meus sobrinhos. Que nem ontem, meu sobrinho ficou comigo, pra minha cunhada ir no curso e meu irmão, e ele tá pequenininho ainda, tem um ano e pouquinho. Eu gosto muito, trato eles como se fosse meus filhos, meus sobrinhos, todos eles me amam de paixão. Eu chego, eles saem correndo pra me abraçar, pra me beijar. Se eu vejo que a mãe tá fazendo alguma coisa errada, eu corrijo, ela, minha cunhada até acha que eu sou chata, tem hora, porque eu corrijo ela por causa das crianças. Sabe, então, gostava muito, gosto muito de criança. Você pensa, eu , eu, eu, laquiei, assim, porque tava na hora, porque três filhos também, mas eu tinha vontade de ter tentado o quarto, pra ver se eu tinha uma menina. (São três meninos?) São, até na hora o Dr. falou lá na mesa, eu falei, não Dr. pode laquear, senão eu vou ter uma dúzia, que eu vou tentar uma menina o resto da vida, então laqueei. (Ri.) Aí, ele laqueou. Eu tinha vinte e três anos. (Vinte e três?) Vinte e três, pra você vê, eu nunca quis separa do meu marido, por mais que eu botasse ele pra fora de casa, eu arrumava as malas dele, eu nunca quis, porque se eu quisesse, eu nem teria aceitado tanto uma laqueadura. Nunca passou a idéia de separação, por mais que ele aprontasse, eu sempre queria tá consertando ele.

(Como que fica a idéia desse casamento?) É, eu é, esse, desse jeito eu pensava quando eu tava mais nova, eu quis sempre né, porque o meu pai, às vezes não sei, porque a criação de casamento é um só, negócio de separa essas coisas, né. (Isso.) A gente tem essa mentalidade, mas hoje em dia, hoje em dia, eu já falei pra ele, que se começa não dar certo, por exemplo, ele voltar a ir pro baile, volta a ficar ate de madrugada na rua, eu não sei se eu agüentaria, eu acho que agora eu não agüento mais. (Você percebe que hoje você pensa de uma forma diferente.) Diferente. (Pra lidar com a situação.) Pra lida. (O que você antes acha que não, que você não conseguia.) Ah, não, não, não, a gente quando é jovem, eu não sei, se a gente age pelo impulso, não é, sei lá, o que que é muito diferente, do que, dum certo tempo pra cá, eu penso assim, não foi agora, acho que foi dos trinta em diante, dos trinta anos em diante eu comecei a pensa de uma maneira deferente, eu to com 36 agora, né. Amadureci mais, agora eu sei muito bem o que eu quero pra mim, eu já falei pra ele, que ele se conserto numa época certa, porque eu falo pra ele, se você continuasse, hoje a gente não taria mais junto. Porque quando eu ainda tive o último filho, eu queria ter os meus filhos, eu queria te o meu marido junto de mim. Meu marido vai muda, eu tinha isso na minha cabeça, né. Mas hoje, uma coisinha que ele faz, desse tamanho assim, precisa vê como eu fico com ele, ele percebe, ele agrada, ele não era assim de chega e agradar. Interessante, né, ele não era assim de, por exemplo, se eu ficasse de mal, eu falasse não, não era de agrada, de insistir. Hoje, ele insiste, você vê que todas as situações mudaram, eu acho que eu também tive uma parte, uma ajuda, eu acho que eu ajudei muito ele, porque pensa bem, quando a gente gosta a gente arruma uma desculpa pras coisas, né. A mãe se junto com um alcoólatra e ele pegou e saiu de casa, porque não queria vive com ele, tinha 17 anos, com aquele homem bêbado dentro de casa, né, porque ele judiava dele, não tanto pela bebida, porque ele judiava dele e a mãe também era alcoólatra junto com o homem. Então, ele foi mora com um tio, e o tio acabou de cria ele,

e o tio nunca perguntou pra ele assim, olha fulano. Quando a gente começou a namorar, eu comecei a notar uma coisa estranha, que o tio, ele dormia na minha casa, o tio nem perguntava no outro dia pra ele onde ele tava. Então, eu comecei a vê, que eu, aí eu. Quando eu comecei a ter problema no casamento, que eu comecei a ver que ele queria ser livre demais, eu comecei a lembrar das coisas que ele me falava quando eu era solteira. Ah, eu chego lá, ele nem pergunta. Eu falei assim, você dormiu aqui, você nem avisou o seu tio. Imagina ele nem pergunta onde que eu tava, onde eu deixei de ta, ele nunca me pergunta pra mim nada. Quer dizer, que o meu marido, não foi ensinado limites pra ele, não é. Então, eu comecei a ver que o nosso casamento começo a dar errado também porque ele, ele queria se senti muito livre também. Ele nunca teve ninguém pra fala, fulano, você não vai em tal lugar, não é que nem o meu filho que pede, mãe eu vou no baile, eu falei, não, não vai, você ta muito novo. Imagina com 14 anos o P. já, com 14 anos acho acho que ele já tinha ido nessas casas de mulher, com o patrão dele que era japonês, que ele trabalhava de moleque na granja do W.: O japonês que freqüentava essas casas a noite e levou o menino com 14 anos, que ele contou pra mim. (E isso, você acha que influenciava de alguma forma até pra você assim, buscar compreender, porque ele era desse jeito?) Foi, foi, eu não sei se é, foi, foi sim. Foi o que influenciou também eu a compreender ele foi a vida que eu sabia da vida dele de antes. Eu perguntava pros outros, que conhecia ele, que.... ele, porque tinha o semblante triste, sabe, assim, aquela pessoa assim, até hoje o meu marido é meio triste né, até hoje ele é. Eu é, sei lá, acho que por isso, você sabe, valeu a pena de ter insistido, porque hoje ele é, sabe, ele fala pra mim assim, eu vou ali no bar, só que você não demora. Porque ele não conseguiu deixa, porque o tio dele era dono de buteco, ele cuidava de buteco, pro tio pesca, então ele foi criado dentro de bar, então vai ser duro. Mas ele não leva, ele nunca levo um filho, meu filho tá com 17 anos, meu filho nunca boto os pés dentro dum bar com meu marido, ele nunca

levou. Ele levava em outros lugar, mas dentro do bar nunca, passava as vezes pra pega um doce, alguma coisa com os meninos no carro, mas os meninos nem descia. Ele trabalhava com caminhão , ele levava as crianças pra passear de caminhão, assim, né, mas ele não. Então, eu acho que, que eu acho que, hoje eu me sinto bem, parece que eu fiz bem pra ele. Parece que ele viro a pessoa que ele é também hoje, com uma ajuda minha, eu vejo por esse lado também. Ele erro, ele erro, só que ele também nunca teve ninguém pra ajuda ele, pra fala pra ele se era certo ou errado, eu to achando que, que eu não fui só a mulher dele, eu fui mãe dele. Mãe e pai dele. (Você percebe isso.) Eu percebo, eu percebo assim agora pelo jeito que, pelo jeito dele assim, sabe. Ele é um homem inteligente, então ele já falou que, que eu, a minha mãe e o meu pai é tudo o que ele tem na vida, ele não inclui nem mãe, nem tio, nem ninguém, é eu os filhos, tanto é que ele não considera meus irmãos como parente perto dele, perto dele, de jeito nenhum, não. É parente, ele trata bem meus irmãos, minha irmã, tudo, sabe, é cunhada, mas não é assim aquela pessoa que tem aquela afinidade, ele não tem afinidade com os meus irmãos, com a minha irmã ele conversa, tudo, ri, brinca, tudo, mas não tem, não é aquela cunhado. Eu tenho afinidade com o marido da minha irmã, nós dois bate papo, conversa gostoso, tudo, meu marido, assim, ele é bem reservado, ali no canto dele, não tem aquela mistura entre família, deve ser por causa disso mesmo, é bem complicadinho.

(F. vamos entrar um pouco também nessa questão do trabalho. Você falou assim, dos ganhos que você percebe que você teve com esse último trabalho, principalmente, é diferente dos outros trabalhos que você tinha, quando você trabalhava em casa de família. Fala um pouquinho pra mim dessa questão do trabalho na tua vida.) Fala assim, financeiramente, ou... (Em todos os sentidos, aliás, você disse que você fez o magistério.) Fiz. (E você não seguiu.) Eu não segui o magistério, porque, oh, não. Ah, eu não sou de ser professora não, eu fiz o curso, na época, mas não quis ser professora. Não quis, eu peguei uma classe,

uma vez assim, me deu muito trabalho. Fiquei, de faze estágio, assim, não me interessou muito não, eu achei que eu não ia ter muito assim, traquejo com criança, eu ia ser assim, sabe, ou assim, eu achava que não ia, na época, eu pensava, porque os meninos já tá fazendo bagunça lá, eu ia ta, eu queria chama atenção, e sabe assim, você achava que você não ia ter pulso firme com as crianças, porque eu sou muito boa pra criança, eu achava que foi isso. Aí, eu não quis seguir a carreira de magistério, não porque eu não gostei das crianças, da classe, entendeu. (Sei.) Mas, porque eu achava que eu não ia ter muito traquejo com criança não, um pulso firme. Seria uma professora muito bobona, e agora, o serviço ali, pintou numa necessidade. Fui trabalhar né, e fiquei, porque ajudou na despesa da casa, no orçamento. (E como vocês conciliam isso, você e seu marido, a questão financeira, dentro de casa, o dinheiro seu, dele.) É assim, conta, nos sempre tivemos conta conjunta. Nós temos assim por exemplo, nós divide a despesa, F. seu dinheiro vai dar pra pagar isso, isso, isso, o dele dá pra paga aquilo, aquilo, aquilo, e às vezes ele fala, F. seu salário dá pra paga todas as contas, vamos guardar o meu pra gente por o teto da casa ou pinta a parede, ou sabe assim, ou compra um carro no final do ano. Eu paguei todas as despesas pra ele junta todo dinheiro e compra um carrinho, nós tinha um fusqueta, tava caindo os pedacinhos, meu irmão quis lá pra ele, porque ele ia trabalha no sítio com ele, né. Meu irmão comprou ele por um precinho barato e ai ajuntamo esse dinheirinho e compramo um chevetinho agora, até bonitinho, sabe. (Certo) Né, ta lá, então a gente procura, tudo, sabe, deu pra compra, se não deu a gente espera mais um pouco, joga pra frente, né, mas foi muito bom trabalha pra ajuda ele no orçamento dentro de casa, ajudou muito. Eu cuido do meu pai, da minha mãe e do meu irmão, eu tenho um irmão de 18 anos que mora na minha casa. A única coisa que ele ajuda eu paga ás vezes é o telefone, porque ele gasta muito, então o dinheirinho que ele ganha, ele já trabalha faz bastante tempo, ele tem 18, 19 anos, ele me ajuda a paga o telefone, o meu pai paga a água e a luz e o resto a gente

arca com tudo, e tem uma despesa muito boa, sabe, porque olha, pelo amor de Deus, moleque na escola. (É 4 fora vocês.) Isso, e agente procura não deixa faltar, sabe, as coisas, na medida do possível, a gente procura não deixa, então, tudo bem. (Tem mais alguma coisa que você gostaria de estar colocando diante dessas questões que a gente esta falando, casamento, trabalho, filhos, maternidade.) O que, bom, em relação ao serviço, casa e filho, né, acho que a gente deixa a deseja um pouco pros filhos, quando a gente trabalha muito, também, ás vezes eu to cansada, chego agora cansada. (Certo.) Né, ás vezes eu chego e ele fala assim, o meu, o F. me xingou de qualquer coisa, ou o outro fala assim, ai mãe. Eu falo ai, calma, espera um pouco, deixa eu primeiro tira a minha roupa, deixa eu primeiro. Sabe que eu podia até sentar com eles com a mesma roupa, que eu tivesse, né, e conversa com eles, não, e aí quando eu pergunto,ás vezes eles não querem mesmo, para de fala que não quis, mas filho, a mãe ta um pouco atarefada, quer arrancar um pouco essa roupa, ta um pouco cansada, será que não dá pra você entender. Mas, ás vezes a gente vê que a gente, que, né, deixa alguma coisinha a deseja, inclusive porque ta um pouco cansada. (Certo) Aí, aí, depois também, eu me corrijo, de vez em quando eu tenho falhas com eles, de faze esse tipo de coisa, de não dá atenção, ou ás vezes eu to nervosa, porque eu tenho uns tique nervoso de vez em quando, não sei se é canseira, de vez em quando eu tenho uma coisa que é minha, sabe. Aí, eles ficam falando demais e ficam brigando, fica discutindo. Ah, eu falo quer saber de uma coisa, vocês vão fica assim, ta bom, então fica todo mundo na sala e eu vou pro meu quarto. Aí eles batem na porta, eu tranquei a porta e eu fico um tempo lá e o meu coração dói, eu vou e abro a porta, e entra os três de novo pra dentro e deita na cama. Mas isso, eu já deixei eles triste lá fora, um bom tempo já. Eles tão fazendo isso pra chamar minha atenção, né, ás vezes eu to quieta, lá vendo a novela, e eles às vezes até começa uma certa discussão entre eles assim, pra vê se eu do atenção pra eles, porque eu acho que a gente quer um pouco de sossego, não quer que os

filhos fica enchendo o saco da gente. Tem horas que eu tenho essas coisas, mas depois eu me corrijo e, mas ás vezes só com o serviço assim da gente já deixa a gente um pouco desgastada, né, um pouco nervosa, sei lá, a gente, às vezes eles perguntam as coisas pra mim, eu to aérea, não respondo, eles ficam bravos, não sei se é o cansaço, não faço por mal, mas as vezes eu faço isso. Eu já percebi que ele chega assim, mãe, eu to com dor de garganta, eu nem escutei ele fala. (Certo, e você falou assim, essa questão de trabalhar fora, ás vezes não dá pra dar muita atenção. Como você se sente diante disso, por exemplo, você se corrige depois.) É, eu me corrijo depois. Mas é, eu me sinto assim, quer dizer, falta deles, falta dos filhos, e o marido que não fica a semana inteira, ele chega no sábado. (Agora ele trabalha a semana toda fora?) Fora, é, mas tem vez que fica aqui também, né, ele vem todos os dias, ele fica um pouco mais perto, porque ele mexe com as maquinas agrícolas da J., então ás vezes elas estão numa fazenda perto, aí ele vem todo dia. Ah, e o P. deixa muito as crianças, as crianças é muito carente dele, dele principalmente as criança é, ele fica muito tempo fora. Acho que é sim, porque quando ele chega, ah, o pai vem vindo mãe, o pai vem vindo, antes do pai bota o pé dentro de casa, eles já estão sabendo que o pai tá chegando. (Certo, e como que você percebe isso, os três com você, eles buscam bastante você?) Ah, buscam sim, pelo amor, oh, de sábado, eu tô em casa, eu falo, ah, se chama a mãe pagasse imposto, vocês estava filhos, não sei. Pelo amor de Deus eu falo pra eles, fica o tempo todo, o do meio é mais, ele fica mais perto de mim, o pequeno ele não é tanto, ele é mais solto pra rua, aí vem busca carinho, busca abraço, ele é carinhoso, o outro não, o tempo todo ele ta me chamando, o tempo todo, eu não sei, eu até fico pensando, será que eu deixei mais a desejar para o M. , porque ele é nervosinho, porque ele é desobediente, e ás vezes eu dô uns castigos pra ele, e ele fica chamando a minha atenção. Sei lá, eu fico pensando assim, porque ele me chama muito. Eles ligam pro hospital todos os dias, já de manhã, mãe, fulano quer fazer isso, às vezes, mãe,

você quer que eu leve o seu almoço. Sendo que eu já falei pra leva. Sabe, eles me buscam sim, as crianças elas sentem muita falta da gente, mesmo que eles estão com 15, com 16 e com 12. Eles sentem falta mesmo, pelo que eu percebo. O mais velho é grudado, tanto é que quando eu to cansada, que eu quero é dormi, às vezes que eu chego em casa, faço o serviço, quero dormi, e que eles quer ficar no quarto, eu peço, eu falo: filho, deixa a mamãe, a mamãe dormi, eu falo pra eles, vou fecha a porta, ta, porque senão eles não deixam, a cada dois minutos eles estão abrindo a porta e entrando, eles não me deixam dormi, se eu não fecha a porta. Se eu quiser dormi mais cedo, se eu não dormi direito aquela noite passada, se eu tive uma dor de cabeça, eles não me deixam, se eu não tranca a porta, tanto é que o pequeno está dormindo comigo quando o pai viaja, o de 12 anos, deita na cama comigo. Como eu não tenho problema de cama, de espaço, eu nunca tive. Porque quando eles ficavam doente, ficava os três na minha cama, sabe, comigo, então e quando eles ficavam doente, ou quando o pai tava viajando, tudo, e eles tava tudo pequenininho, corria tudo da beliche deles lá, porque eles dormia na beliche, e corria tudo na minha cama, ficava os três, todos os três assim. (E agora o menor.) O menor dorme, o mais velho já brigo, uns dois anos atrás que queria dormi, eles brigavam um com o outro. Teve um dia que eles cataram o colchão da beliche deles do quarto e trouxeram tudo em volta da minha cama e dormiram os três no quarto. (E pra você, como é que é isso?) Ah, eu amo! Ontem mesmo eu chamei, porque o meu ventilador é gostoso, ele ventila bastante, é um circulador bem grandão, e eles põe o colchão e nós dorme tudo aqui no quarto, mas é pra deixa a mamãe dormi, não é pra fica conversando. Aí às vezes coloca o colchão lá, fica tudo bem.

(E morar como os seus pais, você falou o quanto eles puderam, ajudaram, colaboraram.) Olha, uma sinceridade, é bom morar com o pai, mas é melhor ter a sua casa também. Porque eles se metem muito, minha mãe não, mas o meu pai, filha do céu, eu passo tanto

nervoso com o meu pai, porque ele quer mandar nos meus filhos, e eu não gosto que manda nos meus filhos, assim, pode manda eles fazer um serviço, pode pedi pra eles ir na rua, pode pedir pra eles ir numa farmácia, eles tem obrigação de faze o que o vô pede, só que eu não gosto quando fala alguma coisa pro menino, alguma coisa, que o menino tá jogando bola, bota defeito, sabe, quando briga a toa. Meu pai briga a toa com as crianças, o problema nosso é só isso aí, do resto, é bom mora com o pai, assim, pra eles ajuda a gente, principalmente quando ajuda, a companhia deles, né, quem que não gosta de ter o seu pai e sua mãe, é muito bom. Só que eu acho que em termos de educação de filhos é melhor você mora sozinha. É melhor, você catar seus filhinhos e vai lá vê seu pai, sua mãe, todo dia de noite, ou um dia sim, um dia não, o dia que você puder ir. O dia que pinta saudade, se vai, do que mora ali tudo junto, porque acaba tendo discussão, só, por isso. Nunca discussão com meu marido, sempre discussão entre eu e meu pai, nós dois, nós somos iguais, eu acho. Assim, iguais eu falo, que eu não vou, eu não vou, ele não gosta por exemplo, se ele gosta de uma coisa ali, ele não quer que tira, e eu sou igual também. Então, como é a minha casa, eu tiro, é isso aí, só que a gente tem esse problema. E também que eu não gosto que bate nas crianças, nem quando as crianças eram pequenas, e meu pai é mão leve assim, qualquer coisinha quer dá tapa nos meninos, eu não gosto, só por isso, o resto a gente ia indo bem. Ele não discute com meu marido, nada. (Na relação entre você e seu marido, ele não interferia em nada?) Não, não, eu nunca levei, meus problemas pra ele, ele só ficava sabendo através dos outros, eu nunca contei, porque que eu não contei, porque ele não queria o casamento, porque que eu vou leva os problemas pra ele, ele não queria, porque meu pai, ele tinha, ele gostava muito de mim, então, eu acho que ele pressentia que alguma coisa ia acontece, pai pressente as coisas, eu acho, pai e mãe. Eu acho que pai pressente sim, porque ele via, né as coisas, que quando você ama, você não enxerga, os outros enxerga pra você, né. Então, eu acho que foi isso, então eu não

levei, porque já que eles não queriam, eu gostava e casei, pra que leva, deixar o meu pai nervoso, ele já era diabético, quando os problemas começaram, e leva mais nervoso, seria pior. (Mesmo estando todos na mesma casa.) A gente, eu e meu marido discutia, mas eu discutia baixo, eu ligava o radio pros outros não escuta a discussão no quarto. Meu pai ficou sabendo de alguns problemas porque os outros acabavam contando, né. Ah, mais a minha filha ele queria. Um dia ele quis se mete, eu falei, não pai deixa que o meu marido cuido eu. Eu não casei, eu não quis casa com ele, o problema é meu, eu só quero que o senhor interfira pai, se um dia ele for me bater, aí é uma coisa que é um direito do senhor, só que quando eu tive discutindo, o senhor pode deixa que eu me viro com ele. Eu falava assim, levava. Será que eu já não tinha um juízo, né, naquela época por ser tão jovem, eu acho que eu já tinha muito juízo pra não leva pra ele, porque ele já tava diabético, tudo, e ele é muito nervoso, então eu pensava nisso também, né. Sempre fui muito mãezona com eles, gostava muito. Eu acho que eu sempre fui muito forte, porque eu agüento, e olha uma coisa, eu vou fala pra você, eu podia ter todos os problemas na minha vida, no meu serviço, eu contava pras minhas amigas, mas não pra perguntar se acontecia alguma coisa. Se eu chegava lá, meus problemas ficavam lá em casa, se eu tenho lá no meu serviço, quando eu chego em casa, eu não levo os meus problemas pra casa, eu levo cansaço, mas problema não. Ás vezes eu tô nervosa comigo mesma, nem aconteceu nada no serviço, eu fico meio irritadinha, mas é comigo mesma, é coisa minha, mas eu leva assim, problema de serviço ou da minha casa, imagina, eu chegava lá, eu sorria pra todo mundo, quando eu contava, mas você ta desse jeito. Ai, eu não acredito, se fosse eu já tinha me descabelado, agora vou contar, quando eu tava triste, uma colega chegava e perguntava as coisas pra mim, eu cheguei chora no ombro de uma amiga minha. Até hoje ela fala, ai F., quantas vezes você não choro no meu ombro. Chorei, mas era no ombro dela, né, era, mas eu chegava rindo pra todo mundo, nunca entrei naquele pronto

socorro que eu não falasse boa noite, ou de cabeça baixa. Eu trabalhei 10 anos lá embaixo, foi os piores, foi assim, os piores não é. A época que eu tinha bastante problemas, foi nesse intervalo de 10 anos que eu trabalhei lá embaixo, nesse período. (E você trabalhava a noite.) É, então eu tinha, né, ficava só nós duas ali ás vezes e eu contava tudo pra ela, eu entrava na cozinha as vezes, ah, porque o meu marido fez isso pra mim hoje, outra coisa, as vezes eu mentia também em alguma coisa, porque as vezes eu tinha vergonha de fala que ele tinha passado a noite fora, eu só contava pra minha colega, pros outros não, eu tinha vergonha, né, eu mentia, assim, chateada de fala. Só que pra minha colega , eu contava, então ajudava muito, eu saia mais leve de lá, no outro dia tinha, mas ela nunca me deu assim conselho de separação, porque esse tipo de conselho eu nunca quis. Fala assim, ai separa. Separar não, eu tinha as minhas idéias, só contava pra desabafa. Eu falava que o ouvido dela foi muito tempo pinico e ela falava, mas que nada, ela nem ligava, a lágrima caia também um pouco, mas se limpava se segurava e boa. Ás vezes eu chorava sozinha, as vezes à noite, meu marido tava dormindo aí eu desabafava um pouco e chorava, mas era só isso, chorava. (É uma história e tanto.) É, hoje, olha, como se diz, eu to no céu, hoje eu to no céu, porque as coisas tudo que eu já passei, hoje tá muito bom, graças a Deus. Deus, acho que ajudou muito também, né. Eu sempre tive uma religião, sempre procurei segui, porque ajuda muito a gente também. Eu lia livro espírita ás vezes, pra encontra alguma solução pras coisas, sempre era muito curiosa. Que dava , né. Tinha uma amiga minha que falava, F., lê esse livro aqui, quem sabe você não entende um pouco desses problemas que você já passou, então eu lia e ajudava. Ele tem uma filosofia bonita, diferente, eu gostava, mesmo que eu era católica, tudo, ás vezes não aceitava alguma coisa ali, mas eu gostava. (Parece que era uma forma de buscar, uma ajuda realmente.) De buscar uma ajuda. Tem uma pessoa da minha família que fala F., por tudo o que você passou era pra você ter envelhecido, e você não envelheceu nada, ela

fala. Você com 36 anos, com filhos desse tamanho, você ta quase igual, você só ta mais gorda, ta quase igual como você era antes. Ela fala pra mim que tem certa mulheres que não agüenta, que envelhece mais rápido. Eu tenho uma tia minha, que não sei se ela teve os problemas igual o meu, mas ele entrou numa depressão profunda, ficava chorando em casa e teve envelhecimento precoce, ta um caco. Mais velha que minha mãe. Então, ela admira assim, por problemas tanto que eu passei e eu ainda , porque minha tia fala que eu sou forte, minha tia que comenta. (E você?) Ah, eu também me acho, sei lá, também acho que eu , não envelheci não. Ás vezes a gente sente que envelhece um pouco é interiormente que a gente sente assim, e eu não sei se é devido ao sofrimento, não sei. De vez em quando a gente sente assim umas coisas no peito, sabe, assim, talvez e um pouco de angústia. Mas, é sabe, um pouco de angústia ás vezes, assim. (Você acha que é em decorrência disso tudo?) Mas pode ser, não pode, eu acho assim, né, não sei, ou era, o tempo mesmo que ta passando, é de mim curtir isso, não sei, eu sinto um pouco de angústia tem hora assim. Tenho medo de ter depressão, que você nem sabe. Eu tenho, eu tenho, porque ás vezes, sabe, quando você tem assim um dia de depressão, que fica triste, mas assim, coisa passageira, porque quando eu penso que eu vou ter, eu já me reajo, acho que é alguma coisa que vem do passado. Não sei, pode ser, não sei, pode ser de família também, porque a minha família é um pouco depressiva, a família do meu pai, sei lá. (São muitas idéias que ficam.) Ficam bastante idéias. (Tudo certo?) Correspondi às suas expectativas, porque a gente fica. (Acho que foi muito bom, acho que você pode estar falando tranqüilamente, a vontade, acho que isso é que é importante.) Era o que você queria saber ou ficou fora? (Não, dentro do que eu coloquei pra você, a gente percebe que você pode ir pegando tudo.) É deu um pouco assim, a gente fica assim, né. Eu nunca fui de conversar abertamente assim com uma pessoa. Desse tipo assim também, né, entrevista, eu só fiquei um pouco ansiosa, sabe, mas vou porque é

preciso, de conversa, eu sinto essa necessidade de coisa nova. (Certo, e qual a expectativa que ficava, poder participar, falar.) Você fala... (Essa coisa nova, de fazer algo novo, diferente.) Ah, é diferente, né, eu, sabe, eu tive vontade de vim, de bater papo, de conversar, porque é uma coisa boa, a gente fica, parece que não, mas você, você fica mais liberta, você consegue conversar. Eu sempre fui muito fechada, assim, não era assim, por exemplo, eu acho que eu deixei até de ser professora, porque eu tinha um pouco de cisma de ir lá na frente pra falar. Então, eu quis até ir pra um desafio, vim assim só pra ver se eu ia consegui fala, porque eu, eu leio muito bem, por exemplo eu sei lê, só que quando manda eu lê, tem vez que eu perco até a fala, lá na frente por exemplo. Agora eu to participando de um grupo de oração, eu to lendo os livrinhos, mas no começo eu sofri tanto, menina. Eu já li lá na frente da igreja, de casamento, me botaram de cobaia lá, porque eu me senti uma cobaia aquele dia. Me cataram assim, e me falaram você vai, eu levei um susto tão grande, me sai bem mas teve uma hora que parecia que eu ia perder a fala. Então, eu vim assim, conversar com você, me ajuda um pouco esse lado que eu tenho de ser um pouco, de ter vergonha de fala, de sabe, se expressa, eu tenho, eu sempre tive. Quando eu tinha que faze seminário na escola, eu tremia as pernas uma semana antes. Então, pra mim, eu me senti bem sabe, eu falei, não, eu vou tenta, eu vou lá e deu certo. Porque, quando você falou, eu parei, porque é uma coisa assim, sabe. Eu falei vamos ver. (Que bom então.)

ENTREVISTA 3

DATA: 15/03/02

GLÓRIA : 32 anos, enfermeira padrão, casada há 9 anos, duas filhas, gêmeas (6 anos).

ENTREVISTADORA:

Eu gostaria que você pudesse estar colocando um pouco sobre essa questão que você vem vivendo hoje, dentro do casamento, trabalho, filhos, maternidade, relacionamento afetivo. Como que é isso dentro da sua vida. Eu gostaria que você pudesse estar colocando da forma que você quiser, começando por onde você quiser.

ENTREVISTADA:

(Ela ri). Bom, éé... (pausa) é complicado, a gente, você ter que, tentar não, no meu caso hoje, o que eu to passando hoje tá, é, pelos nossos problemas financeiros né, então a gente, só eu trabalhando, é complicado, tá? Eeee, ter que sustentar os filhos, porque filhos você sabe, né, dá muito, assim, trabalho, muito gasto, né, e a gente tem que se virar em todos os sentidos, é muito complicado isso hoje. (Certo.) Em casa, no serviço, filhos, é tudo muito complicado, muito difícil. (Fala um pouquinho como é a sua rotina de trabalho, casa, filhos.) A minha rotina. Ahhhh! (Ri) A minha rotina, de manhã trabalho, todos os dias de manhã, menos domingo, aí chego em casa tem os filhos, né, pra cuidar, as meninas que chegam da escola também nesse horário, e fico a tarde toda com elas, né, descanso, deito um pouquinho, durmo, né, eee, é todo dia a mesma coisa, rotina. As minhas tardes e noites já virou rotina. (E o trabalho?) Ahhhhh, o trabalho, é quando... Eu trabalho na Santa Casa e lá é a minha casa, minha casa, me sinto muito bem, né, me dou muito bem

com todo mundo, eee, muitas vezes prefiro estar lá do que em casa. (Isso sempre foi assim, ou você percebe que não?) Não, é mais assim com os problemas mesmo, que a gente, que eu tô passando.

(Fala então um pouquinho como era antes, e como é agora, mais recente) É como eu falei pra você mesmo, mais pela nossa situação financeira, né, que ta muito difícil, ta muito apertada. É, a gente chega em casa, assim, é muita reclamação, né, por parte de todo mundo sabe, problemas, faça isso, faça aquilo, é dinheiro pra isso, é dinheiro pra aquilo, então é complicado. Então, pra não ter que ouvir tanto problema é preferível ficar no serviço. (Certo, parece complicado. Você tem duas filhas.) Duas meninas, gêmeas. (Gêmeas, e aí como é ter filhos e gêmeos ainda. Como que foi pra você?) Ah, foi muito bom, muito bom, é, (pausa). Sempre falo que elas são um presente de Deus, né, não sei o que seria de mim sem elas hoje. Então elas são tudo, dão trabalho, tudo, mas, pra mim são minha vida. (Certo. E como foi viver essa questão da maternidade, de engravidar, ter filho?) Ah, era o que a gente esperava mesmo, né. É o que toda mulher espera né, casar, ter filhos, se dar bem com o marido. (Como eram suas expectativas?) Era tudo isso mesmo, só que eu não esperava passar por essa situação que eu to vivendo hoje, financeiramente. Era tudo o que eu esperava mesmo, porque vem as brigas, os desentendimentos. (Certo) Não sempre, mas vem, né. (Daria pra você falar um pouquinho, então, de como foi essa trajetória de casamento, depois filhos, que você estava dizendo, era como eu esperava, só que agora você percebe outra...) É, agora é por causa da situação mesmo, sabe, muito, muito problema, muita dívida, muita conta, é isso que ta atrapalhando. Tão bom conversar com você, ai que bom. (Fala rindo, como num desabafo) (Que bom. E esse antes, vamos falar desse antes, parece que esse hoje ta bem complicado) Ta bem complicado. Antes. Antes era assim, era um sonho, né, a gente vivia bem, não pensava que fosse estourar nada, assim, que não iria ter problemas maiores, era mil maravilhas. (Pausa) É, em partes, também, não tudo,

mas, em partes assim que eu digo, é parte, éé... Você sabe, mulher quando trabalha fora, né, marido exige muito da gente, parte sexual mesmo é muito complicado, né, eee, exige e você às vezes não tem vontade, você não quer, então era o que me atrapalhava nessa parte no casamento. Minhas filhas nunca atrapalharam nada, nunca, nunca deixei de fazer nada por elas, por causa delas. Mas, cobrança por parte do marido sempre teve. (E como era pra você lidar com essa situação?) Ah, eu sempre fiquei assim, me sentia desanimada, sentia. (pausa) Eu achava que o problema era comigo mesmo, eu pensava se outras mulheres sentiam a mesma coisa, se tinha o mesmo problema. E hoje eu sei que tem, que são todas iguais. Conversando com algumas meninas na Santa Casa, a gente vê que todas tem esse mesmo problema, cobrança do marido nessa parte. (Você fala da questão de trabalhar fora e o marido exigir algumas coisas, que você estava cansada. Você acha que tem essa relação, trabalho...) Tem, não é todo dia que você tem vontade de ta lá nos amores, não, não é assim, a gente tem, não é, pelo menos comigo, com muitas colegas do meu serviço, não é assim. Tem cobrança do marido sim, mas não é toda hora que a gente tem vontade, principalmente. (Você não sentia, assim, tão compreendida nisso?) Não, nunca senti. (E você acha que isso acabava infuenciando em outros aspectos da sua vida com ele, da casa?) Ah sim, da casa não, do trabalho não, isso sempre se transformava em briga, né. (Pausa) Porque a gente tem o serviço, depois chega em casa tem outras coisa pra fazer, você vai termina seus serviços, aí, né, enquanto ele ta lá descansando, né. Hora que você vai descansar, já, depois que as crianças dormem, já é tarde, entendeu? (Você sempre fez isso, trabalhou fora e depois cuidava da casa?) Aha, sempre tive empregada, agora, agora moro com a minha sogra, agora ela tem a empregada dela que faz as minhas coisas também. (Pausa) (E como que é essa questão, de morar com a sogra, você acha que também alterou a questão da vida de vocês, o relacionamento?) Ah, sim, mudou um pouco sim né. Mudou tudo, né.

Tudo. A rotina. Sabe, às vezes eu tenho vontade de deitar um pouquinho a tarde, agora já é mais complicado, sabe, eu deito, mas não é a mesma coisa, né. Não tem ninguém pra olhar as crianças, antes eu tinha a minha empregada, mudou sim. Com ele mesmo né, agora a gente só tem o nosso quarto, porque o resto da casa não é mais nosso, né, com ele também mudou, mudou bastante, mas ta muito bom, melhor que muitas pessoas por ai. (Como assim?) Ah, tem muita gente sofrendo, passando fome, tendo, não tem onde morar, onde dormir. Eu me conformo, sabe pensando nas pessoas que estão atrás, por trás, né, eu acho que eu to muito bem. Em vista de outros eu to no céu, né. (Pausa.)

(E com relação as suas filhas como que é o contato, como foi pra você ter gêmeos também, que é diferente.) Como assim o contato? (Como foi pra você a questão da gravidez, de ter as meninas, depois o cuidado, como que você conciliou. Você trabalhava também nessa época, né?) Trabalhava. Foi o que eu falei pra você, eu sempre tive empregada, então eu não dependia de família, de mãe, de sogra, de ninguém. Sabe, minhas empregadas sempre foram muito boas, muito atenciosas, então eu sempre deixei com elas, nunca tive problemas. (Era tranqüilo?) Tranqüilo, de confiança, eeee, quando não podia mesmo deixava com minha sogra, mas, elas nunca me atrapalharam nesse sentido, nunca. E, é maravilhoso, você poder criar duas ao mesmo tempo, né. (Como que é?) Ah, eu não sei te falar como, como. Como que é. Dá muito trabalho, muito gasto, muito... Às vezes você quer descansar um pouquinho, uma chora, uma tá dormindo, mas, uma tá chorando, sabe? Mas foi bom, foi tranqüilo. (Elas estão com quanto anos?) Seis anos. (Estão bem grandes.) Grandes. É isso aí, ta tudo bem. (Você fala do trabalho, você coloca que lá é um lugar onde você acaba se sentindo muito bem. E hoje você percebe ás vezes, de até se sentir melhor lá do que em casa.) É por esses problemas que eu te falei. Porque é duro você chega em casa, ai, é reclamação, sabe, do meu marido, sogro, e ás vezes briga entre os dois,

sabe, discussão, então ás vezes é melhor você ficar onde ta, do que ir pra casa, entendeu? Brigas entre pai e filho, então por isso. (Pausa).

(E com relação a você, o que você percebe, nesse tempo de casamento, você fala de dificuldades de relacionamento que acabam surgindo, dificuldades financeiras também que acabam surgindo. Agora com relação a você, de como você se vê, a questão dos seus cuidados, de você enquanto mulher, como é isso, independente até desse momento, mas como você sempre foi, ou o que mudou, como você percebe?) Olha, quando eu era solteira né, a minha vida era muito boa, sabe, saia, passeava, viajava, ia pra todo lado, sabe, quando eu não tinha namorado. Aí, eu comecei a namorar o R. com 18 anos, aí acabou tudo aquilo pra mim, então tudo o que eu vivi, acabou, eu não vivi mais, acabou, né. Mas eu falo, o que eu vivi até os meus 18 anos foi maravilhoso, sabe, aproveitei a minha vida, porque depois, era muita cobrança, muita, é, muito assim, ah, não pode por roupa assim, não pode, sabe.Cobrança com roupa, como modos, sabe, então eu fui relaxando. Eu não passava uma sexta-feira sem fazer uma unha, arrumar o cabelo, hoje acabou, entendeu, eu fui me deixando um pouco de lado, a partir do namoro. Com casamento foi assim, diminuindo, agora eu não sei falar o motivo disso, porque, não sei. Só que, eu sempre falo, tudo o que eu vivi as condições, sabe, até eu vejo a minha sobrinha toda bonita, saindo, sabe, aproveita agora porque olha não volta mais, é um tempo que não volta mais. (Pausa.) Eu acho que, a gente ainda fala, a gente era feliz e não sabia. (Ri.) Hoje já é outra felicidade, sabe. Mas aquilo passa mesmo, adolescência passa, acabou, não volta mais, né. (Eu vejo você falar com uma certa, um certo pesar em algumas coisas, você diz que tem outras coisas, mas que, parece-me que tem algumas coisas que você fazia, mas que foram deixando de ser feitas.) Certo, aos poucos, eu já não podia fazer mais, tipo, sempre gostei de roupa aberta, decotada, curta, tinha um corpo muito bonito, acabou. Acabou, sabe como aquele namoro que fica firme, que, cheio de cobrança, não pode fazer isso, não pode fazer aquilo,

pára com isso, pára com aquilo, eu fui me deixando, acabou. (Você percebe que essas coisas foram deixando, é deixando de existir a medida que as cobranças foram feitas e você foi aceitando.) É, aceitando, aceitando, o pior de tudo. (E hoje você percebe dessa forma.) É. Até hoje mesmo, não uso roupa curta, né, isso foi acabando, né. (Pausa.) Não sei porque, a gente deixa, né, as pessoas, (pausa), ahhhh, como se diz, não mandar né, mas, como que se diz, não é manipular também, mas é, éé, pra não ter briga a gente aceita, entendeu? (Certo, era o que você percebia?) Isso, pra não ter briga, coisas assim piores, então eu aceitava. Tudo bem, não vou fazer mais isso, vou parar com isso, ta certo, parei. (Pausa.) (E ai, você foi deixando.) É deixando, aí eu fui me fechando, acho que aquela vida que eu levava, aquela felicidade, aquelas coisas foi acabando, as amigas, né, minha turminha, acabou, aos poucos foi se acabando. Tanto que mesmo hoje, né, depois de casada, assim, não tenho amigos, assim, pessoas, né,... pode ser que seja só um, é..., ter vindo de antes, de antigamente, desde a época de namoro né. Então, pra não ter contato assim com pessoas que ele achava que não era bom, então aos pouco a gente, eu fui deixando as pessoas de lado, os amigos, né, sei lá, não sei porque. (E parece-me que não foram existido outras pessoas, que pudessem estar entrando, nesse novo círculo.) Não, não essa parte de amigos acabou. Os únicos que a gente assim, tinha mais contato era o pessoal do encontro de casais, também a gente não tem mais. Amigos, amigos, a gente não tem, a gente tem companheiros, colegas, amigos, não. (O que você imagina que foi, é, parece-me que você atribui à ele.) Oh, mais sim, acho que é mais por parte dele mesmo. Uma pessoa, assim, que nem o R. é muito assim, sabe, éééé, arruma briga fácil, sabe, não tem assim, aquele, aquele, como que eu falo. Ele não tem assim aquele contato firme, sério com as pessoas, vai aos poucos, vai se acabando, e assim fui eu também. (Você percebe que você foi entrando nesse ritmo também?) É, fui entrando. (Você fala de um ritmo bem diferente, enquanto, antes no namoro, principalmente, bem

diferente.) Ah, é. (Você era de sair muito, ter muitos amigos?) Uh, e agora tá, não sei, se com as brigas, o desentendimento, é melhor a gente ficar em casa. (Ri.) (Certo. Ficou mais voltado pra família?) É. (Pessoas da família?) É. (Há quanto tempo você está morando com a sua sogra?) Já tem 2 anos. (Dois anos.) Não, 1 ano, fez 1 ano no ano passado, no final do ano, 1 ano. (Certo. E essa decisão de ir pra lá?) É mais, por, a parte financeira que eu te falei, né, o aluguel, gastos que a gente não podia ter, tivemos que cortar né, os gastos. (Você fala que você está trabalhando, e ele não está trabalhando?) Não, ele trabalha, mas ele não tem assim uma renda né, porque ele trabalha na fazenda, então não tem renda fixa. (Fixa?) É, planta, colhe, mas não tem assim fixo, né. (Parece que isso gera uma instabilidade, de nunca saber como vai ser.) Isso, como vai ser no dia seguinte. (Certo. É aí que você entra tendo um emprego fixo, quer dizer, você acaba sendo esse arrimo de família.) Isso. É complicado, é muito complicado. (Pausa.) (E como você faz?) Como assim? (É você que acaba então ficando, com a responsabilidade dos gastos?) Isso, das compras, pras meninas, tudo, né, até mesmo pra ele, tudo. Se bem que lá na minha sogra, a gente não tem assim, aluguel, né, compra ela faz, água e luz também, né, a gente não tá pagando nada disso. A gente tá, procurando trabalhar pra acertar as contas, tá. (E como que é esse momento, vocês dois, você disse que muitas vezes acaba gerando brigas.....) É. (Pela situação?) Uh, rum. (É, mas como é você e ele mesmo, como que vocês procuram estar conversando sobre isso, tentando assim, tentando a solução, ou você percebe que fica difícil isso?) Muitas vezes a gente não conversa não, não tem assim. Ainda mais agora, ele fica mais na fazenda, do que aqui né, pra lá direto, então a gente quase não conversa, muito pouco. (E aí, vocês se vêem mais no final de semana?) É. (E antes não?) Não, antes não, era direto, todo dia, mas agora só no sábado e domingo. Então, a gente não fica assim conversando, muita briga né, agora tá um pouquinho melhor. (Ri.) (Talvez até pela distância, você fala?) É, é. (E aí, tem mais alguma coisa a

respeito dessas questões que a gente estava falando no início, de casamento. Parece-me assim, eu fiquei pensando, uma questão do ideal e depois da realidade. Você estava dizendo que existia um ideal e de algumas coisas que realmente foram e aconteceram, mas parece que essa questão financeira, você percebe o quanto realmente acaba abalando outros aspectos?) Como abala. (No casamento.) Abala demais, acho que dinheiro não é tudo, mas a gente tendo como pagar as contas, não ficar devendo nada assim pros outros, levantando a cabeça, né, já tá bom demais sabe. Não digo assim ter pra sobrar, esbanjar não, mas dinheiro é importante sim pras pessoas. (Talvez é uma questão de segurança?) É. (Tem mais coisas que você gostaria de falar, de estar colocando?) Não. Problema a gente sempre vai ter né, ás vezes maior, menor. Graças a Deus de saúde nós não temos nada de grave, então, o resto a gente vai levando né, é pensar sempre no futuro, vamos esquecer o que já passou, né. Acho que a melhor coisa é essa, é pensar no futuro e esquecer o triste passado, né, que até ontem já é passado né. (É.) Fico pensando, tem gente muito pior que eu, numa situação muito pior que eu, então, continuar trabalhando, lutando e pra dá um futuro à minhas filhas, e com o tempo tudo isso de ruim vai passa, é o que eu espero. (Você diz, ficar procurando é pensar de uma forma mais otimista e fazer alguma coisa também.) É. (Por que é o que você está fazendo?) É. (E a tua família, eles influenciam em alguma coisa, ou não?) Ah, eles não gostam de briga, sabe. Sempre que a gente briga, eles são contra brigas, minha mãe acha que não é certo né, porque nossas brigas, todo mundo ficava sabendo né, mas, não me ajuda, não me atrapalha também, não influencia, né, só acha que não tá certo ficar brigando, né. (E vocês, chegavam a brigar é discutir?) É, mas discussão era assim, era de presenciar só por causa de bebida né, por parte dele né. Então, o que atrapalhou também, atrapalha as vezes é a bebida, né. (Certo, então tem essa questão da bebida também?) É. Porque o homem, quando bebe né, vira um animal, mas só por causa disso né, e essas discussões assim em

casa, mas, né, mas sempre entre os filhos e o pai, a mãe, por causa dessa parte financeira, então bebida, dinheiro, né, e nessa parte financeira é, era o que gerava essas brigas, essas discussões, né. Só.

(E ele, sempre bebeu?) Sempre. (Desde quando vocês se conheceram? Essa questão da bebida, você fala que é desde a época de namoro?) É. (Como você já via isso?) Eu sempre via a bebida assim, uma parte, uma coisa muito triste, porque minha mãe, minha mãe sofreu demais com o meu pai, ele também bebia. Então, eu falava pra ele que eu não queria passa o que a minha mãe passou, entendeu, falo ainda hoje, que tudo o que a minha mãe passou e, era muito triste né, vê brigar ne, por causa de pinga, né, e eu falo pra ele que eu não mereço sabe, hoje eu já não mereço mais porque já foi muito sofrimento pra mim desde pequena ,né. Então. (Você então vivia essa questão com seu pai?) É, com meu pai. (E existia muito é, problemas difíceis com a bebida.) Com a bebida. (E depois com ele agora você também teve que ....) Também. (E isso é o que acabava gerando até brigas, conflitos?) Também, entre nós dois é mais por causa de bebida. Na minha casa, como eu te falei, né, os pais, por causa de situação financeira, de, problemas com plantação, problemas deles lá. (Certo.) Mas a minha parte é por causa de bebida. (Enquanto você namorava, mesmo sabendo que ele bebia, ficava talvez assim, alguma idéia de que depois do casamento pudesse ser diferente, não sei, qualquer coisa assim? Vocês namoraram muito tempo?) Eu acho, é namoramos sim, mas não sei, assim, eu achava que seria diferente né, que tudo o que eu vi com a minha mãe, eu achava que não ia acontecer comigo. E algumas vezes já aconteceu, né, brigas, brigas assim perto das meninas mesmo já aconteceu né, que tinha passado com a minha mãe, mas eu achava que não, que nunca ia acontece. (Certo.) Aquele sonho de casamento, né, vai ser mil maravilha, eu não esperava o pior, assim, só o melhor. (E quando namorava também tinha briga ou não?) Tinha, mas era assim, sempre por motivos assim, de ciúmes, né, de, como te falei, de roupa, roupa curta né, que foi acabando aos poucos. Foi isso. (Mas você

com ele...) De cumprimentar as pessoas, achava que já tava tendo interesse por outra pessoa, sabe. Assim, não podia cumprimentar um menino ou homem que já era interesse por ele, né, assim. (Tinha um controle muito grande dele com relação a você?) É. (E vocês namoraram quanto tempo?) Nós tivemos 4, 4 ou 5 anos, 5 anos mais ou menos. (E agora estão com 9 de casados?) É. (Então foi depois de algum tempo que você ficou grávida. Foi algo pensado?) A gente queria né, então eu fiquei uma vez, perdi de 2 meses, né, aí deu um tempinho de 1 ano, aí veio as duas. (E depois?) Perdi um e veio 2. (E depois das duas?) Não, agora eu parei, mas não quero mais não, nós não queremos mais por essa situação mesmo, né, depois tem que sustenta, dá um estudo, alguma coisa assim, é complicado, né. (Certo, quer dizer, você tá pensando lá no futuro?) É complicado. (Tem mais alguma coisa que você pensa, que você acha que seria interessante pra estar falando, a respeito desses temas que a gente está vendo?) Eu acho que é aquilo que eu te falei, a bebida né, a situação financeira, tudo isso atrapalha o relacionamento da gente né e com fé,né, um dia melhora. (Certo, tem que confiar.) (Pausa.) É, ele não é uma pessoa ruim, ele é muito bom, né, mas o que atrapalha muito mesmo, é jogo, é muito estourado, quando bebe então, fica tudo pior, né, quer acaba com tudo, quer briga com todo mundo, mas, ele é uma boa pessoa, e ele também tem essa fé, ele também tem essa esperança de dentro de 1 ano, 2 anos a gente já muda a nossa situação, nessa parte financeira, trabalhando bastante, com roça, como ele tá, né. E ele tem a mesma fé que vai dar certo. (Certo.) A gente reza bastante, nós vamos à missa todo final de semana, na igreja. Sábado ou domingo a gente vai, não perde um final de semana, e sempre pedindo, né, agradecendo, né, as coisas, tudo o que a gente tem, e como eu já te falei, tem gente muito pior que nós, eu acho que essa fé, essa força de vontade é que tá fazendo a gente levantar de novo, né. (Sei.) A vida tá difícil, tá sim, né, já pensamos, muitas vezes em separação, já falamos disso, mas quando a gente vai por em prática mesmo, nem um dos dois quer, né.

Separar mesmo, é mais da boca pra fora. (Certo. Porque você está dizendo que existe uma situação difícil aí, mas que esta questão do relacionamento de vocês, de querer ficar juntos, que isso acaba sendo mais forte?) É, acho que a gente fala de separação mesmo, mais, é mais por, na hora do nervoso né, que nem eu e nem ele a gente não quer isso, a gente quer lutar juntos né e vencer. (E você, já pensou mesmo nessa possibilidade?) Do que? (Da separação.) Eu já sim, já e já tive até apoio da minha mãe, né e dos meus irmãos, mas, no fundo eu vejo que não é isso o que eu quero, eu não quero deixar ele nessa situação agora, agora que ta tudo ruim, sabe, eu acho que eu mesma não me sentiria bem. (Porque você sente isso? O que então te prende realmente nessa situação, pra você não deixar ele nessa situação ruim?) É, não sei porque, às vezes nessas horas de briga a gente fala, será que tem amor mesmo, sempre tem, porque senão eu não estaria aqui com ele, mas é muito triste sabe, brigas, é muito triste, acaba assim com qualquer um né. Eu não me vejo mais sozinha, né. Não. (Como assim?) (Ri.) Ah!, tanto tempo juntos, casada, eu não vejo mais separada, né, por pior que seja, eu acho que separada é pior. (Você pensa assim.) Eu penso, eu acho. (Qual a sua idéia de separada, você fala que pode ser pior ainda?) Ah, separada, (pausa) eu acho assim, que eu não, que eu não conseguiria é, a, eu não sei, eu não sei te explicar, não, não sei se é medo, de recomeçar, por não ter ninguém comigo, sem amigos, sem, depois assim, sem condições pra sustentar minhas filhas. (Certo.) Acho que é tudo isso. (Mas você fala que você está tendo já, você é o arrimo de família.) É, eu falo assim, se eu for pra outro lugar é, aí seria tudo pra mim né, tudo, é casa, é, vamos supor que eu separe, seria assim é em termos de casa, água e luz, telefone, tudo. Agora aqui não, agora aqui eu to assim mais pra nós quatro assim mesmo, entendeu? (Certo.) Não tô com despesas assim em geral. (Você acha que seria mais complicado?) É, mais complicado. (É, você fala de participar da igreja, e é talvez isso também, você acha que possa influenciar em pensar nessa questão de

separação?) Eu acho assim, é, quando a gente discute, briga, mas depois no final de semana a gente vai à missa, a gente vai junto, sempre junto né, isso atrai a gente, não deixa a gente pensar assim numa separação, faz a gente se unir novamente. Parece, parece não, Deus é maior, né, tudo o que vem dele é muito maior. (É assim que você sente?) É assim que eu sinto, au acho que, você indo à igreja, participando, participando não, a gente tem muito contato é com o padre, a gente tem muito diálogo com ele, né, com o padre, sempre a gente algum problema ele vai em casa sabe,ele tem muito contato com a gente. Então ajuda muito. (Você acha que ...) É nessas horas, assim que a gente pensa em separar ou fala assim da boca pra fora, fala que vai, vai, vai, mais não vai, sabe, acho que Deus volta, põe a gente de novo, né. Deus é amor, acho que pessoas, acho que não dá pra falar que não tem amor, porque tem amor, né, tem amor. (Por que você diz que se não tivesse amor, não daria pra manter juntos?) É, não. (Diante das dificuldades?) Foi o que eu te falei, é o amor, fé em Deus, é muita força, é força de vontade, de vencer de lutar, é o que acaba levando a gente pra frente, né. (E a vida a dois, de vocês, como que está. Você falou de algumas dificuldades antes e diante de tudo isso agora, como você percebe, que isso dificulta ainda mais?) Ah, eu acho que esse problema de nossa vida mesmo é nessa parte, ali, nosso cantinho, nosso quarto, que agora é só nosso quarto, né. É assim, tem dia que ta ruim, tem dia que tá melhor, a gente tem fase boa e fase ruim, né, mas a gente quando não tem discussão nenhuma, a gente ta muito bem, né, se dá muito bem. (Certo.) Que atrapalha mesmo, muito, né, é essa parte de bebida, a bebida assim, acaba com qualquer um, né, pode até acabar com o casamento também, né, mas também não é todo dia, não é direto, não é assim continuo, né, dá pra levar. Da pra levar assim, mas se a gente tiver que separar, né, mas nunca vai acontecer isso. (Ri) (É isso que você espera?) É, tem os filhos, né, marido pra dar atenção, os filhos pra dar atenção, e ainda tem cobranças, né, assim, ah, isso não tá bom assim, não tá bom. Você não olha seus filhos, e isso dói muito, quando

falam isso pra mim, né, dói muito ouvi isso, mas é assim, como eu vejo isso, como uma forma dele me provocar, né. Sabe que tá tudo certo, tá tudo bem, mas ainda fica criticando, né, mas sempre nessas horas, como eu te falei, nessas horas de bebida, né, de, mais são situações assim, que não são sempre, de vez em quando, né. (E aí, isso é usado nesses momentos.) É, é. (E você percebe que é como uma forma de provocação?) É, de me provocar, porque tá tudo bem, elas tão bem, são bem cuidadas, né, então eu não vejo que eu faço nada de errado, é uma forma de me provocar mesmo. (Você sempre trabalhou assim, meio período?) Meio período. (Certo, então você tem o outro período, que dá pra você se dedicar a casa e à elas?) É, coloquei elas de manhã na escola pra poder ficar a tarde com elas, né, porque eu to em casa. (Ficar mais próxima?) A gente sempre ouve, passa assim, em televisão que a mulher hoje é quem, é , como você falou, né, que sustenta a casa, que mantém a casa, né, e é assim mesmo, hoje a mulher está se tornando o homem da casa, não é? E assim, umas mais valorizadas, outras menos valorizadas, né, problemas desse tipo, igual ao meu tem muitas, como te falei, muitas colegas minhas que trabalham no serviço tem esse mesmo problema que eu, de cobrança, do marido achar que não tá bom, né, que é mesmo assim, na parte sexual, e ainda a gente fala, né, não tá bom, vai procurar onde tá , né. (Ri) Mas é tudo assim, sabe é da boca pra fora, não tem nada, é que nunca, que não quer isso pra você, que ele vá procurar outra lá fora, né. Mais assim, o modo de falar mesmo, e a mulher hoje é isso, trabalha, cuida dos filhos, trabalha em casa, e muitas vezes não é só dona de casa, não é isso? É só.(Então, certo, valeu muito.)

ENTREVISTA 4

DATA: 24/03/02

ISABEL: 36 anos, professora de português e inglês e também trabalha com salão de beleza, casada há 18 anos, 3 filhos (14 anos; 9 anos e 1,4 meses).

ENTREVISTADORA:

Eu gostaria que você pudesse falar um pouco sobre a sua vida nesse momento atual, com relação ao trabalho, a questão de filhos, trabalhar fora, ter filhos em casa, marido. Todas essas questões que estão envolvidas em sua vida pessoal, do seu dia a dia. Você pode estar vendo por onde você quer começar a falar, pode ficar a vontade quanto a isso.

ENTREVISTADA:

Bom, é um pouco complicado, né porque nós temos que correr que nem umas loucas, né, tem que dar conta de casa, dar conta do serviço, do salão que eu tenho, né, então, é aquela, mas assim, eu tento dá atenção pros filhos na hora da tarefa, né, assim, na medida do possível também. (Certo.) E pro marido também, só que a nossa vida é um pouco, a hora que eu deito, ele levanta, é um pouco complicada também a nossa vida, porque os dois trabalham a noite, mais ele do que eu, né, mas a gente tenta fazer o melhor, pros dois se entenderem, porque senão não daria certo, né, o nosso relacionamento, porque desse jeito que a vida é corrida, né. Você não tem tempo nem pra namorar, vamos dizer assim, então, mas tem que ter a compreensão dos dois lados, né. Não é porque eu quero, é só eu que quero trabalhar, não é, é ele, a J. coloca, vamos dizer, o horário pra ele trabalhar e acabou, tem

que ser esse horário e acabou, nós temos que entender, é a realidade de hoje, nós precisamos trabalhar, precisamos, tem 3 filhos pra criar, então, nós vamos ter que batalhar do jeito que, né. Então, tem que conciliar tudo, né. (Como que é essa dinâmica então, de horário e de trabalho de vocês, você poderia colocar um pouco?) A minha dinâmica? (Isso. O seu dia a dia e o dele, horários.) Bom, o meu horário é assim, eu entro as sete, saio meio dia, tem dia que eu saio as 2, trabalho depois no salão, né. (No período da manhã, então, você dá aula?) Dou aula, a tarde eu tenho o salão, a noite eu dou aula. (Sei.) E o meu marido, é assim, ele dá, ele trabalha das 9 da noite às 6 da manhã, então, ele dorme até meio dia, meio dia e meio, sei lá. Ele levanta, almoça, depois ele volta a dormi de novo, senão ele não agüenta a noite, né. (Certo.) Mas, quando eu preciso, ele me ajuda sim, na parte de dar atenção na tarefa, coloca os moleques pra estudar, tem que estudar, tem que fazer tarefa, né. E eu tenho que tentar tirar um horário, porque eu to tendo problema com o meu filho do meio. (Como assim?) Com a tarefa. Então, ele já acaba deixando de copiar o que ele podia copiar sabe, ele não quer, não tá tendo aquela responsabilidade de, então, eu vou ter que começa a tira uma horinha pra ele, porque eu vejo que ele tem, ele precisa de mim, ele quer que eu esteja por perto. (Você sente que é isso, que esteja fazendo falta?) É, eu sinto que ele né, é precisa de mim mesmo, quer eu esteja alí, do lado dele, tanto é que tem vez que ele deixa de fazer a tarefa, né, é um motivo pra ele querer que eu esteja perto, né. Então é um pouco complicado, corrido, né, uma vida corrida, não tem tempo pra nada, né. Mas, a gente tenta conciliar, né.

(E como está isso pra você, tentar conciliar tudo isso?) Esse ano eu to sentindo assim, muita canseira, não to conseguindo, falei pro meu marido, não to conseguindo, to com dor nas pernas, dor no corpo, cansada, esgotada, nem começou o ano eu já to esgotada. Eu não sei se é por causa das classes que eu estou, né, que tá me sobrecarregando, ficando assim, das sete ao meio dia na escola, né, cada

classe é um problema, né, a cabeça vai, né, e eu to sentindo assim, canseira mesmo, eu não to conseguindo. Bom, mas sempre eu dou atenção pra eles, pros meus filhos eu dou, eu não deixo de dá, porque mesmo assim, ainda eu acho que falta, que precisa mais. Precisaria mais tempo pra eles, mas não ta tendo, então. (E como fica pra você?) Como fica pra mim? (É.) É, agora eu chego a conclusão, que eu vou ter que largar um pouco, vou ter que deixar uma hora pra eles, porque senão, não vou ter, vou ter que estipular uma hora, é, da 1 às 2 nós vamos estudar, porque senão, eu não vou conseguir, né, a parte deles também, que faz também na escola, que daí começa a dar trabalho na escola, né e assim vai. Se você não tira esse horarinho aí, porque eu vou perder, mas eu vou ganha com meus filhos, né, é melhor eu perder no salão, mas eu ganho com eles, senão. A minha preocupação taí, né, com eles, mesmo. Com o nenê mesmo, eu não tenho muito tempo pra ele, né, e ele sente falta minha, ele quer, ele me vê, ele chora, ele quer que eu pegue, né. Então, eu vejo que falta né, eu vou ter que tirar um horarinho pra ele também, e assim vai, né, mas é duro pra conciliar, não é fácil não. (Ri.) (Com certeza.) Ai meu Deus do céu. (E como fica você, seu marido, esses horários, em termos que você falou, que ele também colabora, com as crianças, ele procura também dar atenção, apesar de que ele também precisa dormir, descansar pra conseguir trabalhar na outra noite.) É, mas ele é bem compreensivo, assim, quanto a, bom, meu marido graças a Deus, eu tenho 18 anos de casada, né, e nunca tivemos assim, atrito nenhum, por, por, ele sempre me ajudou, né, toda a vida ele sempre me ajudou, né, então eu nunca tive assim problema de relacionamento com ele, nenhum, graças a Deus, nós vivemos numa, numa santa paz. Não brigamos, a gente não é de brigar, a gente se dá bem, um compreende o outro, é assim, ele deixa às vezes eu dormi, ele fala, não, hoje você vai dormi, eu vou ficar com as crianças, é assim, porque ele também vê que eu trabalho bastante, né. Então, a gente se dá super bem, nessa parte aí.

(A idéia que você tinha assim, de uma pessoa, de um homem, é hoje o que você vive no seu casamento?) A idéia que eu tinha dele, você fala? (Não dele, mas de uma pessoa, de um companheiro, e a pessoa que você tem hoje, seu marido, como que é isso pra você?) Oh, eu acho que ele preencheu todos os meus requisitos. Porque é uma pessoa assim, né, que não bebe, que não fuma, que sempre ta com a família, não me deixa pra ir pra bar, pra nenhum lugar, então eu não tenho o que reclamar dele, tudo o que eu pensava eu tenho, né. Então, a gente se dá super bem, não tem brigas, não tem nada, né, a gente, bom, não tenho nem tempo pra briga, vamos dizer assim, né, não dá tempo, né, a hora que ele levanta eu to saindo, né por exemplo, ele chega 6 horas, ele ajuda eu colocar as crianças pra escola, faz meu leite, o das crianças, me acorda, né. Depois eu vou pra escola, ele dorme, né, eu chego também não vou perturbar, eu deixo ele dormi, o tanto que ele acha necessário, né. E ele sempre dá atenção, o que eu quiser ele faz, você entendeu, então eu não tenho o que reclamar dele, né, não tenho, é o que eu esperava mesmo, e tem muita gente que fala assim, que se espelha no meu casamento, queria um marido como o meu, todo mundo agora quer um marido como o meu. É porque ele é, acho que é o jeito dele, de ser calmo, ser tranqüilo, né,, não me agride nunca me fez nada, né, sempre a gente se dá bem, né. Tem 3 filhos aí né, então, eu acho que não tenho nada contra ele não, graças a Deus a gente vive bem, né. Não briga, né, a gente não tem aquele clima de briga dentro de casa, que afeta as crianças, né, nunca tivemos, então, graças a Deus, nessa parte, né, eu sou feliz. Quantas que querem ter o meu marido, sabia? (Ri.) Minha mãe fala, minha prima fala, eu queria ter um marido igual o da Isabel. Eu falei, é agora quer um marido igual o meu, né. (Por que agora?) Porque antes meu marido era, meu marido sempre foi pobre. Meu marido sempre foi pobre e, e não deixava é, ele ia namorar, ele tinha um fusquinha, né. Sempre teve, até hoje. Aí, minhas tias sempre falava assim, na minha casa só pára diesel. Entendeu? E esse diesel, né, era dos pais do

namorado, certo, hoje eles não tem nada também. Quer dizer, o meu marido sempre teve aquele fusquinha, sempre foi dele, e ele batalhou pra ter ele, né, e nós vivemos bem até hoje, apesar de ter esse fusquinha aí, mas nós sempre lutamos, os dois juntos, conseguimos construir nossa casa, comprar um carro melhor, mas o fusquinha tá ali, e muitos desses que invejam a vida da gente hoje, assim, porque acho que não tem esse relacionamento que nós temos, né. Nós sempre estamos juntos né, se vai participar de alguma coisa na igreja a gente ta junto, em qualquer lugar nós estamos junto, né. Meu marido não tá no bar, não tá em lugar nenhum, sempre comigo, né, então, se espelha nesse lado aí. (Certo.) Que ele sempre tá dando atenção pra família, que tá, é hoje, tem muitas que já separaram, né e assim acontece, então, quer dizer, se espelha no que, que vê como eu vivo, né, o que eu tenho, sei lá, mas foi tudo com luta, né, que nós temos, nós não ganhamos nada de mão beijada, né. (Os dois?) Os dois lutando e nós conseguimos , né, não consegui tudo ainda, mas a gente sempre tem objetivos, né. Pra esse ano é tal coisa, pro ano que vem é outra, né. (Isso.) E a gente vai tentando realizar os sonhos da gente. Certo, é assim que a gente faz. (Ri.) (Legal, jóia.) E o diesel, não era o diesel que fazia não é, vai da pessoa, né. (Isso.) Se quer batalhar, se vai consegui, essas coisas que você quer, né. Não adianta você partir lá do alto, você cai depois e não tem jeito. A gente começou do baixo e nós estamos crescendo e mantendo, né, o importante é manter, né. (Isso, eu acho que você está falando que tem que ter estrutura?) Estrutura, né. Os dois tem que ter estrutura, mas, senão, afunda, né. (Certo.) Tem que ter uma base boa, né. (Você falou de participar também da igreja, como que é, você tem atividade.) Ok, depois que o nosso nenê nasceu, que nós não estamos participando já tem o que, 2 anos que eu não participo de nada assim, de, do ECC. Nós fomos um casal assim de participar do ECC, do encontro lá de casais, né. Participei já de ser líder de grupo, por exemplo, de coordenar o círculo, nós participamos. É que foram mudando as pessoas, nosso grupo, e acabou o nosso grupo, mas era um grupo

muito bom, que deixa saudade, muito gostoso, e assim a gente participa da forma que dá, né. Que nem agora, ele ta com esse horário muito louco, da 9 às 6, quando nós vamos fazer reunião, né, só aos domingos, mas no domingo ele tá trabalhando, das 7 às 6 da manhã, então tá difícil pra conciliar a igreja, né. Mas nós vamos tentar volta, vamos ver quando o horário dele volta, né, o horário normal, mas sempre foi a noite, então a gente sempre teve que fazer reunião de sábado a noite ou de domingo a tarde, né, porque não dava os horários nosso eu e ele trabalhando a noite, nunca dava pra faze uma reunião na semana, né. Mas, agora tá puxado, né, então, quer dizer, eu não fui nem chamada, não sei se esse ano eu vou ser chamada pra trabalha, mas a gente sempre foi, sempre trabalhou, sempre gostou, né, então a gente procura, mas depois que o meu nenê nasceu, nós tamo um pouquinho afastado da igreja, é duro pra você ir com criança, chega lá o padre reclama, mas a gente tenta faze, né, a nossa parte, né. (Ri.)

(Sei, e quanto aos filhos, você falou que tem 3 filhos, inclusive tem um...) Um adolescente já, né, 14 anos. Tem um adolescente, tem um do meio que eu acho que é o meu filho mais problema, vamos dizer assim. Que ele é assim, uma criança, nervosa, ele morre de ciúmes do nenê, né, porque ele perdeu o trono, ele acha que ele perdeu o trono, né, mas não que eu não de atenção pra ele, mas ele é assim, nervoso, eu acho até que ele precisa até de uma psicóloga, vamos dizer assim, né. Porque ele é uma criança assim, nervosa, aí a hora que ele ta brincando, de repente não é daquele jeito dele, ele emburra, entra pra dentro, não brinca mais, sabe, eu acho ele, eu tenho que sempre ta contornando as coisas com ele, né. Porque tudo ele acha que é pro S., que é o nenê, tudo acha que é pro S.. Depois que o nenê nasceu, bom, tanto é que ele dormiu comigo na gravidez inteira, ele quis entrar no carrinho do nenê quando nasceu, né, quis mama no meu peito, sabe. (Regrediu bastante.) Regrediu. Na escola ele não conseguia a leitura, na 1ª série. Ele foi, depois que ele começou a se desenvolver na 2ª que ele

veio a melhorar, né, deu um estalo. Mais ainda eu sinto que ele precisa sabe, ele precisa de mim, ele quer eu ali do lado dele, né. Ainda bem que ele aceita assim eu ajudando ele na tarefa, né, mas eu vejo que ele é assim, é um filho assim que quer mais atenção, quer que eu esteja bem próxima, não quer que eu agrade o outro, tudo ele fala, tudo é pro S. , tudo é pro S.. Mas não é tudo pro S., ele que acha, né. Fica colocando ciúmes, né naquilo, e dá esse problema aí, mas a gente tenta contornar. (E essa questão de filhos, como foi pra você, assim, pensar em ficar grávida, desde o 1º filho, essa questão de maternidade?) É, eu sempre queria ter 2 filhos só, né. Queria um casal, era o que vinha na minha cabeça. Eu queria um casal, mas quando eu casei, demorou o que, uns 3 anos pra eu engravida, né. Aí eu engravidei, ganhei o R., demorou o que uns 5 anos e meio pra vim o 2º filho, né. Aí veio o 2º filho, depois de 8 anos veio o 3º filho. Isso porque eu tinha dificuldade de engravidar, né. Ainda tive 3. (Três filhos.) Três filhos. Aí você fala o que que é pra mim os filhos? Como? (Como que é pra você? Você falou que tinha esse ideal, filhos, como é essa questão?) É, a gente sempre quer ter um filho, né, porque é diferente, né, porque depois que você tem, muda completamente a vida, né. É completamente diferente, você, filhos, pros filhos, você não vive pra você mais, tudo você pensa neles, né. É bem diferente da época de casado de novo, vamos dizer assim, depois que você tem filho, né, você tem filhos, você só pensa neles, você vai trabalhar pra eles, né. Tudo o que você faz, em primeiro lugar é os filhos, depois você, né, sempre assim. (É assim que você percebe?) É, 1º eles, bom, eles é a razão da minha vida, né. Então, sem eles eu acho que a gente não conseguiria viver, né, então tem que ter, porque senão fica muito monótona a vida do casal, teria que ter filhos mesmo, porque, bom, uma porque é a benção de Deus, e outra que sem filhos acho que fica, teria que adota se não tivesse, né, porque eu acho que fica muito monótono, né a vida. Mas é isso aí que eu acho.

(Interessante. E com relação a você nisso tudo, em poder estar se cuidando, pensando em você, um tempo pra você, porque a gente estava falando de relacionamento marido, mulher, agora a questão de filhos e você?) Quanto ao, pra mim, você fala eu ter um espaço pra mim. (Isso.) Bom, antes até do S. nascer, eu tinha, eu fazia hidroginástica, eu tentava me cuida, porque o meu salão, né, me provoca dor nas costas, né, então eu tinha que fazer alguma coisa pra relaxar, aí, eu fazia a hidro. É, mas eu tento me cuidar, eu não gosto de me ver mal arrumada, eu quero sempre ta com a unha feita, o cabelo arrumado. Eu não gosto de ficar mal arrumada, sempre um espaço eu arranjo, gosto de roupa nova, gosto também, gosto de me arrumar também, não gosto também de andar de qualquer jeito, né, e uma que o meu marido fala, 1º é a mulher e os filhos, depois eu, então ele fala, compra roupa pra você, pros filhos e depois pra mim. É você que tem que tá melhor arrumada, ele fala. Mas eu sempre gostei de roupa nova, sapato novo, quem é que não gosta, né? Eu não consigo ficar sem fazer a minha unha, eu faço, eu acho um tempinho pra mim, entendeu, pra eu me arrumar , porque isso faz bem pra gente, né, pro ego da gente, se você anda que nem uma maltrapilha aí, o que é que vão falar, ó aquele homem lá deixa a mulher trabalhar que nem uma condenada e anda mal arrumada, daquele jeito, né, mas não é isso, eu acho assim, é pra mim. (Certo.) Porque eu gosto de ficar bem arrumada, os meus filhos bem arrumados e o meu marido também, não deixo ele também de qualquer jeito não, senão vão falar que eu não cuido dele, né. Que negócio é esse, então tem que tá, a gente anda na medida do possível, né, das condições da gente, tenta se arrumar do jeito que dá, né. (Isso.) Mas eu não deixo eu pra trás, não, eu sempre coloco eu também, eu não sou assim, só meus filhos, você entendeu? Eu também me coloco no meio, eu vou eu, me ajeito também, não gosto também de ta de qualquer jeito, não, eu acho um tempo. Agora, depois que o meu nenê nasceu, eu não consegui fazer mais a minha hidro, né, mas eu falei, que agora eu vou começar a achar um espaço, porque a gente precisa

também de relaxar, né. Não é só trabalhar, tem que ter um tempinho, nem que for 1 hora, né, três dias da semana, já tá bom, né, eu vou tenta, eu vou voltar o que eu era de novo. Mas, se você não coloca horário, você não faz nada, você tem que estipular um horário, sem horário nós não fazemos nada mesmo não, você acaba deixando, você põe o serviço em 1º lugar e você deixa. (É, e também o salão acaba tomando bastante seu tempo.) Acaba. (Principalmente aí.) É, porque tem hora que eu não tenho, eu podia dormi até umas 9 horas, começar às 9 e meia, vamos dizer assim, né, na sexta, mas aí tem uma que não pode, outra que não pode, você acaba cedendo, né. Porque eu acho falta de dormi, você entendeu, esse período, eu nunca dei aula assim todos os dias da semana, das 7 ao meio dia, ou as 2 da tarde, né. Então, eu acho falta do sono, eu preciso dormi, eu acho, mas tem dia que o salão não me deixa, né, é sempre cheio, então eu preciso tentar encaixar todo mundo, e é aonde que me sobrecarrega, né, acho que eu sinto aquela canseira, né, quer atender todo mundo não sabe fala não pra ninguém e eu acho que você se prejudica também, né, então eu vou tentar voltar meu horário, vou ver se eu consigo. (Você diz que não sabe falar não pra ninguém, é uma característica tua essa questão de querer dar conta de tudo.) Dar conta de tudo, e tanto é que o meu marido fala que é, a parte de banco fica pra mim, porque eu já trabalhei no banco, então eu é que organizo tudo, acho que é meu signo é que é o problema. (Qual é o seu signo?) Virgem, eu acho que é o problema do signo, porque eu quero organizar tudo, eu não gosto de nada fora do lugar, né. Então, ele falou assim, que eu comandei, eu quero tomar conta de tudo, então eu abracei tudo, aí, depois você começa a sentir a canseira, né, aí, quer dizer, tem que dividi, né, mas a parte do banco é eu mesma que, porque ele não gosta. Não gosta de ir ao banco, então. Mas, eu não sei falar não pra nada, tudo eu acabo cedendo, cedendo, e aí que você vai ver, né, tem que chegar uma hora e falar, não, vou dar um breque, né. Mas, o meu problema é esse, acho que é muito detalhista, muito né, e vamos dizer, não sei falar não, organizar as

coisas, quero organizar tudo certinho, bonitinho, então meu problema é esse, não sei falar não e sobrecarrega. (Com certeza, com tantas coisas que você tem pra fazer.) Você tem que pensar nos filhos, na casa, o que tem de mistura, o que não tem, tem que pensar nos horários seu de escola, horário de salão, né que eu tenho, tudo com horarinho, minha vida é um relógio, tudo com horário, horário, então chega uma hora que você não dá conta de tudo, né. (E tem alguma pessoa que ajuda você?) Te, tem a minha secretária, que ela faz a parte da casa, tem vez que eu não tenho tempo, então ela é que se vira, o que ela vai fazer de almoço, né, mas sempre ela pergunta e aí vai fazer o que, tal, você tem que ta por trás, né, não tem jeito. Mas, quanto a parte de casa, assim, ela é que faz tudo também, senão eu não agüentaria, né e se não fosse a minha sogra também pra olhar o nenê. (Ela que olha?) Olha o nenê, olhou os três. (Que bom!) Se não fosse a minha sogra, eu não trabalharia, né, não daria, aí eu teria que se, ou paga uma baba só pra isso, mas nem sempre é igual né, o da família, então, ainda bem que eu tenho a minha sogra, né, senão, não daria certo pra ficar a noite com as crianças, é ela que fica né, então é a minha sorte né, morar do lado da sogra. (É verdade.) (Ri.)

(E o que mais?) Não sei o que mais, eu não me arrependi nem um pouco de ter me casado, né, porque eu casei nova, casei com 18 anos, né. Eu era assim menina vamos se dizer, não era como hoje, que se casa mais tarde, mas eu não me arrependi de nada, porque tudo o que eu queria ele fazia, era pular carnaval que eu gostava, nós íamos pular o carnaval, então nós aproveitamos a fase dos 3 primeiros anos que eu não tinha filhos, né. Ia comer fora, não tinha problema, a gente sempre comeu fora, sempre passeou, viajamos, né. Então, eu não me arrependi nenhum pouco, porque eu era muito presa, meu pai não deixava eu fazer as coisas, assim, sabe. Pra começar, não podia andar de carro com o meu namorado, né, se eu andasse de carro é porque, eu podia perder a minha virgindade, eu podia casar grávida, o medo do meu pai era esse. (Você namorou quanto tempo?) Eu namorei três anos só, aí eu já me casei, aí

demorei 3 anos pra engravidar, depois de 3 anos que eu tive o 1º filho, foi com 21 anos que eu tive, e foi, mas eu não me arrependo, porque eu tenho tudo o que eu quero, eu não sou mal tratada, né graças a Deus ele me trata bem, me dá o que eu quero, nunca reclama de falar não pode comprar isso você não pode comprar aquilo, nunca falou nada, né, tudo o que eu quero eu compro, eu tenho, então ele não tem, não tenho nem um porque não ta casada. (Essa questão que você estava falando, que o seu pai, você tinha, era muito mais presa, parece-me...) É, do que meus irmãos. Minhas irmãs já, é, eu acho também era porque eu era a 1ª filha, né, e eu acho que ele me prendia assim, tinha horário pra chegar, era mais diferente do que hoje, vamos se dizer. (É, certo) Tinha horário, 10 e meia eu tinha que ta em casa, eu não podia, eu nunca saia 10 horas pra namorar, eu saia às 8 e 10 e meia em casa. Hoje, depois com as minhas irmãs foi mudando, porque mudou também o mundo, ainda bem que ele também, meu pai foi mudando também, né, porque se ele ficasse naquela, ah, ninguém ia casar também lá, eu acho, né. (Ri.) Então, quer dizer, o problema acho que é a 1ª que é mais segurada, né, depois já começa a soltar, começa já a ficar, né, mais fácil também, já vê que não é aquilo, tem que solta, não adianta você prender muito também um filho que depois que ele vai fazer coisa pior, né. E graças a Deus eu me casei e me dei bem, né. (E você, como era diante dessas questões do pai querer...) Me segurar. (Te segurar.) Eu nunca fui rebelde, nunca fui assim de enfrentar o meu pai, sempre foi numa boa, eu aceitava numa boa. Era pra sair as 8 e chegar as 10, eu chegava. Eu nunca fui assim aquela filha assim de bate boca com o meu pai, de discuti, nunca. Eu tinha medo do meu pai também, assim, medo de achar ruim, eu não gosto, sabe, eu sou bem assim, discreta, mas nunca fui de ficar brigando, porque, ah, porque que não deixa fazer isso, nunca, não ia no baile, meu pai não deixava, eu não ia nos bailes, né, eu nunca fui, se eu fosse, ele deixava eu ir com a minha tia, aí eu ia com a minha tia, numa boa, pulava o carnaval também, com a minha prima, né com a J., numa boa. Ele deixava ir com alguém,

mas sozinha não, mas eu nunca quis também ir sozinha, sabe, eu nunca fui, não teve muito tempo também. Olha eu comecei a namorar com 15 anos, com 18 eu já casei, né, não teve muito tempo pra eu né. Mas graças a Deus, eu não tenho queixa também do meu pai ser assim, e eu não me arrependo dele ter sido seguro né, acho que foi bom pra mim, porque eu falo assim, de repente se eu casasse por exemplo grávida, vamos se dizer assim, meu marido podia tacar na minha cara, ta vendo você casou grávida, você podia ter saído com qualquer um, que era isso o que meu pai falava. Meu pai falava assim, se você chegar a engravidar e um dia você chegar a brigar com seu marido, ele pode tacar na sua cara assim, é, eu andei com você, você engravidou, agora é, você pode ter até saído com outras pessoas, você entendeu? Ele poderia achar que eu, já que eu saí com ele, eu podia saí, assim, como eu saí com ele, eu podia ter saído com outras pessoas. (Certo.) Quer dizer então, eu sempre tinha aquilo na minha cabeça, eu sempre tinha aquilo na minha cabeça, que eu não podia fazer aquilo, que eu, sabe, eu nunca fui, eu nunca quis também ir além, é a mesma coisas das drogas, né. Não pode cheirar, não pode fumar, eu nunca quis conhecer as drogas, eu nunca tive aquela, sabe, aquela vontade, eu sou sempre assim, não sou assim, eu vou pra frente, mas não de querer, uma coisa que não pode, eu já não vou. Eu não sei se foi a criação, né, eu nunca quis ir pra frente não, eu nunca quis experimentar, então eu tento passar isso pros meus filhos também, né, que eu nunca quis, que eu nunca quis conhecer, que eu já sabia que aquilo fazia mal, eu nunca quis ir atrás. Eu já vi como é a folha, tudo, mas o pó, tal, eu nunca cheguei a ver, né. Via assim agora na escola, que a gente acaba, né, tendo bem a visão mesmo das drogas, como que ta hoje, o meu medo mesmo é os meus filhos, né, eles ficarem na rua, porque de repente eles estão fumando aí, lá fora e pode haver, é bater, sabe, falar, é vamos bater naquele menino ali, e bate e não ta nem aí, porque a droga deixa mesmo a pessoa assim, né, mas falar pra você que eu sempre quis conhecer a droga, eu nunca quis, então, eu também

passo isso pros meus filhos, que é uma coisa perigosa, que vai matar, e eu, eu não sou desse jeito. (Assim, como no namoro também?) No namoro. (Até onde pode ir.) Eu fui até, é, numa boa, tanto é que meu marido também não, e não, ele tinha medo também, ele me respeitava, nunca chegou a querer transar, foi a minha sorte, porque eu também não saberia, não sei se o que poderia passar na minha cabeça, né. Então eu acho que ele também tinha medo do meu pai, né, tanto é que nós casamos logo, demorou o que, 3 anos, mas eu nunca, nunca transei, eu era ingênua de tudo pro casamento, eu não sabia de nada, nada, nada, nada. Hoje eu sei muito, né, mas eu não me arrependo não, graças a Deus assim, apesar de, eu tô falando assim, o que eu fui mesmo, né. Eu não transei antes de casa, né, é, e outra, a sorte que ele também não, não tentou, né, porque eu também não sei o que que seria, né, eu não sei se ele tinha medo, ele já sabia que o meu pai era daquele jeito, né. Então, ele não tentou também, né, foi a minha sorte, porque eu falei, não sei qual seria a minha reação, né, porque as vezes dentro da própria casa da gente, a gente pode fazer isso, né. Mas, eu nunca, eu nunca, a minha sorte, eu falo que o D. sempre foi muito respeitador, ele nunca foi de beijar na frente dos meus pais, entendeu, sempre foi bem respeitador, mesmo. Então, me respeitou, e acho que ele já tinha mais experiência também dele, né, mais experiência que ele já tinha namorado muito tempo, né, e acho que ele viu, do meu jeito que era diferente, né e acabou querendo casar logo, tanto que eu casei logo, né. Casei com 18 anos, mas eu não me arrependi. Eu sou feliz assim, era o que eu esperava, e, né, porque a gente vê tanto casamento hoje, né, que as pessoas maltrata o outro, né, brigam, né, e é uma vida assim. Ai, graças a Deus eu não tenho esse tipo de problema, pra dizer que a gente nunca brigou, to mentindo. (Claro.) Porque nós já brigamos, já, isso no começo do casamento, porque eu falo assim, que até você se adaptar à pessoa tem muito, é, tem assim, aquela fase, né, que quando você casa, cada um tem um costume, né, até você adapta, os dois, né, mas o D. sempre foi calmo,

assim, foi tranqüilo, então nunca teve aquele problema assim, mas eu falo, a gente sempre teve, algumas briguinhas teve, não vou fala que não, mas uma coisa muito séria não tive, né, por isso que eu acho que eu to até hoje assim, nessa vidona, né. Mas, é o que eu falo, até se adapta, tem muitas barreiras aí, tem muita gente que não consegue, né, vence as barreiras da vida, né. (Difícil.) É a dois então, é onde que, se a pessoa não tiver estrutura, ela, eu acho que não consegue, na 1ª barreira ela já, ah, não é isso o que eu quero, tchau, você pra lá, você pra cá, né. Eu acho que é onde que, eu também acho que também as vezes é porque falta o amor, eu acho. Que se a pessoa não gostar mesmo da outra pessoa, não adianta casar né, acho que ela tem que amar mesmo, se ela ama vai superar qualquer outra, né. E hoje não tem esse amor eu acho, falta também Deus, falta o amor mesmo, né, porque se você ama, você deixa né, passar muitas coisas, você passa pra lá e aí vai né, mas eu acho que hoje o que falta é o amor mesmo. A pessoa casa, as vezes só porque engravidou, né, e aí não consegue viver mesmo, porque aí começa, não gosto da pessoa, não gosto do que ela faz, não sei o que, né e aí começa complicar, né. Então, eu acho que tem que ter o amor mesmo, porque aí você supera tudo. (E a tolerância fica bem menor.) Bem menor, né. Eu acho que falta isso, né, a parte mesmo de amar mesmo, né. (Claro.) Aí, Deus do céu.

(O que fica pra você de tudo isso que nós estamos falando, sobre, você começou agora a falar um pouquinho que falta o amor no relacionamento. Como que você vê hoje então, a mulher de um modo geral dentro da sociedade, dentro dessas questões que estamos falando, trabalho, filhos, relacionamento, como que você vê hoje?) Então, porque a mulher eu acho que ela é, ela confundiu a liberdade, é, liberdade, ah, como que se diz, pêra aí, ela ta confundindo o espaço dela, né, ela tá se expondo muito, eu acho que a mulher tá se expondo muito, é tá assim, porque eu já sou mais reservada, né, mas a mulher hoje ela começou a se expor muito, querer ser mais. Porque hoje a mulher

trabalhando fora, né, e o marido também, porque hoje, se os dois não trabalharem juntos, né, não dá pra viver, os dois tem que conciliar, tem que ser os dois juntos trabalhando pra poder ter uma vida razoável, pra você viver bem, vamos se dizer assim, e hoje que nem a mulher, ela tá trabalhando fora, ela também, ela começa a acha que ela também, tudo ela pode, né. Ela tá confundindo aí os espaços, vamos se dizer assim, e aí também o que acontece se a mulher tá trabalhando, se saindo bem na sua vida profissional, né, as vezes o parceiro dela, ele perde o emprego, vamos se dizer assim, né, ela sobrevive sozinha, hoje a mulher sobrevive, aí, o que acontece, ela começa a tacar na cara do parceiro dela, que ele tá sem emprego, ele tá, e aí começa a ter as desavenças, é onde que acaba terminando o relacionamento aí, então aí tem que ter estrutura pra isso, se a mulher tá trabalhando e ele também tá, os dois vão crescer juntos, agora se um perde o emprego, o outro também tem que manter ali pra poder é incentivar ele arrumar outro emprego, ele ter outra chance, né, porque senão vai vira um conflito e não vão se dar bem, né, então aí que tá, eu falo que a mulher, ela tem partes que nem, eu acho que a moçada de hoje é assim, ela só pensa no sexo, né, num trabalha como essas pessoas mais antigas, vamos se dizer assim, né, e só pensa no sexo, só pensa em bagunça, vive a vida aí não consegue também se casa, não tem estrutura pra ter um casamento, né, porque só pensa no sexo, não pensou no amor, não pensa em nada, e se expôs muito eu acho, né, começa a se expor. Ah, eu vejo assim na escola, as alunas, que se expõe muito, fica o menino as vezes até calmo, ali, mas elas ficam insinuando até que ele consegue chegar perto, né porque se ele não chega, ele é brocha, ele é isso, ele é aquilo, né. Mas, eu acho assim, se a mulher trabalha e o marido também, os dois tem tudo a crescer, né, e nem um, nem outro pode ficar tacando na cara porque eu ganho mais que você, você ganha menos, acho que aí o dinheiro é pra um, um fim só, né, se você, se os dois trabalham é pra um fim só aquele dinheiro, então é dali que vai dar todas as coisas que você precisa, né, numa casa, no

geral então, não tem esse negócio, esse dinheiro aqui é meu, esse aqui é seu, acho que o dinheiro tem que ser em conjunto pros dois, se é os dois trabalhando pra aquela finalidade, né, que aí, eu acho que o casamento vai pra frente vai, né. Porque eu vejo que tem casais assim, o meu dinheiro é meu eu pago isso, isso, e isso, o dinheiro seu você paga isso, isso e isso. E às vezes, não, eu aqui não tenho essa sabe, aqui em casa é assim, é tudo, o dinheiro é um só, é uma conta só pros dois, nós nunca tivemos problemas, né, não sei se também, se, porque ele não fica em bar, fica em lugar nenhum, não gasta dinheiro a toa. Então, pode ser que seja isso também, né, e que dá pra fazer tudo o que a gente quer com o nosso dinheiro, o nosso dinheiro ele cresce. Eu falo que ele cresce. Que ele dá pra fazer tudo o que a gente quer, na medida do possível, lógico. Mas é, eu acho que é isso aí, que a mulher tem que também saber o lugar dela, né, tentar, se você casou, tem que saber o seu lugar, não adianta você querer botar a carroça na frente dos burros, né, que aí também não dá certo, né, tem que ver o seu lugar, tem que cada um respeitar um ao outro, né, ver sempre os seus limites, né. Mas eu acho, hoje a mulherada ta muito assim, além, né, eu acho que tá muito, é como se diz, perdeu a noção de liberdade, eu esqueci é liberdade ou libertinagem, não é liberdade, perdeu aquele, ela se expõe, eu acho que a mulher ela ficou muito vulgar, eu acho. Na minha opinião, né, que, aí acaba se desvalorizando, né, acaba ficando aí muito. Então pode ser também isso, também que é não de certo se chega a casar, né, cada um fica prum lado, né, não fica junto, né, não fica junto mesmo, né. (Você está dizendo que um casamento tem que ceder?) Tem, os dois. (Os dois lados.) Os dois tem que ceder, porque senão cede, não vira, né, não vai da certo, tem que ser, eu cedo e ele cede, na medida do possível, né. Aí dá certo, né, se o meu ta dando é impossível não da certo o dos outros, né, tem que da. (Ri.) Ai, ai. (Legal.) Pode ser que eu tenha confundido aí um pouco, porque a gente não consegue né fala aí no gravador. (Ri.) Sei lá, pode ser que eu não consiga me expressar direito. (Não, eu acho que o importante

é isso, você está podendo falar.) Eu tava falando que eu, é, eu tenho mais estudo que o meu marido, eu estudei mais que ele, mas ele, ele não ficou com aquela mente assim, uma mente atrasada, vamos se dizer assim, ele, ele evoluiu comigo também, ele não ficou assim, bitolado assim, naquela hipocrisia que não é isso, é isso, é isso, é isso, não, ele abre os olhos pro mundo também, né, acho que porque, porque a convivência comigo que eu também, né, tento passar pra ele, como é que é, como é que ta, então, é, ele não é, apesar de ter menos estudo do que eu, né, nós falamos a mesma linguagem aqui dentro, né, a gente consegue, ele também se atualiza, através de jornais, tudo mais, mais eu falo assim, que não fica naquela bitolação, né de uma pessoa que não abre os olhos aí pro mundo, né, que então, eu acho assim, que ele, apesar dos apesares, ele, ele entende bem também da atualidade hoje, ele não fica naquele mundão passado, que ele não conseguiu estudar, ou né, ele até estudou, chegou a fazer faculdade, mas não exerceu o que ele fez. Fez prótese, não exerceu a profissão dele, né, porque ele acabou ficando na J. e ficou aí, mais, mesmo eu estudando mais, nós não temos problema de, dentro de casa quanto a isso, né, ele, ele é bem aberto, assim, ele falou não você vai estudar, porque ele sempre quis que eu estudasse, você vai estudar, porque a gente não sabe o dia de amanhã, né, é, a gente nunca sabe, ele falou, cada um tem que ter a sua vida, mas vamos, né, junto, mas cada um, ele falo assim, você tem que estudar, porque a gente não sabe o dia de amanhã, e isso foi verdade, que nem, ele chegou a perder o emprego e eu tinha o meu emprego, né. Depois a gente batalhou, foi daqui, foi ali, mas ele nunca ficou sem trabalha, ele ajudava o meu pai, ajudava outro, né. E foi indo, até que ele voltou na J. de novo, mas, nunca foi um problema, assim de não tá, de olhos abertos, e nunca assim também eu quis pisa nele, por eu tá ganhando mais ou ele pisa em mim, né, nós tentamo é, o dinheiro é um só dentro de casa, é então os dois, mesmo, né, sabendo que eu ganho mais ou que ele ganha menos, ou que já ganhou mais que eu, eu já ganhei menos, entendeu, mas nós nunca

ficamos tacando na cara de ninguém, né. Nós sempre tentamos falar a mesma língua, mesmo aqui dentro, né. (A gente está falando sobre as diferenças, que apesar das diferenças que existem é claro com o casal, de uma pessoa e da outra, você pode tá conciliando essas diferenças?) É, a gente tem que tenta, né, por isso, aí é que tá o caso de cede, né, eu tenho que cede, ele também tem que cede, ele tem que sabe se tá assim, mais, né. Que nem no caso, eu ganho mais porque eu luto muito, eu quero mais, você entendeu, é a gente quer ter, vamos se dizer assim, então, você não acostuma só com aquele dinheirinho que você ganha, você quer mais, sempre mais, então, não é porque eu trabalho mais que eu vou, mas ele sempre me, eu acho que ele é, não porque eu trabalho bastante assim que ele, ele reconhece, né, porque também se for uma pessoa que não reconhece, não adianta nada, né, o esforço que você faz, né, o que que adiantava eu trabalhar que nem uma condenada e ele gasta lá no bar com bebida, né. E aí, aí eu ia querer trabalhar mais, eu ia fazer, dar aula por exemplo, eu não ia ter o salão, não é verdade, aí você começa a podar, mas aí já que ele né, ajuda, tudo mais, então, aí você luta, né. Eu sou daquela pessoa assim, que quero sempre mais, então eu vou lutando até onde eu puder, com as minhas garras, aqui, eu vou onde, né. Mas, é assim mesmo, com as diferenças a gente, porque, podemos fala assim, que um dia você ta por cima, outro dia você tá por baixo, então, nós temos que saber que esse mundo é uma bola de neve, né. Então, que a gente nunca pode pisar no outro, porque um dia você pode ser pisado, né, então, é no caso aí, né, um dia ele já ganhou mais que eu, hoje eu ganho mais que ele, mas porque, eu tento buscar em outro serviço e o dele não dá, né. Como que ele vai se ele trabalha das 9 da noite às seis da manhã, se ele não dormir de dia, ele não consegue trabalhar a noite, né, e eu o tempo que eu durmo a noite é o suficiente pra mim, né, apesar de sentir mais canseira, mas, né. E outra, a mulher ela tem mais chances de fazer outras coisas, assim, alem, né. Que nem, pode fazer um bordado, pode fazer né, o meu caso, o meu hobby aí é as

unhas, né. Então, quer dizer é uma outra maneira de eu ganha dinheiro, né. (Isso.) Se não fosse também o salão eu não poderia estudar os meus filhos numa escola particular, né, tem tudo isso. Aí, você teria que usar o dinheiro de acordo com o que você tem, você não poderia também dar o conforto que você não teve por exemplo, pro seu filho, né. Então, eu tento fazer isso, pra dar além do que eu já tive pros meus filhos, né, por isso que eu luto, por isso que eu falo, é em função dos filhos mesmo, né. Eu falo, se não fosse pra eles estudar numa escola boa, eu taria só dando aula, eu não precisaria ta me matando, né, mas eu faço isso aqui porque eu gosto também, se você não gosta, e não tiver amor no que você faz. (Fica complicado.) Não é, eu tenho as clientes que eu tenho hoje, porque, porque eu trabalho assim com amor, porque eu gosto daquilo lá, então eu tenho bastante cliente, né, e eu não dou conta das minhas clientes, isso que é. Acho que é isso.

MORO, G. A. O retrato da mulher hoje: realidade e desejos. Assis. 2002. 278f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Assis. 2002. Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho".

Resumo

Esta pesquisa objetiva conhecer aspectos do funcionamento psíquico da mulher na atualidade. Trabalhamos com mulheres que mantêm um relacionamento fixo com um companheiro, que tem filhos e que mantêm um vínculo de trabalho fora do lar. Foi utilizada a técnica de entrevista semi- estruturada e na análise dos dados utilizamos a teoria psicanalítica. Consideramos a mulher e o seu envolvimento com o trabalho, a maternidade, o relacionamento afetivo e a feminilidade. Percebemos mulheres que buscam em seu trabalho uma forma de ajuda-las a crescer. A maternidade mantém-se ainda como um espaço de realização pessoal para a maioria. E o relacionamento afetivo mostra-se como a área onde a mulher mais investe seus recursos buscando seu bem estar, investindo a sua afetividade na manutenção e crescimento deste relacionamento. Percebemos que a mulher tem buscado se valorizar mais, apesar de constatarmos que a submissão e falta de confiança em si mesma é uma constante no universo com o qual trabalhamos.

Palavras-Chave: Mulher, Psicanálise, Trabalho, Maternidade, Relacionamento Afetivo, Feminilidade.

MORO, G. A. *Description of the contemporary woman: reality and wishes.* Assis. 2002. 278f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Assis. 2002. Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho".

Abstract

This research had the purpose to find out the aspects of women's phychic action at present. We worked with women who are keeping a permanent relationship with a partner, growing children and tied to a job out of home. The practice of semi-structured interviews was used as well as the psychoanalytical theory in the data analysis. We considered the women and their further engagement with work, motherhood, affective relationships and femininеness. We could notice that there are women who seek a way to improve themselves in their own jobs. Motherhood has still been considered as a space of personal achievement for most of them. And affective relationship appears as an area where women invest more their resources, having in mind their well being, and then investing their affection, to manage and develop that relationship. It was also noticed that those women have been trying to appreciate better themselves, despite the evidence of their submission and lack of self-reliance as a constant in the universe we have worked on.

Key-Words: Woman; Psychoanalysis; Work; Motherhood; Affective Relationship; Femininеness.

Autorizo a Reprodução desta Obra.

Assis, ___/___/___

Giselda Aparecida Moro